Castro Alves

DO AUTOR:

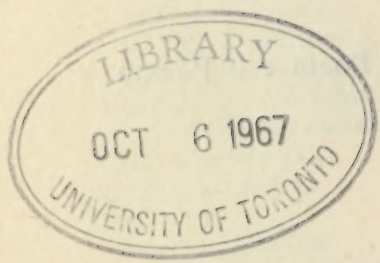
Rosa Mística (esgotada).
A Esfinge — 4.ª edição (8 milheiros).
Maria Bonita — 3.ª edição (7 milheiros).
Fruta do mato — 2.ª edição (6 milheiros).
Poeira da estrada — 2.ª edição (4 milheiros).
Minha terra e minha gente — 2.ª edição (11 milheiros).
Trovas brasileiras — 1.ª edição (3 milheiros).
Parábolas — 1.ª edição (3 milheiros).
Bugrinha — 1.ª edição (4 milheiros).
Tratado de medicina pública:
  Higiene — 2.ª edição (5 milheiros).
  Higiene geral — 3.ª edição (8 milheiros).
  Medicina preventiva — 3.ª edição (8 milheiros).
  Medicina legal — 3.ª edição (7 milheiros).
  Psico-patologia forense — 1.ª edição (2 milheiros).

Composto e impresso na Tipografia do Anuário Comercial
Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

AFRÂNIO PEIXOTO
DA ACADEMIA BRASILEIRA
E DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

Castro Alves

O Poeta e o Poema

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS - LISBOA
1922

O POETA

CASTRO ALVES

Vida efémera e ardente de Castro Alves

Eu sinto em mim o borbulhar do gênio!

CASTRO ALVES.

No chão da História o passo teu verás!

CASTRO ALVES.

NASCEU António de Castro Alves do Dr. António José Alves e de D. Clélia Brasília da Silva Castro, sua mulher, a 14 de Março de 1847, um domingo, às 10 horas da manhã, na fazenda Cabaceiras, à margem do rio Paraguassú (a sete léguas distante do Curralinho, hoje Cidade Castro Alves) então freguesia de Muritiba (cuja sede era a quatro e meia léguas de distância), comarca de Cachoeira, na Baía.

OS PAIS

Era o Dr. António José Alves da capital da província, onde nascera a 16 de Maio de 1818 (1),

---

(1) ANTÓNIO PACÍFICO PEREIRA — *Esbôço biográfico do Dr. António José Alves — Gazeta Médica da Baía,* n.° 14, Jan. 1869.

filho de pai português, tambêm de nome António José Alves, e de baiana D. Ana Joaquina Alves de Sá. Depois dos estudos primários, iniciados em 26 e preparatórios concluídos em 33, matriculou-se no curso de farmácia (35), depois no de medicina (36) que interrompeu no segundo ano, em 37, por ter rebentado a revolta dita da «Sabinada», na qual ofereceu os seus serviços ao govêrno legal, nomeado cadete, destacado para Cachoeira, onde tomou parte no combate de Campina, sendo, pelo Presidente da Província, elogiado, quando terminou a luta. Antes de formar-se, no comêço de 41, indo ao sertão em busca de bons ares para a sua débil saúde, viu aí, em Curralinho, uma interessante menina, formosa e prendada, pela qual se apaixonou. Era D. Clélia, filha do sargento-mor José António da Silva Castro, um dos heróis da Independência na Baía, do 3.º Batalhão (chamado dos «Periquitos», pelo distintivo que usava na farda), o qual tivera pôsto saliente na acção de 3 de Julho de 23 que nos arredores da Baía destroçara as tropas do General Madeira. Em 25 casara com uma jovem espanhola, cujo pai era abastado negociante na Capital, e dêsse enlace nasceu-lhes, a 14 de Março de 26, D. Clélia, que, vinte e um anos mais tarde, dia por dia contados, viria a ser mãe de Castro Alves. Educada na capital, com os estudos e prendas das meninas nobres, fôra ter em 41 ao sertão, a Curralinho, entregue aos

cuidados de parentes seus, talvez em busca de refôrço à saúde, pouca e delicada. Foi aí, tambêm oriundo da Baía, que a encontrou o doutorando António José Alves, logo apaixonado e correspondido, que a pediu e logrou em casamento. Antes disso, porêm, tinha de formar-se, o que realizou a 28 de Novembro de 41, aperfeiçoar-se na sua arte, em uma viagem à Europa, que conseguiu de facto, partindo da Baía na corveta portuguesa *D. João I*, que o levaria a Portugal. Em carta a sua noiva (1), escrita de Paris em 23 de Novembro de 43 se colhe que viajou pela França, Bélgica, Holanda e Alemanha, descrevendo a vida que levava de estudos e curiosidades de viagem; manda-lhe músicas e antegoza ouvir-lhe tocá-las ao piano; espera tornar em Setembro de 44 para estar na Baía em fins de Outubro ou comêço de Novembro; conta que os seus esforços eram dedicados a adquirir uma instrução que o recomendasse e desse honras, tudo consagrado à felicidade dela. De facto, aproveitaram-lhe os estudos e a freqüência dos mestres e dos hospitais, especializando-se em cirurgia, distinguido não raro por Malgaigne, o célebre operador francês, que lhe confiara o bisturi em intervenções arriscadas. Tornando à Baía iniciou a vida profissional, na docência en-

(1) Inédita. Comunicada por D. Amélia de Castro Alves Ribeiro da Cunha, irmã do Poeta.

sinando, na clínica operando, com o que veio a debilitar-se tanto, que outra vez o recurso dos ares sertanejos lhe foi imposto. Recobrando a saúde, em 30 de Novembro de 44 realizou-se o seu casamento com D. Clélia, em Curralinho, onde continuou a morar, até que em fins de 45 vieram ter a Cabaceiras, fazenda de criação, a meia légua da margem do Paraguassù, de posse da família da espôsa.

O BERÇO

Indo de S. Félix ou Muritiba, caminho de Santo Estêvão de Jacuhipe, a quatro léguas de distância, encontra-se o Tabuleiro de Pindoba, vasta planície na qual se acha situada a fazenda Cabaceiras, perto do Pôrto do Papa-gente, no rio Paraguassú. A vegetação rasteira é salteada de grandes árvores, principalmente palmeiras uricurís e cactos mandacarús, alêm de umbús e cajueiros, estendidos pela campina, até as matas fechadas das vertentes da Serra do Aporá, do lado do poente, que num abraço encerra dêste lado a paisagem. Aí, nesta explanada, a frente para o nascente, ergue-se ainda a casa rústica da fazenda, hoje meio arruinada, que foi o ninho de Castro Alves. Simples, tôsca, modesta, de telha vã e atijolada, amplo avarandado na frente, duas salas separadas por um vestíbulo ou alpendre, que dá entrada para a sala de jantar,

com a qual comunicam dois quartos amplos laterais, outros cómodos e dependências para o fundo... tal a casa da qual dá uma idea a fotografia de sua decadência actual (1).

Aí nasceram os primeiros filhos do casal-José António, António e Guilherme, não contando o malogrado João, que seria o terceiro. Entre o nascimento do primogénito e o do segundo estiveram os esposos na capital da Baía, onde o Dr. Alves tentou de novo o ensino e a clínica, desenganado logo pela saúde, que o forçou a tornar ao sertão; nesse mesmo ano estavam de novo na fazenda: no ano imediato, a 14 de Março de 47, nascia-lhes, em Cabaceiras, Castro Alves (2). Mais dois filhos teriam aí; aí passa-

---

(1) PEDREIRA FRANCO — *Castro Alves* (Visita à casa onde nasceu o Poeta), Baia, Novembro de 1920 — *in* XAVIER MARQUES — *Vida de Castro Alves*, Baia, 1911, p. 18 — ALVES GUIMARÃES — *O berço de Castro Alves* — *Diário da Baia*, 14 Março 1895.

(2) Em 81, Luis Ferreira Maciel Pinheiro, antigo colega de Castro Alves, requereu ao director da Faculdade do Recife, Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, o teor da certidão de idade com que êle se matriculara em 64 no primeiro ano do referido curso. É a certidão do baptismo, primeiro publicada por Guilherme Bellegarde (*Conferência no Gremio Litterario Castro Alves* — Rio 1882 p. 12) que dela obteve cópia, transcrita depois por outros biógrafos.

Era o único documento, datado de 9 de Julho de 47, até agora publicado sôbre o nascimento do Poeta, «nascido a quatro meses», portanto, em Março dêsse ano. Na família,

riam os mais tenros anos da infância do poeta, acalentado pelos cuidados de sua ama, a mucama Leopoldina, que lhe contaria as histórias rudes e fantasiosas do sertão, primeiro encanto para a imaginação ardente do seu filho de criação:

---

e daí para o público, a data conhecida era 14 de Março de 47. Confirmação autêntica, e até agora inédita, posso publicar. Vem do próprio punho do Dr. António José Alves, pai de Castro Alves, e me foi comunicada por uma das irmãs dêste, D. Amélia de Castro Alves Ribeiro da Cunha. Num pequenino caderno formado de três fôlhas de papel de carta, sôltas, mas sobrepostas escreveu o Dr. Alves o seguinte:

(1.ª página): Notas da sua viagem a Europa, partida da Baía a 15 de Maio de 42, na corveta portuguesa *D. João I*, tocando no Recife e nos Açores; *(2.ª página)*: «Vim do Curralinho para as Cabaceiras no dia 5 de Dezembro de 1845. No dia 13 de Dezembro do mesmo ano, veio a Clélia, conduzida pelo Tanajura e o João Evangelista, para as Cabaceiras. No dia 3 de Fevereiro de 1846 nasceu o meu primeiro filhinho José António, ás 7 horas da tarde»; *(3.ª página)*: «Cheguei com Clélia à cidade no dia 13 de Abril de 1846. António — 1847 — a 14 de Março nasceu meu 2.º filho António Frederico de Castro Alves — às 10 horas do dia — dia de Santa Matilde — domingo, às 10 horas da manhã. Fazenda Cabaceiras (João — 1850 — Dezembro 12: nasceu meu filho João com 7 meses e morreu meia hora depois de nascer, enterrou-se na capela de S. José do Aporá»; *(4.ª página)*: «Guilherme — 1852, Fevereiro 13, às 8 horas da noite, 6.ª feira, *nasceu* meu filho Guilherme *na fazenda Cabaceiras, como os três anteriores* Elisa — 1853, Fevereiro, a 26 (sábado, nasceu a minha primeira filha Elisa, às 7 horas da tarde (dia de S. Torquato); Em S. Félix, sobrado

dessa Leopoldina, um filho, Gregório, serviria de pagem mais tarde a Castro Alves. Mas, já em 1852 estava a família em S. Félix, a margem do Paraguassú, onde, em 53, lhes nasceu a primeira filha, Elisa.

---

de D. Fausta, na rua Direita do Pôrto de S. Félix; *(5.ª página):* Adelaide — 1854, a 22 de Março nasceu Adelaide (2.ª filha), às 9 horas da manhã (4.ª feira), dia de S. Emidio; Na casa n.º 1 da rua do Rosário de João Pereira; Casa em que morreu a Júlia Fetal. Amélia — 1855, Maio 7, nasceu minha filha Amélia, às 8 e 1/2 horas da noite: Na casa da rua do Passo n.º 47; Casa edificada pelo Comendador Paraiso, perto da matriz; Numa 2.ª feira, dia de S. Estanislau, S. Flávio e Augusto irm. e m.»

Por êste precioso documento sabe-se que nasceu Castro Alves às 10 horas da manhã de um domingo, 14 de Março de 47, na Fazenda Cabaceiras. Sabe-se mais que seu nome primitivo foi «António Frederico». O cognome desapareceu logo, pois já no colégio não o tinha mais. Contou-me sua irmã D. Adelaide que nunca o quis ter, chamando-se António, simplesmente, agastado sempre que os irmãos, para o contrariarem, lhe chamavam daquele modo. Cabaceiras era uma fazenda de criação, pertencente à família de D. Clélia. Dependia da freguesia de Muritiba, então comarca de Cachoeira. Posteriormente o arraial próximo de Curralinho foi levantado a freguesia (73), depois a vila (81), a cidade (95), sendo por lei n.º 360, de 25 de Julho de 1900, mudado o nome para o de «Cidade Castro Alves», que, por outra lei, de 25 de Junho de 1910, ficou extensivo ao municipio e à comarca. Segundo Xavier Marques *(op. cit.*, p. 16), que o averiguou de testemunho fidedigno, as terras de Cabaceiras continuam a pertencer à circunscrição de Muritiba, hoje dependente da comarca de S. Félix.

PRIMEIROS ANOS

A educação dos filhos mais velhos trazia-os para maiores núcleos de povoação: António e seu primeiro irmão receberam lições de um amigo do pai, o sr. J. Peixoto, professor primário, tambêm entendido na arte de curar (1). Conta Aristides Milton (2) que, por êsse tempo, foi colega em Cachoeira (cidade próxima e fronteira a S. Félix, às margens do Paraguassú), de António e do irmão, na escola primária regida pelo professor particular António Frederico Loup.

Em comêço de 54 tôda a família já residia na capital, ao n.º 1 da rua do Rosário de João Pereira, casa que fôra habitada por Júlia Fetal, a heroína de uma tragédia sentimental muito conhecida na Baía: era linda moça de sociedade que os ciumes desvairados do noivo ou apaixonado, João Estanislau da Silva Lisboa, depois professor de certa nomeada, assassinara, diz a lenda, com uma bala de ouro. Aí nasceu a Castro Alves a segunda, e sua predilecta irmã Adelaide.

O Dr. Alves recomeçara a vida profissional,

---

(1) ALVES GUIMARÃES — *Op. cit. Diário da Baía,* 14 Março 95.

(2) ARISTIDES AUGUSTO MILTON — *Efemérides Cachoeirárias* — Apud XAVIER MARQUES — *Loc. cit.*

clinicando, ensinando na Faculdade, onde se dispunha a concorrer para uma vaga de professor substituto de cirurgia. Passou a residir na rua do Passo n.º 47, onde, no ano imediato, lhe nascia a terceira e última filha, Amélia. Nesta ocasião, em acto de reforma e já obrigando a sua nomeada, o Govêrno Imperial investia-o no lugar de professor da Faculdade de Medicina, cargo que iria honrar, prestando logo ao povo inestimáveis serviços na invasão da cólera, nêsse ano, pelo que foi agraciado com a Ordem da Rosa.

Não era o Dr. Alves só um cirurgião procurado pela clientela e acatado pelos discípulos, mas com talentos artísticos apreciáveis, com o que conseguiu grupar em sua casa uma galeria de pinturas estrangeiras e nacionais, rival de outra, tão afamada nesse tempo, que possuia o seu colega da Faculdade, o anatomista Dr. Jonathas Abbott. Dessa paixão resultou fundar na Baía, em 56, a Sociedade das Belas Artes. No lar essa influência se exercia na educação artística que deu aos filhos, inclinados ao desenho, à pintura a óleo, à música, ao canto, às letras, favorecendo disposições de talento, que seriam consagradas.

FORA DO LAR

Os jovens Castro Alves começaram os seus estudos em 56 no Colégio Sebrão, então onde foi também depois Colégio Florêncio, entre o cimo

das ladeiras da Montanha e da Conceição, e a actual Praça Castro Alves.

Havendo sido fundado em 58 o Gimnásio Baiano pelo Dr. Abílio César Borges, depois Barão de Macahubas, no Barbalho, foram dos seus primeiros alunos os jovens António José e António, então de 12 e 11 anos de idade, que iam cursar preparatórios, pelo método novo de ensino seriado e simultâneo de várias disciplinas, consagrado recentemente pela pedagogia. Alêm dêsse progresso, Abílio Borges, amoroso das boas letras, reunia como docentes os homens mais notáveis da Baía e entre alunos estimulava as faculdades literárias e a produção precoce dêsses naturais poetas e oradores incipientes, nas festas cívicas, oiteiros, saraus, para distribuição de prémios: bastam dois dêstes, que vingaram na celebridade, Castro Alves e Rui Barbosa, para lembrança honrosa dessa tentativa de educação artística.

Pouco depois, mudava-se o «Gimnásio» para os Barris e os alunos ficavam internos. D. Clélia, de saúde sempre precária, faltou-lhes para sempre, falecendo nesse ano de 59: José António revelou então, assustadoramente, a sensibilidade mórbida, prenúncio de crises mais graves, tentando o suicídio, procurando atirar-se de uma janela à rua.

Nesse tempo, descreve Carneiro Ribeiro, o filólogo baiano, que foi seu professor no «Gimná-

sio», a Castro Alves: «muito verde em idade, muito afável, de índole benévola, fisionomia por extremo simpática, olhos grandes quási à flor do rosto, fronte alta e espaçosa; estimadíssimo no colégio por director, professores e condiscípulos, alguns dos quais lhe chamavam Cecéo, nome que lhe dera a família» (1). O talento poético já se revelara nessa tenra idade. Conta ainda Carneiro Ribeiro (2) que, em aula de latim do Padre Turíbio Tertuliano Fiuza, o aluno pedira licença para em verso traduzir a ode de Horácio dada por tema, o que maravilhou a mestre e condiscípulos. Refere Xavier Marques (3) que fêz então «versões literárias de tôdas as poesias de Vítor Hugo, contempladas na colectânea de Charles André», o livro escolar, então, e ainda usado. Aos palanques e aos oiteiros, nos dias de festa cívica ou literária, desde 59, aos doze anos, não deixou de concorrer o jovem Castro Alves: algumas dessas pri-

---

(1) Foi o irmão mais velho, como é natural, que lhe pôs o apelido, assim escrito, ou também «Secéu», outras vezes. Talvez venha da corrutela de uma dessas adoráveis frases maternais que explicam aos filhos pequenos o advento dos irmãosinhos recêm-nascidos... «um anjinho que veio do céu.» Para José António ficou sendo o irmão «Cecéu». De poeta a poeta, como diria Sainte Beuve, que o seriam ambos, não era descabida essa precocidade no lou or.

(2) in Xavier Marques — *Op. cit.*, p. 30.

(3) *Op. cit.*, p. 31.

meiras produções foram complacentemente publicadas (1) e, a-pesar-de infantis, nelas se pressente — se na larva se pode ver a borboleta — o grande poeta das causas generosas e das metáforas eloqüentes. Com efeito, nos seus primeiros versos publicados, de 60, «ao natalício do meu director», êste educador é louvado como

o anjo que à mocidade
dos rigores libertou
. . . .
Que tanto anima a instrução
estimulando co'amor
o infantil coração

Estão definidos dois méritos do pedagogo: a abolição dos castigos corporais — uma novidade educativa e relevante, no momento — e o incen-

---

(1) *Poesias oferecidas ao Dr. Abílio César Borges no dia 9 de Setembro por ocasião de se festejar no Gimnásio Baiano seu aniversário natalício, Baía, 1860:* um folheto in-8.°, 28 págs. — *Produções em prosa e verso recitadas em várias ocasiões no ano de 1861 pelos alunos do Gimnásio Baiano e por alguns distintos poetas que se dignaram de honrar suas festas literárias* — Baía, 1861; um folheto in-18.°, 96 páginas.

Diz Xavier Marques, *Op. cit.* p. 34, que o Dr. Alves «não levou a bem que se dessem à publicidade, de que os não achava dignos», êsses versos; talvez também por estimularem a uma direcção na vida que não desejava ao filho, ou aos filhos, porque José António também poetava e nos folhetos aludidos há versos infantis seus, ao seu director e a seu mestre, D. António de Macedo Costa, nomeado bispo do Pará.

tivo literário que daria luz, alegria, emulação ao triste ensino colegial dêsse tempo. No ano imediato, e pelo mesmo motivo, compara em dois sonetos a glória militar, cujos loiros

> Todos murcha a idea só da morte

com os do mestre amoroso, pai do espírito, que êsses o tempo não desmerece

> E alcançam justo prémio além da terra!

idea e forma que não deslustram aos 14 anos. Numa outra poesia patriótica dêsse mesmo ano, o Brasil é visto, sentado ás margens

> Do verde oceano que seus pés lhe beija

e recostado na cordilheira dos Andes

> Que além nos ares, pelo céu flameja.

Não está aí já o épico que viriam a chamar «condoreiro», condor dêsses mesmos Andes, como que o seu pedestal, sempre recordado pela sua grandiloqüência? (1). Além dêstes, outros

---

(1) Sílvio Romero — *História da literatura brasileira*, t. II, p. 1266-7, Rio, 1888, como para afrontar Castro Alves, e em favor de um seu, mais tarde émulo medíocre, cita por extenso êsses versos infantis: êles provam exactamente o contrário do que pretendia o ilustre crítico: nessa idade, nem Sílvio, nem Tobias Barreto eram ou foram capazes, ainda de semelhantes.

versos ia fazendo e recolhendo a um caderno, que veio a perder. Mas não só por êles se distinguia o alvorecer dêsse precoce talento: também pela boa conta que dava de seus estudos e ainda pelo trato lhano e prazenteiro de sua convivência, com o que era querido e admirado de mestres e condiscípulos.

NO RECIFE

Assim até 61, porque, já em Janeiro de 62, com o irmão mais velho, seguiu para o Recife, a completarem os preparatórios no curso anexo à Faculdade de Direito, para a matrícula ulterior nessa escola. Foram morar no Convento de S. Francisco, depois na rua do Hospício, numa república da qual veio a fazer parte Augusto Álvares Guimarães, seu grande amigo e depois seu cunhado. Xavier Marques recorda os dois irmãos por essa época: José António à janela, a palestrar com os doidos do Hospício, a ler Álvares de Azevedo; António, jogando bilhar, desenhando e fazendo versos.

Luís Cornélio dos Santos conta que foram morar depois juntos, à margem do Capeberibe, num arrabalde do Recife e assim o descreve nesses seus 14 anos: não se podia imaginar «uma criatura mais simpática e uma figura mais insinuante». «Bastante alto para a sua idade», «tinha a estatura de um homem». «Pare-

cia uma palmeira do Oriente pela sua flexibilidade». «Uma leve inclinação da espinha fazia supor uma predisposição para as moléstias do peito». «A cabeça parecia pesar-lhe, tanto que caía sôbre o peito fraco e deprimido; mas a beleza dos olhos, a dourada palidez das faces, o negrume intenso dos cabelos e, sobretudo, o sorriso angélico daquela fisionomia, corrigia talvez a excessiva magreza daquele corpo». «Tinha os cabelos muito pretos e corridos, mas havia uma madeixa rebelde que sempre lhe caía sôbre a testa: essa porêm era anelada, não se parecia com o resto da sua cabeleira, parecia plantada ali de propósito». «A bôca era um pouco grande, mas ornada de belos dentes». «Não era com certeza um belo modêlo de estatuária, mas é impossível encontrar-se um conjunto maior de graça e de simpatia». «Havia um não sei quê de insinuante e de atractivo naquela criatura que era impossível furtar-se à sua influência». «Havia apenas um defeito naquela criatura, era o orgulho». «Era orgulhoso já naquele tempo; não sei de que êle tinha orgulho, mas sei que êle já o tinha». Conta uma predilecção pronunciada pelas gravatas de côres muito vivas e «um cuidado imenso da beleza das mãos». «A alma dêsse menino era de uma pureza inexcedível; a inteligência tinha lampejos que ofuscavam como relâmpago — Hugo em pequeno devia ser assim». «A sua prodigiosa imaginação tinha vôos

arrojados que já era impossível acompanhar sem sentir vertigens». «Muitas vezes passeámos juntos pelas margens do rio que ficava perto de nossa casa a ler um pequeno caderninho de poesias dêle». «Êsse livrinho perdeu-se; nem uma dessas estrofes figura hoje no rico tesouro de poemas que nos legou» (1). Na Faculdade entre colegas e na imprensa publicando versos, começou Castro Alves a aparecer: o *Jornal do Recife* imprimiu nesse ano *A destruição de Jerusalem*, com apresentação elogiosa. Os estudos talvez se viessem a ressentir; não logrando aprovação no exame de geometria (tivera sempre quesília à matemática), não se pôde matricular, como esperava, no 1.º ano jurídico em 63: concorreu para isso a dissolução das Câmaras nesse tempo, tornando impossível obter o aviso que lhe consentisse na matrícula condicional, como ouvinte (2).

(1) Fragmento inédito de memórias íntimas, de Luís Cornélio dos Santos, amigo de Castro Alves, desde o Recife, em 1862, que me foram confiadas por seu filho Sr. Octávio Filgueiras Cornélio dos Santos.

A semelhança com Hugo, apontada por Luís Cornélio, não pode ser mais própria. Lê-se nesse «Fragmento» uma scena estranha que êle conta de José António, talvez epiléptico já aí, louco depois: Hugo teve também doido um irmão...

(2) Vale Cabral — *Biografia de António de Castro Alves — Gazeta Literária*, Rio, 1883. Confirmações de Augusto Alvares Guimarães.

Se em 63 tinha pouco que fazer — o estudo da maldita geometria — por isso aborrecia-se e queixava-se: «acho-me bastante afectado do peito, tenho sofrido muito» (1). Contudo logrou distrair-se, embora com a sua mágoa secreta, como mais tarde diria

> Sou o cipreste qu'inda mesmo florido
> Sombra de morte no ramal encerra

A vida exterior, a convivência, os teatros, desenhos e poesia, ocuparam-no. Num jornal académico *A Primavera,* de 17 de Maio de 63, número inaugural, publicou os seus primeiros versos abolicionistas, *A Canção do africano.* Dêste ano conservaram-se outros: *Pesadelo, Meu segrêdo, Cansaço,* nos quais já aparece Castro Alves. Nesse ano ainda conheceria, talvez apenas de aplaudi-la no Teatro de Santa Isabel, talvez de desejá-la desde êsse tempo, a actriz portuguesa Eugénia Câmara, que despertava então ingénuos e fervorosos entusiasmos, e tão decisiva influência teria na sua vida.

Matriculou-se, finalmente em 64, mas não foi feliz na Faculdade porque, tendo vindo à Baía, deu com isso oito ou nove faltas, que não logrou ver justificadas, culpa talvez de sua índole

---

(1) Carta a Marcolino de Moura. *Obras completas*. Rio, 1921, III, p. 429.

rebelde e insubmissa, perdendo portanto o ano. As apreensões de saúde seriam cruéis, contrapostas ás esperanças do poeta: êle o diz num dos seus poemas mais formosos *Mocidade e morte*, que teve outro, feio, mas significativo título: *O Tísico:*

> Eu sinto em mim o borbulhar do génio
> Vejo alêm um futuro radiante:
> Avante! — brada-me o talento n'alma
> E o éco ao longe me repete — avante! —
> . . . .
> Fôra louco esperar! fria rajada
> Sinto que do viver me extingue a lampa...
> Resta-me agora por futuro — a terra
> Por glória — nada, por amor — a campa...

No ano imediato, ainda no primeiro ano, fêz dos lazeres que lhe dava a matéria, já estudada, emprêgo na actividade social, intelectual e até sentimental. É daí o seu primeiro grande sucesso público com a recitação d'*O Século* no salão de honra da Faculdade, entusiásticamente aplaudido e publicado três dias depois no *O Lidador Académico*, de 18 de Agôsto de 65 (1). Foi então morar na rua do Lima, em Santo Amaro, onde, diz o seu amigo Regueira Costa: «o fui encontrar (...) no retraìmento em que vivia, obe-

(1) Alfredo de Carvalho — *Castro Alves em Pernambuco*, Recife, 1905, p. 10. São confidências de Regueira Costa.

decendo à influência natural do seu temperamento) no convívio da sua encantadora Idalina, a preparar o poema d'*Os Escravos*». Com efeito são datados dêsse ano quási tôdas as poesias dêste poema. «Estou muito satisfeito com os meus vizinhos, dizia-me êle (continua Regueira Costa) ali — os doidos... (referia-se à Casa de Saúde do Dr. Ramos) — à direita os mortos... (aludia ao Cemitério Público).» Da encantadora Idalina ficaram reminiscências na poesia *Aves de arribação,* rimada anos depois. Estas e outras distracções levaram-no a fazer talvez medíocre exame, aprovado simplesmente, se é que não foram ressentimentos de um lente ultramontano contra o Poeta d'*O Século:*

> Quebre-se o scetro do papa
> Faça-se dêle uma cruz.
> A púrpura sirva ao povo
> P'ra cobrir os ombros nus

a causa de uma nota inferior, a um acto brilhante.

As férias de 65-66 passou-as Castro Alves na Baía, onde viera especialmente visitar o pai doente, a cujo trespasse, a 24 de Janeiro de 66, assistiu, quando não esperava sobreviver-lhe. Na *Mocidade e morte,* despedindo-se da vida, da glória, amor, anelos, dissera,

> Escuta, minha irmã, cuidosa enxuga
> O pranto de meu pai nos teus cabelos...

Dois anos depois volvendo à Baía, à casa abandonada pela família, a sua Bôa-Vista (hoje Asilo de S. João de Deus), ouve a velha tôrre perguntar ao vento que por ela passa chorando:

> Por que não volta mais o meu senhor d'outrora?
> Por que não vem sentar-se no banco do terreiro
> Ouvir das criancinhas o riso feiticeiro?
> E pensando no lar, na sciência, nos pobres
> Abrigar nesta sombra seus pensamentos nobres?
> ....
> Enquanto a doce Mãe, que tôda amor, desvelo,
> Ralha com o rir divino o grupo folgazão

das crianças, os irmãos, só os que lhe ficavam, também órfãos...

Na primeira versão dessa evocativa poesia êsses últimos versos dizem

> Ó mãe, ó mãe sublime em cuja fronte pura
> O amor como uma auréola esplêndida fulgura
> Por que não ralhas rindo o grupo folgazão
> Que vem correndo alegre beijar-te a branca mão?

Sem o saber, a velha tôrre, diz êle, ainda nessa versão:

> Ai sem o saber que ao longe... no asilo derradeiro
> Descansam teus senhores à sombra do salgueiro...

Castro Alves não teria ainda a ousadia de expôr ao público as intimidades de coração e reduziu êsses versos aos que ficaram na versão

definitiva de *Espumas Flutuantes*: bastava-lhe à piedade filial, cumprindo todo o afecto, oferecer à memória dos amados extintos tudo o que possuia, êsse livro, que legava à posteridade.

Mas não antecipemos. Pouco depois, ainda no comêço de 66 estava de novo no Recife, onde fundava com Augusto Guimarães, Rui Barbosa, Plínio de Lima, Regueira Costa e outros uma sociedade abolicionista, instalada na rua do Hospício. Os entusiasmos por Eugénia Câmara, se não vieram de antes, tomaram decisão e resolução nesse ano, em que a mocidade do comércio e das escolas se dividiu em dois grupos, partidários desta e de outra actriz, Adelaide Amaral. Castro Alves de admirador passa a amante de Eugénia e não só lhe faz versos públicos que recita nos espectáculos, como se refugia com ela na casinha do Barro, arrabalde de Recife, caminho de Tijapió e Jaboatão, compondo um drama, que ela deve representar. O outro grupo de parciais tem à frente Tobias Barreto, poeta medíocre mas campanudo, verboso e intemperante orador, mais tarde notável professor de direito, que havia sido amigo de Castro Alves (a quem dedicara versos *Oito anos*, correspondido pelo outro com *O Rio e o Génio*, mas a quem viria a invejar e, por isso mesmo, emquanto viveu, a detestar cruelmente): seria êsse ódio herdado a Sílvio Romero, de maior mérito literário sem dúvida que o seu ídolo, e que também pas-

sou a vida, em homenagem a êste, a detratar Castro Alves.

Alèm das pelejas teatrais, as patrióticas: a guerra contra o Paraguai, se não foi simpática a Castro Alves, contudo lhe movia o estro à partida de seu amigo Maciel Pinheiro; as ideas republicanas germinavam no seu ânimo generoso: *As duas ilhas*, contra o exílio de Hugo, irmanado na grandeza a Bonaparte, *Pedro Ivo*, violenta epopeia da liberdade, *A visão dos mortos*, amplificação retrospectiva de nossa história, sacudiriam no entusiasmo as gerações novas. Num *meeting* republicano, que a polícia violentamente dispersara, recitou rimas forjadas de improviso, ao jeito do povo a quem se dirigia:

> A praça, a praça é do povo
> Como o céu é do condor...

Seria apenas guardada a lembrança dêstes dois versos, como outros ficariam de um improviso feito de uma das janelas da rua do Imperador, contra a autoridade, numa questão Ambrósio Portugal:

> A lei sustenta o popular direito
> Nós sustentamos o direito em pé

como ainda outros, lembrados por seu amigo Regueira Costa (1) ficaram de outro improviso

---

(1) Alfredo de Carvalho, op. cit., p. 25.

em manifestação de desagravo, à que sofrera Eugénia Câmara:

> **Gravitar para ti é levantar-se**
> **Cair-te as plantas é ficar de pé**

Alêm das poesias líricas, sociais e patrióticas que constam de suas obras, e datadas de 66, Castro Alves traduziu do francês a comédia *Clarinha e Clarim*, de J. Gabriel e Didier, e o *vaudeville Os pomos do meu pomar*, naturalmente para a sua dama. Perderam-se dèles os originais, como se perdeu tambêm o de uma novela *Mazaccio*, que esteve em mãos de Regueira Costa (1).

Por êsse periodo houve entre os amantes apreensões de separação, porque a actriz teria de acompanhar a sua companhia e o seu empresário para o sul do país. Castro Alves traduz o seu estado de espírito naquela poesia *Fatalidade*, pessimista, desalentada, em que se confessa

> Pálido e triste atravessei a vida
> Sempre orgulhoso, concentrado e só...

mas que o encontro dela modificara:

> **O tronco morto — refloriu de novo**
> Ergueu-se vivo, perfumado, em flor..

---

(1) Idem, op. cit., p. 24.

para agora, sem ela, volver ao sofrimento e à morte.

Mas assim não foi, a amada amava-o mais ainda, rompeu com empresário e contractos, e ficou com o seu poeta. É o fim do ano de 66 e férias de 67, que êle emprega em fazer o seu acto de exame e em isolar-se com ela no retiro do Barro. Compõe aí o *Gonzaga*, como nas férias de 65, em Santo Amaro, na companhia de Idalina, compusera *Os Escravos*... Para Castro Alves o amor feliz não seria como de uma de suas formas, o casamento, disse M.elle de Lespinasse, que era *l'éteignoir de l'homme* —; ao contrário

> O poeta trabalha... A fronte pálida
> Guarda talvez fatidica tristeza...
> Que importa? A inspiração lhe acende o verso
> Tendo por musa o amor e a natureza!

Desta vez a musa faz jus a um drama que representaria para glória de ambos: em Fevereiro de 67 está acabado.

NA BAÍA

Em Março iria matricular-se no 3.º ano, quando resolve com Eugénia vir à Baía para espectáculos dela, e para levar à scena o *Gonzaga*. Hospedam-se no Hotel Figueiredo, na praça hoje de Castro Alves, depois na Boa-

-Vista, a casa paterna, que a família havia deixado pelo Palacete do Sodré. Aí cuida de amar, poetar, e de promover festas e espectáculos, mas há pausas nessa vida agitada; o retiro no «velho lar paterno», faz saudades, além de lembrar-lhe «o senhor de outrora», «a doce mãe», «as crianças», acha-o um «estrangeiro», tão desconhecido é

Oh! deixem-me chorar!... Meu lar... meu doce ninho!
Abre a vetusta grade ao filho teu mesquinho
Passado... mar imenso! inunda-me em fragrância!
Eu não quero lauréis, quero as rosas da infância.

Ai! Minha triste fronte, aonde as multidões
Lançaram misturadas glórias e maldições...
Acalenta em teu seio, ó solidão sagrada!
Deixa est'alma chorar em teu ombro encostada!

A casa abandonada, o jardim inculto, a solidão, a tristeza reflectem-se n'alma do poeta: — como uma estátua tombada na qual as aranhas tecem a sua teia irreverente...

A estátua do talento, que pura em mim s'erguia
Jaz hoje — e nela a turba enlaça uma ironia ..

Seriam talvez os comentários públicos à sua vida airada, com «uma cómica», que o recato provinciano não podia facilmente tolerar: e, se afrontava a opinião, por ela sofria entretanto. Esta formosa poesia é uma das confidências

mais íntimas do nosso Poeta. Nabuco lhe havia de censurar, a Castro Alves, não encobrir os seus sentimentos: ¿que é a poesia senão a revelação dêles? Grande poeta é sómente que consegue, sinceramente, efusivamente, comunicar seu prazer ou sua mágoa.

Alêm de *Sub tegmine fagi*, empreende a *Cachoeira de Paulo Afonso*, que será o epílogo de *Os Escravos*. O *Gonzaga* é representado em 7 de Setembro, o poeta e a sua intérprete vitoriados e a miragem de glória no sul, no Rio e em S. Paulo onde viria a publicar o seu drama e o seu poema, resolve-o a vir completar nesta cidade o seu curso. A 10 de Fevereiro de 1868, a bordo do *Picardie*, embarca na Baía o par amoroso. Uma vez mais, como as aves de arribação que êle descreveria,

Voam os passarinhos e os amantes!

NO RIO; PARA S. PAULO

No Rio a detença é curta: apenas o tempo de ler o seu drama a José de Alencar na Tijuca, apresentado por carta de Fernandes da Cunha, e por êsse a Machado de Assis, incumbido de ser o *Vergílio do jovem Dante*. A impressão dos dois soberanos das letras brasileiras é uma consagração pública que vem a lume nas colunas do *Correio Mercantil* de 22 de Fevereiro e

1.º de Março de 68. Da sacada do *Diário do Rio de Janeiro,* em dia de manifestação patriótica, jubilosa pela Passagem de Humaitá, o Poeta recita uma de suas raras poesias guerreiras, versos de circunstância, aplaudidos pela multidão, louvados pela imprensa, mas a cuja margem êle pôs êste labéu, inconsiderado, «não se publica». Nos salões dêsse jornal carioca, numa assembleia de escritores e letrados êle recita ou dá vida às scenas do *Gonzaga,* entusiásticamente aplaudido. «Um verdadeiro Capitólio de onde saíu laureado o sr. Castro Alves», diz uma notícia daquele diário, de 23 de Fevereiro de 68. Num folhetim dois dias depois, insistem nos louvores e há umas notas pessoais a conservar. «Ao vê-lo todo vestido de prêto, disse-me um amigo que êle lhe recordava Eurico, o cavalheiro negro». Insiste na modéstia do moço--poeta, impressão verdadeira, o que não impedia os assomos de orgulho legítimo, quando agravado.

Em fim de Março, já estava Castro Alves em S. Paulo e com êle ainda Eugénia Câmara. A mocidade ansiava por conhecê-lo e aplaudi-lo e desde que apareceu num sarau literário, promovido pelo *Arquivo Jurídico,* no salão da *Concórdia,* que professores da Faculdade, jovens jornalistas, estudantes, letrados e políticos, senhoras de sociedade tiveram Castro Alves como um ídolo. Nabuco que sempre teve pre-

tenções mundanas, e talento, e figura para corresponder a elas, parece guardou de seu colega um laivo de ciúme por essa predilecção, que ainda não lhe podia disputar. «¡Feliz o talento que não se embriaga de lisonja!» «Saudado no Recife e em S. Paulo como o eleito da mocidade, pôsto em constante paralelo com o seu mestre Vítor Hugo, aclamado quando se fazia ouvir, o jovem estudante iludiu-se até acreditar que a glória é a admiração dos moços e que a imortalidade se ganha nas academias, nos teatros, onde quer que haja uma multidão sensível ao efeito das imagens arrojadas e das palavras ressonantes.» E se penitencia: «Infelizmente concorreu muito para essa ilusão do poeta» (1). O escrito com pretenções a crítica elevada continua nesse tom agridoce, às vezes sem esconder o despeito, mas outras com a elevação de espírito, a que já se habituara: «Quem visse Castro Alves em um dêsses momentos em que se inebriava de aplausos, vestido de prêto para dar à fisionomia um reflexo de tristeza, com a fronte contraída como se o pensamento a oprimisse, com os olhos que êle tinha profundos e luminosos fixos em um ponto do espaço, com os lábios ligeiramente contraídos de desdêm ou descerra-

---

(1) JOAQUIM NABUCO — *Castro Alves*. Artigos publicados na *Refórma* (20, 24, 27 de Abril de 73), Rio, 1873, um folheto, págs. 4—5.

dos por um sorriso de triunfo, reconheceria logo o homem que êle era: uma inteligência aberta às nobres ideas, um coração ferido que se procurava esquecer na vertigem da glória.» E para confirmá-lo acrescenta num depoimento: «Vimo-nos um ano quási, dia por dia, e nunca o vi dar um momento de atenção às realidades da vida, nem às ambições da mocidade.» «É por isso que para nós que o conhecemos Castro Alves representa a dignidade e a independência das letras» (1).

Estava cuidando de poetar, amar Eugénia, que já lhe dava cuidados e zelos — desde a Baía ou desde o Recife que lhos dava..., tentando representar o seu drama por Joaquim Augusto e Eugénia, e outros autores verdadeiros, a uma platea de moços entusiastas.

Iria à Faculdade, sim, o menos possível, mais para a convivência do que para os deveres escolares; se podia fazer *As Vozes de África*, não perdia o tempo estudando direito civil ou criminal. Mas não só fazia os seus heróicos poemas, senão que os recitava. Rui Barbosa, seu colega, cuja admiração e amizade «a comunhão do mesmo tecto estreitou, na formosa S. Paulo», diz como e porquê. «O mais íntimo de sua alma, impetuosamente apaixonada pela verdade, pelo belo, comunicou sempre com as alturas alpinas do seu

(1) Idem, op. cit., págs. 8—9.

génio por um jacto contínuo dessa lava sagrada, que fazia dos seus lábios uma cratera incendiada em sentimentos sublimes.» Servia-o para essa maravilha «o encanto» de um «órgão irresistível, um dêsses que transfiguram o orador ou o poeta e fazem pensar no glorioso arauto de Agamemnon, imortalizado por Homero, «semelhante aos deuses pela voz» (1). «...Tôda a gente que o ouvia, diz outro contemporâneo (2), tinha arrepios de assombro» e nêle via «mais um semideus do que um poeta, menos um poeta que um vidente.»

«Quando se mostrava à multidão, já entusiasmada só de vê-lo, quando a inspiração lhe acendia nos olhos os fulgores deslumbrantes do génio, era grande e belo como um deus de Homero» depõe outro, Lúcio de Mendonça.

Nabuco faz crer, contando a arte com que êle desde as primeiras palavras, os primeiros versos, empolgava a multidão, que a isso o levava apenas o desejo de ser aplaudido. (Feliz culpa, de que certo não participam todos os oradores, todos os tribunos populares...). Não, os versos que recitava Castro Alves nunca foram as poesias líricas que são a sua glória e por isso o seu

---

(1) Rui Barbosa — *Elogio de Castro Alves*, Baia, 1881, p. 46.

(2) Carlos Ferreira — *Feituras e Feições*, Campinas, 1905.

recato pessoal, mas os poemas reivindicadores pela Abolição e pela República, ideas grandiosas a que seus soberbos dotes pessoais serviam incomparavelmente. Èsses aplausos serviam às suas intenções de propaganda. Por isso mesmo o seu drama, que continuaria a sua propaganda, quis êle que fôsse representado então, e perante uma assembleia de moços. Por isso tentou-o, e levou a efeito com o concurso de Joaquim Augusto, o maior actor brasileiro do tempo, num grande exito de entusiasmo.

As palmas e aclamações não o distraíam entretanto do seu caso sentimental. Eugénia que sempre lhe dera cuidados, dava-lhe maiores em S. Paulo, distraídos ambos com as suas próprias preocupações de arte, de sorte que o zêlo, o ciúme, as exprobrações, as scenas violentas se repetiam; sobrevinham as reconciliações e novas rupturas, e o poeta sofria. Não seriam também estranhas aos seus sofrimentos as discussões nos meios académicos e jornalísticos, onde teria invejosos e até detractores: — é o imposto da glória. Daí a série de poesias dêsse período, contraditórias sem esta explicação. Abatido, sem estro, pede a Hugo inspiração e lhe traduz a longa poesia *A Olímpio*, para se vingar dos adversários, faz humorismo com seu sofrimento e escreve *A canção do boémio*...; quando uma reconciliação opera o milagre e ei-lo de novo a cantar as estrofes líricas da *Boa Noite*.

a mais sensual poesia amorosa que se rimou no Brasil, e a que o próprio Bilac, outro sensual, pediria inspirações. Mas os cuidados volviam de novo: contudo, conseguiu fazer bem os actos de exame do 3.º ano. Mas não conseguiu reter Eugénia, e então sobreveio a ruptura definitiva: se a grande crise foi de Setembro, em Outubro ainda ela representava o *Gonzaga* e em comêço de Novembro ainda fala dela ao seu amigo Luís Cornélio.

Èsses desgostos tiravam-lhe o estro; não lia, não escrevia; passeava, fumava, saía à caça, sem disparar sequer um tiro. Foi assim que a 11 de Novembro de 1868, conta o seu amigo e colega Brasílio Machado... fôra passar um dia no arrabalde do Braz, e à tarde dêsse dia tomara a espingarda e saíra para o campo. Ao transpor uma vala, com o salto, a arma voltada para baixo dispara e a carga de chumbo emprega-se no pé esquerdo. Pôde arrastar-se até a casa e seu muito amigo e correspondente, o médico baíano, Dr. Lopes dos Anjos, o conduziu então para a casa da cidade, na rua do Imperador, junto ao actual número 33 (1). Além dêste médico e amigo, prestou-lhe serviços o cirurgião Dr. Cândido Borges Monteiro, Barão de Itaúna, presidente da

(1) BRASÍLIO MACHADO — *Castro Alves*. Uma página da sua vida. «Homenagem da Academia de S. Paulo». — 10 de Julho de 1881.

província. Mas o mal se agravava, sem esperança de cura, e os antigos padecimentos pulmonares acordavam inpressionantes.

As crises de desânimo e desesperança foram dolorosas. Eugénia abandonara-o; não lhe faltou porêm nunca o carinho e a solicitude dos amigos que felizmente velavam por êle: «a cada dor que me lacerava, tinha uma mão de amigo para apertar». Do Rio, ainda não sabida a sinistra nova pela sua família da Baía, Luís Cornélio mandava-lhe recursos e chamava-o para a sua casa. Resolveu-se por fim a partir, depois de seis longos meses de padecimentos, «seis meses, diz êle, vividos na comunhão mais santa... em que a minha cabeça desfalecida encontrava sempre um bom coração para repousar».

PARA O RIO

A 19 de Maio de 69 noticiava *O Ypiranga* a partida. De Santos, no dia imediato, despede-se, pelo mesmo jornal, dos amigos de quem pessoalmente não o pudera fazer. Os mais chegados trouxeram-no a bordo. A 21, na companhia de um dos seus fiéis de S. Paulo, com o Dr. Rubino de Oliveira, chegou ao Rio, e foi transportado para o n.º 3 da rua Silva Manuel, onde morava seu outro amigo Luís Cornélio. A 30 o *Correio Paulistano* publicava a tocante carta «aos amigos de S. Paulo», em que lhes confessa sua gratidão.

No Rio, os cirurgiões Drs. Mateus de Andrade e Andrade Pertence, depois de intervenções parciais para retirar grãos de chumbo e fragmentos de ôsso, verificando a cárie dos que ficaram fracturados, opinaram pela amputação da perna, no têrço inferior, que o poeta sofreu corajosamente, sem anestesia, pois que seria perigoso, no seu estado, a cloroformização. — «Corte-o, corte-o, doutor... dizia do pé, ao operador — ficarei com menos matéria que o resto da humanidade.» Seria para disfarçar, sob o riso, a dor física e moral da mutilação. Foi isso em comêço de Junho; em 21 de Julho *O Ipiranga* de S. Paulo dá conta da intervenção e congratula-se com os admiradores do Poeta pela feliz convalescença. Esta foi entretanto demorada, mas Castro Alves conseguiu finalmente levantar-se, bem dissimulado o aleijão por um pé de madeira, apoiado em muletas, poetando, sempre, agora aos amores castos que lhe suscitavam as bonitas moças que o cercavam no lar de Luís Cornélio. Considera-se numa *A volta da Primavera*:

> O céu consola tôda dor que existe...

Mas não se ilude, ninguêm mais lhe pode

> Dar lugar no banquete da ventura

Recordando o que fôra, e o que era, não se consola.

> Tenho por c'roa a palidez da morte.
> Fez-se um cadáver — o poeta ardente!

A 25 de Novembro de 1869, na companhia de amigos seus, a mandado da família, torna à Baía. A travessia, transposta a enseada maravilhosa do Guanabara, sugere-lhe, com a saudade e o desengano, a idea de reunir os seus versos num volume, que serão como *Espumas Flutuantes*.

«Só e triste, encostado à borda do navio, eu seguia com os olhos aquele esvaecimento indefinido e minha alma apegava-se à forma vacilante das montanhas, derradeiras atalaias dos meus arraiais da mocidade. É que lá dessas terras do sul, para onde eu levara o fogo de todos os entusiasmos, o viço de tôdas as ilusões, os meus vinte anos de seiva e de mocidade, as minhas esperanças de glória e de futuro;... é que dessas terras do sul, onde eu penetrara «como o moço Rafael subindo as escadas do Vaticano...» volvia agora silencioso e alquebrado, trazendo por única ambição — a esperança de repouso em minha pátria.» Recorda-se dos amigos. «E tive pena de lembrar que em breve nada restaria do peregrino na terra hospitaleira, onde vagara; nem sequer a lembrança desta alma, que convosco e por vós vivera e sentira, gemera e cantara...» E como «uma esteira de espumas» deixa o navio «à indiferença do oceano», «um punhado de versos» «espumas flutuantes no dorso fero da vida», levará uma lembrança do Poeta a estas plagas que êle amou e a êsses moços generosos que o compreenderam e o amaram e o engrandeceram.

O PRÓDIGO... À BAÍA

Na Baía, no palacete do Sodré, onde foi depois o Colégio Florêncio, cercou-o o carinho da família e dos amigos que sempre os teve por tôda a parte seu génio sedutor e seu coração generoso. Mas a saúde lhe exigia ares mais benignos para curar os padecimentos pulmonares: a 25 de Janeiro anuncia a Luís Cornélio que no dia imediato, partiria para o sertão «em demanda de solidão profunda de desertos, para apascentar, como Saúl, os desesperos de meu espírito e aviventar êste sangue exausto e empobrecido pela tristeza e pelos sofrimentos».

> Adeus! Na fôlha rôta do meu fado
> Traço ainda um — adeus — ao meu passado!

Como filho pródigo procura a Natureza, que abandonara um dia:

> Das cidades no tétrico delírio...

Leva esperanças de reconciliação e de saúde; entretanto

> Se eu devo expirar, se a fibra recorta
> Resistir já não pode a tanto alento
> Companheiro! uma cruz na selva corta
> E planta-a no meu tôsco monumento!

A princípio no Curralinho (hoje Cidade Castro Alves) onde revê parentes e amigos e a inspi-

radora de tantos formosos versos seus, Leonídia Fraga, depois na Fazenda de Santa Isabel, no Rosário do Orobó, onde a lembrança de seus passados amores lhe sugerem outros formosos poemas e onde põe fecho à *Cachoeira de Paulo Afonso,* do comêço de Fevereiro a 16 de Setembro de 1870, em que, no gôzo de melhoras aparentes, voltou à Capital.

A companhia amorosa da família, festas íntimas e espectáculos a que assistia e principalmente um último e casto amor, por uma linda e jovem florentina, Agnèse Trinei Murri, encheram-lhe os últimos meses dêste e os primeiros do outro ano, de 71.

Havia cumprido rápidamente o seu destino: em seis anos fôra do Recife a S. Paulo, pela Baía e pelo Rio e arrebatara multidões, propagando a Abolição e a República; entoara os mais suaves cantos de amor e ardera nas chamas da paixão correspondida; levara à scena o seu drama patriótico e imprimira o seu livro imortal, sob aplausos e bênçãos... podia, para consolar-se, comparar-se aos reis exilados, mas que não perdem a majestade:

> A estrofe é a púrpura extrema
> Último trono — é o poema!
> Último asilo — a Canção!

Sua implacável doença, entre as agonias da febre, da tosse, do suor, não lhe deu mais tré-

guas... Viu estoicamente aproximar-se o momento que desde 64, naquela poesia cheia de pressentimentos, *Mocidade e morte*, esperava com tanta amargura:

> .... Dentro em meu peito
> Um mal terrível me devora a vida...
> ....
> Fôra louco esperar! fria rajada
> Sinto que do viver me extingue a lampa...
> Resta-me agora por futuro — a terra,
> Por glória nada, por amor — a campa...

Cercado de todo o confôrto do sentimento e do espírito cerrou os olhos para sempre às 3 $^{1}/_{2}$ horas da tarde do dia 6 de Julho de 1871, no Palacete do Sodré, n.º 34. No dia imediato, consternada, a Baía na primeira homenagem enterrava-o sob flores e lágrimas, no Cemitério do Campo Santo, onde jaz. O tempo que passou, porêm, para a sua memória, não desmereceu sua outra profecia:

> O futuro... o futuro... no seu seio...
> Entre louros e bênçãos dorme a glória!

Castro Alves — estudante [1]

> Pego o compêndio... inspiração sublime
> P'ra adormecer... inquietações tamanhas
> Violei à noite o domicilio — ó crime
> Onde dormia uma nação de aranhas
>
> CASTRO ALVES.

PENSANDO em vós, estudantes, escreveu um humorista que somos o desespêro de nossos pais até os vinte anos, para sermos desesperados por nossos filhos, cêrca de outros vinte depois. Assim vai a vida: quer o destino que aqui mesmo paguemos as nossas dívidas; o que hoje inquieta e aflige, será amanhã inquieto e aflito: a tristeza é que a ordem natural não seja o contrário, que a mocidade venha antes com a inexperiência e, portanto, o descuido de viver, emquanto provações e cuidados se acumulam, para o fim, quando só nos resta a saudade, dessa alegre e feliz juventude que não volta mais, como da flor do lotus disse o poeta, que em cem anos floresce apenas uma vez...

---

(1) Conferência realizada no salão nobre da Faculdade de Direito de S. Paulo a 12 de Julho de 1921, por iniciativa do Centro Académico Onze de Agôsto.

NETOS VINGAM OS AVÓS

O avô de Castro Alves, português e de condição conservadora, deveu ser contrariado pelo filho que adoptou profissão liberal e, logo no segundo ano de estudos médicos, os interrompia, para se meter na tropa enviada contra uma sedição, a Sabinada, de 1837, bater-se, e ser louvado pela sua bravura. Quando chegou a vez dêsse estudante, António José Alves, ser pai, e já era médico e professor da Faculdade de Medicina da Baía, desejou ter um filho que pudesse formar com os recursos e vantagens de seu tirocínio aperfeiçoado na Europa, disputado na clínica, aplaudido na cátedra, e, todos três lhe haviam de recusar cumprir êsse desejo, desviados para as letras, ¡como que vingando o avô!... Até os vinte desesperamos os nossos pais, para aos quarenta nos parecermos com êles, na mesma sorte, que nos reserva o destino...

Os três filhos do Dr. António José Alves foram poetas: José António, o mais velho, que prometia muito, talvez demais, morreu precocemente, louco; Guilherme, o mais moço, não foi feliz, não teve, imerecidamente, a consagração pública — dêle viria a dizer o segundo irmão:

> Cerca-te o gêlo, a morte, a indiferença,
> E são lavas, lá dentro, o coração...

NO COLÉGIO

Êsse, o grande Castro Alves, o do meio, foi poeta, antes de o ser. Contou-me um seu colega de colégio (1) que fôra seu decurião, e já era, a êsse tempo, um menino sujeito a abstracções; desatento ao que andava pela aula; muitas vezes chamou-o à ordem e só mais tarde, quando lhe chegou a glória, compreendeu que o seu decuriado já era poeta, sem versos, desde êsses mais verdes anos. ¿Poeta não é quem anda sempre fora de si?

Dêsse colégio Sebrão, em 56 e 57, passara para outro, em 58, o Gimnasio Baiano, fundado pelo Dr. Abílio César Borges, educador famoso, de nome nacional, que alêm de novos métodos pedagógicos, abolição de castigos corporais, tinha por programa estimular a produção literária precoce de seus jovens discípulos. Eram versos e discursos pronunciados em festas cívicas, festejos íntimos, saraus de arte, e depois publicados: os jovens Castro Alves não faltavam à colaboração e, a contra gôsto do pai, versos dêles foram reunidos nas colectâneas de 60 a 61. Castro Alves, o nosso poeta, ensaiava o vôo, traduzindo, nas aulas de latim e francês, odes de Horácio e poesias de Hugo, em verso português. Distinguia-se por isso nessas disci-

(1) Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Presidente do Tribunal de Apelação e Revista da Baía.

plinas, mas, ao envés, a aritmética lhe constituía um pesadelo. Ainda no ano imediato, 62, quando foi para o Recife completar os preparatórios no curso anexo à Faculdade de Direito, não conseguiu a matrícula, porque foi reprovado em geometria.

Tambêm, não devia estudar muito: jogava bilhar, desenhava e fazia versos: — estudar, nunca foi o forte, ou o fraco, dos estudantes... A um amigo escrevia, por essa época: «Minha vida passo-a aqui numa rêde, olhando o telhado, lendo pouco, fumando muito». Ia de quando em quando à Soledade, diz ainda, porque aí havia uma menina — outra ocupação dos estudantes... — formosa, de lindos cabelos negros, morena, «sabes que sou doido pelas morenas», mas «flor sem perfume», «coração leviano como o volver de seus olhos». «Ela me diz que o seu coração é meu, mas eu penso que é do vento.» Considera-a, por fim, como um específico contra o *spleen*... aquele tédio romântico, de que tanto fala Álvares de Azevedo. Naquele tempo, morria-se de aborrecimento aos dezasseis anos...

Apesar dessa idade, Castro Alves era quási um homem, pela estatura; fino, esbelto, ligeiramente encurvado, como se a cabeça lhe pesasse — a frase é de um amigo dêsse tempo (1)

---

(1) Páginas de memórias, ainda inéditas, de Luís Cornélio dos Santos, amigo dilecto do Poeta.

que lhe descreve romànticamente «a beleza dos olhos, a dourada palidez das faces, o negrume intenso dos cabelos e sobretudo o sorriso angélico da fisionomia». «Não era com certeza um belo modêlo de estatuária, mas é impossível encontrar-se um conjunto maior de graça e simpatia. Havia um não sei quê de insinuante e de atractivo naquela criatura, que era impossível furtar-se à sua influência». Um defeito, porêm, descobre êsse panegirista, seu colega Luís Cornélio, — o orgulho. «Era orgulhoso, já naquele tempo, não sei de que êle tinha orgulho, mas sei que já o tinha»... Seria talvez a consciência ou a presciência de seu merecimento. Conta ainda o memorialista a predilecção dêle pelas gravatas de côres vistosas, e o cuidado excessivo com a beleza das mãos. «A alma dêsse menino era de uma pureza inexcedível, a inteligência tinha lampejos que ofuscavam como relâmpagos — Hugo, em pequeno, devia ser assim». Não é pequeno elogio para um estudante reprovado em geometria, que, nesse ano de 63, só isto teria por obrigação — repetir êsse exame. Enchia o tempo com a convivência, os teatros, desenho e poesia. Num jornal académico *A Primavera*, de 17 de Maio de 63, publicou os seus primeiros versos abolicionistas *A Canção do Africano*. Dêste ano conservam-se *Pesadelo*, *Meu Segrêdo*, *Cansaço*, nos quais já aparece Castro Alves. Nesse ano ainda, conheceria, talvez apenas de

aplaudi-la no teatro de S.[ta] Isabel, talvez de desejá-la desde êsse tempo, a actriz portuguesa Eugénia Câmara, que despertava então ingénuos e fervorosos entusiasmos.

NA FACULDADE E... NA VIDA

Matriculou-se, finalmente, em 64, mas não foi feliz na Faculdade porque, tendo vindo à Baía, deu assim oito ou nove faltas que não logrou ver justificadas, perdendo por isso o ano.

Prossegue no imediato, ainda no primeiro ano, fazendo dos lazeres que lhe dava a matéria já estudada emprègo na actividade social, intelectual, e até sentimental. Foi dêsse tempo o seu primeiro grande sucesso público, com a recitação d'*O Século*, a 10 de Agôsto de 65, no salão de honra da Faculdade, entusiásticamente aplaudido por admiradores, que já os contava numerosos. Passou então a residir na rua do Lima, em Santo Amaro, diz outro seu amigo, Regueira Costa, «onde o fui encontrar no convívio de sua encantadora Idalina, a preparar o poema d'*Os Escravos*». Dessa Idalina ficaram reminiscências no poema *Aves de Arribação*, rimado anos depois, e que é um primor da poesia lírica. Devia ser em Setembro:

> A primavera desafia as àsas
> Voam os passarinhos e os amantes!

Um dia Êles chegaram. Sôbre a estrada
Abriram à tardinha as persianas;
E mais festiva a habitação sorria
Sob os festões das tremulas lianas.

Quem eram? Donde vinham? — Pouco importa
Quem fôssem da casinha os habitantes
— São noivos — as mulheres murmuravam!
E os pássaros diziam — são amantes!

Eram vozes — que uniam-se co'as brisas
Eram risos — que abriam-se co'as flores
Eram mais dois clarões — na primavera!
Na festa universal! — mais dois amores!

Outra reminiscência é a anedota que representa Augusto Álvares Guimarães, seu amigo e colega, entrando-lhe esbaforido pela casa «a casa branca à beira do caminho», «o asilo do amor e da poesia», a informá-lo que havia sido chamado a exame, dando-lhe no leito em que o supunha jazer, todo enrolado em lençóis, uma palmada de aviso, como para obrigá-lo a levantar-se... Recebera-a, ao envés, o bonito pecado, essa que fazia Castro Alves esquecer-se até do dever tremendo do exame. Por isso mesmo nêle seria aprovado simplesmente, em Direito Romano e Direito Natural, embora se diga que foi brilhante o acto, e minguada a graduação: — também é de regra, nunca ser estudante aprovado devidamente... O caso, porèm, é que ficara ressentimento político e religioso, da poe-

sia *O Século* recitada pelo estudante na festa da Faculdade, que tinha sonoridades de revolta contra as ideas aceitas, conservadoras e ultra-montanas, e pelas incitações liberais e emancipadoras, confiadas à mocidade:

Luz! sim: que a criança é uma ave
Cujo porvir tendes vós;
No sol é uma águia arrojada,
Na sombra — um mocho feroz.
Libertai tribunas, prelos...
São fracos, mesquinhos élos...
Não calqueis o povo-rei!
Que êste mar d'alma e peitos
Com as vagas de seus direitos,
Virá partir-vos a lei.

Quebre-se o scetro do Papa,
Faça-se dêle uma cruz.
A púrpura sirva ao povo
P'ra cobrir os ombros nus.
Ao grito do Niagara
Sem escravos Guanabara
Se eleve ao fulgor dos sóis.
Banhem-se em luz os prostíbulos,
E das lascas dos patíbulos
Erga-se estátua aos heróis!

Basta! Eu sei que a mocidade
E' o Moisés no Sinai;
Das mãos do Eterno recebe
As tábuas da lei! marchai!
Quem cai na luta com glória,
Tomba nos braços da história,

> No coração do Brasil!
> Moços, do tôpo do Andes,
> Pirâmides vastas grandes
> Vos contemplam séculos mil!

Êsse «simplesmente», atribuído a tal causa, doeu ao poeta que então dissera, prosaicamente, e no calão de examinando: «Um lente talentoso vinga-se do estudante, «espichando-o»; um «burro», dando-lhe um couce». Em verso, saberia melhor apostrofar.

Passa Castro Alves as férias de 65-66 na Baía, onde viera visitar o pai enfêrmo e a cuja morte assistiu.

SEGUNDO ANO... AMOR E TEATRO

Torna para Pernambuco, em comêço de 66, e funda, à rua do Hospício, uma sociedade abolicionista, da qual fizeram parte também Rui Barbosa, Plínio de Lima, Augusto Álvares Guimarães, Regueira Costa e outros colegas seus. Alêm disto, acende-se a campanha teatral por duas actrizes festejadas, que reúnem em tôrno dois partidos: Castro Alves é chefe de um em prol de Eugénia Câmara, Tobias Barreto, do outro, por Adelaide Amaral. Amigos até aí, rompem-se as relações entre ambos: da desavença chegam às invectivas. Tobias, mais violento,

pragueja e insulta, em verso. A-pesar-de presumir-se grego, não freqùenta as cortesãs:

> Meus instintos não esmago
> Não sonho, não me embriago
> Nos banquetes de Friné...

Castro Alves responde de improviso atingindo o outro, e lhe aludindo à dama que não podia ser própriamente comparada a uma hetaíra, pois era casada:

> Sou hebreu... não beijo as plantas
> Da mulher de Putifar...

Parece que o nosso Poeta levou a melhor, porque Tobias, corrido, havia de dizer tomando o empréstimo de uma imagem a Hugo (1) embora vertida em má lingua:

> De tantas pedras que atiram-me,
> Hei de fazer um altar...

---

(1) *Et tu fais un autel de lumière inondé*
Du tas de pierres noires dont on m'a lapidé

V. Hugo. *Contemplation.* A Jules J.

«Tobias Barreto começara por uma hugolatria excedente. Êle foi, com Castro Alves, o introdutor da maneira hugoana no Brasil. Êste ilustre estudioso não possuia verdadeira autonomia psiquica. Precisava sempre de subordinar-se a um idolo. Êle tinha, como de raça inferior, vencida, escravizada, a obcessão dos grandes homens. Posta de lado a França, foi buscá-los alêm-Reno.»

Bruno (José Pereira de Sampaio.)
O Brasil Mental, 1900, p. 303.

Como se não bastasse a causa da Abolição, a do Amor, defendendo a sua dama, que então o enfeitiçava todo, ainda a República, prègada na praça pública, era seu ministério. Por ocasião de ser dissolvido um *meeting* republicano, improvisara uma das suas inflamadas poesias, da qual apenas se conservam estes dois versos, significativos:

> A praça, a praça é do povo,
> Como o céu é do condor...

De outra feita numa questão Ambrósio Portugal, ao povo exaltado improvisa algumas estrofes, recitadas da janela de uma casa à rua do Imperador, que haviam de ecoar nos corações jovens que o ouviam:

> Moços! A inépcia nos chamou de estúpidos
> Moços! o crime nos cobriu de sangue,
> Vós, os luzeiros do país erguei-vos!
> Perante a infâmia ninguêm fica exangue.
>
> Protesto santo se levanta agora,
> De mim, de vós, da multidão, do povo:
> Somos da classe de justiça e brio,
> Não há mais classe, ante êsse crime novo.
>
> Sim! mesmo em face da nação, da pátria,
> Nós nos erguemos com soberba fé:
> A lei sustenta o popular direito
> Nós sustentamos o direito em pé!

¿Ainda teria tempo para estudar o Direito canónico e o Direito público e constitucional, quem

assim sustentava o «direito em pé»? Talvez, mas foi-lhe melhor que estudar ter na mesa de exame um lente liberal e talentoso — Aprígio Guimarães, que o admirava, e até, além de sonoros discursos, fazia talvez também poemas clangorosos. Como quer que fôsse, possuía uma eloqüencia festejada, o que lhe mereceu, de invejosos, a pécha de só dizer «palavrões». Revidou, com solene desprêzo, em uma réplica-açoite:

Palavrão... palavrão... só diz quem pode...
Palavrão... palavrão... não diz quem quer...

Aprígio Guimarães defendendo-se, defendia a Castro Alves contra uma increpação muito repetida, a das suas «bombas», como se a sua musa, às vezes épica, não conhecesse ainda mais os acentos ternos e melodiosos, como se não fôsse da História repetir-se, e já o divino Esquilo não tivesse sido acusado por Aristofanes, de dizer também êsses mesmos «palavrões»...

Nessa época, os pontos de exame eram tirados, com antecedência de vinte e quatro horas, e o estudante chamado procurava um colega ou amigo, que debatesse com êle o assunto sorteado: — era o que se chamava procurar «uma objecção» — espécie de *training* ou trenamento, como fazem os campeões de *box* com os seus *managers* ou trenadores, e os adestram para a luta

definitiva — também assim os examinandos se adestravam, para a dialéctica em público com os mestres que os iam argùir e combater, no acto de exame. Conta Regueira Costa, não sem vanglória, que serviu de parceiro a Castro Alves, e no dia seguinte o poeta, bem trenado, «deslumbrou o auditório», discutindo com Aprígio Guimarães sôbre «o poder temporal do Papa», assunto no qual estavam ambos de íntimo acôrdo, aludindo-se, na brilhante controversia, a estrofes d'*O Século*, vingando Castro Alves da aprovação medíocre do ano anterior por essa mesma causa, com uma plena aprovação.

FÉRIAS DE AMOR E DE ARTE

Feitos os actos de exame, refugia-se o poeta com a sua amada num arrabalde do Recife, no Barro, caminho de Tigipió e Jaboatão, compondo um drama, para ela: em Fevereiro de 67 estava terminado o *Gonzaga ou a Revolução de Minas*, que Eugénia Câmara devia representar, amorosamente criado para ela o papel de Maria: idealmente o poeta se incarnava em Gonzaga, emprestando-lhe sentimentos cívicos e ardoroso entusiasmo, que o outro não teve.

Êsse ano de 67 perdeu-o para os estudos Castro Alves, porque, em Março veio com sua dama à Baía, para rever a família, e o lar pa-

terno, emquanto a actriz torna ao teatro e em Setembro consegue mesmo, na platea do Theatro S. João, representar o *Gonzaga* com o auxílio de alguns actores e amadores de boa vontade.

A terra natal, porêm, não lhe era propícia, surgiam-lhe invejosos, como os que deixara no Recife, e a voz pública comentava o escândalo de uma ligação, que se ostentava sem recato, entre rapaz conhecido e amado da sociedade, e cómica que não tinha renome de virtuosa. Alêm disto, Castro Alves ansiava por vir ao Sul, ao Rio, onde esperava encontrar a Glória, a S. Paulo. em cuja gloriosa Faculdade queria terminar o seu curso.

Em Fevereiro de 68, com Eugénia, embarca, de facto, para a Côrte. No Rio é recebido festivamente por tôda a imprensa; sobe à Tijuca, para apresentar-se a José de Alencar, a quem por carta o recomendara Fernandes da Cunha, «Cícero que vinha trazer Horácio»; no *Correio Mercantil* carta pública do príncipe de nossas letras a Machado de Assis, então potentado da crítica literária, faz-lhe o maior encómio, e pede que o apresente aos meios intelectuais, servindo de «Vergílio do jovem Dante». Só as comparações eram uma sagração: o reticente Machado de Assis também se entusiasmou: «a musa do Sr. Castro Alves abre os olhos em pleno Capitólio».

A uma assembleia de letrados é lido o *Gon-*

zaga, na redacção do *Diário do Rio de Janeiro*, que aplaudem entusiásticamente ao formoso poeta, modesto na sua atitude, romànticamente vestido de prêto, lembrando «Eurico — o cavaleiro negro». Depois dos competentes, o povo: da sacada dêsse diário carioca, à passagem de uma manifestação popular em regosijo pela vitória de Humaitá, profetiza, em soberbas estrofes, que ao Brasil,

O vil tirano há de beijar-lhe os pés...

NA FACULDADE DE S. PAULO

Finalmente, em fins de Março de 68, via Santos, estava êle em S. Paulo, e matriculado no terceiro ano jurídico, discipulo de José Bonifácio, que ensinava Direito civil e do Conselheiro Manuel Dias de Toledo, professor de Direito criminal: aquele, deputado, pouco depois levado à Câmara, mas pela dissolução desta, ao meio do ano, em Agôsto, de novo em S. Paulo. Castro Alves, a primeira impressão que confessa é esta — acha-se em S. Paulo, «ouvindo o grande José Bonifácio». Entre o mestre e o discípulo a admiração mútua apaga a diferença e aproxima a distância: em breve, lado a lado, passeariam juntos. Teriam ocasião de medir-se, as alturas andinas do génio do poeta e o do orador. «Num rapto sublime» diz um jornal do tempo «foi

Castro Alves quem interpretou os sentimentos liberais da mocidade quando José Bonifácio tornou à sua terra, após a ascensão inesperada dos Conservadores, por um acto do poder pessoal. Num banquete a José Bonifácio, mestre e alunos — que alunos! — Joaquim Nabuco preside... Rui Barbosa faz a sua estreia... Américo de Campos saúda ao moço poeta, de vinte e um anos apenas... como o «representante democrático das províncias do norte...»

A multidão, conquistara-a, confirmando as credenciais de Alencar e a amizade de José Bonifácio, em festas de arte, no salão da *Concórdia*, promovidas pelo *Arquivo Jurídico*, ou pelo *Ateneu Paulistano*. Os jornais académicos, nesta época, eram prestigiosos, e sua redacção disputada pelas mais nobres inteligências como se fôra a direcção de um partido ou um pôsto na representação nacional. Nesse ano de 68 Martim Cabral Moreira dos Santos é eleito redactor-chefe da *Imprensa Académica*, e Joaquim Nabuco vem a público declarar que não fôra candidato, entre sincero e ressentido: «não quiseram nem eu queria». O *Ateneu Paulistano* elegia seu presidente a Rui Barbosa, em lugar de Joaquim Nabuco, cujo mandato expirava.

O partido de Nabuco deixava o poder, o de Castro Alves, bem que não houvesse antagonismo entre ambos, subia, e cada vez mais, no conceito público. Onde se apresentasse, recla-

mava o povo uma poesia — *O Século*, a *Visão dos Mortos*, *Pedro Ivo* . . e era o mesmo estrepitoso triunfo. Contou-me um contemporâneo, Bueno de Andrade, então de tenra idade, que o pai lhe chamara a atenção: «Atende bem, no futuro ouvirás falar de um grande homem, êsse jovem poeta, que estamos aplaudindo.» Outro, amigo dêle e dos seus dedicados, Carlos Ferreira, escreveu: «O grande Castro Alves! como diziam todos, na Academia e fora dela»... «quando êle recitava, tôda a gente que o ouvia tinha arrepios de assombro e enxergava na esbelta e simpática pessoa do jovem académico mais um semi-deus do que um poeta, menos um poeta que um vidente e nunca se fartava de o ouvir. Êle também, valha a verdade, nunca se fartava de recitar, e seria capaz, se instassem, de passar a vida inteira declamando as suas inspiradíssimas estrofes».

O S. PAULO DE CASTRO ALVES

O S. Paulo, de então, se era uma pequena cidade provinciana, e não, como hoje, — a outra Capital do Brasil, — tinha uma intensa vida espiritual, que essa nunca mudou. As ruas mais centrais, como a de S. Bento, ou do Imperador, agora marechal Deodoro, que hoje teem palácios, eram tôdas de casinhas baixas, de rótulas escuras, pelas quais espiavam de dentro, às vezes,

olhos negros curiosos. Quando não se escondiam atrás das rótulas, disfarçavam-se as moças bonitas indo à missa ou ao teatro, nas amplas dobras das mantilhas de renda. Castro Alves achava que tais casas negras pareciam feitas antes do mundo, tais ruas, de tão desertas, feitas depois do mundo...

O estudante, êsse, era o dono da terra, indo e vindo à Faculdade, que então vulgarmente se chamava a Academia, escrevinhando nos jornais, promovendo festas literárias, passando pelo Garraux, de sempre, que então, como agora vendia os mesmos livros, colarinhos, bengalas e chapéus, à mesma clientela, culta e elegante. Apesar dessa vida de actividade dispendiosa, vivia-se fàcilmente, e ricamente com 80 ou 100 mil réis mensais: — era a mesada farta de Castro Alves, Rui, Nabuco, Barros Pimentel... José Felizardo Júnior, estudante e poeta, do Rio Grande, companheiro de casa de Castro Alves na rua do Riachuelo, e a quem êle dedicou o poema *Ashaverus e o Génio*, êsse era nababo e tinha 200 mil réis de mesada, desperdício que lhe estragou a vida, perdulàriamente. Apesar do ensino obrigatório, das chamadas contínuas à lição, e das sabatinas que eram, ao tempo, efectivamente todos os sábados, havia concessões amáveis para certos alunos. Castro Alves, por exemplo, não ia às aulas, também não saía de casa, diz um seu companheiro de «república»,

Carlos Ferreira, fumando, escrevendo, lendo ou proseando inexaurivelmente.

COMO ESTUDAVA

Quando ia, de raro em raro, à Academia, era para ajustar contas com o bedel, e fazer-se ver pelo lente: durante a lição entretinha-se em rimar seus versos, emquanto o Direito civil ou criminal era explicado, incansavelmente: só a torrente encachoeirada da eloqüencia de José Bonifácio conseguia prendê-lo e arrastá-lo sob a sua fascinante grandeza, de cimos inacessíveis e insondáveis abismos... Quando não era êle, para não perder tempo, fazia versos... Referiu-me Barros Pimentel que o vira assim, rimando as estrofes do *Laço de fita*.

> Não sabes criança? Stou louco de amores...
> Prendi meus afectos, formosa Pepita...
> Mas onde? No templo, no espaço, nas névoas
> Não rias, prendi-me
> Num laço de fita.

Castro Alves pela sua vida airada notòriamente ligada à de uma actriz, nem casta nem cauta, evitava freqùentar a sociedade. Entretanto, assediado de convites, uma vez ou outra, nos dias de festa nacional, em que o patriotismo desculpava a ousadia, aparecia nos salões, ao 2 de Julho, data baiana, ao 7 de Setembro, data

paulista, e se recitava, dançava, também fazia como os outros estudantes, pois que tinha mocidade desejosa e expansiva — namorava. Formosas poesias líricas são impressões dêsses momentos. O *Adeus de Tereza*, talvez a *Adormecida*, êsse *Laço de Fita*, relembram tais ocasiões. Dizia-se ao tempo que essa «formosa Pepita» era uma linda rapariga de nome Maria Carolina de Almeida Tôrres, enteada de uma irmã de Álvares de Azevedo... Recentemente, tive confidência de que fôra Sinhá Lopes dos Anjos, filha de um médico, conceituado amigo do Poeta, o qual dera êsses versos à inspiradora dèles, em meio de um baile, na casa paterna, à rua do Imperador...

Seriam essas, seriam outras. Lamartine só fêz versos a Elvira... mas Elvira fôra Graziela, fôra Julie Charles, fôra M.lle Birch depois M.me Lamartine, fòra finalmente M.lle Lamartine... Haverá poesias «circulares» que andem de lindas em lindas mãos, e façam bater ardentes corações crédulos que por êles bateu tambêm o coração do poeta.

Por isso, e por tudo, se Nabuco depõe que: «Vimo-nos (êle e Castro Alves) um ano inteiro, dia por dia e nunca o vi dar um momento de atenção às realidades da vida, nem às ambições da mocidade», como se não fôra dêste mundo; se Barros Pimentel acha-o incapaz de atender sequer a estudos mesmo perfunctòrios de direi-

to, quando o queria, embora com esfôrço, podia Castro Alves mostrar-se estudante, como qualquer e obter as notas precisas que permitiam, depois, os exames felizes: contou-me Rodrigues Alves que lhe ensinara uma sabatina, e chamado com o poeta, tirara êste uma nota boa, e êle a única nota sofrível do seu curso.

Não era, porêm o seu forte, nem atender às aulas, nem mesmo ir à Faculdade: quando isto ocorria, procurava a convivência dos amigos, os aplausos explícitos ou silenciosos da curiosidade, que sentia despertar; às vezes apenas o éco que suas poesias publicadas no *Ypiranga*, na *Independência*, no *Arquivo Jurídico*, na *Imprensa Académica*, não deixavam de provocar. De uma feita, lembra-se Didimo da Veiga, seu contemporâneo, aqui entrara ao lado dêle no saguão da Academia, quando vêem na parede escritas algumas quadras do poeta, da poesia *Rezas*, a que um comentário jocoso frisava a enormidade:

Na hora em que a terra dorme
Enrolada em frios véus
Eu ouço uma reza enorme
Enchendo o abismo dos céus

Acendem-se os bentos círios
Dos vagalumes subtis...
— Ave! — murmuram os lírios!
— Ave! — dizem os covis!

Nos boqueirões há soluços...
Tem remorso o vendaval...
O mar se atira de bruços
Co'as barbas pelo areal.

As nuvens ajoelhadas
Nos claustros ermos e vãos,
Passam as contas douradas
— Das estrêlas — pelas mãos...

Castro Alves, ao sentir a crítica, olímpico, o seu desdêm à altura do seu génio, sacudira os ombros e dissera para o seu colega, respondendo ao aleive da parede: «Não tenho culpa se as grandes orelhas não permitem ouvir sons finos e delicados...» Não se dirá que sendo ameno no trato, modesto na atitude, não tivesse razão de orgulho, não o manifestasse quando ferido. Como, porêm, sucede aos moços, doía-lhe muito qualquer pública ou ainda apenas divulgada censura.

OUTROS CUIDADOS

Por isso quando outros cuidados, os de amor, lhe tiravam o estro, para responder aos detractores, e consolar-se a si mesmo traduzia aquela longa poesia de Hugo *A Olímpio* datada daqui de S. Paulo e que revela um estado de alma. Coincidia o período de tensão amorosa, que havia de trazer tantas atribulações ao poeta. Eugénia Câmara, já no Recife, ou na Baía, dizem

que lhe era infiel; em S. Paulo, morando sob outro tecto, desviado êle nas suas festas literárias, ela nas suas representações teatrais no «S. José», ou no «Provisório», depois «Apolo», menos dissimulada e mais erradia, viria o poeta a compreender e a ralar-se num doloroso ciúme, que tem suas pausas e não raro o encanto da reconciliação. Um dêstes momentos êle o descreve, compondo um recitativo para a comédia *Meia hora de cinismo*, peça de costumes académicos, de França Júnior, que é um primor de graça e de humorismo. Ela vos evocará, melhor que longas páginas, a vida airada dos estudantes de 68, em São Paulo:

Que noite fria! Na deserta rua
Tremem de mêdo os lampiões sombrios.
Densa garôa faz fumar a lua,
Ladram de tédio vinte cães vadios.

Nini formosa! porque assim fugiste?
Em balde o tempo à tua espera conto.
Não vês, não vês?... Meu coração é triste
Como um calouro quando leva *ponto*.

A passos largos eu percorro a sala
Fumo um cigarro que filei na *escola*...
Tudo no quarto de Nini me fala
Em balde fumo... tudo aqui me *amola*.

Diz-me o relógio *cinicando* a um canto:
«Onde está ela que não veio ainda?»
Diz-me a poltrona: «Porque tardas tanto?
Quero aquecer-te, rapariga linda».

Em vão a luz da crepitante vela
De Hugo clareia uma canção ardente:
Tens um idilio — em tua fronte bela...
Um ditirambo — no teu seio quente...

Pego o compêndio... inspiração sublime
P'ra adormecer... inquietações tamanhas...
Violei à noite o domicílio, ó crime!
Onde dormia uma nação... de aranhas...

Morrer de frio quando o peito é brasa...
Quando a paixão no coração se aninha!
Vós todos, todos, que dormis em casa,
Dizei se há dor que se compare à minha.

Nini! o horror dêste sofrer pungente
Só teu sorriso neste mundo acalma...
Vem aquecer-me em teu olhar ardente,
Nini! tu és o *cache-nez* dest'alma.

Deus do Boémio!... São da mesma raça
As andorinhas e o meu anjo louro...
Fogem de mim se a *primavera* passa
Se já nos campos não há flores de *ouro*

E tu fugiste, pressentindo o inverno
Mensal inverno do viver boémio...
Sem te lembrar que por riso terno
Mesmo eu tomara a *primavera a prémio*...

No entanto ainda do Xerez fogoso
Duas garrafas guardo ali... Que *minas!*
Alêm de um lado o violão saudoso
Guarda no seio inspirações divinas...

Se tu viesses... de meus lábios tristes
Rompera o canto... Que esperança inglória!
Ela esqueceu o que jurar-lhe vistes
O' Paulicéa, ó Ponte Grande, ó glória!

Batem! Que vejo! Ei-la afinal comigo...
Foram-se as trévas... fabricou-se a luz...
Nini! Pequei!... dá-me exemplar castigo!
Sejam teus braços... do martírio a cruz!...

Nem sempre havia de ser nesse tom de humorismo que a sua lamentação teria um eco: em Julho, num *Hino ao Sono*, que invoca, como consôlo, vê-se que já não é mais a amada que lhe provoca uma amorosa insónia: mas em Agôsto, *Boa Noite*, a mais sensual poesia lírica que já se escreveu, há como que uma reconciliação, transbordante de paixão satisfeita. Em Outubro, havia de ser representado o *Gonzaga*, por Joaquim Augusto, o primeiro actor brasileiro, e era Eugénia ainda a Maria que o poeta desejava.

REPRESENTAÇÃO DE «GONZAGA». EXAME

Essa representação do *Gonzaga* em S. Paulo valia tanto para Castro Alves que suprime a da Baía, como uma caricatura que fôra, e conta esta como a primeira que ia ter seu drama. A razão disto, disse êle ao seu intérprete: «O meu trabalho precisa de uma platéa ilustrada. Precisa mesmo de uma platea académica. O lirismo, o patriotismo, a linguagem, creio que serão bem

recebidos por corações de vinte anos, porque o *Gonzaga* é feito para a mocidade.» A mocidade de S. Paulo o compreendeu e foi uma ovação entusiástica a que recebeu nessa noite de 25 de Outubro de 68 sentindo ecoarem, como rebate cívico e liberal, as suas clangorosas notas de abolicionista e de republicano, que ali se achavam fundidas numa forma de arte considerada, ao tempo, como a mais alta e mais completa, porque o teatro para êsses românticos era uma tribuna e uma escola e até, para Castro Alves «um altar».

Dera S. Paulo ao Poeta, além de tôdas as consagrações que pudera almejar tôdas as inspirações para completar o ciclo de seus imortais poemas. Se do Recife trouxe a maior parte das poesias que formariam *Os Escravos*, aqui escrevera, dêstes, os mais perfeitos dos seus cantos épicos abolicionistas — *O Navio Negreiro* e as *Vozes d'África.*

Foi aqui, segundo confessa, que os concluiu. Além dos versos épicos abolicionistas e republicanos, os encantadores versos líricos, os mais formosos dos seus e dos que no Brasil foram entoados — *Hino do Sono, O laço de fita, Boa Noite, O adeus de Teresa, Aschaverus e o Génio, Ao actor Joaquim Augusto, Adormecida...*

Os actos de exame começavam cedo, nesse tempo, em meados de Outubro. Escrevendo ao actor Joaquim Augusto para convencê-lo a re-

presentar o *Gonzaga*, diz-lhe o poeta: «o quinze de Outubro está a bater às portas e chamar os espíritos para os sonhos de férias, a dar cabo dos jornais académicos, a mandar-nos pensar nos malditos *actos*». Quási não pode fazer Castro Alves èsses actos de exame porque, das faltas que dera, estava pelo regulamento privado da chamada. Requereu, porêm, e foram tão boas as informações dos lentes, que a permissão lhe foi concedida. Tais lentes, que desculpam faltas a um Castro Alves, ¿como o hão de aprovar? ¡Por certo que muito bem! O seu amigo Augusto Guimarães soube na Baía que fôra um brilhante exame; menos que a Castro Alves, devemos por isso felicitar a José Bonifácio e ao Conselheiro Manuel Dias...

RAPAZES DE S. PAULO

. Depois, foi a ruptura com Eugénia Câmara. Para distrair os seus cuidados o poeta fumava, passeava, e, fugindo à convivência, saía pelas cercanias da cidade, a caçar. Um dia nefasto, a 11 de Novembro de 1868, «no arrabalde do Braz», diz seu colega Brasílio Machado, «no bairro da Consolação, a meia légua de distância alêm do Cemitério» diz Múcio Teixeira, aconteceu-lhe um desastre. Transpondo um valo, a arma, de bôca voltada para baixo, dispara, e a carga se emprega tòda no calcanhar esquerdo. Arrasta-

-se daí até a casa, leva-o para o centro da cidade, à rua do Imperador, o seu médico, amigo e conterrâneo, Dr. Lopes dos Anjos, e começa o martírio do poeta, que em S. Paulo duraria seis longos meses. Os padecimentos pulmonares acordaram, e hemoptises, a 30 de Março, e 1 de Abril, com o seu horror e a sua desesperança, prostraram-no, inconsolávelmente. «Fez-se um cadáver o poeta ardente»...

Essa desgraça não tocou entretanto à ingrata rapariga, a quem tanto êle dera de amor, de génio e até de consideração. Mas não ficou por isso à míngua... Como na *Vie de Boheme* de Henrique Murger, que a mocidade dêsse tempo lia enternecida, êsses rapazes amigos de S. Paulo, folgazãos e inconsiderados nos bons dias de festa, cerraram fileira, para se oporem ao infortunio como se êle fôra a musa de todos êles, e em tôrno do poeta se revezaram na solicitude, no carinho, na abnegação e no sacrifício: foram êles, Américo de Campos, Paula Rodrigues, Aureliano Coutinho, Campos de Carvalho, José Felizardo, Carlos Ferreira, Brasílio Machado, Ferreira de Menezes, e, sempre, seu médico e seu amigo, Lopes dos Anjos. Em carta escrita a êsses amigos e irmãos de S. Paulo, quando a 21 de Maio de 69 chegara ao Rio e se confessa, o coração aberto a êles — «a cada dor que me lacerava, tinha uma mão de amigo para apertar...» «Seis meses vividos na comunhão mais santa —

na comunhão do pensamento, seis meses em que a minha cabeça desfalecida encontrava sempre um bom coração onde repousar...»

Não é tocante? Êsses rapazes de S. Paulo, outros como vós, em meio das tontices da juventude, chegada a hora da aflição de um dos seus, aquele que não vivia mais perto da convivência dêles, mas que não lhes saía nem do coração generoso, nem da inteligência entusiástica, durante êsses seis longos meses, junto do poeta moribundo, fazem de sua família, substituem-lhe todos os carinhos do amor, sofrem com êle, e só o deixam partir quando o reclamam para o Rio e para a terra natal... Vêm com êle a Santos e um dêles, Rubino de Oliveira, ainda representando os outros, o leva ao Rio. Se já tivestes tempo de ler Platão, haveis de ter visto o retrato inesquecível da mocidade de seu tempo que passa nos «*Diálogos*»: inteligentes, meigos, subtis, belos, corajosos, esforçados, generosos... — é Fedro, é Fedão, é Apolodoro, é Charmide e Lisis, Cherofónio, Teoteto, até o próprio Alcibíades no *Banquete*... — são todos os tocados pelo divino génio de Sócrates, alegres com êle nos dias felizes, que o vão chorar no de aflição... Se mudardes o mestre pelo discípulo e os puserdes em tôrno dêsse outro jovem e santo Platão, tereis representado Castro Alves e seus amigos.

Rapazes de S. Paulo, vós mereceis a comovida gratidão de todos os que amam o Poeta, cujo

esplêndido génio teve à sua altura o vosso magnànimo coração. Foi isso principalmente o que eu vos vim de longe, dizer aqui, e nesta hora de comemoração, representando a memória de Castro Alves!

CASTRO ALVES — RETRATO DA MOCIDADE

Deixai-me, porêm, antes das palavras de despedida, recapitular.

Contei-vos a vida efémera e ardente de Castro Alves, contando a sua vida de estudante, que outra coisa èle não foi, nem êle quis ser outra coisa. Quando pensou mandar um punhado de seus versos como lembrança a seus amigos, essas *Espumas Flutuantes*, dos mais formosos livros que o Brasil já produziu, no frontispício não esqueceu o seu título de glória: «estudante do quarto ano da Faculdade de Direito de S. Paulo». Como estudante, foi um aluno singular — levava faltas, não ia à Academia, perdia os anos, mas ainda assim, tinha quem lhe ensinasse as sabatinas, quem lhe bem informasse os requerimentos de escusa, e quem o aprovasse entusiásticamente.

Corrido o tempo, uma das gerações que por aqui passaram resolve um dia gravar nestes muros veneráveis os nomes de alguns de vós que viveram sob êste teto abençoado, ¿e que nomes serão êsses? ¿De graves jurisconsultos, de advogados célebres, de homens públicos

conspícuos? Não; apenas, acompanhado de dois nomes de outros poetas, como êle, o de Castro Alves. Quem ora por vós e invoca êsses deuses tutelares, é o que de futuro será um ilustre embaixador, mas é apenas então um nobre poeta, é Magalhães de Azeredo. ¿Parece-vos isso justiça, cultores do direito?

Sim, respondo por vós: Castro Alves se não foi bom estudante, perfeito bacharel, advogado, juiz, jurisconsulto, foi mais, e mais é para vós, porque é o vosso ideal de moços, realizado... Esta gloriosa Faculdade, se é o templo do Direito, sois vós os serventuários dêsse culto, e nas oblações de vossa devoção vai o melhor de vossa vida, a vossa mocidade, e vai-se a primícia de vosso talento, com a virgindade do vosso coração. Cada um de vós, muito que seja tem um ideal, por isso mesmo irrealizável. Pois bem, meus amigos, Castro Alves, êsse realizou o vosso ideal, de moços...

Euclides da Cunha, que não fôra dos vossos, mas vos amava, como eu vos amo, sem ser dos vossos, ambos talvez pelo mesmo culto, comum, disse daqui mesmo a razão profunda dessa vossa devoção, de admiradores de Castro Alves. Êle representou, num momento de nossa história política e social, tôdas aspirações generosas da mocidade do Brasil, que previu e ajudou a cumprir, a Abolição e a República, no movimento irresistível das ruas, da imprensa, das câmaras,

do govêrno, que as haviam de realizar... «A sua grandeza, está nisto, êle os viu antes e melhor do que seus contemporâneos», chegando, entretanto, a tempo de prever, como vidente: «aparecimento certo, oportuno, como o de todo grande homem». E porque nesse rapaz de vinte e poucos anos havia um grande homem vós o vindes glorificando, vós o glorificais ainda hoje com a Posteridade, que o proclama o maior poeta brasileiro.

Para ajuizar da grandeza dêle imaginai um instante: lá Rui Barbosa, Fagundes Varela, Plínio de Lima, Luís Guimarães Júnior, Tobias Barreto, Augusto Guimarães... aqui ainda Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Rodrigues Alves, Afonso Penha, Bias Fortes, Júlio Maria, Brasílio Machado, Didimo da Veiga, Barros Pimentel... ¿que teria sido dêsses homens, alguns dos maiores que o Brasil tem tido, se, como Castro Alves, houvessem passado, aos vinte e quatro anos de sua idade?... De nenhum dêles ficaria a fama; talvez, quando muito, o nome, como êsse Martim Cabral, que foi uma grande esperança, como um meteoro fulgindo um instante e que se apagou para sempre...

Pois bem, nesses poucos anos, o Poeta conquistou a mais alta e a mais nobre glória literária que possue o Brasil... foi «o poeta dos Escravos», como o povo o apelidou; foi «o poeta republicano do *Gonzaga*», como lhe chamou Joa-

quim Nabuco; o «poeta original, de feição própria», como viu Machado de Assis; em cuja obra «palpita o poderoso sentimento da nacionalidade, essa alma da pátria que faz os grandes poetas, como os grandes cidadãos», no assêrto de José de Alencar; «o poeta nacional, se não mais, nacionalista, poeta social, humano e humanitário», como o julgou José Veríssimo; poeta e profeta, cujo nome se «há de ligar indelevelmente a uma das fases mais decisivas da história nacional», como por fim a razão mesma, a divina razão de Rui Barbosa havia de falar, pela Posteridade.

Se a estas irrevogâveis sentenças juntardes que «êle foi o mais querido da mocidade e do povo, o mais amado, o mais fascinador, o mais compreendido dos nossos poetas», como depôs Amadeu Amaral, e, por testemunho incontroverso, há as cinqùenta edições de suas obras, apenas neste meio século de sua glória... tereis achado porque, Mocidade ardente e generosa da minha terra, impaciente e ávida das esperanças da inteligência, exigente e ousada da acção social bemfazeja, tereis achado a razão de vosso culto a Castro Alves. È que êle foi belo e grande como um semi-deus, forte e nobre como um herói, inspirado e vidente como um poeta, êle foi o vosso ideal realizado, um símbolo concreto de vossas inteligências tôdas, de todos os vossos corações num grande homem só, como que o vosso mesmo retrato, ó Mocidade!

Castro Alves em S. Paulo [1]

Tenho saudades ai! de ti S. Paulo
— Rosa de Espanha no hibernal Friuli.

CASTRO ALVES.

UMA das preocupações mais antigas e mais vãs de políticos e sociólogos, de todos os tempos, é essa de derivar a corrente humana, que dos campos flue para as cidades, da periferia demanda o centro. Mecenas, um ministro de Augusto, encomendava a Vergílio um preconício da vida rústica — as *Geórgicas* — com o mesmo intuito com que, dois mil anos quási depois, Meline, outro ministro da República Francesa, escreveu o *Retour à la terre*. Cegos que não querem ver... que há zonas de atracção que chamam os homens, como a luz às plantas e aos bichos: é uma lei natural. São Paulo sempre foi, no Brasil, um grande foco luminoso.

PARA S. PAULO

Desde 1862, tinha êle apenas quinze anos, e mal chegara ao Recife para concluir os estudos

1) Conferência realizada na Sociedade de Cultura Artística de S. Paulo, em 11 de Julho de 1921.

preparatórios e matricular-se na Faculdade de Direito, que a Castro Alves aparecera a obcessão, ainda hoje a de todos os rapazes brasileiros, essas terras do Sul, o Rio, principalmente S. Paulo, nosso desejo e nossa esperança. Numa carta a Marcolino de Moura êle alude a estudos projectados juntos, em S. Paulo, e que é preciso adiar.

Mais alguns anos se passariam, a criança seria um belo rapaz, na imprensa académica e nos círculos literários de moços ganharia notoriedade; encabeçaria um dos partidos teatrais que glorificavam duas actrizes preferidas; lutaria, a discursos e poemas, pela vitória da sua dama — Eugénia Câmara; venceria o outro partido, porque mais fraco, mais violento, chefiado por Tobias Barreto, que seria obrigado a confessar--se batido, e recolheria, finalmente, — era inevitável, a êle belo jovem, a ela mulher sensível — o prémio dêsses sentimentos, tornando-se o amante da actriz, que por êle faz o sacrifício de romper com os seus contratos e o seu empresário. Fica no Recife, ocupada em o amar, emquanto êle, além dessa nova ocupação, pensa num drama, que ela representará. Em comêço de 67 estava escrito o *Gonzaga*, que em Setembro dêsse ano seria representado na Baía, e havia de trazer ao Rio e a S. Paulo.

Finalmente, realiza o seu desejo, e embarca para o sul. À passagem pelo Rio recebe de José

de Alencar e de Machado de Assis, pelo *Correio Mercantil*, aplausos públicos que o glorificam; no *Diário do Rio de Janeiro* lê o seu drama a uma assembleia de letrados que o vitoriam; e reconhece no povo carioca, à passagem de uma manifestação patriótica, que é o mesmo povo entusiasta que deixara no Recife e vinha procurar em S. Paulo.

Com efeito, já aqui está em fins de Março de 68. Hospeda-se no Hotel de Itália, naturalmente com Eugénia Câmara, que toma conta do teatro, mandando vir alguns artistas do Rio. Freqùenta talvez a Faculdade, onde ouve, diz êle, «o grande José Bonifácio». Mas o principal é a representação do seu drama. «Está-se aqui doido por teatro», escreve a um amigo. Se há Vergílios e Horácios em perspectiva, há Mecenas: «O barão de Iguape pôs à disposição da emprêsa todo o dinheiro preciso».

IMPRESSÕES DE S. PAULO

S. Paulo, a terra e a gente, ¿que impressão lhe teria produzido? Escreve para a Baía: «Nós os filhos do Norte sonhamos S. Paulo o oásis da liberdade e da poesia, plantado em plenas campinas do Ipiranga... Pois o nosso sonho é realidade, e não é realidade... Se a poesia está no envergar o ponche escuro, e largar-se campo afóra a divagar, perdido nestes gerais limpos e

infinitos como um oceano de juncos; se a poesia está no enfumaçar do quarto com o cigarro clássico, emquanto lá fora o vento enfumaça o espaço com a garôa (é uma névoa, espêssa como nuvem que se arrastasse pelas ruas) com a garôa ainda mais clássica; se a poesia está no espreitar de uns olhos negros, através da rótula dos balcões ou através das rendas da mantilha que em amplas dobras esconde as formas das môças, então a Paulicéa é a terra da poesia». «Sim, continua êle, porque aqui não há senão frio, mas frio de Sibéria; «cinismo» (significava então a palavra uma espécie de tédio tropical, desenvôlto e petulante, como correspondendo ao forasteiro «spleen», de que tanto se abusou na geração de Álvares de Azevedo), mas cinismo da Alemanha; casas mas casas de Tebas; ruas, mas ruas de Cartago... (por outra) casas que parecem feitas antes do mundo, tanto são pretas; ruas que parecem feitas depois do mundo—tanto são desertas...» Isto quanto à poesia! Quanto à liberdade, «inclino-me a preferir S. Paulo ao Recife».

PRIMEIROS TRIUNFOS

A notoriedade que trazia do norte, principalmente as credenciais de Alencar, que recebera no Rio, fazia a mocidade curiosa por ouvi-lo. Conta um contemporâneo, Campos de Carvalho, no *Correio Paulistano* de 3 de Agôsto de 71: «a

redacção do *Arquivo Jurídico* deu um sarau literário no salão da «Concórdia» e o fim da festa era ouvir-se o poeta, cuja fama apagava a recordação de Fagundes Varela. Nessa noite, tôdas as honras foram dêle; o entusiasmo tocou ao delírio quando arrematava a última estrofe d'*O Livro e a América* e, a pedido geral, encetou o recitativo *Visão dos Mortos*... «Para a Baía manda êle dizer que «foi uma bela reunião, quási um baile». «Muitos lentes da Academia aí se achavam, o Saldanha Marinho, etc., e todos me receberam da maneira mais lisonjeira», «se algum dia obtive um triunfo, não foi noutro lugar». Para atenuar a fatuidade, sem dúvida, conta que até a senhora do cônsul inglês (uma inglesa! meu caro) veio entusiasmada dizer-me: «Mim gostar muita da sua recitativa!» Além da sociedade, a imprensa «Em tôda parte tenho encontrado uma pátria», diz êle ainda. S. Paulo não se pouparia em lhe dispensar carinhos.

Além do heroísmo épico dos seus cantos, afinados pela turba entusiástica que o ouvia, do garbo de sua presença e da sonoridade clangorosa de sua voz, Joaquim Nabuco, outro seu colega da Faculdade, denuncia que procurava Castro Alves o efeito (feliz culpa!) começando logo por uma daquelas «bombas», como êle mesmo chamava, cujo resultado era previsto e certo. Mas antes disso, sua simples presença impressionava: — alto, esbelto, pálido, negra e basta

cabeleira, olhos pestanudos e refagulhantes, lábio crespo ensombrado por um buço tentador, sempre correctamente vestido de prêto — no Rio o compararam por isso com o Eurico, o cavaleiro negro, — sua simples presença já impressionava, confirma Lúcio de Mendonça, outra testemunha, «quando se mostrava à multidão, já entusiasmada só de vê-lo... era grande e belo como um deus de Homero». Seria fácil dominá-las, a essas assembleias predispostas, aos arroubos inspirados de sua voz. Rui Barbosa, outro colega da Faculdade e dos seus primeiros admiradores, não esqueceria essa voz, «encanto irresistível, dêsses que transfiguram um orador ou o poeta», «jacto contínuo dessa lava sagrada, que fazia dos seus lábios uma cratera incendiada em sentimentos sublimes». Vinha abaixo o teatro, diz-me Sancho de Barros Pimentel, outro contemporâneo e admirador, que assistiria aos triunfos oratórios de Nabuco, Rui, Patrocínio, Silva Jardim, Barbosa Lima... nunca nenhum alcançara tamanhas manifestações de entusiasmo do delírio colectivo, da multidão, como Castro Alves. Tôda a gente que o ouvia, conta Carlos Ferreira, outro colega de S. Paulo, «tinha arrepios de assombro», «sorria ou chorava, permanecia mudo pela comoção fortíssima ou prorompia em bravos entusiásticos», nêle vendo «mais um semi-deus do que um poeta, menos um poeta que um vidente».

Caíra o Partido Liberal com Zacarias e a Coroa chamara ao poder o Conservador, com Itaborahy: a mutação rápida, inesperada, pareceu mais um daqueles assomos de poder pessoal que indispunham o Império com a opinião pública. A mocidade liberal da Faculdade protestava pelos seus jornais académicos, de pequena tiragem, mas, por isso mesmo, de veemência maior. Apontavam as rebeldias, que iriam ter na República. Promoveu o «Ateneu Paulistano» uma sessão de protesto e desagravo, a 22 de Julho de 68: não precisava de maior certeza de êxito do que anunciar um poema de Castro Alves. Foi à tarde, às cinco horas, ainda no vasto salão da «Concórdia», iluminado, enfeitado, repleto de espectadores. Falaram Nabuco e Ferreira de Menezes, verberando os nossos costumes políticos, mas, entretanto, respeitadores da causa monárquica. Faz-se a pausa das grandes espectativas, quando assoma Castro Alves à tribuna: à ovação prolongada e estrepitosa êle a recebe grave e sereno; depois, impõe o silêncio, e começa, com êste trecho de prosa que, de memória, conservou Campos de Carvalho:

«Senhores! Álvares de Azevedo, outrora, atirou as suas estrofes no tapête de um rei, pedindo a vida de um herói; eu rodo as minhas no coração da mocidade, pedindo-lhe o óbulo da imortalidade para o filho espúrio da realeza». Antes do poema de *Pedro Ivo*, outra imensa ova-

ção obrigou o poeta a esperar. Depois, foram as estrofes de bronze que descrevem o herói-bandido:

> Cabelos esparsos ao sôpro dos ventos
> Olhar desvairado, sinistro, fatal,
> Dirieis estátua roçando nas nuvens,
> P'ra qual a montanha se fez pedestal!...

que apostrofa à cidade cortesã, e desperta o povo adormecido:

> — ...Desperta do sono teu!
> Sansão — derroca as colunas,
> Quebra os ferros — Prometeu!
> Vesúvio curvo — não pares
> Ígnea coma solta aos ares,
> Em lava inunda os mares
> Mergulha o gládio no céu.
>
> República!... Vôo ousado,
> Do homem feito condor!
> Raio de aurora inda oculta,
> Que beija a fronte ao Tabor!

Que importa uma efémera vitória do despotismo,

> Não importa! A liberdade
> É como a hidra, o Anteu,
> Se no chão rola sem fôrças,
> Mais forte do chão se ergueu.
> São os seus ossos sangrentos
> Gládios terriveis, sedentos
> E da cinza sôlta aos ventos,
> Mais um Graco apareceu.
> ....

Tal eu — vaga encapelada
Recuo de uma passada,
P'ra levar de derribada
Rochedos, reis, multidões!

O entusiasmo tocou ao auge. O poeta-vidente das nobres causas liberais, da Abolição e da República, achara na mocidade de S. Paulo o seu público de eleição, que receberia êsse novo evangelho, para o propagar aos quatro cantos do Brasil. Êsse dia 22 de Julho de 68, conclue Campos de Carvalho, marcou o da glória definitiva de Castro Alves em S. Paulo.

Tornando à terra natal, depois do acto prepotente da Coroa, José Bonifácio, que incarnava a idea liberal na sua ideal perfeição, seria recebido pelo povo em delírio, à frente a mocidade académica. Castro Alves que achara a sua fama no Recife e que a viera buscar em S. Paulo e, como a maior maravilha da terra, anuncia aqui chegado, estar ouvindo «o grande José Bonifácio», travou logo relações com êle, as da recíproca admiração, ufanando-se o mestre de mostrar-se em público ao lado do discípulo. Agora, na recepção, em S. Paulo, era o chefe liberal que se festejava. *O Ypiranga*, o jornal de Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes, noticiava a 2 de Agôsto de 68, que Castro Alves «soube, num rapto sublime, manifestar a comoção de quantos acompanham os representantes dos foros populares».

Dias depois, num grande banquete político em que oraram José Bonifácio, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, Martim Cabral, Rui Barbosa, — que nesse dia estreava, e dêsse discurso contariam os admiradores, para a celebração recente do seu jubileu... — Américo Brasiliense, Barros Pimentel... que saudavam homens e ideas de mais relêvo na consideração do país, Américo de Campos levantou-se para brindar a Castro Alves, «como representante do pensamento democrático das províncias do Norte»... Não eram pequenas honras, para um rapaz de vinte e um anos...

INSPIRAÇÕES DE S. PAULO

Íntimamente, o poeta teria frio, também no coração. Diz êle em uma carta: «Faz frio de morte. Embalde estou embuçado no capote e esganado no «cache-nez»... A estas horas — homem feliz! (o seu correspondente, na Baía) suas à fresca, nos lençóis de linho, emquanto eu estou gelado com as meias de lã. Olha, se leres poesias nebulosas, germânicas, tiritantes, híbridas, acéfalas, anómalas... não critiques nunca, antes de ver se são de S. Paulo, e se forem... cala-te! S. Paulo não é Brasil... é um trapo de pólo, pregado a goma arábica na fralda da América (como diria o Tobias)». (Era o Tobias Bar-

reto, que êle não deixou nunca de troçar, e lhe pagava em ódio e depois com a malquerença póstuma de Sílvio Romero).

Apesar disso — «o trapo de pólo pregado a goma arábica nas fraldas da América», em vez de poemas tiritantes e nebulosos, inspirar-lhe-ia os seus mais sublimes cantos — *O Navio Negreiro* e as *Vozes d'África*, ao mesmo tempo os mais heróicos e comovidos que se escreveram em nossa língua. Lendo-os, não se pode deixar de assentir ao que disse Alberto de Oliveira: «exceptas algumas estâncias camoneanas, não conheço em nossa língua outros versos tão vibrantes», nem ao que sentenciou José Veríssimo: Há aí «eloqüência da melhor espécie, sentimento, emoção, e sobretudo uma elevada idealização artística da situação do Continente maldito e das reivindicações que o nosso ideal humano lhe atribue. E, com essas qualidades, uma perfeição rara de forma».

A 7 de Setembro de 68 anunciou-se para a sessão magna do «Gimnásio Literário», a tragédia no mar: — *O Navio Negreiro*. A festa literária tomou logo o aspecto de reivindicação política, contra os conservadores escravocratas — êsse gabinete Itaborahy que se recusava a sequer aludir à questão do elemento servil, e comparava a Abolição à pedra que rolaria da montanha para esmagar o Brasil; pois bem, dissera Pedro II, «eu quero ser esmagado»... mas os

seus homens de Estado estavam preocupados com os próprios interesses partidários, que supunham os interesses do país — e foi numa assembleia trepidante de entusiasmo e exaltação liberal, que as estrofes de Castro Alves ecoaram, com sonoridade de epopeia e estremecimentos de comoção:

'Stamos em pleno mar... Doido no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após êle correm... cansam
Como turbas de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento,
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
Constelações do liquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano
Azúis, dourados, plácidos, sublimes
¿Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares
Como roçam na vaga as andorinhas.

Embevece-se com a majestade do quadro:

Em baixo — o mar... em cima — o firmamento
E no mar e no céu a imensidade!

E a doce harmonia que traz a brisa, o canto dos marujos que boia à tona das águas...

> Esperai!... esperai... deixai que eu beba
> Esta selvagem, livre poesia...
> Orquestra — é o mar, que ruge pela proa
> E o vento, que nas cordas assobia...

Pede as àsas e os olhos de águia dos albatrozes marinhos para ver êsses nautas que resvalam à flor das águas... São os Espanhóis, cujas «cantilenas, requebradas de languor, lembram as moças morenas, as andaluzas em flor!»; os de Itália, «Veneza dormente — terra de amor e traição, ou de Nápoles, que lembram «versos de Tasso, junto às lavas do vulcão!»;

> O Inglês — marinheiro frio,
> Que ao nascer no mar se achou,
> (Porque a Inglaterra é um navio
> Que Deus na Mancha ancorou).
> Rijo entoa pátrias glórias
> Lembrando orgulhoso histórias
> De Nelson e de Aboukir.
> O Francês — predestinado —
> Canta os louros do passado
> E os loureiros do porvir!
>
> Os marinheiros Helenos
> Que a vaga iónia criou,
> Belos piratas morenos
> Do mar que Ulisses cortou,

Homens que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
Nautas de tôdas as plagas
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu!...

Mas a vista desce mais, e alcança não estes, porêm um navio negreiro, que faz o tráfico de africanos para o Brasil... aí, nos porões infectos e apertados, tôda uma multidão se estorce de dor e de fome, de miséria e doença, entre látegos e açoites, estertores de moribundos, soluços de agonizantes e o tinir dos grilhões de ferro... E para que a nostalgia do país natal não lhe roube os que restam, para distraí-los ainda, a chicote, o comandante, ao som de uma música infernal, fá-los dançar:

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite
Legiões de homens negros como a noite
Horrendos a dançar.

....

E ri-se a orquestra irónica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doidas espirais.
Qual num sonho dantesco as sombras voam!
Gritos, ais, maldições, preces resoam!
E ri-se Satanás!

O poeta não pode mais à evocação sinistra dêsse horror e então apela para Deus, com a sublimidade de um profeta bíblico:

> Senhor Deus dos desgraçados!
> Dizei-me vós, Senhor Deus!
> Se é loucura... se é verdade
> Tanto horror perante os céus?!
> Ó mar, ¿porque não apagas
> Co'a esponja das tuas vagas
> De teu manto êste borrão?
> Astros! noites! tempestades
> Rolai das imensidades!
> Varrei os mares, tufão!
>
> ¿Quem são estes desgraçados
> Que não encontram em vós
> Mais que o rir calmo da turba
> Que excita a fúria do algoz?
> Quem são? Se a estrêla se cala
> Se a vaga opressa resvala
> Como um cúmplice fugaz
> Perante a noite confusa...
> Dize-o tu, severa Musa,
> Musa ubérrima, audaz!

São os filhos do deserto, guerreiros ousados, mulheres frágeis, crianças inocentes, que arrancados de suas florestas e seus oásis, se não morrem aos tormentos da sêde e da fome e dos açoites e das doenças, na longura das caravanas pelos areais, vêm ser atirados no porão infecto

e imundo, felizes se as penas se acabam, com «o baque de um corpo ao mar» :

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúmulo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer...
Prende-os a mesma corrente
Férrea, lúgubre serpente —
Nas rôscas da escravidão.
E assim zombando da morte
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoite... Irrisão!

Senhor Deus dos desgraçados
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, ¿porque não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto êste borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Se Deus não ouve a súplica, Castro Alves apela para os sentimentos generosos de sua terra, nos versos mais nobres, mais altos, mais comovidos que se escreveram no Brasil: êles estão gravados no coração de todos os brasileiros:

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e covardia!
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!

Meu Deus! meu Deus! ¿mas que bandeira é esta
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio, Musa... chora e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que da liberdade após a guerra
Foste hasteado dos heróis na lança —
Antes te houvessem rôto na batalha
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo,
O trilho que Colombo abriu nas vagas
Como um iris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga
Levantai-vos heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca êsse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

PROFETA DA LIBERDADE

Imaginai o efeito de poesia tão inspirada e persuasiva na alma da mocidade que o escutava, com embevecimentos de êxtase, com frémitos de paixão. Por isso Amadeu Amaral pôde dizer, com justiça, «êle foi o querido da mocidade e do povo, o mais amado, o mais fascinador, o mais compreendido dos nossos poetas», porque «não foi apenas um poeta, foi um apóstolo e um propagandista, um lutador»... Êle mesmo o dis-

sera, numa epígrafe a outros cantos — pouco lhe importava que louvassem ou apodassem versos seus; a poesia, embora o seu amor a ela, lhe fôra sempre um meio consagrado a uma santa causa: êle era apenas «¡um bravo soldado da redenção da humanidade!»

Com efeito, Castro Alves não foi sómente dos mais ardentes abolicionistas e daqueles cuja propaganda mais frutos produziu, foi dos primeiros que o Brasil ouviu: antes de Tavares Bastos e de Perdigão Malheiro, de Silveira da Mota e de Montezuma, de S. Vicente, de Pedro II, de Paranhos... êle foi desde 63, quando começara os seus poemas abolicionistas e, no Recife, fundava uma associação libertadora.

A gente que então governava o Brasil seria impermeável a essas ideas humanitárias, mas a mocidade das escolas ouvia-o e se comovia com êle, e as donzelas e rapazes das gerações subseqüentes, que leram e se arroubaram com os seus versos, constituiram as gerações que, vinte anos mais tarde, viriam a fazer a Abolição. Joaquim Serra, Ferreira de Menezes, Patrocínio, na imprensa, António Bento, João Clapp, José Mariano, nas ruas, Dantas, Nabuco, Rui Barbosa, no parlamento, a princesa Redentora e o Ministério Libertador, no govêrno, foram apenas colaboradores da obra de Castro Alves, a quem a posteridade chamou com justiça o «Poeta dos Escravos». A meio caminho, de sua morte e da

lei áurea, um dos libertadores, Ferreira Viana, exclamara aqui mesmo, nas festas comemorativas do seu decenário: «a lira emudeceu, mas os sons por ela vibrados ainda reboam cheios de vigor aos nossos ouvidos». Dissera Nabuco: «o seu maior título é o de ter pôsto seu talento ao serviço da causa da emancipação, da liberdade e da pátria». E Rui Barbosa: «escreveu o poema da nossa grande questão social e da profunda aspiração que a tem de resolver». «A sua influência foi enorme», diz ainda José Veríssimo, «as causas sociais e humanas as viu e entendeu e as cantou como poeta», «poeta nacional, se não mais, poeta social, humano, humanitário».

Abolicionista, antes de Rio Branco, isto é, da lei de 71, que previra:

> Senhor Deus! dá que a bôca da inocência
> Possa ao menos sorrir
> Como a flor da granada abrindo as pétalas
> Da alvorada ao surgir,

como previra, antes de Nabuco, a liberdade definitiva em 88:

> Moços, creiamos, ¡não tarda
> A aurora da redenção!

Daqui êle anunciava para a Baía: «Os meus *Escravos* estão quási prontos. ¿Sabes como acaba o poema? Devo a S. Paulo esta inspiração. Acaba

no alto da serra do Cubatão, ao romper da alvorada sôbre a América, emquanto a estrêla da manhã, lágrima de Deus pelos cativos, se apaga pouco a pouco no ocidente. É um canto do futuro. O canto da esperança. ¿E nós não devemos esperar? Sim, e muito, e sempre»... Êle previa, por êsse outro rapto profético, já acentuado por Alberto Faria, lembrando que a tragédia da escravidão em S. Paulo finda nos píncaros da Serra do Mar.

Foi Castro Alves republicano, antes de Saldanha Marinho e todos aqueles rebeldes, alguns depois arrependidos, do Manifesto de 70. Daqui mesmo, numa imagem das suas, êle comparou o povo brasileiro ao mítico Prometeu:

Povo! povo infeliz! Povo, mártir eterno
Tu és do cativeiro o Prometeu moderno...
Enlaça-te no poste a cadeia «das Leis».
O pescoço do abutre é o scetro dos maus reis
Para tais dimensões, p'ra músculos tão grandes
Era pequeno o Cáucaso... amarram-te nos Andes!

E, noutra formosa imagem, como as Oceânides consolavam o titão acorrentado, em face do mar e dos penhascos da barra de Santos, exclamava Castro Alves:

A musa do poeta irá — filha do mar —
O oceano de sua alma... em cantos derramar.

Mas não só profetizou a Abolição e a República, senão que previu estar a sorte da Monarquia no Brasil ligada à da escravidão, tanto a tolerava. Nas *Estrofes do Solitário*, escritas aqui em S. Paulo, exclamava:

> Basta de covardia! a hora soa...

O programa da Monarquia era contemporizar —«o país não estava preparado» para as reformas; ainda e sempre era preciso esperar. Castro Alves perguntava irónicamente:

> Quereis, como o satrapa arrogante,
> Que o porvir, n'ante-sala, espere o instante
> Em que o deixeis subir?

Esqueceriam o destino das dinastias ineptas, da sorte de Luís XVI, e o poeta clama:

> Desvario das frontes coroadas!
> Nas páginas das púrpuras rasgadas
> Ninguêm mais estudou!
> E, no sulco do tempo, embalde dorme
> A cabeça dos reis — semente enorme
> Que a multidão plantou!

Assim aconteceria, se a dinastia reagisse, e não capitulasse, abandonada pelos seus fiéis e infiéis, e não viesse a revolução de 89 achar apenas um povo de aderentes. Como quer que fôsse, previra Castro Alves que a questão servil daria com a Monarquia por terra.

Mas não fica aí, êsse dom divino da profecia, vate ou vidente que êle era. Quando a Europa assiste em 70, impassível, ao sacrifício da França...

Já que o amor transmudou-se em ódio acerbo
Que a eloqüência é o canhão, a bala — o verbo
O ideal — o horror!
E nos fastos do século os tiranos
Traçam com a ferradura dos ulanos
O ciclo do terror.

....

Já que é mentira a voz — de — Humanidade
Já que riscam da Bíblia a caridade
E d'alma o coração...
E a noite da descrença desce feia
E tropeçando em ossos cambaleia
Dos povos a razão

....

Filhos do Novo Mundo! ergamos nós um grito
Que abafe dos canhões o horrísono rugir
Em frente do oceano! em frente do infinito!
Em nome do progresso! em nome do porvir!

....

Não! clamemos bem alto à Europa, ao globo inteiro!
Gritemos liberdade — em face da opressão!
Ao tirano dizei — tu és um carniceiro!
És um crime de bronze — escreva-se ao canhão!

Falemos da justiça — em frente à mortandade!
Falemos do direito — ao gládio que reluz!
Se êles dizem — rancor — dizei — fraternidade!
Se erguem a meia lua, ergamos nós a cruz!

E os filhos do Novo Mundo, Americanos do — norte e do — sul, quási meio século depois o haviam de ouvir, para salvar a civilização que perigava nos campos da França invadida, e, só por isso

A herança de um suor vertido em dois mil anos
Há de intacto chegar às novas gerações...

¿Quereis ver até que ponto foi Castro Alves profeta? Êle prevê, pela disseminação das luzes, pacificamente, não uma Liga das Nações, mas ainda melhor, uma Nação Única, «a Grande Nação», para cujo ideal pacifista apela

Filhos do século das luzes!
Filhos da «Grande Nação»!
Quando ante Deus vos mostrardes
Tereis um livro na mão:
O livro — êsse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo...
Eolo de pensamento
Que abrira a gruta dos ventos
Donde a Igualdade voou...

Repitamos, pois, como o nosso Amadeu Amaral, «um lutador», «um propagandista», «um apóstolo» e acrescentemos, pois é de justiça, «um profeta».

CUIDADOS DE CORAÇÃO

Mas torñemos a Castro Alves, em S. Paulo. Disse-vos que o poeta aqui tinha frio, também no coração. Eugénia Câmara que lhe dera sempre cuidados no Recife, na Baía, dava-os maiores em S. Paulo: ou fôsse que as distracções intelectuais do poeta deixassem-na mais livre, ou que suas renovadas preocupações de arte, dela, tornada ao teatro, aqui, onde já não moravam sob o mesmo tecto, os ciúmes teriam bem razão de ser. Talvez que a cegueira do amante lhe desse menos habilidade na dissimulação; o facto era que Castro Alves conseguiu ver o que tôda a gente, que não era apaixonada como êle, estava cansada de ver. Eugénia, alêm de infiel, esquecia-o. Num recitativo, a *Meia hora de cinismo*, a comédia de costumes académicos tão aplaudida, de França Júnior, êle ainda confessava com humorismo — a ironia dos que sofrem:

> Se tu viesses... de meus lábios tristes
> Rompera o canto. . Que esperança inglória!
> Ela esqueceu o que jurar lhe vistes
> «Ó Paulicea», «ó Ponte Grande», «ó Glória»!. .

Mas ei-la que torna por fim

> Ba'em! Que vejo! Ei-la afinal comigo
> Foram-se as trevas... Fabricou-se a luz ..
> Nini! pequei... dá-me exemplar castigo!
> Sejam teus braços... do martírio a cruz!

Isso era em Junho; um mês mais tarde em Julho, entoa um *Hino ao sono*, dos seus poemas mais formosos, que, diz Constâncio Alves, honraria a qualquer antologia clássica, opinião que foi também a de Lúcio de Mendonça. Eugénia já não provocava a amorosa insónia do poeta, mas essa outra, dolorida, aflita e saudosa, para a qual êle invoca o sono, o divino bálsamo:

> Tu que fechaste as pétalas
> Do lírio que pendia
> Chorando a luz do dia
> E os raios do arrebol
> Também fecha-me as pálpebras...
> ¿Sem «Ela» o que é a vida?
> Eu sou a flor pendida
> Que espera a luz do sol.
>
> O leite das eufórbias
> P'ra mim não é veneno...
> Ouve-me ó Deus sereno!
> Ó Deus consolador!
> Com teu divino bálsamo
> Cala-me a ansiedade!
> Mata-me esta saudade
> Apaga-me esta dor.
>
> Mas quando, ao brilho rútilo
> Do dia deslumbrante
> Vires a minha amante
> Que volve para mim,
> Então ergue-me súbito...
> É minha aurora linda...
> Meu anjo... mais ainda...
> É minha amante emfim!

A reconciliação viria, nestes «estremecimentos» do amor, como nas lâmpadas que se vão apagar, e que sobem na chama fugaz, dando a ilusão que crescem e continuam: Castro Alves escreve em Agôsto outra de suas mais formosas poesias, na qual descreve o mesmo amor com uma impudência magnífica. Eu vos asseguro, que nem Ovídio ousou outro tanto. O amante deve partir, mas não pode acabar consigo, que não fique:

Boa noite, Maria! Eu vou-me embora,
A lua nas janelas bate em cheio,
Boa noite, Maria! É tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa noite! E tu dizes — Boa noite,
Mas não digas assim, por entre beijos...
Mas não m'o digas descobrindo o peito,
— Mar de amor onde vogam meus desejos.

A frouxa luz da alabastrina lâmpada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doido afago de meus lábios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos,
Treme tua alma, como a lira ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
¡Que escalas de suspiros, beijo atento!

Ai! Canta a cavatina do delírio
Ri, suspira, soluça, anseia e chora...
Marion! Marion!... É noite ainda,
¿Que importa os raios de uma nova aurora?

Como um negro e sombrio firmamento
Sôbre mim desenrola o teu cabelo
E deixa-me dormir balbuciando:
— Boa noite! — formosa Consuelo!

Nos seus formosos *Tercetos*, Olavo Bilac viria a imitar essa *Boa-Noite*. «É noite ainda em teu cabelo preto!» diz um. «Ela abria-me os braços e eu ficava», repete o outro. O que Bilac não imitou, a-pesar-de sensual, foi essa «cavatina do delírio»,

Ri, suspira, soluça, anseia e chora

porque a poesia de Castro Alves, essa foi sentida e vivida, antes de escrita e imortalizada.

VIDA DE ESTUDOS

Apesar das máguas de amor, a vida continuava a correr. À Faculdade, Castro Alves pouco ia ou raramente, conquanto Carlos Ferreira, um seu companheiro de casa, com José Felizardo Júnior, quando moravam à rua do Riachuelo, seja terminativo; «nunca ia à aula e também quási nunca saía de casa», lendo, prosando, ou escrevendo. Iria uma vez ou outra, para acto de presença, porque, se não, perderia o ano, como esteve quási ao perder. Contou-me o conselheiro Rodrigues Alves, seu condiscípulo — numa geração que deu dos maiores nomes ao Brasil, como Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, Afonso

Pena e Bias Fortes, Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes, Didimo da Veiga e Júlio Maria, Sancho Pimentel e Brasílio Machado, tantos e tantos outros... — contou-me seu colega Rodrigues Alves uma anedota que contrasta com outro depoimento, de Barros Pimentel. A êste pareceu sempre Castro Alves um desatento a tudo que não fôsse poesia: lembra-se bem que de uma ocasião, em aula, em vez de atender ao lente, ocupava-se em rimar as formosas estrofes do *Laço de fita;* em lugar das Ordenações era sua cogitação a formosa Pepita.

O ex-presidente fez-me diversa confidência. Num dia de sabatina dêle se aproximara o poeta, rogando-lhe a exposição do ponto, pois receava ser chamado e não tivera tempo de o estudar. Ouvira-o com atenção, fizera duas ou três observações, para se confirmar: ao cabo, pedira-lhe que se assentasse ao lado, para acudir-lhe em qualquer vacilação. Assim foi; chamado, Castro Alves respondeu a quási tôdas as perguntas, com acêrto, explanando com brilho o que à inteligência era permitido deduzir; em um ou outro tópico duvidoso, socorrera-o discretamente, não sem ser percebido, entretanto, pelo professor. Foi então, êle Rodrigues Alves, chamado á lição, «o senhor que estivera a querer ensinar quem bem lhe dispensava os auxílios», e, a êste comêço, vacilára atónita e embaraçada a sua estudada sciência. Resultado, dizia-me bondosa-

mente o ex-presidente, evocando esta scena de quarenta anos antes: — o poeta, nota boa; apenas sofrível o seu modesto professor de alguns minutos, bem aproveitados.

Êsse Rodrigues Alves é aquele de quem Nabuco disse que não lograra tirar os primeiros prémios do *Pedro II*, porque nunca lho consentira o seu colega. É dêle o depoimento do que podia Castro Alves. Apenas, se podia fazer *As Vozes d'África* ou *Ahasverus e o Génio,* certo não perderia o tempo estudando o direito. Tantas faltas havia de dar, que não se pôde matricular para os actos finais, senão mediante dispensa especial, aliás bem informada pelos seus professores.

A REPRESENTAÇÃO DO «GONZAGA»

Antes disto porém, queria levar à scena o *Gonzaga* e agora com Joaquim Augusto, o primeiro actor brasileiro. Pleiteou junto dèle essa representação porque a da Baía não contava: fôra uma «caricatura», que lhe dera «ímpetos de atirar ao fogo (o drama), como as mães da China o fazem aos filhos monstruosos». A razão da insistência era: «o meu trabalho precisa de uma plateia ilustrada. Precisa talvez mesmo de uma plateia académica. O lirismo, o patriotismo, a linguagem, creio que serão bem recebidos por corações de vinte anos, porque o *Gonzaga* é feito

para a mocidade. Mesmo talvez êste desnortear-me do trilho e estilo seguidos lhe seja um mérito perante tal público».

E foi; a mocidade de S. Paulo teve um estremeção de patriotismo e de esperança, ouvindo um vate que era como o profeta da liberdade, tanto dos cativos como dos homens fôrros, súditos porêm de uma coroa, núncio da inteira liberdade da Pátria, com a Abolição e a República.

O espectaculo foi a 25 de Outubro; a 27 *O Ypíranga* dizia: «Recebido pelos espectadores com tôdas as honras do triunfo, já apresentado com elogios por grande parte da imprensa do Império... O que puderamos dizer já todos sabem e já o nosso público sancionou na prova solene da exibição scénica... O 3.º acto, o mais belo e perfeito acorda o coração do espectador e acende-lhe na cabeça ideas fortes e varonis. Os adeuses dos conjurados a Gonzaga constituem uma scena das mais tocantes que temos assistido em teatro. Tôdas aquelas figuras parece que falam de um pedestal: por ventura as esboçou assim o autor, teve na alma as harmonias da *Marselheza* e viu passar-lhe pelos olhos, em caminho do cadafalso, os vultos dos Girondinos, saudando a posteridade... Em conclusão, o melhor elogio que possamos fazer do drama do sr. Castro Alves é que não pudera ser obra senão de uma alma livre e não ser feita senão para um

povo de homens». Dissera Castro Alves ter feito o *Gonzaga* para a mocidade: Nabuco havia de chamar-lhe, ao autor, «o poeta republicano do *Gonzaga*».

MOCIDADE DE OUTRORA E DE HOJE

Quem leia nos livros e jornais dêsse tempo a efervescência social de uma tal mocidade, directa e insistentemente imiscuída nos negócios públicos, agitando ideas e promovendo realizações, não pode, insensivelmente deixar de pensar na geração moderna, apática e indiferente, dizem alguns que apenas egoísta e utilitária. Porquê? ¿Terá o Brasil mudado, e para pior?

Os pessimistas verberam logo censuras e ironias. Não; defendamos a nossa gente; a alma do Brasil não mudou: mudaram apenas, e é a razão da diferença, os nossos costumes políticos.

Tínhamos um regímen parlamentar, um soberano que reinava mas não governava, e um govêrno que o parlamento dirigia, representando o povo. Nesse regímen, as câmaras não são feitas para fazer leis, senão principalmente para esclarecerem a opinião pública, pelo debate. Na Inglaterra, onde êle existe em sua maior perfeição, debatido um assunto no Parlamento, feita a opinião, decide o govêrno, após essa deliberação tácita e prévia: é portanto o povo, pelos seus representantes, quem governa.

Mas, no Brasil, a nossa índole latina e discursadora esqueceu a finalidade do regímen e exauria-se em discussões sem resolver nada: as mais urgentes reformas eram adiadas lustros e décadas, para um passo... Reclamava a rua; a imprensa exigia; a mocidade, mais impetuosa, vinha a campo, para se obter umas minguadas concessões: o parlamento, êsse discursava. Castro Alves se insurge e ameaça:

> Homens! Esta lufada que rebenta
> É o furor da mais lúgubre tormenta
> — Ruge a revolução.
>
> E vós cruzais os braços... Cobardia!
> E murmurais com fera hipocrisia
> É preciso esperar...
> Esperar mas o quê? Que a populaça
> Este vento que tronos despedaça
> Venha abismos cavar?

De tanta procrastinação, quando emfim os negros tomavam a liberdade, fugindo nos cerros de S. Paulo e nas ruas das capitais era a autoridade incapaz de proteger a propriedade escrava contra os abolicionistas, que acoitavam os fugitivos, a Coroa fêz o Parlamento capitular. Já era tarde e essa reforma foi apenas precursora da reforma do regímen, dado por incapaz de satisfazer as nossas aspirações de progresso.

Tal era a fome e sêde de reformas que o govêrno provisório da República fêz, em pouco alêm de

ano, legislações mais transcendentais que sessenta anos de Monarquia. Na faina de evitar os erros do antigo regímen, adoptámos um outro, que tem os vícios opostos do primeiro. O povo não elege mais, os seus representantes lhe são impostos oficialmente, êsses mesmos «eleitos» nem sempre são «reconhecidos» se lhes mudou o favor oficial; reunidos, nada podem, sem iniciativa, e apenas a más horas, fazem a lei de meios que o govêrno exige: êste é que é todo poderoso: — um presidente de república neste regímen é um régulo absoluto, por quatro anos. Como os homens são vaidosos e vivem à procura de «ligar o nome a alguma obra ou reforma», tôdas as ideas e sugestões, tenham ou não cabimento, são com pouco transformadas em leis, sem discussão, sem exame, à revelia do povo. Por isso, nada tendo a desejar, nessa legiferação intensiva, sem ideas e causas a discutir, distrai-se a gente em blandícias ou difamações pessoais, rindo-se dos candidatos à causa pública.

Na Monarquia ansiava-se anos e anos por uma reforma indispensável; na República nos fartam de reformas tão dispensáveis que, de quatro em quatro anos, são reformadas. A mocidade de Castro Alves, se fôra de hoje, assistiria como a nossa, indiferente a êsses improvisos do poder, que nos tiram o desejo, e até a vontade de protestar, pensando irónicamente que não durará muito, ainda o pior govêrno, porque o que fizer,

bem ou mal feito, será desfeito e refeito. O Brasil, êsse irá, apesar disso, cada vez mais forte e próspero, a despeito das crises que nos promovem os governos: felizmente, aos povos adultos, cada vez êsses govêrnos valem menos, e a bela árvore há de vingar, embora o mau jardineiro. Castro Alves hoje cantaria epopeias passadas ou previsões futuras, sem deixar de ser o mesmo ânimo generoso e valente, de tantos seus irmãos que há por aí, capazes de bem servirem amorosamente ao Brasil.

MAL DE AMOR E DE MORTE

Depois da apoteose do *Gonzaga*, ¿que mais podia Castro Alves ambicionar? Entretanto, não era feliz. As crises amorosas de ciúme e reconciliação, que vinham de Junho, chegaram graves a Setembro; contudo, em Outubro ainda Eugénia representava o papel de Maria no *Gonzaga*. Pronunciaram-se, depois. Nesses períodos, o estro do poeta ficava estagnado; quando muito traduzia algumas poesias desalentadas. Quando veio a ruptura, não lia e não escrevia; fumava, passeava e saía à caça, sem disparar sequer, como que para estar só e erradio com os seus cuidados. Foi assim que de uma feita, contou o seu colega e amigo Brasílio Machado... fôra passar um dia no arrabalde do Brás e à tarde tomara a espingarda e saíra ao

campo. Ao transpor uma vala, com o salto, a arma voltada para baixo dispara, empregando-se tôda a carga de chumbo no calcanhar do pé esquerdo. Pôde arrastar-se até a casa, e o seu amigo e correspondente, o médico baiano dr. Lopes dos Anjos, conduziu-o então para a cidade, à rua do Imperador, «junto ao actual número 33». Essa casa desapareceu e serviu a ampliação do largo da Sé.

Começou o Calvário do poeta. O mal se agravou, sem esperanças de resolução, acordando antigos padecimentos pulmonares, êsses impressionantes. As crises de desânimo e desesperação foram dolorosas. Eugénia o abandorara; não lhe faltou porêm nunca o carinho e a solicitude dos amigos, que felizmente velaram por êle. Até o presidente da província, o dr. Cândido Borges Monteiro, barão de Itaúna, afamado cirurgião, trouxeram à consulta. «A cada dor que me lacerava, tinha uma mão de amigo para apertar». Foram, principalmente, Aureliano Coutinho, Carlos Ferreira, José Felizardo, Américo de Campos, Ferreira de Menezes, Campos Carvalho, Lopes dos Anjos, seu constante assistente, Francisco de Paula Rodrigues, êsse que foi depois arcediago sem nunca deixar de ser o querido «padre Chico»... foram os angélicos amigos de Castro Alves.

Resolveu-se, finalmente a partir, para a terra natal, após seis meses de martírio «seis meses,

diz êle ainda, vividos na comunhão mais santa... em que a minha cabeça desfalecida encontrava sempre um bom coração para repousar». A 19 de Maio de 69, noticiava *O Ypiranga:* Castro Alves parte hoje para a côrte, a conselho de seus médicos. «Vai, condor ferido. Mais alto do que tens voado, dominarás ainda as alturas dêste hemisfério». De Santos, no dia imediato, despede-se, pelo mesmo jornal, dos amigos de quem pessoalmente não o pudera fazer. Os mais chegados trazem-no a bordo; um dêles, Rubino de Oliveira, acompanha-o até o Rio. Do Rio para a Baía no fim dêste ano, da Baía para o sertão, para tornar à capital, onde, a 6 de Julho de 1871 descansava para sempre, faz agora cinqùenta anos...

SAUDADES DE S. PAULO

S. Paulo, essas terras do sul, foram para Castro Alves, diz êle, «como o moço Rafael, subindo as escadas do Vaticano», em busca da glória. Deu-lha S. Paulo: aqui teve tôdas as aclamações da mocidade e da imprensa que pudera desejar; aqui escreveu dos mais formosos de seus versos, — hinos e odes épicas, revolucionárias e libertadoras, como a *Mãe do Cativo*, *Prometeu*, o *Navio Negreiro*, as *Vozes d'África*, — mimos de incomparável lirismo, meigo, apaixonado e até filosófico como a

Adormecida, o *Hino ao sono*, o *Laço de fita*, a *Boa Noite*, *Ahasverus* e o *Génio*...

Foi pensando nos amigos que aqui deixara, que reuniu seus versos, num livro: «¡Recordei-me de vós, ó meus amigos! E tive pena de lembrar que em breve nada restaria do peregrino na terra hospitaleira, onde vagara, nem sequer a lembrança desta alma, que convosco e por vós vivera e sentira, gemera e cantara». Da amurada do navio no qual se alongava dessas terras do sul, via êle após si um rasto de espumas: «Uma esteira de espumas...— flores perdidas na vasta indiferença do oceano. Um punhado de versos — espumas flutuantes no dorso fero da vida...» São como os seus versos, essas espumas que reflectem às vezes o íris, como «o prisma fantástico da ventura e do entusiasmo — estes signos brilhantes da aliança de Deus com a juventude. Mas, como as espumas flutuantes levam, boiando, nas solidões marinhas a lágrima saudosa do marujo... possam êles, ó meus amigos — efémeros filhos de minh'alma — levar uma lembrança de mim às vossas plagas».

E publicou, êsse livro de génio, — o mais lido dos livros brasileiros, as *Espumas Flutuantes*, — mas não se esqueceu de declarar ao autor a sua qualidade, que era como que o seu orgulho: «Castro Alves, estudante do quarto ano da Faculdade de Direito de S. Paulo»...

¿Podia êle esquecer S. Paulo? Aqui fôra amado

e admirado; aqui amara e sofrera; daqui havia de lembrar-se sempre, com uma íntima e dolorida saudade em versos que se não lêem hoje sem uma íntima comoção, pois que definem S. Paulo e evocam saudosamente Castro Alves:

> Tenho saudades... ai! de ti S. Paulo
> — Rosa de Espanha no hibernal Friul —
> Quando o estudante e a serenata acordam
> As belas filhas do país do sul.
>
> Das várzeas longas, das manhãs brumosas
> Noites de névoa ao rugitar do «sul»
> Quando eu sonhava nos morenos seios
> Das belas filhas do país do sul.

E tinham razão estas saudades: se a Baía lhe fôra o berço, ¡lhe dera a glória S. Paulo!

Paixão e Glória de Castro Alves [1]

No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...

CASTRO ALVES.

Tu deixarás na liça o férreo guante
Que há de colhêr a geração futura.

CASTRO ALVES.

Só o que é humano interessa ao homem. Directamente, quási sempre, indirectamente no que parece escapar a esta regra.

No domínio do sentimento ela não tem excepção. Por isso, a nossa inteligência é vã, quando imagina, e o sonho ou a ficção não comove e não se grava na alma, se em vez da humanidade sensível, se não sentida, deu-nos o artista criação maravilhosa do seu engenho. As cem páginas de *Manon Lescaut*, *Werther*, ou *Adolfo*, sobreviverão às bibliotecas com que o romantismo alastrou pela terra o seu delírio de imaginação, fantasiado e, por isso, efémero.

É a razão por que aos romances e fábulas dos grandes homens prefere-se o romance ou a fábula que foi e é a vida de um grande homem,

---

(1) Conferência realizada em 6 de Novembro de 1917, na Biblioteca Nacional.

que se lê ou se adivinha com maior curiosidade de que os outros que êle escreveu. Não que seja mais verdadeiro, mas será por certo mais verosímil. Tôda a gente tem o seu romance, pois que o romance é apenas uma história de amor, e amar é sina do mundo. Raramente a história interessará, se as personagens não forem interessantes: por isso a grande dificuldade do ofício literário está menos em contar a anedota, do que em apresentar e inspirar simpatia humana aos heróis das novelas. Ora, mais fácil será invocar o herói vivido, e que já nos interessa à memória pela sua inteligência, sua bondade, seus feitos, com o que conquistou o direito de se nos impor como exemplar humano, digno de ser admirado. É a razão pela qual as obras de fantasia vão rareando, e as indiscrições sôbre a vida íntima dos grandes homens são os romances hoje em dia mais lidos. ¿Que nos importam os cem volumes de George Sand? Com êles conquistou apenas a glória de ser uma personagem no vasto romance do mundo real; o episódio de sua vida nos comove mais do que os milhares de palavras vãs que escreveu com êsse destino. Não é impiedade malsã a de revolver cinzas, flores murchas, cartas amarelecidas pelo tempo, recompor com o testemunho, a lembrança, as conjecturas, as adivinhações, essas novelas do passado, porque, não só êles nos encantam como os melhores livros, mas nos dizem menos

imperfeitamente de um homem ou um autor do que as apologias, as críticas, os juízos tontos e parciais dos contemporâneos ou sobreviventes. A obra de um sábio será melhor conhecida na história da sua inteligência; a de um estadista na do seu carácter; a de um poeta na do seu coração. A de Castro Alves tem a mais linda história. Propus-me a vo-la recordar, porque ela explica a sua glória. Procurarei fazê-lo com palavras dêle: ao menos êsses versos queridos que lembraremos juntos, essa peregrinação sentimental que vamos fazer através da sua obra, me alcançarão a vossa indulgência e darão por bem paga a vossa fadiga.

INICIAÇÃO SENTIMENTAL

Data de 1863, tinha apenas 16 anos, a iniciação amorosa.

E' bem o primeiro amor, tímido, recolhido, que se desabafa nas estrofes do *Meu segrêdo*. O poeta diz que tem um, guarda-o dentro d'alma, receoso do escárnio do mundo. E' a Senhora D..., que vira talvez num baile, a dona dêsse amor:

> Criei-o numa noite não dormida,
> Após vê-la, entre tôdas, a rainha.
> ....
> ¿A imagem que eu seguia? E' meu segrêdo!
> Seu nome? Não o digo... tenho mêdo.

Entretanto, prefigura o poeta:

Que loucura! Aos teus lânguidos olhares,
Beber, louco de amor, seiva de vida...

Sorver perfume em teus cabelos negros,
Sentir a alma de si mesmo esquecida...

E de gôzo de amar, louco, sedento,
¡Viver a eternidade num momento!

....

Que ventura! Fitar-te os negros olhos
Desmaiados de amor e de quebranto...
E reclinada a fronte no teu seio,
Sentir lânguido arfar em doce enleio...

Mas êsses sonhos são loucura... o amante continuará a amar em silêncio; nunca a amada ouvirá sequer uma palavra de amor e menos desmaiará algum dia nos seus braços... Embora por ela viva e tresnoite scismando em suas graças... nada ousará, se treme só «ao roçar do seu vestido».

¿Quem foi essa mulher? Ninguêm o sabe. Xavier Marques acredita que já seja Eugénia Câmara, que no ano de 1863 estreara no Recife, com grande sucesso. A poesia vem datada da Baía, de Junho dêsse ano, quando aí não estava Castro Alves.

Será errada a data ou o lugar. ¿Seria cómica, aplaudida de longe, ou dama da sociedade, essa

dona da trança negra e dos olhos negros? Seja quem fôr, foi nêles, febril e delirante, que o poeta

> Bebeu de amor a inspiração primeira,
> Mas de um desengano teve mêdo,
> ¡E guardou dentro d'alma o seu segrêdo!

A quem falta essa coragem e tem ansioso o coração depara o mundo o amor fácil e, nem por isso, às vezes, menos doloroso. Parece encontrou Castro Alves um dêsses, pois em 64, nos versos imortais da sua ***Dalila***, chora tôdas as lágrimas da paixão traída e vilipendiada. Era uma hetaira.

> ....Em noite nevoenta,
> Ela passou sòsinha, macilenta,
> Tremendo a soluçar...
>
> ... .
>
> E eu disse-lhe: — Tens frio? — arde minha alma
> — ¿ Tens os pés a sangrar? — podes em calma
> Dormir no peito meu.
>
> ....
>
> E amamos... Êste amor foi um delírio...
> Foi ela minha crença, foi meu lírio...
> Minha estrêla sem véu...
> Seu nome era o meu canto de poesia.
> Que com o sol — pena de ouro — eu escrevia
> Nas lâminas do céu.

Durou pouco, como é sorte dêsses amores, e o poeta tem, no desengano, aquele mesmo de-

sespêro exagerado que Tolstói atribue às decepções do prazer físico, no início dos primeiros amores...

Mas um dia acordei... E mal desperto
Olhei em tôrno a mim... Tudo deserto,
Deserto o coração...

Ao vento que gemia pelas franças
Por ela perguntei... de suas tranças
À flor que ela deixou...
Debalde... Seu lugar era vazio...
E meu lábio queimado e o peito frio,
Foi ela que o queimou...

Minh'alma nodoou no ósculo imundo
Bem como Satanás — beijando o mundo —
Manchou a criação;
Simoun — crestou-me de esperança as flores.
Tormenta — ela afogou nos seus negrores
A luz da inspiração...

Ameaça-a com o bordel, em que terminam as hetairas de luxo, e com a mortalha, que recebe também os que viveram nas orgias... Depois, em gesto de clemente generosidade, de quem a si próprio atribue as meias-culpas do amor:

Não te maldigo, não!... Em vasto campo,
Julguei-te — estrêla — e eras — pirilampo
Em meio à cerração...
Prometeu — quis dar luz à fria argila...
Não pude... Pede a Deus, louca Dalila,
A luz da redenção!!...

Quem foi esta? Também não o sabe ninguêm, o que não importa suponham ser ainda Eugénia Câmara. Segundo esta e a outra suposição, o poeta teria em 63 mêdo de lhe confiar o seu segrêdo, como a vestal cujo recato reconhecia; um ano depois, já amado e desenganado, amaldiçoava a rameira que lhe manchara o coração. Dessa interpretação não há prova. São sentidos, vívidos, os acentos da poesia, mas nada diz de tal infiuição pessoal. Era então Eugénia Câmara artista festejada, que o amor de um estudante de 17 anos — ¡que não se revelara ainda Castro Alves! — não devia exalçar, proteger e menos talvez contentar. Dera-lhe a actriz, apenas, as comparações com as personagens que vivia no palco e eram na ocasião aplaudidas por todo o país: a Leonora de *Dalila*, de Octave Feuillet, a Marcô das *Mulheres de Mármore*, de Barrière e Thiboust, réplicas à *Dama das Camélias* de Alexandre Dumas Filho, e que negavam, contra êste, a redenção das hetairas. A de Castro Alves seria uma dessas, nada provando que fôsse a comediante que as representava por êsse tempo, percorrendo triunfalmente, de sul a norte, o Brasil. Amigo do Poeta o Dez. J. J. de Palma crê que se trata antes de uma impressão de teatro: É a opinião que adopto. Na poesia há alusões claras a situações do drama: Rafael, o moço escultor, quando se desenlaça da feiticeira que o empobreceu e degradou, não tem mais

génio nem sensibilidade. O «lábio queimado», o «peito frio», crestadas «as flores da esperança», «afogada a luz da inspiração», nada mais lhe resta, senão morrer.

A não ser, tudo é possível..., que Eugénia Câmara que lhe désse desejos e esperanças não correspondidas ou continuadas, com a partida para as suas excursões artísticas, de onde o abandôno ou a traição, na mente inflamada do adolescente.

Como quer que tenha sido, ganhara o poeta experiência e, amando, abreviara a idade dos amores. Tímido em 63, desesperado na primeira decepção em 64, vamos achá-lo em 65, nos seus 18 anos, na paz bucólica de um idílio, em que o amor de jovem e formosa mulher não lhe impede realizar tambêm, o coração satisfeito, as suas ambições de poesia e de glória. Regueira Costa narrou a Alfredo de Carvalho (1) o comêço dessa amizade depois de uma noite de triunfo do poeta, dos seus primeiros triunfos públicos, com a recitação de *O Século*, no salão de honra da Faculdade de Direito, em 19 de Agôsto de 65. «Residia então Castro Alves na rua do Lima, em Santo Amaro, e aí o fui encontrar no *doce convívio de sua encantadora Idalina,* a preparar o poema d'*Os Escravos*». «Nessa vivenda, conti-

(1) Alfredo de Carvalho — *Estudos Pernambucanos* — Recife — 1907, pag. 261-7.

nua Regueira Costa, alêm de mim e de Fagundes Varela, poucos o freqùentavam, não porque se esquivassem de se aproximar do laureado poeta, mas pelo retraìmento em que êste vivia, obedecendo à influência natural do seu temperamento». O próprio Castro Alves melhor exprime a razão dêsse retiro

O poeta trabalha! A fronte pálida
Guarda talvez fatídica tristeza...
Que importa? A inspiração lhe acende o verso,
¡Tendo por musa — o amor e a natureza!

O amor era essa Idalina, cujo nome não escreve, (poderia acaso escrevê-lo?), a quem chama Julieta, Adalgiza, *Ela*, emfim, nessa formosa poesia que viria a escrever mais tarde, em 70, e em lugar distante, no Curralinho, com a saudade do coração, que não esquece, lembrando por epígrafe aqueles outros versos de Fagundes Varela, o qual conhecera a musa encantadora da casinha de Santo Amaro:

Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando estes versos pálidos compús.

D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, a dilecta irmã do poeta, m'o testifica. «Em Pernambuco, diz-me ela, ligou-se a uma moça, chamada Idalina. Amores ligeiros, passados em uma casinha pitoresca, fora da cidade. São as *Aves*

de Arribação uma reminiscência dêsse episódio amoroso.» Entretanto, a obsessão de Eugénia Câmara, fêz acreditar a mais de um biógrafo que ainda essa poesia lhe era devida como inspiração.

Foi uma doce aventura, destinada a durar pouco, amores de aves de arribação, que encheriam essas férias de 65 e com elas se acabariam na primavera próxima, chamados aos deveres abandonados. É um quadro delicioso que êle descreve:

Era o tempo em que as ágeis andorinhas
Consultam-se na beira dos telhados,
E inquietas conversam, perscrutando
Os pardos horizontes carregados...

Em que as rôlas e os verdes periquitos
Do fundo do sertão descem cantando ..
Em que a tribu das aves peregrinas,
¡ Os *Zíngaros* do Céu formam-se em bando!

Viajar! viajar! A brisa morna
Traz de outro clima os cheiros provocantes
A primavera desafia as ásas,
¡Voam os passarinhos e os amantes!

Foi assim, que

Um dia *Êles* chegaram. Sôbre a estrada
Abriram-se à tardinha as persianas;
E mais festiva a habitação sorria
Sob os festões de trémulas lianas.

Quem eram? Donde vinham?...— Pouco importa
Quem fôssem da casinha os habitantes.
— São noivos: — as mulheres murmuravam!
E os pássaros diziam: — são amantes!

Ela era risonha, tinha os olhos brandos, os cabelos ondados faziam inveja às «lianas» e, como eram moços, o idílio cantava noite e dia: é o poeta, indiscreto, como todos os amorosos, quem o diz:

E a casa branca à beira do caminho
Era o asilo do amor e da poesia.

Quando a noite enrolava os descampados,
O monte, a selva, a choça do serrano,
Ouviam-se, alongando a paz dos ermos,
Os doces sons, plangentes, de um piano.

Depois, suave, plena, harmoniosa,
Uma voz de mulher se alevantava...
E o pássaro inclinava-se das ramas
E a estrêla do infinito se inclinava.

Quando não cantavam, não riam, não se amavam na casinha, saíam juntinhos às tardes, para vê-las morrer e buscarem ao amor uma melancolia. Aos felizes vai bem, por contraste, uma pontinha de tristeza:

Ó crepúsculos mortos! Voz dos ermos!
Montes azúis! Sussurros da floresta!
Quando mais vós tereis tantos afectos,
¿Vicejando convosco em vossa festa?...

E o sol poente inda lançava um raio
Do *caçador* na longa carabina...
E sôbre a fronte d'*Ela* por diadema
Nascia ao longe a estrêla vispertina.

À noite, emquanto ela dormia, velava o poeta... e nessas vigílias começou Castro Alves a compor o poema d'*Os Escravos*, que foi a sua maior aspiração e a sua glória, de apóstolo da libertação de uma raça inteira de oprimidos.

Hoje a casinha já não abre à tarde
Sôbre as estradas as alegres persianas.
Os ninhos desabaram... no abandôno
Murcharam-se as grinal as de lianas.

¿Que é feito do viver daqueles tempos?
¿Onde estão da casinha os habitantes?
A Primavera que arrebata as ásas...
Levou-lhe os passarinhos e os amantes.

Ficou apenas a saudade e a recordação nesses versos, dos mais formosos que Castro Alves escreveu. Por mim, não me esquece também essa encantadora Idalina, que deu ao poeta a serena felicidade para realizar a sua obra e cuja suave lembrança é tão vivaz que lhe inspira, ainda depois do tumulto de outros amores, êsses versos deliciosos que nos dão por ela uma doce ternura comovida.

O GRANDE AMOR

Em 66 é que colocarei o facto culminante da vida amorosa de Castro Alves: a sua paixão por Eugénia Infante da Câmara, a artista portuguesa que percorria o Brasil desde 58, que êle conheceu, e talvez aplaudisse de antes, se apenas isso, aí mesmo no Recife (1). Tenho as minhas razões. Por elas discordo de Múcio Teixeira que, embora sem ousar nomeá-la, descreve scena de fascinação do poeta pela «Dama Negra», como lhe chama, tomando o apelido a Castro Alves (no *Gondoleiro do Amor* e outras poesias), acon-

(1) Nestes assuntos, convêm deixar sempre lugar à dúvida. É ocasião de lembrar aquela pergunta da marquesa de Lassay a seu marido, muito afirmativo num caso dêstes: —«¿Comment faites vous pour être sûr de ces choses-là?»

Na familia de Castro Alves havia, desde 64, receios de Eugénia, cujo retrato fôra achado na bagagem do moço, vindo de Pernambuco, em Setembro, o que até o fêz perder o ano.

O pai do poeta (falecido em comêço de 66) temia por êsse tempo que viesse a se descurar dos estudos, com tais entusiasmos. É possível que esta última palavra seja um eufemismo...

E então, as relações iniciadas em 63 ou 64, interrompidas pela partida da actriz em fim dêsse ano, ou do outro, ditaria a *Dalila* em 64, a visita à família e à terra natal, para se consolar ou esquecer. Em 66 haveria então a *reprise* ou a ligação definitiva. Conjecturas. A-posar-de minha opinião, não me apego a ela, para não incorrer na ironia de M.me de Lassay.

tecida em 62, teria 15 anos, na cidade da Baía. Transfere Xavier Marques a scena do *coup de foudre* para o ano imediato, pois nesse de 62 nem Castro Alves nem Eugénia estavam na Baía, e transfere-a para o Recife, onde estreia em 63 a Companhia Dramática do actor Furtado Coelho, da qual era «estrêla» aquela actriz. Xavier não aduz provas nesse sentido, a não serem as alusões do *Meu Segrêdo*, da *Dalila* e até reminiscência das *Aves de Arribação,* que nada dizem sôbre o caso e até se dirigem, duas pelo menos, a outras pessoas. Tenho razões, repito, e essas positivas, para colocar em 66 a paixão de Castro Alves por Eugénia Câmara.

A primeira é esta: Eugénia, que estreara em Lisboa, em 52, no Gimnásio, «onde fêz bela carreira», diz Sousa Bastos (1), veio ao Brasil em 58, ao Rio de Janeiro, «onde agradou muito, não só aqui como em todos os teatros do Império», que percorreu. Com efeito, encontram-se traços de sua passagem em Santos (1860), em S. Paulo (61), em Santa Catarina nesse mesmo ano, no Recife, finalmente, em 63. Aí, sempre com a sua companhia e o seu repertório, produz grande sucesso, mas não se detêm : no fim dêste ano está no Pará, onde começa o de 64, chegando em

---

(1) SOUSA BASTOS — *Carteira do artista* — Lisboa, 1898 : artigo «Eugénia Infante da Câmara», dia 9 de Abril de 1837, pág. 140.

Março ao Ceará. Eugénia Câmara, autora de um livro de versos, *Esboços poéticos*, publicados em Portugal, faz dêles uma segunda edição sob o título *Segredos d'alma*, impressos na Fortaleza, em 64 (1). Nesse volume publica também várias poesias a ela dedicadas «durante as suas viagens no Império do Brasil». Aí estão versos de Augusto Emílio Zaluar, de Fagundes Varela, de Vitoriano Palhares e outros menos conhecidos, de Santos, de S. Paulo, do Recife, do Pará. Nada de Castro Alves. ¿Seria possível fôsse o poeta discreto com a mulher de sua adoração, não lhe manifestando o entusiasmo, que outros não encobriam, e êle mesmo, mais tarde, viria a proclamar, de público, em 66?

Também não creio que se Castro Alves houvesse feito versos a Eugénia, não os publicasse ela, entre e com os outros. Não é crível que se a *cristalização*, para falar como Stendhal, se tivesse já operado nesse tempo, fôsse o poeta re-

---

(1) *Segrêdos d'alma* — Poesias da actriz Eugénia Infante da Câmara. Nova edição seguida de uma colecção de várias poesias dedicadas à mesma actriz durante as suas viagens no Império do Brasil. Fortaleza, Tipografia Constitucional — 1864 — in-18, pequeno. Contêm poesias de A. E. Zaluar, Fagundes Varela e outras, datadas de Santos, S. Paulo, Santa Catarina, em 60 e 61. Do Recife, em 63, há de Vergílio Peixoto Palmeira, Vitoriano Palhares, Francisco Inácio Ferreira, Vitoriano Palhares ainda. Do fim de 63 e em 64 há duas do Pará e uma do Ceará.

servado ou a cómica discreta: concluo que, em 64, ainda nada havia entre os dois, a não ser os aplausos e talvez os desejos de um tímido rapaz à actriz festejada, da qual se não aproximara íntimamente.

A minha segunda razão é que, em 65, houve a Idalina, a encantadora Idalina da casinha de Santo Amaro, onde Regueira Costa e Fagundes Varela a encontraram amando o poeta, que escrevia *Os Escravos*. Não é de crer que se Castro Alves amasse Eugénia desde 63, se tivesse mostrado, alêm de indiferente à sua glória, silencioso à própria paixão, para em 64 lhe exprobrar como monstruoso crime tê-lo deixado, êle que sabia ser fado dos artistas em excursão peregrinagem de déu em déu: a *Dalila* é exaltação injusta, ou não é a actriz portuguesa. Seria ilógico ainda, êle que sabia queixar-se dessa infidelidade nela, consolar-se fácilmente, pouco depois, na casinha de Santo Amaro, «tendo por musa o amor e a natureza».

É exacto que estou pondo lógica nessas cousas de amor, onde, parece, ela nunca existiu: as razões opostas são entretanto sem nenhuma coerência. Como foi ela, a comediante, a grande paixão de Castro Alves, todos os factos obscuros de sua vida amorosa, tôdas as discordâncias de data dêsses seus romances de coração, são sumáriamente resolvidos, com a atribuição a Eugénia Câmara.

Finalmente, a terceira razão, que acredito a mais poderosa, senão decisiva. Ela se funda num testemunho, digno do maior crédito, o do Snr. Dez. Sousa Pitanga, amigo íntimo e colega de Guilherme de Castro Alves, o irmão do nosso poeta, e contemporâneo dêle no Recife, desde o comêço de 66, quando para aí fôra concluir os seus preparatórios. Estava então Castro Alves no seu 2.º ano e já era o poeta consagrado na academia, nos saraus, nos espectáculos públicos: o seu jovem patrício, recêm-chegado, acompanhava com simpatia e admiração essa glória precoce. Foi dêsse ano a campanha teatral que dividiu os estudantes, a sociedade e o público em geral, em favor de duas actrizes, dois partidos, como, tantas vezes, viram os teatros do Brasil. Sousa Pitanga não podia esquecer, pois, os factos e a data precisa dêles: é o ano de 66.

Eugénia viera do norte do Brasil, de uma das suas excursões artísticas, directamente do Natal ao Recife, na companhia de um amante, seu patrício, Veríssimo Chaves, guarda-livros abastado, dado às letras, e que convivia com a mocidade inteligente da época. Depois dos espectáculos e das festas havia ceias alegres, comparsas eram jornalistas e estudantes, poetas e oradores, todos entusiasmados pela actriz, também poetisa e que os seduzia nos seus estos arroubados da *Dalila*, da *Onfália*, das *Mulheres de Mármore*... Foi então que, antigo admira-

dor, se aproximou Castro Alves da comediante e daí, dessa assiduidade, que se gerou a paixão mútua que os prendeu, aos dois, nos seus elos de fogo... ao menos durante algum tempo. É facto que por êle abandonou o outro amante, e com êle foi morar numa casinha do Barro, povoação acima de Afogados, caminho de Tijipió e Jaboatão. Os comentários e os doestos não faltaram — os que os amantes felizes teem sempre — e na roda dos antigos convivas, agora desfeita, até as vivacidades armadas, uns porque condenavam o acto do Castro, outros porque o justificavam: assim, por exemplo, aconteceu entre o estudante Manuel Pedro Cardoso Vieira, depois deputado geral pela Paraíba, e o letrado português Belmiro Salgado, certa noite, depois do espectáculo.

Portanto, em 66, Castro Alves se apaixona, e é correspondido, por Eugénia Câmara, que tão forte influência teve sôbre o seu génio e na sua vida. Tinha êle então 19 anos e era o mais formoso rapaz, o mais belo homem que se pode imaginar. Alto, forte, esbelto, de tez levemente morena, ampla testa, olhos negros rasgados e pestanudos, nariz direito, lábios sensuais, sombreados por um buço arrogante, linda bôca, queixo dominador e, sobretudo, na cabeça poderosa a coma negra, retinta, luzidia, de uma basta e longa cabeleira, cuja sedução êle conhecia. Conta-se que muitas vezes, ao sair de casa,

penteava-a com afago e com os dedos entreabertos da mão, e ajeitando na cabeça o custoso chapéu do Chile dizia, sorridente:

— Tremei, pais de família! D. Juan vai sair!

A voz quente, de notação grave, abaritonada, máscula e melodiosa, sabia corresponder ao gesto e à presença, quando dominava as multidões, da academia ou do teatro, prêsas aos acentos de bronze das suas estrofes. Fôssem a *Visão dos mortos*, *Pedro Ivo*, *O Século*... o entusiasmo era o mesmo, e indescritível.

¿Se os homens não lhe regateavam aplausos, como resistiriam as mulheres aos agrados? A Eugénia Câmara, pelo muito mal que dela se há de dizer, não se lhe negará que não resistiu e o amou, como pôde e quanto pôde. (Caberia aqui a palavra do scéptico: os homens põem a eternidade no amor, diz Anatole France, não é culpa das mulheres...) A prova é que por êle, simples estudante, abandonou o amante rico, e pelo confôrto da cidade trocou a casinha do Barro; a prova é que mais tarde, quando a companhia Furtado Coelho embarcava para a Baía, «com todo o seu elenco, diz Xavier Marques (1), ela ficou. E ficou por amor do poeta, e para êle». Trocava por êle empresário amigo

(1) Xavier Marques — *Vida de Castro Alves* — na *Homenagem do Instituto Geografico e Historico da Baía* — Vol. I — Baía, 1910 — pág. 129.

e esperançado, antigo amante talvez, pois diziam que era sua uma filhinha que a acompanhava (1); em todo o caso, perdia novas glórias e outras fortunas ou aventuras. Por emquanto bastava-lhe o poeta.

Êle ama-a e de público celebra-lhe o talento no *Vôo do génio*, que é de Maio, e *A uma actriz* (no seu benefício), em Setembro de 66. Nesses alude à guerra que dividia a plateia do teatro de Santa Isabel; alguns partidários da actriz Adelaide do Amaral, chefiados por Tobias Barreto, menos numerosos, e por isso mais violentos, que desafiavam o outro partido, a favor de Eugénia Càmara, encabeçado por Castro Alves, mais fervorosos e entusiastas. Ficou memorável essa campanha artística, a que não faltou, na regra, o doesto e a invectiva. Consola o nosso poeta a sua dama de algum agravo, dizendo-lhe:

> Do génio a maior grandeza
> O ser divino é sofrer.

Nas horas das aclamações havia de sentir:

> Longe os silvos das serpentes,
> Que tentam morder-te os pés...

(1) Mimi, então de 6 para 7 anos, Emilia—de seu nome, e cujo amor confere a Eugénia, além da beleza e do génio que lhe via o seu Poeta, o terceiro, do *Tríplice diadema* que lhe atribuia, o amor maternal.

A razão, e de uma filosofia profunda, êle a diz ainda:

> **Ai! quem sobe ao Capitólio**
> **Vai precedido de pó...**

•

Haverá exagêro sôbre êsse génio e essa glória. Nesse tempo, para tal mocidade, não havia outros epítetos para as famas do teatro: não é só Castro Alves, são todos os poetas e oradores, para todos os artistas de algum merecimento. Um dessa geração, Manuel Vitorino, embora vice-presidente da República, virá dizê-lo a uma actriz peregrina. Nós de hoje perdemos, com o entusiasmo às cousas do palco, a compreensão dêsses arrebatamentos: ficou-nos por consôlo a compostura.

Mais queridas ainda que as representações teatrais, eram as cómicas que representavam: dos sorrisos e aplausos trocados germinavam paixões. Isto explica talvez uma das razões da de Castro Alves.

Embora Fagundes Varela em S. Paulo dissesse, em 61, a Eugénia

> **Tens no rosto a beleza, o génio n'alma**
> **Linda flor d'alêm mar... (1)**

---

(1) *in* Eugénia Infante da Câmara — *Segrêdos d'alma* — Fortaleza. 1864, pág. 10, do apêndice.

ela não era bonita. Ainda que Stendhal prove que todos os actores e actrizes que nos comovem ou nos entusiasmam teem beleza, o reparo constante, como que surpreso, que acode a biógrafos e testemunhos, quando referem a paixão de Castro Alves, é sempre êste... *ela* não era bonita! Como se amadas fôssem apenas as mulheres bonitas, quando, quási sempre, não são as mais amáveis. Raramente dessas se fazem as grandes amorosas. As feias sabem mais amar e esta é sempre a melhor condição para ser amada. Sirva de exemplo Julie de Lespinasse. Demais, no jôgo ou na guerra do amor, cumpre não esquecer o antagonista. Os bonitos não são exigentes e, em caso de formosura, satisfazem-se com a própria, pedindo apenas ao parceiro compensação, de outra natureza. Castro Alves tinha beleza para dois.

Se não era bonita, tambêm não seria feia: Eugénia era graciosa (1) e travêssa, experimentada na vida e na galantaria, mulher feita e bem feita, iniciadora preciosa e apreciada de um adolescente, belo e sedutor como um semi-

---

(1) Nem bonita, nem feia, graciosa — é o depoimento dos que a conheceram e ouvi a respeito: o Dez. Sousa Pitanga, o Dez. J. J. da Palma, o Conde João Augusto Neiva. Esbelta, de meia altura se não mais que mediana, basta cabeleira, tez pálida, grandes olhos, bôca rasgada, seria delgada, mas bem feita, o que se chama *fausse maigre*.

-deus, que por ela, e com ela, abreviaria tôdas as provações de uma grande vida sentimental. Que precisavam de mais?

A diferença de idade — tinha ela 29 anos, êle apenas 19 — não seria oposição; bem pelo contrário. Um dos tipos encantadores da paixão humana é aquele Cherubim, do *Mariage de Figaro*, cujo amor de menino comove mais que se tivera vinte anos. Estou que chegando à côrte de Menelau, à procura do pai, Telémaco atentaria mais na divina Helena do que na tenra Hermione: essa era a opinião de Jules Lemaître. Na vida, como na ficção: os adolescentes se parecem todos com aquele jovem embaixador de Espanha, cuja nobreza não esperara idade para o cargo, e que dizia nos salões da Princesa de Lieven, a amiga de Guizot, diante de Lady Seymour, a mais nova e radiosa beleza do seu tempo:

— Muito moça e muito fresca... gosto de mulheres um pouco *passadas*...

Era Eugénia Câmara principalmente, não o esqueçamos, mulher de teatro. Essa condição

---

No periódico *A Ordem*, que se imprimia no Recife (n.º de 16-Abril-67), há uma alusão, em mofina, às suas formas ricas e aos seus requebros e transportes, que constituiam o melhor dos seus encantos.

Voltaire dizia das informações: não estou certo, porque me disseram. Nem quando vemos podemos estar certos,

vale por conjunto de mais encanto e sedução que o de muita beleza peregrina, enquadrada nas serenas e severas relações familiares. São, incontestávelmente, as actrizes as mulheres mais amadas. De tanto solicitadas, para o pendor mais fatal da natureza, para a única inclinação natural do sexo, é incompreensível que

---

pois que nem sempre vemos bem. Os olhos de Eugénia seriam claros (Dez. Pitanga), castanhos claros (conde Neiva), castanhos escuros (Xavier Marques) e negros para Castro Alves:

> Teus olhos são negros, negros
> Como noites sem luar.

Depoimento incontrastável é porêm o do próprio Castro Alves, explicitamente: em artigo humorístico de crítica, sob pseudónimo, dirigindo-se a Augusto Álvares Guimarães, seu intimíssimo amigo e que iria ser seu cunhado diz, indiscretamente: «Trata-se de uns olhos — já sei que preferes os azüis, que o diga a S. (inhá), a que seria depois sra. Augusto Álvares Guimarães), eu por mim prefiro os pretos por amor da E.(ugénia). — *Obras completas* — t. II, pág. 421.

O cabelo era castanho claro (Neiva), aloirado (Pitanga) e tambêm negro, para Castro Alves:

> Na torrente caudal de seus cabelos negros...

A voz tinha pronunciado sotaque português; falava por isso, com bom acento, o francês e o espanhol. Talvez daí viesse ao poeta o gôsto de chamá-la andaluza e imaginá-la de mantilha, de que aliás usara, como se vê do seu retrato.

Convêm lembrar que 20 anos ficou no Brasil, de 58 a 79

não acabem na galantaria, como aliás é a regra, tão difícil é não contentar a alguns dos inúmeros que as desejam. Estes também teem as suas razões, das quais a maior é sem dúvida aquela que o futuro Marquês de Três Rios definia, pitorescamente, no camarim de uma delas, talvez a Candiani (1), quando, entre dois chamados à scena, lhe gozava das carícias, ao som de estrepitosos aplausos, cujo eco lhes chegava da platea:

— Parece que é a mim que êles estão aplaudindo...

Êsse amor deu-lhe à vida, até aí reservada e discreta, a despeito de alguns triunfos, de aca-

---

quando morreu aqui no Rio, perdido o encanto, passado o entusiasmo, dada a desregramentos (Sousa Bastos), o que altera o retrato que dela fazem em épocas diversas os contemporâneos: por isso não dá idea de qualquer sedução a fotografia, se é autêntica, que dela publicou o Dr. Pires de Almeida, à página 449 do *Brasil Teatro*, Rio 1903-6.

A faceira, despachada e desenvolta, que seduziu a Castro Alves, teria mimos secretos com que o apaixonou e, para todos os que a aplaudiram e com ela conviveram, a graça, que, dizia La Fontaine, é mais bela do que a própria beleza.

(1) Artista lirica que despertou grande entusiasmo no Rio. No romance *O Moço Louro*, do Joaquim Manuel de Macedo, a scena inicial é uma contenda, em 44, entre dois apaixonados, um pela Candiani, outro pela Delmastro. No Brasil não se sabia admirar a arte sem partidos, muitas vezes turbulentos.

demia ou de teatro, vibração nova e intensa. Da «república» da rua do Hospício passou a morar com Eugénia, na casinha do Barro. Acompanhava-a aos espectáculos, depois às ceias alegres, «gastando em duas ou três noites a mesada» (2), dando à amante, travêssa e licenciosa, a festa querida de seu temperamento e dos seus hábitos. Depois, tresnoitado, ainda lhe velava o sono, compondo na vigília rimas de amor, odes cívicas, escrevendo o drama *Gonzaga ou a Revolução de Minas,* que ela devia representar. Eram desleixados a saúde e os estudos, mas o coração ardente do poeta se queimava nas aras do amor, que dêle havia de fazer o nosso maior e melhor lírico, ao sôpro da paixão pública com que seria o apóstolo da Abolição e da República e, por isso, o nosso mais alto poeta heróico e, até agora, o nosso único poeta épico.

Nesse fim de 66 deu-se uma crise sentimental de que ficaram traços doloridos nos versos do Poeta. Eugénia ia embarcar para o Sul com a sua Companhia: era a separação! Daí os belos versos de *Fatalidade* (Outubro de 66):

> Vai! flor virente! no rumor das festas
> Entre esplendores, como o sol viver,
> Emquanto eu subo — tropeçando incerto
> Pelo patib'lo — que se diz sofrer!...

---

(2) Xavier Marques — Loc. cit., pág. 127.

A consciência dêsse horrível desconfôrto êle a tinha, desde aqueles versos de Julho — afastado dela alguns dias, recolhido ao Convento de S. Francisco, de onde escrevia *Horas de martírio, Amar e ser amado* e provavelmente *Amemos,* tôdas de uma saudade aflita e de uma terna e ardente necessidade de vê-la e amá-la, ânsia e tortura que se resumem neste apêlo:

Não tardes tanto assim... Esquece tudo
Amemos, porque amar é um santo escudo
Amar é não sofrer...

e nesta certeza:

Eu não posso ser de outra... Tu és minha...

Por isso, por emquanto disso convencida, Eugénia ficou e foi com o Poeta viver aqueles *Sonhos da Bohemia* na casinha do Barro, onde nas pausas do amor compôs o drama que ela devia representar (Fevereiro de 67).

Assim, até Março dêsse ano, quando deixaram a casinha do subúrbio e a vida do Recife, para continuarem o idílio na Baía. Com ela se hospeda no hotel Figueiredo, na praça que hoje tem o seu nome, e depois se transfere para a Boa-Vista, agora Asilo de S. João de Deus, casa de infância, então abandonada pela família do poeta que passara a habitar o palacete do Sodré, onde foi depois o Colégio Florêncio e hoje é

o Ypiranga. Continuou a amar e a poetar, vida feliz, airada e folgazã, com amigos e admiradores que logo conseguiu, cuidando principalmente de representar o seu drama. Eugénia se engaja na Companhia que trabalhava no teatro de S. João e estreia com pleno sucesso a 20 de Junho. Abre-se uma série de noitadas ruidosas, a aplausos e entusiasmos, para a actriz e para o poeta, cujos versos candentes são recitados do palco por ela, e por êle, que assomava, a chamado da multidão, de um dos camarotes da sala, para fazê-la estremecer de aclamações.

Emfim, a 7 de Setembro, sobe o *Gonzaga* à scena, representando Eugénia o papel de Maria, festa literária memorável que consagrou definitivamente Castro Alves, coroado em palco aberto, no delírio da turba que o vitoriava. «Teve um triunfo, diz em carta a um amigo íntimo (1), como não consta que alguêm tivesse na Baía... vitoriado quando era possível e coroado, fui alêm disso levado a nossa casa em triunfo.»

Eugénia, alêm de participar dessa glória, tinha o seu quinhão reservado, pelos admiradores que lhe surgiram, que lhe ofereceram uma coroa de prata no seu benefício, e, quando veio a romper com a companhia do S. João, que lhe construiram um teatro improvisado, na baixada do Bom-

---

(1) *Obras completas*. T. II. Correspondência. Carta a Augusto Álvares Guimarães (I).

fim, para os seus espectáculos. Descontado o que era devido à artista, ficavam ainda homenagens à mulher. Começou o ciúme a magoar ao amante. A-pesar-de guardá-la bem na Boa-Vista, de afastar dela os importunos admiradores, não raras scenas violentas narram testemunhos, tributo forçado dos zelos, sem os quais, dizem, não há amor que conte.

Reconciliados, os amantes davam-se a novos espectáculos e outras festas, nas quais se passaram os últimos meses de 67. No comêço do ano seguinte cumpria seguir para o sul, a terminar os estudos em S. Paulo e, de passagem, conquistar o Rio. Pensava em publicar *Os Escravos* e o *Gonzaga*. Com a actriz embarcou em Fevereiro de 68 para aqui, onde encantou a José de Alencar e ao escol das letras e da sociedade carioca, produzindo espanto no reticente Machado de Assis, cuja admiração a prazo esperava que a ênfase lhe passasse, com a mocidade. Recitara versos do balcão do *Diário do Rio de Janeiro*, em cujos salões de honra lera o seu drama a uma assembleia de letrados, que o aplaudiriam calorosamente. Em Março já estava em S. Paulo, sempre com Eugénia Câmara.

A mocidade da academia e da imprensa dada às letras e à política, cerca-o, encoraja-o e leva-o a se exibir nas sessões cívicas e comemorativas e nos espectáculos públicos. Testemunha aqui presente, e que me não deixará mentir, contou-

-me que na sua vida assistira às mais ferventes campanhas do abolicionismo e da república, ouvira os mais inflamados e cultos verbos de que há notícia no Brasil, mas nada se lhe comparou nunca às manifestações do entusiasmo com que era aclamado Castro Alves, recitando a *Visão dos mortos* ou o *Pedro Ivo*. «Vinha abaixo o teatro», na frase expressiva dessas ruidosas comunhões de sentimento, quando o poeta, com a sua voz de bronze quente e o seu vulto de jovem semi--deus, martelava as estrofes ciclópicas dos seus poemas revolucionários.

¿Distraí-lo-ia a vida mais intensa de ideas, a vida mais dispersiva de sociedade, dos seus cuidados de amor? Pode-se crer. Eugénia procurar--se-ia, de outro lado, distrair-se também, com outros amores. Dizem contemporâneos que ela lhe fôra sempre infiel, sem por isso deixar de ser constante. Há quem não compreenda essas mulheres, conquanto sejam muito vulgares os homens que correspondem a tais mulheres. Também Manon amava a Des Grieux e, a-pesar--das infidelidades, até o fim não lhe faltou constância: foi por ter copiado da realidade êsse tipo de mulher que o Abade Prévost, que a amou e a sofreu, fêz obra-prima.

Castro Alves, como todos os apaixonados, veio a sabê-lo muito tarde, só ali em S. Paulo, quando, com a experiência da cegueira do amante, foi Eugénia menos cuidadosa na dissimulação.

Na *Canção do Boémio,* entre risonho e triste, nota de humourismo, que nem essa faltou à sua obra, tornando talvez impessoal o seu caso, êle se revela.

E tu fugiste, pressentindo o inverno,
Mensal inverno do viver boémio...
Sem te lembrar que por um riso terno
Mesmo eu tomara a *primavera a prémio*

....

Se tu viesses... de meus lábios tristes,
Rompera o canto... Que esperança inglória!...
Ela esqueceu o que jurar-lhe vistes
O Paulicéa! ó Ponte Grande! ó Glória!

É, entretanto, apenas impaciência.

Batem!... Que vejo! Ei-la afinal comigo...
Foram-se as trevas... fabricou-se a luz...
Nini! pequei... dá-me exemplar castigo!
Sejam teus braços... do martírio a cruz!

Era o desapêgo, que antecedia ao abandôno. O poeta previa-o e pedia ao sono esquecimento:

Com teu divino bálsamo
Cala-me a ansiedade!
Mata-me esta saudade
Apaga-me esta dor.

....

Mas quando, ao brilho rútilo
Do dia deslumbrante,
Vires a minha amante
Que volve para mim;
Então ergue-me súbito...
É minha aurora linda...
Meu anjo... mais ainda...
É minha amante emfim!

Viu Castro Alves finalmente o que em S. Paulo se via sem nenhum resguardo, e dava comentários brèjeiros a tôda a mocidade do tempo. O poeta com as reminiscências de alguma scena real viria a descrever essa traição naquela *Página de Escola Realista*, na qual um namorado moribundo é enganado pela amante, impaciente de passar a outros braços. As scenas se amiudavam, rupturas e reconciliações, desânimos e êxtases líricos, desde Agôsto, a Outubro, quando é representado o *Gonzaga* por ela, até os primeiros dias de Novembro, em que ainda fala dela, em carta a Luís Cornélio.

¿Teria sido durante aqueles crudelíssimos momentos em que sofreu do corpo e do espírito, noites e dias amargurados que se seguiram ao acidente de caçada, na qual recebera um tiro, empregando-se tôda a carga de chumbo no calcanhar? Dessangrado, febril, em risco de perder, senão a vida — o pé, — que veio a perder de facto, — operado, dolorido, acesos padecimentos pulmonares... tudo sofreu o poeta, embora

cercado de colegas e amigos... sem ela. Um ano depois, em Novembro de 69, aqui no Rio, mutilado, mas não resignado, no doloroso *Adeus* que lhe dirige, relembra:

> Sabes o que é sepultar-se
> Um ano inteiro na dor,
> *Esquecido, abandonado,*
> *Sem* crença, ambição e *amor!*
> Ver cair dia após dia
> Sem um riso de alegria
> Sem nada, nada, Jesus!
> Ver cair noite após noite
> Sem ninguêm que nos acoite
> Ninguêm que nos tome a cruz?

No fluxo e refluxo do coração, que condena e perdoa, que insulta e desculpa, êle escreve sob uma impressão *Immensis orbibus anguis* e o *Tonel das Danaides.* Como a índia adormecida que à cobra

> Entrega um seio nu, moreno, luzidio,
> ....
> Assim, minh'alma deste o seio (ó dor imensa!)
> Onde a paixão corria indómita e fremente!
> Assim bebeu-te a vida, a mocidade e a crença
> Não bôca de mulher... mas de fatal serpente!...

Como o tonel das Danaides, que se não farta nem se enche, assim é o coração da «fria Messalina»: é o dela!

> Na gruta do chacal ao menos restam ossos...
> ¡Mas tudo sepultou-me aquele amor cruel!

Na poesia *É tarde!* ela é a «negra feiticeira», a «libertina, lúgubre bacante»... Na *Fabiola*, dos *Anjos da Meia Noite*, ela ainda:

¡É sangue que referve-te na taça!
¡É sangue que borrifa-te estas flores!
E êste sangue é meu sangue... é meu... desgraça!

Entretanto lhe diz *Adeus*, lembra-se do passado e se comove ao perdão:

Que saudades que eu tenho do passado,
¡Da nossa mocidade ardente e amante!
Meu Deus! ¡Eu dera o resto da existência
Por um momento assim, por um instante!

Amava-a ainda. Ela é que mudara.

Viste-me e creste um momento
Qu'inda me tinhas amor!...
Pobre amiga! Era lembrança,
Era saudade, era dor!

Obrigado! ¡mas na terra
Tudo entre nós se acabou!
Adeus! É o adeus extremo,
A hora extrema soou!

E faz-lhe esta confissão a mais íntima e dolorosa que um coração ferido mas não esquecido jamais fêz tão sinceramente:

Quis-te odiar, não pude. — Quis na terra
Encontrar outro amor. — Foi-me impossível.
Então bem disse a Deus que no meu peito
Pôs o gérmen cruel de um mal terrível.

Sinto que vou morrer! Posso portanto
A verdade dizer-te santa e nua:
Não quero mais teu amor! Porêm, minh'alma
Aqui, além, mais longe, é sempre tua.

Èsse adeus ela o recebeu e a êle responde por carta, que se perdeu, e por versos que se conservam, e são, embora sem beleza, de alguma emoção. ¡Não se consola com o *jamais!* que êle pronunciou; diz-se descrente de felicidade:

¿Onde — se encontrar outra alma
Depois do reinar na tua?

Relembra a noite fatídica:

Aquela noite! oh silêncio
Noite de fel e de amor
Em que dentro de duas almas
Houve um poema de dor...

A-pesar disso,

Eu não me iludo. Eu te amo
Quer na vida, quer na morte;
A um só dos teus olhares
Será tua a minha sorte.

E conclue:

Adeus! se um dia o destino
Nos fizer inda encontrar
Como irmã ou como amante
Sempre! sempre! me hás de achar!

Não há que ver! É Manon!... Cada vez que Des Grieux lhe aparecia, era tôda dêle, como o coração sempre fôra, ainda quando se dava a outros. Desgraçadamente os Des Grieux nem sempre compreendem como o corpo se lhes vai, às vezes, a elas, longe do coração. Viria Castro Alves muitas vezes a lembrar-se ainda, mas apenas com a saudade de amor, que dói mais do que as outras saudades:

«Vento frio do deserto
Onde ela está? Longe ou perto?»
Mas como hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe:
— Oh! minha amante, onde estás?...

. . . .

E hoje que o meu passado
Para sempre morto jaz...
Vendo finda a minha sorte,
Pergunto aos ventos do norte:
— Oh! minha amante, onde estás?... (1)

---

(1) A influência de Eugénia Câmara depara-se na obra de Castro Alves, explicitamente, nas poesias — *O vôo do génio* (Recife, Maio 66); *A uma actriz* (Recife, Set. 66); alusivamente em poesias sob o dístico «Dama Negra» — *Os três amores* (Recife, Set. 66), *Fatalidade* (Recife, Out. 66), *O Gondoleiro do Amor* (Recife, Jan. 67)...; por suposições mais ou menos fundadas — *Dalila* (Recife, 64), *Canção do Boémio* (S. Paulo, Junho 68), *Hino ao Sono* (S. Pau-

ÚLTIMOS AMORES

Embora a grande paixão o ocupasse, sempre ao poeta sobrava tempo e coração, se não apenas estro, para pequenas aventuras de sentimento, *flirts*, como se diria hoje, que teem entretanto a sua poesia. Assim, em 66, vindo do Recife à

---

lo, Junho 68), *Boa Noite* (S. Paulo, Agôsto 68), *O tonel das Danaides* (Rio, Outubro 69), *Immensis orbibus anguis* (Rio, Out. 69), *É tarde* (referências ao Rio, Nov. 69), *Adeus* (Rio, Nov. 69), *Fabiola* nos *Anjos da Meia-Noite* (Santa Isabel, Agôsto 70), *Uma página da Escola realista* (70), *Onde estás* (Baía)...

O drama *Gonzaga*, escrito ao lado dela (66–67, Recife), foi feito para ser representado, como foi, por ela.

Quanto à formosíssima poesia *Adormecida*, datada de Nov. de 68, em S. Paulo, parece a Sousa Pitanga reminiscência da casinha do Barro, no Recife, onde conheceu o jasmineiro, dando sôbre a janela. A scena, lembrava êle, não se podia passar em S. Paulo, onde não há rêdes.

Mas à adormecida diz o poeta:

Virgem! tu és a flor da minha vida!

Na segunda estrofe d'*Os três amores* é assim que êle a sonhava. O amor faz milagres: poderia, pois, Eugénia, repetir o célebre verso de *Marion Delorme:*

«Et ton amour m'a fait une virginité...»

terra natal, namorou-se de duas formosas raparigas que moravam perto de casa, duas lindas judias (1), filhas de Isaac Amzalack, negociante na Baía, e escreve-lhes *A Hebreia*, jóia de poesia bíblica que Tobias Barreto ouviria mais tarde rezada em louvor da Virgem, numa igreja do norte. Mandou-lhes com uma dedicatória: *à mais bela!* o que produz naturalmente discórdia às irmãs, cada qual se julgando com direito à prenda. Coube a Simy (2), a cujo casamento anunciado para breve não pôde o poeta resistir de despeito, apunhalando-se à vista dela... com um punhal de papel. Simy Amzalack mereceu êsse trecho de Cântico dos Cânticos e estou que

---

(1) Três eram as irmãs (Simy, Esther e Mary) e tão lindas que a comparação das três graças, embora pagã, surgia logo a quem as visse, admirado. Seria beleza herdada, porque fôra tão formosa a mãe delas (D. Grazia, italiana de Trieste, hebreia de raça), diz-me um contemporâneo, que parava a gente nas ruas da Baia, ao vê-la passar... Uma outra, Esther Amzalack, prima destas meninas da Baía, foi, em Lisboa, a inspiradora da *Judia* de Tomás Ribeiro (1867). Sempre, e em tôda a parte, a poesia rendeu graças à beleza.

(2) Simy Amzalack foi Sr.ª Alberto Henschel e, depois, em segundas núpcias, Sr.ª Almirante José Carlos Carvalho, ornamento da sociedade carioca, falecida em 1920. Esther casou-se depois com um cunhado da irmã, e foi Sr.ª José Henschel: faleceu recentemente em Berlim.

hoje me ouvindo, porque deve estar aqui presente, a memória lhe representará, com a suave emoção que dá sempre a saudade da juventude e da beleza, o formoso vate que lhe rendeu o preito dos mais lindos versos que inspirou:

Ai! guia o passo ao viajor perdido,
Estrêla vésper do pastor errante...

Esther, a outra, teve a sua compensação, de mais amor, talvez. Nos *Devaneios*, ela é a «pálida madona dos meus sonhos», «... em tôda a parte», «meu pensamento segue o passo teu...» O poeta se extasia «à janela», diante da sua «trança sôlta», das «lindas mãos» que acariciam o piano, que ouve perto, para concluir numa soberba impiedade de apaixonado:

Oh dize, dize, que inda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores
Amar-te, ainda é melhor do que ser Deus.

Mais tarde, nos *Anjos da Meia Noite*, quando a sombra das mulheres que amou o poeta, lhe passa pela memória, lá está ela:

Qual nas algas marinhas desce um astro...
Linda Esther! teu perfil se esvai... s'escoa...
Só me resta um perfume... um canto... um rastro...

Por S. Paulo, em 68, escreveu o *Laço de fita:*

Não sabes, criança! Estou louco de amores...
Prendi meus afectos, formosa Pepita.
Mas onde? ¿¡No tempo, no espaço, nas névoas?!
Não rias, prendi-me num laço de fita.

Eu preferiria continuar... mas me obriguei a dizer-vos quem é essa formosa Pepita. Contou-me ilustre jurisconsulto, condiscípulo de Castro Alves em S. Paulo, o Dr. Sancho de Barros Pimentel, que o vira em aula, ao seu lado, entretido a rimar e corrigir êsses versos. Soube então que eram feitos a uma bela rapariga, de nome Maria Carolina, filha do Dr. José Carlos de Almeida Tôrres e enteada de D. Mariana, sua espôsa, irmã de Álvares de Azevedo. Outro depoimento, igualmente fidedigno, de letrado e entusiasta do poeta, o Dr. António Baptista Pereira, refere que o *Laço de fita* foi feito a Sinhá, linda filha do Dr. Lopes dos Anjos, médico e amigo de Castro Alves, o qual deu a poesia a sua musa, em meio de um baile, na casa paterna, à rua do Imperador, hoje Marechal Deodoro: era companheira da jovem a mãe do depoente, que assistira às emoções dessa leitura deliciosa. ¿Qual das dúas realmente é a Pepita? Concluo que ambas, e outras ainda, que não faltariam ao poeta.

Castro Alves seguia neste passo, não o seu hábito, que era dar nomes diversos à mesma

amada (1), mas a usança clássica (2) que veio a ser de Lamartine, o qual só fêz versos a uma mulher... nêles Graziela é Elvira, Julie Charles também é Elvira... até Miss Birch, depois Madame Lamartine, será Elvira como Elvira foi de facto M.lle Lamartine. Maria Carolina e Sinhá Lopes dos Anjos foram a Pepita: a fidelidade no amor é mais fácil aos poetas que aos outros mortais.

No Rio, em 69, atravessando as angústias que terminaram na mutilação do pé, cercava-o o carinho dos amigos. Um ex-colega do Recife, inteligente e bom, abastado e generoso, dos seus maiores entusiastas, Luís Cornélio dos Santos (a quem dedicou os lindos versos *A Luís)* e a espôsa, em cuja casa à rua Silva Manuel se hospedara, foram a sua família. Para entreter o poeta martirizado abriam os seus salões a rapazes de talento — entre estes Joaquim Serra, Fer-

---

(1) Idalina é Adalgisa, Julieta, *Ela*, na mesma poesia *Aves de Arribação*; Eugénia é Júlia, a espanhola dos *Três Amores*, é a *Dama Negra* do *Gondoleiro do Amor*, é Maria, talvez, de *Boa-Noite*, é Fabiola dos *Anjos da Meia-Noite*, é Silvia da *Página da Escola Realista*, é Nini da *Canção do Boémio*... Leonídia é Marieta nos *Anjos da Meia-Noite*; Agnese Murri é Carlota nos *Remorsos*, é *Con suelo*, finalmente.

(2) Clódia era a *Lesbia*, do Catullo; a *Cynthia* de Propercio chamava-se Hestia; Tibullo dava o nome *Délia* à sua Plautia. (Vid. Apuleu-*Apolog.)*

reira de Menezes, Melo de Morais, Rodrigues Peixoto, Monteiro de Azevedo, Benjamim Filgueiras... — e a moças bonitas da sociedade que, com êles, lhe faziam conversa, companhia e diversão literária. Dêsse *Petit Salon*, como lhe chamavam discretamente, era Castro Alves soberano, às vezes até do coração das mulheres, às quais inspirava logo sérios sentimentos. Dessas ficaram lembradas *Cândida e Laura* nos *Anjos da Meia-Noite:*

Crianças que trazeis-me a primavera

Eram, entre menina e moça, ambas formosas e já bem mulheres, pelos sentimentos que moviam e que as comoviam: quanto ao poeta teria o destino de ter sempre o coração a dividir. Uma, Maria Candinha (1), rosto de santa, «rosa de amor, celestial Maria», inspirou-lhe os deliciosos versos d'*Os Murmúrios da Tarde*, onde lhe suplica

Minh'alma é rosa que a geada esfria...
Dá-lhe em teus seios um asilo brando...
Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!...

---

(1) Maria Cândida Garcez e Cândida de Campos eram pupilas do Comendador João António Leite Júnior e afilhadas de sua mulher D. Cândida Martins, que as criava como filhas mimosas: Maria Candinha foi depois Sr.ª Benjamim Filgueiras; a outra, Dendêm, sempre muito bonita, não foi tão feliz. Aliás, *êsse* critério da felicidade pode falhar. Ela mereceu, e isto basta para nós, a paixão e a saudade de Castro Alves.

Em carta da Baía diz a um amigo: «E Maria Candinha, a quem cada vez a manhã beija mais *linda*, ¿continua a ser o riso e a festa dos corações e dos espíritos?» «Dize-lhe que eu por aqui lhe tenho criado a justa reputação de uma das meninas mais interessantes que tenho visto» (1).

Da outra, Cândida de Campos (era seu apelido em casa Dendêm), foi a impressão mais profunda; despertou Castro Alves paixão à ardente criatura e dela ainda falava na Baía com o maior enlêvo. «A seu olhar que transbordava em fogo», sentiu-se o poeta reviver:

> E ao doce influxo do clarão do dia
> O junco exausto, que cedera a enchente,
> Levanta a fronte da lagoa fria...
> Mergulha a fronte na lagoa ardente...

Por isso, nessa *Volta da Primavera*, que foi para êle êsse amor, exclama com exaltação mística:

> ... eu digo, ao ver tua celeste fronte,
> O céu consola tôda a dor que existe...

Entretanto, não podia o poeta corresponder, ou talvez mostrar que correspondia a estes cas-

---

(1) *Obras completas*, t. II. Correspondência. Carta a Luís Cornélio (VIII).

tos amores: é o que o coração lhe dita, a uma outra apaixonada, dêsse mesmo grupo, Lalinha Filgueiras, naquela (1) triste poesia *É tarde!*

> E tu, visão do céu! ¿vens tateando
> O abismo onde uma luz sequer não arde?
> Ai! não vás resvalar no chão lodoso...
> É tarde... É muito tarde!

---

(1) Eulália Filgueiras era irmã da Sr.ª Luisa Cornélio dos Santos, e, como esta, outra Maria, bonita moça: apaixonou-se por Castro Alves, que lhe retribuiu não só nos versos *É tarde*, que sei, de boa fonte, lhe terem sido endereçados (informação do Dr. Rodrigues Peixoto), como no soneto *Dulce*, dos *Anjos da Meia-Noite*. D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, que desconhece a existência dessa Lalinha, atribue êsses versos à inspiração de Dendêm. Não deve ser: Cândida de Campos teve a sua parte no soneto *Cândida e Laura* (1), fazendo companhia a sua colaça Maria Candinha. Não é crível que o poeta, evocando na memória do seu coração as sombras das mulheres que amou, esqueça uma, e faça outra passar duas vezes, com dois nomes diferentes. Para mim Dulce é Eulália Filgueiras; e não só para mim, para a família dessa formosa criatura, fiel até à morte à paixão do seu Poeta. Na correspondência, carta á Sr.ª Luisa Cornélio dos Santos (irmã de D. Eulália) há referências respeitosas a esta moça.

---

(1) Confirmação imprevista desta opinião, — que o soneto *Cândida e Laura* foi dedicado a Cândida de Campos e a sua colaça Maria Cândida Garcez, — está que no livro autógrafo de poesias de Castro Alves, que tive em mãos, êle escreveu primitivamente «Cândida e Maria», riscando êste nome, e substituindo-o por «Laura», por euforia, ou para evitar equívoco.

Sem esperanças, restar-lhe-ia dizer (¿a Lalinha ou a Dendêm?), que êle chama *Dulce* nos *Anjos da Meia-Noite:*

Mas se tudo recusa-me o fadário.
Na hora de expirar, ó Dulce, ¡basta
Morrer beijando a cruz do teu rosário!...

Entre estas e com estas há outras. Alguêm inspirou aquele delicioso *Adeus de Teresa.* Ainda há uma *Bárbara* nos *Anjos da Meia-Noite.* ¿Quem seriam, das suas três Marias, a da *Confidência* (de Outubro de 65, no Recife: Idalina?) e a da *Boa-Noite* (de Agôsto de 68, em S. Paulo: Eugénia?) E outras... e outras!... Foram tantas, que faz lembrar Sainte Beuve, quando fala das amadas de Chateaubriand: são como as estrêlas do céu — ¡mais a gente as contempla, mais elas aparecem!...

Tornando à Baía, há um encontro a bordo, numa noite de luar, que o poeta não pode esquecer:

Inês! nas terras distantes,
Aonde vives talvez,
¿Inda lembram-te os instantes
Daquela noite divina?...
Estrangeira, peregrina,
Quem sabe?... Lembras-te, Inês?

....

Meus olhos nos teus morriam..

....

Não era cumplicidade
Do céu, dos mares? Talvez!
....
E como um véu transparente,
Um véu de noiva... Talvez,
Da lua o raio tremente
Te enchia de casto brilho...
E a rastos no tombadilho
Caía a teus pés... Inês!
¿E essa noite delirante
Pudeste esquecer? — Talvez...
Ou talvez que neste instante,
Lembrando-te inda saudosa,
Suspires, moça formosa!...
Talvez te lembres... Inês!...

Não terminei ainda... Entre os mais lindos versos de Castro Alves estão certamente *O Hóspede* e *Os Perfumes*. Ambas estas poesias são datadas de Curralinho, do ano de 70. Dizia-me o pressentimento que eram inspirados pela mesma criatura. *Os Perfumes* trazem enigmática dedicatória, «a L». Na correspondência do poeta há uma carta à irmã preferida, na qual êle lhe pede mande a L. a *Vida Parisiense*. Quem seria? Devia eu tentar sabê-lo. Consegui confidência, que não me autorizou entretanto a dizer tudo. Não sei porquê... Estou que sirvo à história enternecedora dêsses dois corações, em não ser reservado. L. foi Leonídia Fraga, bonita moça, inteligente e meiga, que o poeta conhecera ainda criança, revira em 65 num namôro inocente e, tornado em 70, a que renuncia, com a morte n'alma.

Ele o diz na poesia *Fé, Esperança e Caridade:*

Quando a infância corria alegre, à toa,
Como a primeira flor, que na lagoa
Sôbre o cristal das águas, se revê,
Em minha infância reflectiu-se a tua...
....
Depois eu te revi... ¡Na fronte branca
Radiava entre pérolas mais franca
A altiva c'roa que a beleza trança!
....
Hoje é o terceiro marco dessa história
¡Por ti em *rosas* mudam-se os martírios!

Fé, Esperança e Caridade que ela foi sucessivamente, podia o poeta dizer na epígrafe que «eram três anjos e uma só mulher». Ela é ainda a *Marieta* dos *Anjos da Meia-Noite:* (1)

---

(1) Entre êsses *Anjos da Meia-Noite* que o amoroso coração do poeta evocava, faltariam muitos, faltou um.. Num exemplar das *Espumas Flutuantes*, após estes sonetos, pelos quais deslizam as sombras amadas, mandando o livro a «uma» delas, a êsse... escreveu Castro Alves esta dedicatória:

«Vejo-te ainda, ó flor da minha infância
Bordando a tela azul dos meus desejos
E sinto em minhas faces palejadas
O calor inextinto dos teus beijos.»

Raimundo Bizarria, que viu o livro e os versos autógrafos, esqueceu o nome (que pena!) da destinatária... (*Diário da Baía,* 3 de Setembro, 1893).

Furtivos passos morrem no lagêdo...
Resvala a escada do balcão discreta...
Matam lábios os beijos em segrêdo...

¡Afoga-me os suspiros, Marieta!
Ó surprêsa! ó palor! ó pranto! ó mêdo!
Ai! noites de Romeu e Julieta!...

Com o disfarce rústico de serrana, é ainda Leonídia quem acolhe «o hóspede» e que lhe pergunta depois, quando êle quer tornar:

«Onde vais, estrangeiro! ¿Porque deixas
O solitário albergue do deserto?
¿O que buscas alêm dos horizontes?
¿Porque transpor o píncaro dos montes,
Quando podes achar amor tão perto?...
....
¿Queres voltar a êsse país maldito,
Onde a alegria e o riso te deixaram?
Eu não sei a tua história... mas que importa?...
Bóia em teus olhos a esperança morta,
Que as mulheres de lá te apunhalaram.
....
¡A choça do deserto é nua e fria!
¡O caminho do exílio é só de abrolhos!
¿Que família melhor que os meus desvelos?...
¿Que tenda mais subtil que meus cabelos
Estrelados no pranto de teus olhos?...
....
Talvez tenhas alêm servos e amantes,
Um palácio em lugar de uma choupana.
E aqui só tens uma guitarra e um beijo,
¡Co'o fogo ardente do ideal desejo
Nos seios virgens da infeliz serrana!...

No entanto *Êle* partiu!. . Seu vulto ao longe
Escondeu-se onde a vista não alcança. . .
¡Mas não penseis que o triste forasteiro
Foi procurar nos lares do estrangeiro
O fantasma sequer de uma esperança!. . .

Só depois que êle morreu, ela casou, sem achar entretanto a felicidade, porque veio a enlouquecer. No seu delírio não lhe esquecia o amor passado, conservando tôdas as relíquias dêle — flores, fitas, desenhos e poesias — que lhe segredavam ainda as lembranças do seu poeta. Amor divino, que sobreviveu a duas mortes, do coração amado e da razão amante, que não devíamos omitir sem ingratidão. Essa aventura de Leonídia terá na vida de Castro Alves o cheiro suave e terno das flores do campo, entretanto penetrante e vivaz, como ó daqueles *Perfumes* que ela lhe inspirou.

Tornou à Baía, não a buscar «o fantasma sequer de uma esperança», como êle dizia à sua serrana, mas veio achá-la. Cercou-o no palacete da rua do Sodré não só o carinho da família, mas a admiração de tôda a sociedade culta da Baía. Nem lhe faltou a sua côrte predilecta, a das mulheres, que o amaram sempre. O seu prestígio era tamanho que, nas festas a que concorria, nenhuma moça se comprometia a dançar antes que o Castro fixasse a sua escolha. Êle já não dançava, impedido pelo seu pé artificial, dissimulado porêm incapaz, mas emquanto os pares revolteavam

pelos salões, conversava com a dama que distin guira e que as outras tôdas invejavam.

Foi nesse meio que se lhe deparou o último amor. Era uma jovem e formosa italiana, actriz que viera com uma companhia lírica e na sociedade da Baía ficara a ensinar piano e canto. Passados trinta anos, conheci-a, Agnese Trinei Murri, que ainda vive, na Itália — e pude compreender tôda a paixão do poeta. Era alta, esbelta, alva como um mármore de Carrara, mãos aristocráticas, olhos e cabelos negros, bôca e voz deliciosas — a bôca e a voz das florentinas — principalmente tinha o coração sensível e dado à admiração. «Ela foi todo o encantamento, tôda a ocupação do derradeiro período da sua existência. Foi a sua *Consuelo*, com *Aquela mão»* (1). Consôlo em que o coração do poeta pôde aliviado adormecer, coroada a fronte dos louros que êle quisera:

> Uma noite sonhei que, em minha vida,
> Deus acendia a *estrêla* prometida,
> Que leva os *Reis* ao berço da ventura,
> Mas, quando, ao longe da poenta estrada,
> O suor me escorria da amargura...
> ¡Passava em meus cabelos perfumada
> Aquela mão tão pura!

---

(1) Trecho de carta da ex.ma Sr.a D. Adelaide de Castro Alves Guimarães sôbre Castro Alves, ao autor, que lhe pedia informações sôbre incidentes da vida amorosa do poeta. Por elas é seu nome escrito aqui com todo o reconhecimento.

Durante um temporal, deslembrado do perigo de coriscos e vagalhões, êle só nela pensa:

Que importa o vendaval, a noite, os euros,
Os trovões predizendo o cataclismo...
Se em ti pensando some-se o universo,
E em ti sómente eu scismo...

Parecia entretanto inacessível. Num sarau literário, ao escol da Baía, reùnido em casa amiga do Conselheiro Prof. Salustiano Ferreira Souto, Castro Alves recitou ao piano, acompanhado em surdina por sua irmã Adelaide, e em frente

Ela?! bela a fazer a terra inteira louca
¡Alma feita de um astro! e o corpo de um jasmim

a quem de público fazia a mais efusiva declaração de amor que se pode imaginar, e para quem apaixonado apelava

Só vós, bela diva! da música aos trenos
Meu pálido sonho podeis aquecê-lo
Afogue-se a musa nas ásas brilhantes
E se inda tu queres
Sonhar Consuelo

Co'as mãos no piano, co'os olhos no espaço
Trementes os seios, revôlto o cabelo
Num mar de harmonias nos leva a Sorrento
Desperta-me a Itália!
Revive Consuelo

«Um frémito de entusiasmo percorreu todo o auditório e mais se acentuou quando a eleita erguendo-se palpitante sob a comoção que a dominava chegou-se por sua vez ao piano e

> «Na voz clara, sonora, ardente, larga, extensa
> Escada de Jacob — prendia a terra ao Céu!

respondeu-lhe com a balada do «Guarany»: «Tutti dobiamo amar... Não sei de declaração de amor feita com tamanho esplendor» diz-me a irmã do Poeta, que para mim evocou a scena.

Entretanto êsse amor foi até o fim, como devia ser, casto e respeitoso. O poeta acusa a amada de fria, «bronze» ou «gêsso», «mármore florentino», que terá «Remorsos» por lhe ter negado um beijo. Mas ela, pelo respeito à sociedade que a acolhera e estimava, impôs silêncio ao coração e não pôde coroar o amor do Poeta com a sagração que merecia e que ela sofreu não lhe dar (1).

---

(1) Xavier Marques escreveu no seu livro: «Nos braços esculturais de Agnese quási êle esqueceu a imagem de Eugénia». Lendo-o, D. Agnese Trinei Murri, magoou-se e a uma antiga discípula da Baía escreveu longa carta, cuja cópia me comunicou D. Adelaide de Castro Alves Guimarães. Confessa que o Poeta a amou, «eu o confesso também muito o amei e de um indefinido amor. (Nenhuma mulher poderia ter resistido a tanto talento, a êsse génio sobrenatural, afora a sua beleza física!) Mas, castigando o meu po-

É ela ainda quem lhe inspira *Noite de Maio, A um Coração, A Virgem dos últimos Amores, Remorsos, Em que pensas, Gêsso e bronze*...

O poeta poderia entretanto dizer numa das suas últimas poesias:

E — perto de morrer — a amar anseio ainda!...

Êsse a que se refere é, porêm, o amor sagrado, que êle votou, e lhe foi retribuído, pela mais santa e dedicada das irmãs, que em vida o animou, o protegeu, o admirou, velou-lhe as insónias, consolou-lhe os pesares, deu-lhe a confiança na glória, e, ainda agora, quási cinqùenta anos depois que êle se extinguiu, chora-lhe a lembrança, exalta-lhe a memória, com um fervor que só alto e grande coração, digno de génio de Castro Alves, seria capaz. É Dona Adelaide de Castro Alves Guimarães, a irmã mais querida do poe-

---

bre coração, disse-lhe: «Cala-te, esconde êste teu sentir, aniquila-te, despedaça-te, ¡¿não vês que o amor para ti é um crime?!» E assim foi: «mandei, obedeceu.» ¡Mas só Deus sabe quanto eu sofri! ¡porque êste amor santo era para mim o meu céu na terra! quanto sofri sôbretudo quando Cecéo (era êsse o seu apelido em casa), me falava, entregando-me as poesias que para mim tinha feito, ressentidos de minha frieza, (para dissuadi-lo dizia-lhe ser impossível amar uas vezes...) eu que estava prestes quási a dizer-lhe: «¿Não vês que te enganas? que eu se me pertencesse, se me ordenasses de morrer a teus pés sem hesitar cumpriria

ta, também poetisa, musicista, desenhista, de fino gôsto artístico, viúva do Dr. Augusto Álvares Guimarães, amigo e companheiro dedicado de Castro Alves, jornalista de nomeada na campanha liberal da Abolição. Ela será, ainda por longos anos, a zeladora dessa memória sublime, até que seja Castro Alves inteiramente possuído por aquele *Último Fantasma* dos *Anjos da Meia-Noite,* que êle vira em sonho, que «buscara do sul ao norte», «bela e branca desposada», o eterno amor, — a Glória! — que êle mereceu, e que finalmente alcançou.

A GLÓRIA DE CASTRO ALVES

Castro Alves, não vacilo em o proclamar, é o primeiro poeta nacional: ¡foi o poeta da minha adolescência! Se esta é a razão das nossas preferências durante a vida, segundo a aguda

---

o teu desejo?...» Mas eu pertencia a essa nobre sociedade bahiana, de mim entusiasta, sem que eu tivesse merecimento para isto, e que me tinha recebido em seus generosos braços».

Continúa a carta e a justificativa, que o escritor baiano hade considerar. Por ter aceitado a versão verdadeira dêstes castos amores recebi, após a primeira publicação dêstes estudos sôbre Castro Alves, uma amavel carta da bela florentina, que nem a distância, nem o tempo fizeram esquecer nem o Brasil, nem o Poeta que a celebrou com tanta paixão!

observação de Anatole France, sou imediatamente levado a acrescentar que êle foi, neste meio século, o poeta do maior número de brasileiros, porque nenhum logrou o favor de tantos leitores. Impressionava a José Veríssimo — e agora a Alberto de Oliveira — o número de edições dos versos dêle e tanto que, a seu pedido, investiguei uma bibliografia do poeta, que o crítico não chegou a conhecer. Contudo, no seu livro póstumo, a *História da Literatura Brasileira* lá veem aludidas «oito ou dez edições» das *Espumas Flutuantes*, o que o faz dizer «poucos livros brasileiros e menos de versos teem sido tão lidos». Veríssimo ficou aquêm da realidade, porque, só no Rio, consegui examinar nada menos de vinte e três, mais do dôbro da parada, sendo algumas delas, como as de Garnier, de muitos milheiros de exemplares: de tôdas as suas obras cinqüenta edições. Nenhum poeta, nenhum escritor brasileiro, alcançou sequer aproximar-se dêle.

Não só é o mais lido dos nossos poetas, como é o melhor e o dêles mais íntimamente querido. Sacudia Lamartine com desdêm os ombros aos seus censores: «¡tenho por mim as moças e os rapazes!» Além dêstes, Castro Alves tem ainda as pessoas graves e os homens sisudos. Cada um de nós terá provas dêste acêrto; cito de passagem dois factos. Tornava de viagem à Europa e um dos meus companheiros de vapor,

sábio de nascença que a vida desviara para a alta finança, a-pesar-da idade e das responsabilidades, recitava-me poesias inteiras de Castro Alves (1). Ainda há poucos dias ouvi, numa sala severa da Côrte de Apelação, venerando juiz e jurisconsulto declamar, a propósito de um incidente da vida sentimental do poeta, as estrofes candentes do *Immensis orbibus anguis* (2). Êste fervor já tem cinqùenta anos e não diminuirá, porque as edições e os leitores se sucedem, mudados, é verdade, como diria o nosso Constâncio Alves, outro, e dos maiores, devotos do poeta; mas tantas são as razões de admirar que o culto é, e há de permanecer, inalterável..

Acordara cedo Castro Alves. Na adolescência há como que um estonteamento de emoções e de ideas, sensações cuja novidade deliciosa nos tira o sono, pensamentos cuja reflexão não conseguiu ainda exprimir-se em forma precisa. A ênfase será sempre pecado dos vinte anos; a caudal de um talento ainda latente, na reprêsa de ambição

(1) Dr. José Rodrigues Peixoto, outrora antropologista do Museu Nacional, onde escreveu e publicou sábias memórias scientificas, hoje presidente de um dos grandes estabelecimentos bancários do Rio.

(2) Dr. António de Sousa Pitanga, dezembargador da Côrte de Apelação, membro do Instituto Histórico e de outras associações scientíficas, às quais honra o seu saber e a sua virtude.

que não achou seu caminho, ferve em cachão e a veia líquida, que primeiro lhe deriva, há de ser turva e revôlta. Por isso a mocidade, — e falava exactamente da mocidade dêle — dizia José de Alencar a Machado de Assis, — era uma divina impaciência. Essa ânsia de dizer tudo o que nos sufoca, na expressão de nossas tumultuosas e atrevidas emoções, faz aos jovens não só enfáticos, mas obscuros, apocalípticos, absurdos: nunca mesquinhos. Nem sempre os entendemos: haverá contudo outros moços que os entendam, possuídos do mesmo delírio, o que lhes dá uma clarividência de intuição que a razão estreita não pode explicar.

E' por isso que os autores difíceis — as sibilas, os profetas, os místicos, os metafísicos, os simbolistas — teem nos efebos os seus adeptos mais fervorosos, devotos que os compreendem de primeira mão. Não há dificuldades para um cérebro de dezoito anos; nessa idade a admiração prescinde da razão e adora exactamente porque não pode perceber. Não há glória mais duradoira e mais estridente do que a dêsses autores felizes, porque terão por si a fiel mocidade, eterna, ainda quando arrependida nas idades menos belas e menos tontas, que lhe sucedem.

A ênfase de Castro Alves era porêm compreendida por todos, pois que o país atravessava todo êle a sua crise de puberdade, com as veemências do romantismo literário, com a exal-

tação humanitária do abolicionismo, com a idealização liberal da república... de sorte que aquelas «bombas» atiradas à multidão repercutiam em ânimos preparados nos ecos retumbantes da vitória e da aclamação.

O seu público, a multidão das praças e dos teatros, não desejava senão isso. De Bocage, o improvisador popular, disse Garrett: «mais êle repetia *eternidade, orbes, fúrias, gorgonas,* mais dobrava o aplauso, delirava êle, mais o admiravam; ao cabo nem êle a si, nem os outros a êle, o entendiam». O nosso Castro Alves era sentido, se não entendido, quando se arroubava e arrebatava os outros, clamando pelo *porvir*, no *arrebol,* ao *infinito*, sôbre os *Andes,* para a *amplidão*... Contudo, a imagem nunca lhe saíu ridícula, ainda quando absurda. O Jehovah que criou a América é «um estatuário de colossos». O continente que desperta, «molhado ainda do dilúvio, tem «os Andes petrificados», «como braços levantados» «que apontam para a amplidão», isto é, que lhe apontam para a sublimidade dos seus ideais. «O livro é um audaz guerreiro, que conquista o mundo inteiro, sem nunca ter Waterloo.» «Num poema amortalhado, nunca morre uma nação». «Quando o tempo entre os dedos, quebra um século, uma nação, encontra nomes tão grandes, que não lhe cabem na mão». «O motim, Nero profano, no ventre da cova, insano, mergulha os dedos cruéis. ¡Da guerra nos

paroxismos, se abismam mesmo os abismos e o morto morre outra vez!» A noite e os astros, debruçados do céu, contemplam a pugna da Independência. E' «o inglês, marinheiro frio, que ao nascer no mar se achou, porque a Inglaterra é um navio, que Deus na Mancha ancorou». A França é muito pequena «p'ra conter tantos heróis» «¡A terra é como um insecto friorento, dentro da flor azul do firmamento, cujo cális pendeu!»

¡E sempre assim, para falar como êle, proceceloso, magnífico, divino! Com êsse verbo heróico e genial fêz a campanha da abolição, maior que Pedro II, que Paranhos, que Nabuco porque falas do trono, leis preparatórias, arengas parlamentares, não moveram tanto a opinião nacional, de adultos endurecidos no egoísmo do interêsse, como êsses versos martelados em bronze, essas rimas estreladas de pranto, que se dirigiam aos adolescentes e às mulheres, idade e sexo do entusiasmo e da generosidade, preparando então essa aspiração nacional — que não o era então — a abolição da escravatura, — mas que viria a sê-lo, de facto, dez a vinte anos depois. Os jovens brasileiros do tempo de Castro Alves, e depois dêle, tocados da sua graça, contaminados de seus arroubos liberais, formaram duas décadas após, a geração dos libertadores.

Depois de servir à causa nacional com que foi o único poeta heróico que possuímos, ainda o

génio lhe sobrou para servir à própria causa, coroando-se o maior dos nossos poetas líricos. Demonstrou José Oiticica, o mais lúcido dos seus críticos, que dêle provêm, e êle melhor representa, a poesia genuinamente nacional. Indianista, colonial, portuguesa, arcádica, clássica... o que quiserem... até aí, com os que o precederam, só com êle é verdadeiramente brasileira. Apenas Casimiro de Abreu e Fagundes Varela (1), com sinceridade, mas sem o mesmo prestígio, se aproximaram dêle.

Pela primeira vez a nossa natureza reflectiu-se em estrofes magníficas. Contaram-me que um dia, a Eça de Queiroz, lera Eduardo Prado as *Aves de Arribação:*

> Às vezes, quando o sol nas matas virgens
> As fogueiras das tardes acendia...

O grande artista deteve o outro, para exclamar:

— ¡ Aí está, em dois versos, tôda a poesia dos trópicos !

Nos outros, em muitos dos outros de Castro

---

(1) Estes nomes são juntos aqui ainda com outro propósito. Contou-me o Dr. Rodrigues Peixoto que ouvira Castro Alves responder a alguêm que lhe indagava da preferência entre os poetas brasileiros: — Dos contemporâneos Fagundes Varela, dos passados Casimiro de Abreu.

Alves, está tôda a poesia do Brasil. Poesia inata, vívida, sentida, não imitada de livros lusitanos, ou copiada de modas francesas, como êsses versos sem poesia que tanto por aí encontramos.

¡Que flores de ouro pelas veigas belas!
Foi um anjo com a mão cheia de estrêlas
Que na terra as perdeu.
. . . .

A surdina da tarde ao sol, que morre lento. . .
. . . .

Ontem à tarde, quando o sol morria,
A natureza era um poema santo.
De cada moita a escuridão saía,
De cada gruta rebentava um canto
Ontem à tarde quando o sol morria
. . . .

Estava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina. . . .
E ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite plácida e divina. . .

Poderia multiplicar os exemplos. Se em vez dos quadros da natureza, interrogarmos a elevação do pensamento, ficamos espantados dessa facilidade do conceito filosófico que nos mostra um mundo interior tão formoso quanto o outro que via cá fora o poeta. Poetas filósofos teríamos a louvar outros — Antero do Quental ou Raimundo Correia, — porêm não é isto a que nos

referimos, mas à produção surpreendente que das imagens e dos factos é librada logo a uma idea geral, lei ou conceito moral, de uma beleza às vezes incomparável: em nossa língua, só Camões se lhe compara nesse talento. O génio é com o Ahasverus:

> Invejado! a invejar os invejosos...
>
> ....
>
> E sempre a caminhar... sempre a seguir...
>
> ....
>
> Mas quando a terra diz: — «Êle não morre»
> Responde o desgraçado: — «Eu não vivi!...»
>
> ....
>
> ... aos heróis — aos miseráveis grandes
>
> Há duas coisas nêste mundo santas
> O rir do infante e o descançar do morto...
>
> (Pois eu sei que o filho torpe
> Faz o morto soluçar...)
>
> ....
>
> Quando o tempo entre os dedos
> Quebra num séc'lo uma nação
> Encontra nomes tão grandes
> Que não lhe cabem na mão!
>
> O século — traça que medra
> Nos livros feitos de pedra
> Rói o mármore cruel.

O tempo — Atila invisivel
Quebra com a pata insensível
Sarcófago e capitel.

. . . .

E me curvo no túmulo das idades
Crânios de pedra cheios de verdade
E da sombra de Deus.

P'ra nós o vento da espr'ança
Traz o polen do porvir...

O óleo que lava os pés do Cristo
E' uma reza tambêm de pecadora

... ser formosa é ser melhor ainda
e se és boa — és luz... mas se formosa estréla

Pôde por isso António Nobre chamá-lo «o primeiro poeta brasileiro»: sem contradição valida dos contemporâneos.

Para compreender êsse prodígio de expressão das scenas da natureza, da elevação do pensamento, das intimidades do coração, em rapaz que viveu apenas vinte e quatro anos, num têrço dos quais realizou essa obra maravilhosa que ainda agora nos comove e nos entusiasma, pensei que a beleza e o génio, com que nasceu, e se lhe desenvolveram no seu torrão, tiveram seu desabrochar e sua maturidade apressados pelo amor, com que viveu, gozou e sofreu, como se tivera longa vida e esfôrço de sobra, para traduzir fielmente seus encantos e mágoas.

Foi só por isso, para vos proclamar uma, que eu quis por miúdo vos dizer da outra, que a explica, e a faz entender, que vos entretive aqui sôbre a Paixão e a Glória de Castro Alves.

O POEMA

Castro Alves, o Épico da Abolição e da República (1)

Traze a bênção de Deus ao cativeiro,
Levanta a Deus do cativeiro o grito!

CASTRO ALVES.

Ergue-te ó luz! estrêla para o Povo,
Para os tiranos — lúgubre cometa.

CASTRO ALVES.

NÃO foi sómente Castro Alves o Profeta da Abolição, o «Poeta dos Escravos», como deveu ser chamado, pela vibração prolongada e intensa dos seus cantos contra a Escravidão, pela piedade sincera e diligente suscitada em favor dos cativos — foi também, históricamente, um dos primeiros abolicionistas de nosso país, em tempo e, talvez, o de influência mais perdurável, até à emancipação.

A PROPAGANDA DA ABOLIÇÃO

Há na história da libertação dos escravos no Brasil que considerar três fases distintas. Pri-

(1) Conferência realizada na Biblioteca Nacional, 1 da Série «Castro Alves», comemorativa do cinqüentenário do Poeta, em 6 de Julho de 1921.

meiro os precursores, sem influência manifesta, de Manuel Ribeiro Rocha, desde 1758, Pedra Branca em 21, ou José Bonifácio, em 26, aos dois Ferreira França em 31, a Silva Guimarães, em 50. Depois, o movimento que vai terminar na lei preliminar do ventre livre — começado em 57 com Silveira da Mota, desde 63 com Tavares Bastos, na imprensa, e Perdigão Malheiro, no livro, em 65 com o visconde de Jequitinhonha, no parlamento, e de 66 a 71 com Pedro II, S. Vicente, Nabuco, Zacarias, finalmente, e vitoriosamente, Rio Branco. Por último, desde aí, preparo para a lei definitiva, em que a propaganda das ruas ganhou as câmaras e se impôs ao govêrno, em 88.

Na fase activa da propaganda, antes de 71, na imprensa com Tavares Bastos e Urbano Pessoa, no Instituto dos Advogados com Caetano Alberto Soares e Perdigão Malheiro, no parlamento com Silveira da Mota e Jequitinhonha, junto da Coroa como o visconde de S. Vicente e o conselheiro Nabuco de Araujo, a causa tinha defensores contados e o seu proselitismo era escasso ou nulo nas classes dirigentes do Brasil: éramos então inteiramente insensíveis à in-infâmia da escravidão e à agonia dos escravos, e acreditávamos ter feito muito, tudo ter feito, quando, forçados pela Inglaterra, tivemos, emfim, a contra-gôsto, de abolir o tráfico dos negros africanos.

Pedro II, se tinha o respeito a seus deveres constitucionais, não era porêm insensível a essa vergonha nacional que êle, melhor que os outros, podia julgar, sentindo a humilhação que era para o seu povo ser o último do mundo a explorar ainda a maldita instituição. Refere o barão do Rio Branco que ao gabinete Olinda, em 65, dissera: «E' preciso preparar essa reforma com prudência», o que não impediu a êsse govêrno rejeitasse, *in-limine*, os projectos de S. Vicente, em 66, apenas Nabuco e Saraiva opinando com o imperador (1).

Quando, nesse ano, teve de responder ao apêlo da Junta Francesa de Emancipação, declarava que a abolição dos escravos era «uma questão de forma e oportunidade». Se fôra o ministro Martim Francisco quem oficialmente firmara a resposta, a minuta da carta foi do imperador (2). Relata Joaquim Nabuco o seu efeito, de torna-viagem: o «de um raio, caindo de um céu sem nuvens. Ninguêm esperava tal pronunciamento. Tocar assim na escravidão pareceu a muitos, na perturbação do momento, uma espé-

(1) J. Nabuco — *Um estadista do Império* — Rio, 19. Vol. III, p. 41.

(2) J. Nabuco — Op. cit. II vol., p. 394: «Nos papéis de Nabuco encontra-se por letra do Imperador a seguinte minuta de carta de Martim Francisco, de 22 de Agôsto, em resposta ao apêlo da Junta Francesa de Emancipação, etc.»

cie de sacrilégio histórico, de loucura dinástica, de suicídio nacional. Estava-se tão imbuído da perpetuidade da escravidão, que a dúvida a respeito de sua duração equivalia para todos os interesses sociais, à antecipação de um novo Ano Mil» (1).

O POETA DOS ESCRAVOS

Pois bem, foi num Brasil com êsse estado de espírito que, desde antes, desde 1863, principalmente desde 65, começara Castro Alves a

---

(1) Nabuco, como Rui Barbosa, e tantos outros, liberais e abolicionistas, foram. no calor e na impaciência da propaganda, duros com a indiferença ou a inércia imperial à sorte dos cativos: queriam que o tão decantado poder pessoal se manifestasse, a êsse propósito. D. Pedro II era rei constitucional que apenas reinava, governando com os representantes do Brasil: ¿porque havemos de atribuir a estes os bons actos, e os maus ao imperante? Refere Cotegipe que, num conselho de ministros, ao tempo de Itaborahy, dissera alguêm «que a questão da emancipação era semelhante à pedra que rolava da montanha e que nós não a devíamos precipitar, porque seriamos esmagados. S. M. respondeu que não duvidava expor-se à queda da pedra, ainda que fôsse «esmagado»! «E o Brasil?» perguntou Cotegipe. «Esta é a questão.» *(Documentos inéditos sôbre a queda do gabincte Itaborahy* — por J. W. de Araujo Pinho. *Revista do Brasil,* n.° 63, Março 1921, pag. 239). Diga-se agora que o Imperador não foi abolicionista. Passado o tempo, Rui Barbosa e Nabuco vieram a ser mais justos com a influência imperial na abolição. Êsse trecho citado é uma das confissões de um dêles. Op. cit., II vol., pag. 395.

compor, publicar, recitar os seus poemas abolicionistas. A causa era tão nova e tão desinteressante para a sua própria geração de moços, que me afirma um seu contemporâneo, causava a todos espanto, e pena, que o jovem Castro consagrasse o seu talento e sua heroica juventude a um apostolado sem simpatia na multidão, nem favor nas classes dirigentes. Ainda em 70, aludir à emancipação numa fala do trono, considerava o barão de Cotegipe que «jogava com a sorte da pátria» e se recusava com os seus colegas do gabinete Itaborahy ao permitir.

Anos mais tarde um liberal, Silveira Martins, acharia na emancipação dos escravos uma formal antinomia com a própria existência do Brasil, dizendo: «amo mais ao meu país que ao negro», para significar que êles eram indispensáveis à existência nacional. Outros, por caridade, tal aquele outro liberal, Martinho Campos, temiam com a abolição «uma hecatombe de inocentes vítimas», e para os proteger, mantinha-os, aos «seus negrinhos», na servidão... ¿Que não seria, anos atrás, no tempo de Castro Alves?

E' verdade que êle arrancava aplausos, comovia, entusiasmava, mas eram os seus dons pessoais, a sua poesia sonora e inflamada que os colhia, das assembleias literárias ou das plateias predispostas que o admiravam. Sem o querer, e sem o saber, ía, entretanto, essa turba se impregnando da emoção e do espírito abolicionista.

Raras poesias suas escaparam ao extravio, antes de 1865, mas de 63, nos resta a *Canção do Africano* (tinha êle 16 anos...) e de 65 são: *O Século, Ao romper d'alva, A visão dos mortos, Mater dolorosa, Confidência, O sol e o povo, Tragédia no lar, O Sibarita romano, A Criança, A Cruz da Estrada, Bandido negro, A América, O Remorso, A órfã na sepultura, Antítese, Canção do violeiro, Súplica, O Vidente, Mãe de cativo, Manoela, Estrofes do solitário, Adeus meu canto...*, em que perpassam tôdas as infâmias da escravidão e tôdas as agonias dos cativos. Em 67, já êle escrevia a um amigo: «Vou hoje para a Boa Vista terminar o prólogo dos *Escravos*, aos quais só falta a descrição da Cachoeira de Paulo Afonso». De 67 é o drama *Gonzaga*, onde, a propósito da Inconfidência Mineira, o tema da liberdade civil se casa ao da liberdade política; de 68 são: *O Navio Negreiro, Prometeu, Lúcia, Vozes d'África...* e não cessou de cuidar no seu apostolado, porque até o fim de sua curta vida, a invocação de *Palmares* como que à insurreição que havia de mover, e moveu, a abolição; *O derradeiro amor de Byron*, à liberdade, é como que o próprio; e é *a Cachoeira de Paulo Afonso*, que recebe os seus últimos carinhos do artista.

Joaquim Nabuco que em tôrno do pai, no Instituto dos Advogados, no Senado, no Conselho do Estado, fêz a história da propaganda

abolicionista antes de 71 no seu monumental livro *Um estadista do Império*, como em tôrno de si próprio faria a da Abolição até 88, no seu delicioso livro *Minha formação*, esqueceu o nosso Poeta, para só atender à gente de qualidade, jornalistas, advogados e políticos, como se estes fôssem para a propaganda das ideas os mais qualificados, quando apenas, se tanto, reflectem as da opinião pública, que essa é que é preciso formar; esqueceu Castro Alves, seu colega em S. Paulo, a quem não podia perdoar talvez ter-lhe precedido de quási vinte anos na vocação abolicionista, que vivia a servir, sem outra influência entretanto que a dos seus discursos, como a do outro fôra também, na multidão, a dos seus poemas: apenas Nabuco encabeçara, com outros muitos, um movimento feito, e feito certamente com as emoções e as ideas de Castro Alves, que habilitaram as gerações novas do seu tempo à piedade pelos cativos, à indignação contra o cativeiro, para, vinte anos mais tarde, virem a ser a geração dos libertadores. Castro Alves trabalhou para Nabuco, que assim era justo o esquecesse.

Nem sempre, porêm. Em uma série de artigos publicados em 1873 n'*A Reforma*, não conseguira ainda abafar a voz da justiça, desprendimento mais fácil aos moços, que teem menos interesses: Nabuco não era ainda abolicionista, e pois, podia dizer do outro: «Castro Alves foi

uma inspiração elevada e uma inteligência nobre; seu maior título (de glória) é o de ter pôsto seu talento ao serviço da causa da emancipação e da pátria. As suas mais felizes ideas, seus versos mais melodiosos foram-lhe inspirados pela sorte dos cativos». «Êsse é um título sério à gratidão do país e não sei que se possa apontar um melhor exemplo aos moços que a glória de Castro Alves seduz, do que... empregando todo o seu talento e sua inspiração ao serviço da redenção dos escravos. Essa é a grande causa da mocidade e a melhor homenagem que pode prestar à memória do jovem poeta é a de inspirar-se do mesmo sentimento (1) que deu tanta eloqüência e tanto movimento às *Vozes d'África* e à *Tragédia do mar*. Nunca o poeta subiu tanto como nesses dias em que abandonando a toada melancólica e o scéptico desespêro dos Réné e dos Obermann apoderou-se resolutamente de uma grande idea e deixou-se dominar por um forte sentimento. É êsse o mérito que antes de qualquer outro eu queria atribuir ao poeta para chamar em seu favor os corações generosos que não conhecem maior prémio para o talento do que servir à liberdade e que sabem

(1) Foi o que veio suceder, mais tarde, ao próprio Nabuco, que tomaria êsse conselho, dado aos de sua geração, que seguissem a Castro Alves: ¡que novo mérito, para o Poeta, o dêste discípulo! e que discípulo!

que a musa que se torna eco das desgraças imerecidas coroa-se duas vezes, pela inspiração e pela caridade».

Estes sentimentos e estas ideas foram próprias, e esta é a originalidade de Castro Alves, que não seguiu a nenhuma corrente de sensibilidade de seu tempo, a nenhum partido de ideas de sua geração, antes impôs as próprias sensações e pensamentos ao seu povo e ao seu país, quando os motivos de arte e de política eram uma idealização do selvagem primitivo, incumbido de representar o brasileiro e uma guerra contra o estrangeiro, que daria foros de nação respeitável ao Brasil. Castro Alves sentiu que mais perto de nós estava uma componente de nossa nacionalidade, vencida e expoliada, que era preciso redimir e reabilitar como a outra, à raça branca, seria preciso restituir à consciência do próprio esfôrço no trabalho livre e digno, saneados o lar, a actividade, os costumes e a inteligência para não nos humilharmos diante do mundo, para termos o orgulho de nossas qualidades e virtudes.

«A sua influência foi enorme... diz José Veríssimo (1) e explica Amadeu Amaral (2), porque «não foi apenas um poeta... foi um após-

---

(1) José Veríssimo — *História da literatura brasileira* — Rio, 1906, p. 337.

(2) Amadeu Amaral — *Letras floridas* — Rio, 1920, p. 145.

tolo, um propagandista, um lutador, sciente e consciente dos frutos bons e dos frutos amargos de sua semeadura». Apóstolo, foi tambêm vidente e profeta: a sua grandeza está nisto, acerta Euclides da Cunha, «êle os viu e melhor do que seus contemporâneos», os grandes pensamentos políticos e sociais do seu tempo, chegando no momento de os proclamar «aparecimento... certo oportuno como o de todo grande homem (1). Realizada a sua aspiração, que começou a realizar, e nos deixou estímulos para cumpri-la, não é senão justo que o nome dêle se ligue «indelevelmente, a uma das fases mais decisivas de história nacional» (2).

CONTRA A ESCRAVIDÃO

Para isso, a sua lira de cem cordas não deixou de vibrar em nenhuma daquelas que podiam comover ou indignar a multidão. Para o próprio Deus apela:

> Senhor! Não deixes que se manche a tela
> Onde traçaste a criação mais bela
> De tua inspiração.
> O sol de tua glória foi toldado,
> Teu poema da América manchado,
> Manchou-o a escravidão.

---

(1) Euclides da Cunha — *Castro Alves e seu tempo* — Rio, 1907, p. 9-10.

(2) Rui Barbosa — *Elogio de Castro Alves* — Baía, 1881, p. 46.

À África empresta voz e com os acentos de um profeta, Job ou Moisés, argúi ao Eterno de injustiça e clama misericórdia e reparação:

> Senhor Deus dos desgraçados
> Dizei-me vós, Senhor Deus
> Se é mentira, se é verdade
> Tanto horror perante os céus...

e ao silêncio que lhe responde à aflição, exclama, desesperada:

> Há dois mil anos te mandei meu grito,
> Que embalde, desde então, corre o infinito.
> Onde estás, Senhor Deus?

A seu povo, a sua nação, concita em arroubos de indignação e, às vezes, de esperança:

> Não manches a fôlha de tua epopeia
> No sangue do escravo no imundo balcão
> ....
> Arranca êste pêso das costas do Atlante
> ¡Levanta o madeiro dos ombros de Deus!
> ....
> Auri-verde pendão de minha terra
> Que a brisa do Brasil beija e balança
> Estandarte que a luz do sol encerra
> E as promessas divinas da esperança,
> Antes te houvessem rôto na batalha
> Que servires a um povo de mortalha.
> ....
> Oh... pátria desperta... Não curves a fronte
> Que enxuga-te os prantos o sol do Equador
> ¿Não miras na fimbria do vasto horizonte
> A luz da alvorada de um dia melhor?

Aos sacerdotes, reis, tribunos, bardos, ricos, poderosos, «fariseus» que toleram a escravidão e renegam a Jesus, amaldiçoa:

> Sinto não ter um raio em cada verso
> Para escrever na fronte do perverso
> Maldição sôbre vós!

Entretanto, inclinado sôbre o escravo sente o que êle sofre e às vezes sofre com êle: é aqui a mãe privada de filho, a donzela de sua pureza de que dispõe o senhor, o chicote retalhando as carnes como a vergonha, as irmãs prostituídas à vista dos irmãos, os lares desfeitos e os esposos separados e vendidos para rumos diferentes, as cãs da velhice insultadas e nem no túmulo o resguardo da morte. Porque ser escravo

> É do lôdo, no lôdo sacudido
> Ver que aqui, ou além, nada o espera,
> Que em cada leito novo, há mancha nova
> No berço... após no toro... após na cova!
>
> Ser escravo — é nascer no alcouce escuro
> Dos seios infamados da vendida,
> Filho da perdição no berço impuro,
> Sem leite para a bôca ressequida.
>
> É ver, viajante morto de cansaço
> A terra — sem amor! sem Deus... o espaço!

Nem o amor, que é condição de vida imposta

aos mais misérrimos sêres de natureza, porque dêle o privam, se o destroem:

> Não! tudo isto é mentira! o que é verdade
> É que os infames tudo me roubaram...
> Esperança, trabalho, liberdade,
> Entreguei-lhes em vão... não se fartaram
> Quiseram mais... Fatal voracidade!
> Nos dentes meu amor despedaçaram...

Se êste se rebela, outro geme sem consôlo:

> Ai triste que eu sou escravo,
> Que vale ter coração?

E quando chega a velhice, é o abandôno, e, à morte, nem uma cova:

> É êle, o escravo maldito
> O velho desamparado
> Bem como o cedro lascado,
> Bem como o cedro no chão
>
> Que o cadáver insepulto
> Nas praças abandonado,
> É um verbo de luz, um brado
> Que a liberdade prediz...

Mas, nem essa esperança consola o poeta, que exclama:

> Do berço à sepultura a infâmia escrita
> Senhor Deus! compaixão!

Por isso todos os crimes se justificam:

> E vens falar de crimes ao cativo
> Então, ¡não sabes o que é ser escravo!

As mães sufocam os filhos ao nascerem, para lhes poupar a escravidão:

> Não me maldigas... num amor sem têrmo
> Bebi a fôrça de matar-te... a mim...
> Viva eu cativa, a soluçar, num êrmo,
> Filho sê livre... sou feliz assim...

«A criança» a quem mataram ao açoite a mãe escrava:

> Choras, antes de rir... Pobre criança
> Que queres, infeliz?
> — Amigo, eu quero o ferro da vingança

Mais tarde, êle será o «Bandido negro»

> Para vós fez-se a púrpura rubra
> Fez-se o manto de sangue p'ra nós...

e então:

> ¡Cai orvalho de sangue do escravo!
> ¡Cai orvalho da face do algoz!
> Cresce, cresce, seara vermelha
> Cresce, cresce, vingança feroz...

E essa vingança pode ser social e será, talvez, a revolução. A amante próxima, e cujos encan-

tos chega a esquecer, diz o poeta, em «Confidência»:

> Por isso quando vês as noites belas
> Onde vôa a poeira das estrêlas
> E das constelações,
> Eu fito o abismo que a meus pés fermenta
> E onde como santelmos da tormenta
> Fulgem revoluções...

Se, às vezes, a dúvida o assoberba,

> ... levantando a voz por sôbre os montes
> «Liberdade, pregunto aos horizontes,
> «¿Quando emfim hás de vir?»

Outras ocasiões, vem-lhe a certeza:

> «¡Oh ver não posso êsse labéu maldito!
> ¿Quando dos livres ouvirei o grito?
> Sim... talvez àmanhã!
> ....
> Moços, creiamos não tarde
> A aurora da redenção...

Por isso, no poema que desejou pôr por fecho aos outros d'*Os Escravos*, despedindo-se dêles, no *Adeus, meu canto...* resumiu seus desesperos e esperanças:

> E, mesmo quando a turba horripilante,
> Hipócrita, sem fé, bacante impura
> Possa curvar-te a fronte de gigante,
> Possa quebrar-te as malhas da armadura,

Tu deixarás na liça o férreo guante,
Que há de colhêr a geração futura...
Mas, não! crê no porvir, na mocidade,
¡Sol brilhante do céu da liberdade!

Canta, filho do sol da zona ardente
¡Dêstes cerros soberbos, altanados!
Emboca a tuba lúgubre, estridente,
Em que aprendeste a reprimir teus brados;
Levanta das orgias do presente
Levanta dos sepulcros do passado,
Voz de ferro! levanta as almas grandes
Do sul ao norte... do Oceano ao Andes!

E pendido através de dois abismos
Co'os pés na terra e a fronte no infinito
Traze a bênção de Deus ao cativeiro
¡Levanta a Deus do cativeiro o grito!

LIBERDADE OU REVOLUÇÃO

Haveis de ter notado, de relance, que, para resolver o problema da Escravidão, Castro Alves chega a apelar para a Revolução, e a revolução com a República: não contente em ser um precursor, seria também um profeta.

Não esqueceremos que o vate, capaz de vaticínio, tinha êsse dom divino de adivinhar. Não lhe faltou, ao génio, nem êsse condão maravilhoso. Numa de suas poesias abolicionistas, as

Estrofes do solitário, êle o diz, precisamente, aos moços:

> Basta de cobardia!... a hora soa...
> ....
> E vós cruzais os braços... Cobardia!
> E murmurais com fera hipocrisia
> — É preciso esperar...
> Esperar? mas o quê? ¿que a populaça
> Êste vento que tronos despedaça
> Venha abismos cavar?
>
> ¿Ou quereis, como o sátrapa arrogante
> Que o porvir, n'ante-sala, espere o instante
> Em que o deixeis subir?

Já se esqueceram do destino das dinastias ineptas, da sorte de Luís XVI, e o poeta exclama:

> Desvario das frontes coroadas!
> Nas páginas das púrpuras rasgadas
> Ninguêm mais estudou!
> E, no sulco do tempo, embalde dorme
> A cabeça dos reis — ¡semente enorme
> Que a multidão plantou!

Assim havia de ser. O govêrno — que no Brasil sempre foi a expressão de certas oligarquias parasitárias, e nunca do povo — defendendo mesquinhos interesses, retardou a abolição da escravatura e de tantas outras reformas reclamadas pela opinião pública, tornando impopular a

Coroa: quando veio a hora apertada das resoluções, imposta pela propaganda das ruas e pelas insurreições e fugas nas fazendas de S. Paulo e do Rio, já sem tempo e a mais com outros descontentamentos, agora dos interessados que aos primeiros se somaram, ruiu a Monarquia, sem veemência nem esfôrço. O Terceiro Reinado, que teria por intróito a emancipação dos cativos, foi frustrado, porque o Segundo Reinado não soubera preparar e realizar essa abolição, exigida pela consciência liberal do mundo, a que a maioria dos brasileiros não podia ser insensível. Pactuando com os senhores de escravos até a undécima hora, para os abandonar, *in extremis*, o trono ruiu mais de-pressa, porque êsses o ajudaram a cair.

Isto que nós vemos hoje, Castro Alves o previra e a previsão só não teve a completa exacção sanguinolenta, porque, nem sequer a Coroa reagiu e a aventura republicana achou, no primeiro instante, um povo de aderentes.

O POETA DA REPÚBLICA

Joaquim Nabuco, colega de Castro Alves em S. Paulo, e que viria a ter ciúmes de sua glória literária, concedendo-lhe apenas a de poeta social e abolicionista, quando, em 1873, ainda não ouvira a sua própria vocação, chegado o cumprimento desta, omitiria qualquer alusão ao nome

dêle na sua historia de emancipação, não esquecendo entretanto o seu lugar e o do pai... Nabuco, moço, liberal, talvez sem compromissos, tambêm não quis admitir fôsse Castro Alves republicano. Mais tarde, proclamada a República, monarquista impenitente e irónico à balbúrdia do novo regímen, magnânimo, chamou-lhe «o poeta republicano do *Gonzaga*». Nabuco fingia não ter lido ou ouvido estes versos, dos quais se lembraria mais tarde, complacentemente,

> Cantem eunucos devassos
> Dos reis os marmóreos paços
> E beijem os férreos laços
> Que não ousam sacudir...

Êle... canta a liberdade, bastante forte

> P'ra levar de derribada,
> Rochedos, reis, multidões...

Mas, momentâneamente vencida,

> Não importa! A liberdade
> E como a hidra, o Anteu:
> Se no chão rola sem fôrças
> Mais forte do chão se ergueu.

E essa liberdade, êle a concebe com a República, quási místicamente

> ... sonha a escada
> Que tambêm sonhou Jacob:
> Scisma a República alçada.

Porque ela é

> República! ¡ vôo ousado
> Do homem feito condor!
> Raio de aurora inda oculto
> Que beija a fronte ao Tabor.

Como o poder dinástico dos reis era-lhe antipático o poder temporal dos papas: antes de 71 previa-lhe a decadência e lhe dava o enderêço cristão, como também antevia o crepúsculo dos reis na Europa e o alvorecer das reivindicações proletárias:

> Quebre-se o scetro do papa,
> Faça-se dêle uma cruz.
> A púrpura sirva aos pobres
> P'ra cobrir os ombros nus...

Não faltou quem lhe achasse ainda uma previsão naquela poesia do *Fantasma e a canção* em que descreve o rei exilado, coberto de cãs e que só tem por consôlo às mágoas, o verso «último refúgio»: lendo-os hoje, de facto, a grande figura de Pedro II nos passa na imaginação.

Notai bem que êsse republicano é de antes de 70, quando se publicou o célebre *Manifesto*, se fundou o *Club Republicano*, se imprimiu a *República:* Castro Alves ainda aqui é um precursor.

Republicano, por oposição à monarquia, como forma de govêrno que desejava mais liberal ou mais livre, não se limitava êle a sonhar a liberdade apenas para o seu país; queria-a para todos os oprimidos, escravos ou súbditos, para a Grécia, para a Polónia:

Quando a Polónia casta — essa Lucrécia nova,
Para fugir a um leito, arroja-se a uma cova...
E mata-se de nojo... aos beijos de um czar...

Como profeta, êle anunciava ainda a ressurreição dessas «nações cadáveres», sonhando-lhes:

O sonho que os cadáveres renova,
O amor que o Lázaro arrancou da cova...

e, com a vida, a liberdade.

O POETA-PROFETA

Onde, porêm, alcançou Castro Alves o cimo de suas ideas generosas, liberais e humanitárias, foi naquela ode *No meeting do Comité du Pain*, em que descreve o horror da Humanidade ao crime de 70, que apunhalava a França e ia trazer a malvada hegemonia da Alemanha no mundo:

Já que a terra estacou na órbita imensa
Já que tudo mentiu — a glória! a crença!
A liberdade! a cruz!

....

Já que o amor transmudou-se em ódio acerbo
Que a eloqüência é o canhão, a bala — o verbo
O ideal, o horror!
E nos fastos do século os tiranos
Traçam com a ferradura dos ulanos
O ciclo do terror

... .

Já que é mentira a voz da Humanidade.
Já que riscam da Biblia a Caridade,
E d'alma o coração...
E a noite da descrença desce feia.
¡E tropeçando em ossos cambaleia
Dos povos a razão!

O poeta alça-se então ao apêlo profético com o tom divinatório do seu génio, invocando os livres filhos de América, para salvarem o mundo:

Filhos do Novo-Mundo! ergamos nós um grito
Que abafe dos canhões o horrisono rugir,
Em frente do oceano! em frente do infinito!
Em nome do progresso! em nome do porvir!

....

Nós que somos a raça eleita do futuro,
O filho que o Senhor amou qual Benjamim,
Que faremos de nós... se é tudo falso, impuro,
¡Se é mentira o progresso! ¡e o êrro não tem fim!

Não! ¡clamemos bem alto à Europa, ao globo inteiro!
Gritemos — liberdade — em face da opressão!
Ao tirano dizei — tu és um carniceiro!
És um crime de bronze — escreva-se ao canhão!

Falemos de justiça — em frente à mortandade!
Falemos do direito — ao gládio que reluz!
Se êles dizem — rancor — dizei — fraternidade!
Se erguem a meia-lua, ergamos nós a cruz.

A América havia de ouvi-lo, e quando quási cinqùenta anos depois o mesmo génio malvado premeditara a morte da Civilização, foram êles, êsses filhos do Novo-Mundo, para quem apelou, que nos campos devastados de França, vingaram o ideal, redimindo a consciência do mundo do maior pesadelo da história, e foi por êles, como anunciou Castro Alves, que

A herança de suor vertida em dois mil anos
Háde intacta chegar às novas gerações.

CASTRO ALVES — POETA ÉPICO

A forma dêsses cantos só podia ser uma, e a musa de Castro Alves esteve à altura de seu generoso e heróico coração: foram versos épicos, como nenhum poeta português ou brasileiro, antes ou depois dêle, os conseguiu maiores ou mais sonorosos. Pôde Alberto de Oliveira dizer que «excepto algumas estrofes camoneanas», não conhecia em nossa língua versos tão vibrantes de heroísmo como alguns de Castro Alves.

O nome de Camões pronunciado neste assunto, e não por mim, merece detença. De facto

Os Lusíadas são incomparável obra-prima, cuja intenção final, execução no detalhe, extensão no conjunto, não teem rival, e os colocam com vantagem entre as grandes obras poéticas da Humanidade. Não se trata, pois, de uma comparação com *Os Lusíadas*, mas de referência às estrofes ou aos versos pròpriamente heróicos da grande epopeia. O seu objecto mesmo, uma emprêsa de navegação, — apesar dos perigos reais ou imaginários, da querela de deuses no Olimpo, manhas e ardis dos infiéis indianos, — é uma aventura pacífica e civilizadora, antes industrial e técnica, que militar ou guerreira: daria poucas ocasiões a Camões de exercitar o seu plectro grandioso: foi-lhe preciso recorrer a episódios da história lusitana, descrever os tormentos e perigos do mar, para manter a narrativa à altura da fama e do alcance da navegação.

Pode-se bem dizer que, pròpriamente heróico, foi mais o assunto que a Alexandre Herculano coube, êsse o majestoso épico da prosa portuguesa.

Com efeito, no *Eurico*, no *Bobo*, na *História de Portugal*, em muitas páginas das *Lendas e Narrativas*, ficaram escritas as palavras mais ardentes e vibrantes que se devem ter lido e se podem ler em nossa língua, inspiradas pela fé, pelo patriotismo, pela dignidade e abnegação humanas, ao serviço de grandes causas. Herculano foi o épico da epopeia portuguesa ao for-

mar-se a nacionalidade, fiel à sua crença antiga, independente na sua linguagem nova, raça diferenciada a êste extremo da Europa, «onde a terra se acaba e o mar começa», aí mesmo achando a sua vocação civilizadora, e que seria Portugal. Camões foi o épico da epopeia portuguesa, constituído Portugal, e que se vinha afirmar ao mundo nessa vocação civilizadora que lhe coube, «por mares nunca dantes navegados», dando a volta ao mundo, «e se mais mundo houvera lá chegara». Apenas Herculano veio depois de Camões, quando já não podia recorrer ao verso, ainda que tivera o génio do poeta, porque o ciclo das epopeias poéticas estava fechado e para uma grande obra só lhe restavam outras formas recentes de arte, — o drama, o romance, a história, que êle devia adoptar.

Vêde bem que aqui me insurjo contra a perenidade dos chamados «géneros literários», como se fôssem comparáveis aos «géneros biológicos». Apesar dos nomes de convenção que persistem, tanto não há géneros literários, que estes nomes ou continuam a servir a endereços diversos ou desaparecem mesmo umas espécies dêles e por outras vão sendo substituídas. Com aquela visão aquilina do seu génio, que, se não pensava, adivinhava, precedendo à filosofia e à estética de Benedetto Croce, — Hugo, no prefácio do *Cromwell*, esboçou essa teoria, uma das mais ousadas da história literária: «A poesia tem

três idades, correspondentes a uma época da sociedade: a ode, a epopeia, o drama. Os tempos primitivos são líricos, os tempos antigos são épicos, os tempos modernos são dramáticos... A ode canta a eternidade, a epopeia soleniza a história, o drama pinta a vida... A ode vive do ideal, a epopeia do grandioso, o drama do real.»

Aí está; o género literário é condicionado ao tempo, e os tempos mudam, mais de-pressa que os homens; escrevia-se outrora uma *Eneida*, das aventuras de um herói troiano, a Cartago e ao Latio; hoje se escreve *Salambô*, das aventuras de um povo dentro e fora dessa Cartago, entre Tiro e Roma: um poema ontem, agora um romance. O talento descritivo e a inspiração heróica de Vergílio e de Flaubert não serão diversos, homens de génio, sensivelmente comparáveis através das idades, nas quais, entretanto, a Humanidade muda de gôsto e busca novidades, e ontem cantava em verso heróico, com fantasias e invenções, conta hoje numa prosa heróica, com miudezas e observações. Outrora uma aventura militar, a posse de uma pequena cidade, Tróia ou Jerusalêm, dava um poema épico; agora uma imensa guerra, onde os actos de heroísmo nunca foram maiores nem tão numerosos, onde muitos milhões de homens se entrematam com os mais formidáveis engenhos de destruição, e a terra inteira, no ar,

nas trincheiras, nos subterrâneos, nos próprios abismos do oceano, e o mundo vacila, desconjuntadas as nações, as dinastias, as raças, os direitos, instituições políticas, económicas, morais... violências, anatemas e esperanças nunca imaginadas... e, entretanto isso não dá o mais modesto poema épico, embora produza bibliotecas inteiras e submergentes de narrativas militares, documentos diplomáticos, livros de história, evocações comovidas, processos-crimes, inquéritos sanguinolentos infindáveis, memórias políticas indiscretas...

É que não há «géneros literários», fixos, para nesses moldes verter a Humanidade as suas sensações e pensamentos, e êsses, embora os mesmos, teem ao menos a novidade de expressão, procurada, e, por isso diversa, a forma literária.

Alexandre Herculano já não escreveria um poema no seu tempo, e para traçar a epopeia das origens lusitanas teve de se conformar à história: Hugo, que a-pesar-de sua teoria, mais segura que o seu génio versátil, havia de tentar o último poema épico — *A Lenda dos Séculos* — realizou apenas, em versos às vezes líricos, outras heróicos, uma história simbólica da humanidade. Não se foge ao seu tempo. Êsses cantos dispersos, sem unidade, vivem por si como trecho de epopeia, sem um fio que os conduza, como a sucessão dos séculos, não segui-

dos, que os inspiraram. Entretanto, se Hugo não conseguiu realmente mais um verdadeiro poema épico, nem por isso na imensidade de sua obra, no seu lirismo cósmico, no seu heroísmo dramático, nas suas objurgatórias sociais, políticas, humanitárias, nos seus grandes quadros da história universal, o poeta épico, talvez o maior que tenha existido, teve mil e uma ocasiões de se manifestar. Também Castro Alves, poeta social, político, humanitário, ainda no delírio cósmico ou apocalíptico do outro, como êle voz do seu tempo, foi também um extraordinário poeta épico. Alberto de Oliveira teve, pois, razão de assim o considerar e de dizer que, à parte algumas estrofes camoneanas, não conhece na língua versos tão vibrantes como os seus. Com efeito só aludiria a Camões, o maior, porque os épicos menores portugueses somem-se naquela irradiação camoneana, como asteróides junto do sol.

OS ÉPICOS NACIONAIS

Em nossa literatura, os cantos épicos, ou porque os assuntos fôssem miúdos ou o tempo dêles transacto, foram todos medíocres: *O Uruguay*, de Basílio da Gama, diminuto; *Caramuru*, de Santa Rita Durão, diluído; *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias, ou a *Confederação dos Tamóios*, de Gonçalves Magalhães, sem interêsse; final-

mente, o *Colombo*, de Araújo Pôrto Alegre, fatigante: nenhum dêles é heróico, senão na intenção, manifestada pelo verso. Do *Uruguay* salvam-se algumas paisagens americanas; do *Caramuru*, algumas prosaicas descrições, em boa linguagem: não sei se ficará alguma coisa dos outros. Nem a inconfidência, nem as guerrilhas da Independência, nem a unidade do Império, nem as rebeliões nacionalistas ou republicanas, nem a guerra do Paraguai, nem a proclamação da República, darão jamais um poema qualquer. A história da conquista portuguesa na América, o drama da catequese e da escravidão dos Índios e dos Negros, a epopeia dos Bandeirantes, a maravilha da terra e a tenacidade da gente... darão livros fortes e completos, interessantes e diversos, de género indefinido ou sem género, tais êsses *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que nem teem categoria literária, mas foram proseados certamente por um grande épico, o Castro Alves da prosa nacional.

Poeta épico, foi, até agora, Castro Alves, o maior de sua terra. Nunca em nossa língua se ouviram cantos heróicos tão emocionantes e tão elevados como êsses poemas de *Pedro Ivo*, de *Ode ao Dois de Julho*, de *Deusa incruenta*, do *No meeting do Comité du Pain*, de *Visão dos mortos*, do *Navio Negreiro*, do *Adeus, meu canto...*

Aí estão os versos mais vibrantes e arrouba-

dos que já se escreveram em linguagem portuguesa, alguns tamanhos, que nem os maiores, do mesmo Camões, os podem seguir e medir-se com êles. Lembrai-vos daqueles imensos versos do clássico, quando conta, pelo Adamastor:

> Estes membros que vês e esta figura
> Por estas longas águas se estenderam...
>
> C. V., 59, e V. 3-4.

Quereis ver maiores, para quem o mar não baste e os cimos da terra se toquem e os horizontes se aproximem, ouvi e dizei-me depois, quais versos heróicos em qualquer literatura se podem comparar a estes. É a Imprensa, «a consciência do mundo»:

> Quando Ela se alteou das brumas da Alemanha
> Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,
> Na dextra suspendendo a estrêla da manhã...
> O espasmo de um fuzil correu nos horizontes...
> Clareou-se o perfil dos alvacentos montes
> Dos cimos do Perú — às grimpas do Indostan!
>
> ....
>
> Ergueu-se!... olhou de roda os planos do universo
> No peito das nações seu braço longo imerso,
> ¡Palpou-lhe o estrepitar do estoso coração!...
> Génio e Santa! a mulher um grito ergueu profundo
> Abriu braços de mãe para acalentar o mundo
> Àsas de Serafim — p'ra abrigar a amplidão.
>
> ....

Rugiram de terror ao ver-lhe o rir sublime...
O sátrapa, o chacal, a tirania, o crime...
¡O abutre, o antro, o mocho, o êrro, a escravidão!
Disse a gruta p'ra o céu: — ¿¡Que deusa é esta ingente?!
O espaço respondeu: — ¡É a diva do Ocidente!
A consciência do mundo! o Eu da Criação!

E quando Ela surgiu... — os pólos se abraçaram
O Zenith e o Nadir — surpresos se escutaram!
¡O Norte ouviu chorando o soluçar do Sul!
O abafado estertor do servo miserando
Da deusa no clarim... gigante, reboando
Clamou da terra verde — ao firmamento azul!

Passa uma visão de relâmpago da história universal:

Quando a Bastilha vil tremia desraigada
E da mole do sopé soava a martelada,
A catapulta humana, a voz de Mirabeau...
Quando aquele ideal — Quasimodo do abismo,
Se agitava a ulular dos reis no cataclismo,
Sineiro que o rebate aos séculos tocou...

Eriçado, feroz, suado, monstruoso,
Magnífico de horror, divino, proceloso...
¡A deusa se atirou nos braços do titão!
Mas sentindo que o deus inteiriçado tomba...
Dos tronos co'a madeira — arvora-lhe a hecatomba
C'as púrpuras dos reis — acende-lhe um clarão!

. . . .

Salvè, deusa incruenta! imensa Divindade!
Barqueira dêsse mar chamado — a Eternidade —
Que às margens do Cocito embarcas os heróis...
Em prol da humanidade, a Deus levas o grito...
¡Tens os joelhos na terra! a bôca no infinito!
A meia-lua — aos pés! na cabeleira — os sóis...

UM PARALELO

Considerai agora que êsse génio épico foi pôsto dos dezoito anos de um adolescente, aos vinte e quatro de um moço, ao serviço de tôdas as causas nobres e generosas do seu tempo, do Abolicionismo, da República, da Liberdade de Consciência, da Ressurreição das Nações Oprimidas, de Paz e de Fraternidade Universal, sem uma vacilação, sem um esquecimento, com uma constância e com uma antecedência que são ainda outros méritos aos do seu apostolado.

Também Hugo teve a lira de cem cordas para cantar tôdas as causas beneméritas do seu tempo, mas Hugo viveu mais de oitenta anos e cantou a Revolução e o Império, Luís XVIII e Carlos X, Luís Filipe e a República; êle mesmo se definiu como um «espelho» do tempo:

Mon âme aux mille voix que le Dieu que j'adore
Mit au centre de tout comme un echo sonore.

Castro Alves durante os instantes que viveu, entre menino e moço, viveu-os intensamente, com uma grande fé, um só coração e um génio épico incomparável; de seus lábios e de sua pena só saíram cantos comovidos e entusiastas, pela bravura e pela liberdade, pela fé e pelo amor, pela pátria e pela humanidade; foi antes um precursor, entre vidente e profeta, que os

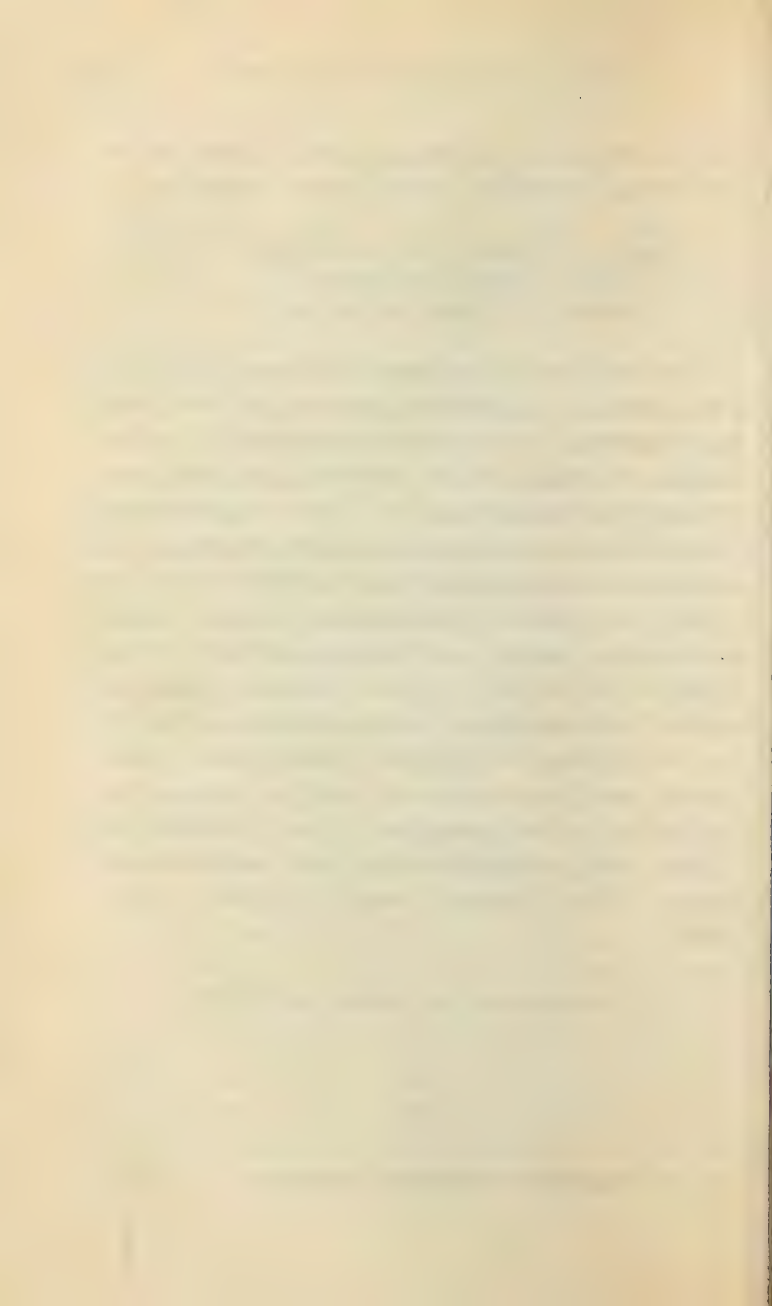
outros seguiram e perseguiram, de quem se poderia dizer, também com palavras próprias:

> Quando a fanfarra tocas na montanha
> A matilha dos ecos te acompanha
> Ladrando pelas pontas dos penedos...

Lembrai-vos da doutrina carlileana «do heroi»: êle é messias, guerreiro, sábio ou político, também é poeta; «o herói é o que exprime exteriormente, como lhe é próprio, sua alma inspirada: inspiração que é a sua originalidade, sinceridade, génio, sua qualidade heróica; vive na esfera íntima das coisas, no Verdadeiro, no Divino, no Eterno, que existem sempre, desconhecido do vulgo, sob os aspectos do Temporário e do Trivial... por isso, o que êle diz será... e o mundo o há de cumprir» (1). Elevam-se assim, os homens, como Castro Alves, a uma condição superior à própria humanidade, heróica e divina, que lhes tributa, reconhecida e espantada, a nossa admiração. Guilherme de Castro Alves resumiu êsse julgamento, num verso:

> Êle era grande e bom — massa p'ra Deuses!

---

(1) Th. Carlyle — *Os Heróis*, introdução.

Castro Alves e o Teatro da Mocidade (1)

> *«O teatro é uma tribuna» : é de Beaumarchais. «O teatro é uma escola» : é de Hugo .... O teatro... é um altar...*
>
> CASTRO ALVES.

> *«O «Gonzaga» é feito para a mocidade».*
>
> CASTRO ALVES.

TINHA Castro Alves, mais que os seus contemporâneos, duas razões para amar o teatro. Eram, no seu tempo, os espectáculos, a diversão preferida. A sociedade exigente, restricta, fechada, recebia raramente, escolhia relações, aborrecia-se em família ou na companhia de amigos respeitáveis: as festas de igreja ou as comemorações patrióticas davam o seu concurso ao povo, fácil em se divertir. A classe média, tôda gente que tinha gôsto ou desejava aparecer, procurava o teatro, prazer intelectual de arte, de moda, de elegância, em que as emoções suscitadas na scena repercutiam na sala em aplausos ou sentimentos semelhantes entre especta-

(1) Conferência realizada na Biblioteca Nacional, II da série «Castro Alves», comemorativa do Cinqüêntenário do Poeta, em 13 de Julho de 1921.

dores que a ocasião benigna permitia verem-se, falarem-se e, às vezes, atarem ou desatarem paixões, de outro modo sem ocasião tão propícia de manifestação. Tanto basta para dizer que era o divertimento predilecto da mocidade. Não havia então as casas de chá, os salões públicos de dança, os cinemas e as praias de banho, e o teatro que resumia tôdas essas possibilidades de encontro, permitia ao demais uma tela de fantasia, onde cada qual bordava o seu sonho, na obra comovida que o fazia chorar ou aplaudir.

AMOR AO TEATRO E ÀS ACTRIZES

Castro Alves, moço e apaixonado, iria ao teatro divertir-se, como tôda a gente, mas principalmente lá o haviam de levar dois outros motivos, um de sentimento, outro de ambição, qual mais exigente. Aplaudira a Furtado Coelho, a Joaquim Augusto, a Amoedo, a Eugénia Câmara, a Adelaide Amaral, a Isménia dos Santos... como tôdas as plateias do Brasil nesse tempo, mas, desde 1866, tinha êle ainda 19 anos, e já era homem na estatura e nos modos, sem deixar, na beleza de efebo, e na graça da adolescência, de ser o mais sedutor dos rapazes, quando se apaixona por uma das actrizes mais festejadas do momento, que tem o bom gôsto de corresponder a estes sentimentos e ei-lo admi-

rador e amante de Eugénia Câmara, sonhando viver românticamente ao seu lado e na sua intimidade os êxtases de arte que ela representava na *Dalila* e nas *Mulheres de Mármore*. Essas noitadas de triunfo seriam seguidas de ceias alegres e buliçosas, na companhia de outros rapazes entusiastas e outras raparigas sensíveis, pronunciando-se, o que é da índole dos moços, e de brasileiros ainda mais, dois partidos que haviam de dividir a plateia, em tôrno de duas damas, alvo da admiração e, para algum, ou mesmo alguns..., como para Castro Alves, do afecto de seus parciais.

Isto que ocorria por todo o Brasil foi notado e ficou na memória dos cronistas, no Recife, em 66. Eugénia Câmara e Adelaide Amaral tinham seus admiradores e partidários e Castro Alves e Tobias Barreto eram os corifeus destas hostes, mais aguerridas para as represálias do que mesmo para a harmonia dos coros de bênção ou de louvor. Tambêm é sempre assim no Brasil — os partidos são mais contra alguêm, do que em favor dêste ou daquele. Castro Alves, êsse era por Eugénia Câmara, a quem recitava versos, comparando-a aos anjos ou aos génios, ou lhe definindo a glória:

> ... A glória é isto...
> E' ser tudo... é ser qual Deus...
> Agitar as selvas d'alma
> Ao sôpro dos lábios teus...

Dizer ao peito — suspira!
Dizer à mente — delira!
A glória inda é mais: é ver
¡Homens, que tremem — se tremes!
¡Homens, que gemem — se gemes!
¡Que morrem — se vais morrer!

A glória é ter com o tridente
Refreada a multidão,
— Oceano de pensamentos
¡Que tu agitas com a mão!
. . . .
Harpa imensa feita de almas,
Que rompe em hinos e palmas
Ao teu toque divinal.

Também dos contrários havia de consolá-la, de mágoas e insultos:

Do génio a maior grandeza,
O ser divino é sofrer...
. . . .
Nest'hora grande não sentes
Longe os silvos das serpentes
¿Que tentam morder-te os pés?

Inda é a glória — rainha
Que jamais caminha só...
Ai! Quem sobe ao Capitólio
Vai precedido de pó.

Dos entusiasmos da scena passaria Castro Alves para os de sentimento, e em vez da publicidade do teatro e das ceias alegres procura-

ria, no pudor dos amorosos, que se escondem, para amar mais livremente, uma casinha discreta, num subúrbio do Recife, no povoado do Barro, onde se refugiou com a apaixonada, tambêm por êle tomada do mesmo sentimento e tão veemente, sincero e desinteressado, que até os seus contratos e o seu empresário havia de abandonar, para ser dêle exclusivamente. Em Eugénia Câmara, porêm, êle amaria não sòmente uma bela mulher — menos bela talvez que graciosa, bem feita, moça e ardente, razões tôdas que, para quem ama, hão de fazer bela a qualquer mulher — mas uma actriz aplaudida e admirada: êle poeta aplaudido e apaixonado pelo teatro só podia ter um pensamento de arte digno dela e de sua paixão — escrever um drama, que ela vivesse em scena, representando-o, glorificada pelo talento dêle, consagrado em público pela sensibilidade, — êle diria — pelo génio dela.

MELODRAMAS ROMÂNTICOS

O teatro, de então, vinha dos poemas dramáticos, com que o Romantismo inaugurara a sua ascendência literária, para a peça de hoje, com que o Realismo firmou o seu domínio no palco: estava no drama histórico ou moral, melodrama ou dramalhão, que iria dar o teatro de tese ou teatro simbólico, antes de chegar à comédia ou

peça contemporânea. Basta para ter uma idea, lembrar o repertório da época: é o *Antony*, de Dumas Pai, a *Dama das Camélias*, de Dumas Filho, as *Mulheres de Mármore*, de Barrière e Thiboust, a *Dalila*, de Octávio Feuillet... a que se juntavam *Pedro sem mais nada*, de Mendes Leal, *Purgatório e Paraíso*, de Camilo Castelo Branco, a *Onfália*, de Quintino Bocaiuva, *Um Mistério de Família*, de Franklin Távora... quando não bastavam só os títulos, que eram programas: *Redenção*, o *Poder do Ouro*, *Quedas fatais*, *Cinismo, Scepticismo e Crença*, e outros.

Para evocar êsse teatro, em tôda a sua ênfase sentimental, bastam breves exemplos. Seja um a scena final do *Antony*. O herói e a heroína que se amam, depois de um longo combate moral, resolvem quási procurar a felicidade, com a fuga. Quási, porque na hora do rapto, ela ainda não está decidida e êle quási a arrasta. Mas eis que o marido, com quem não contavam, aparece, batendo à porta. Que fazer? Já não podem mais fugir. Então, doida de amor para não recuar, prevendo a desonra que não quer sofrer, tomada de remorsos que não pode suportar, grita a desgraçada ao amante: «Mata-me, por piedade!» Ia a porta ser arrombada, e ela que insiste e implora esta salvação, e êle que indaga se, no último suspiro, não odiará ao seu assassino. «Eu o bemdirei... a morte, eu a peço, a quero, a imploro. Vou buscá-la...» E ati-

ra-se nos braços do amante. A porta cede, entra o marido, e vê a mulher apunhalada:

ANTONY — Sim! Morta! Ela me resistia, eu a assassinei...

O público é que não resistia, sem aplausos, nem lágrimas, a semelhantes dramas. Ainda hoje poderemos ouvir de homens provectos e damas menos moças dêsse tempo o que eram essas representações. A *Dalila,* de Feuillet, foi considerada obra-prima no género: era a gema do repertório de Eugénia Câmara e Furtado Coelho. André Roswein, um poeta lírico, é desencaminhado por uma hetaíra, a Dalila fatal, dos castos amores de uma inocente rapariga filha de um velho compositor, a qual, por isso, definha e vem a morrer. Carnioli, um cínico e scéptico, refere a scena, não sem comoção: «Durante êste tempo, os dedos do velho descansando sôbre as cordas tiravam de quando em quando do instrumento sons... gemidos, que penetravam até o fundo d'alma. Ela acordou e disse: — Meu pai, tenho favores a pedir-lhe... o primeiro é que me dê um ar de riso — o velho tentou sorrir-se. — Depois, continuou ela, que me toque hoje o Cântico do Calvário (1). — Não, não, disse o bom velho, com voz pungente, querendo simular uma

(1) Fagundes Varela acharia aí, com o mesmo tema a que se adaptou, a morte de um filho, o título de seu comovido poema.

alegria, só no dia do teu casamento. Ela sorriu, e olhou-o fixamente; êle abaixou os olhos sem replicar. Com um gesto doloroso, sacudiu os cabelos brancos sôbre a fronte mais pálida que o mármore, e pegou no arco... ¡Ouvi então o famoso *Cántico do Calvário*... o cântico sublime!... Emquanto tocava, grossas lágrimas lhe caíam uma a uma sôbre as mãos trémulas e inspiradas... chorava!... Chorava o instrumento... choravam as cordas... o arco, a madeira, o cobre... tudo chorava!... Só ela não chorava, porque já não tinha lágrimas!...»

Leio de um velho número do *Correio Paulistano,* de 1861: «ninguêm, absolutamente ninguêm poderá ouvir Furtado Coelho recitando esta narração dolorosa, e arrebatadora ao mesmo tempo, sem que sinta estremecer-lhe as fibras do coração e o pranto orvalhar-lhe o rosto, traindo o sentimento que o provocou.» E não é exagêro: todos os depoimentos são acordes. Talvez haja aqui alguêm dêsse tempo, que tenha chorado, como tòda a gente, nesse lance, pois que choravam o velho compositor, e o arco, as cordas, a madeira e até o cobre do violino, e «só ela não chorava, porque já não tinha lágrimas...»

Estava aí uma sugestão a Castro Alves. Havia, porêm, uma circunstância que havia de ter o seu valor. Eugénia distinguia-se na comédia e nos papéis burlescos; quando muito, repre-

sentava as mulheres fatais, Leonora, ou a *Dalila*, e a Marcô, das *Mulheres de Mármore*, que exigiam mais desplante que sentimento. Na *Imprensa Académica* (1), de S. Paulo, um crítico do tempo de Castro Alves, talvez seu colega, escreveria: «Suas tentativas em papéis sentimentais foram sempre infelizes, porque em tais papéis a sr.ª Eugénia é sempre de uma falsidade inexcedível e nos lances dramáticos faz perder tôda a ilusão ao espectador. Não falamos de sua voz chorosa, que faz rir.»

Teria o Poeta clarividência para o perceber, embora apaixonado, e, por isso mesmo, fugiria à situação que a diminuisse, aos próprios olhos, e aos do público, que tambêm a amava. Alêm disto ainda, amoroso de teatro e de uma actriz, não abdicaria Castro Alves de sua personalidade forte e seu apostolado já começado: antes, essas duas paixões iam servir a outra, primeira e maior — a de suas ideas. Desde 63 que a causa da Abolição lhe aparecera como uma vocação do seu génio; em 65 escrevera quási todo o seu poema dos *Escravos;* na pausa do amor e para a glorificação da mulher amada, havia de tornar a êles, mas seria agora com um drama, um drama social, portanto.

---

(1) *Imprensa Académica*, de S. Paulo, n.º 21, de 8 de Outubro de 1868, rubrica «Teatro».

O TEATRO DE IDEAS

Até aí Hugo continuava a ser o seu mestre. Num artigo de jornal, em 66, precisamente sôbre Eugénia Câmara, êle escrevia (1) que, se para Beaumarchais «o teatro é uma tribuna», para Hugo «é uma escola». E convidava a mocidade a assistir e mesmo a descer «como o mergulhador indiano àquele turbilhão de paixões». Veriam o cinismo, a infâmia, todos os crimes, todos os horrores: «Lá no fundo está a pérola», «é uma idea, idea boa, santa e justa, idea moral, idea religiosa». «E quando a alma vier à tôna, de todos êsses turbilhões trareis um talisman... que vos dê melhores sentimentos, que vos ensine o perdão à mulher desgraçada, a protecção à criança indefesa; que vos instrua no ódio à hipocrisia, que se chama — honra, à infâmia que se alcunha de nobreza... Ouvireis uma voz que vos diga: — Amemo-nos uns aos outros... e então com a cabeça mais prenhe de bons sentimentos, os seios mais túmidos de afectos, a bôca mais cheia de perdões — abençoareis o teatro, e crereis que êle é um altar.» Assim, pois, o Poeta épico da Abolição e da República salvaria o moço, apaixonado por uma actriz, de lhe cometer um melodrama; a influência de Hugo lhe ia sugerir, para exaltá-la, um

---

(1) *Obras Completas*, t. II, p. 377.

poema dramático como os dêle, que seria tambêm glorificação de uma idea, numa tribuna, a maior das tribunas, que era como uma escola, a da propaganda de suas ideas. Foi assim que nasceu o *Gonzaga*.

Como lhe aconteceria mais de uma vez na vida, Castro Alves refugiado num recanto com os seus amores, «tendo por musa o amor e a natureza», nesse encantamento bucólico e sentimental, não esqueceria que a sua vocação e o seu dever era ser poeta, função social de grave responsabilidade para êle. No campo sentia-se mais inspirado, «a alma fica melhor no descampado», e ao lado de Eugénia, que deixara o teatro para ficar com êle, seria inspirado para uma obra que ela pudesse representar.

Nessas férias de 66-67 pensou, e em Fevereiro dêste ano escreveu o *Gonzaga*: a data é precisa, e dada pelo seu amigo Regueira Costa (1). Do lugar pitoresco que habitava, próximo ao canavial de um engenho, no povoado do Barro, nas cercanias do Recife, ficou imagem numa scena do drama. Gonzaga recorda a Maria: — «Verei de novo a minha herdade... aquela casinha levantada no tombo da ladeira, como um ninho de pássaros no ramo, com sua colina suave como um colo de mulher; e abaixo um canavial imen-

(1) *in* ALFREDO DE CARVALHO — *Op. cit.*, Recife 1905, p. 14.

so, verde e dourado como um mar de esmeraldas, e longe... ao longe aquele horizonte de montanhas onde os crepúsculos se talhavam num céu de sangue. Lembras-te?»

Se era um poema dramático ao qual o amor não podia faltar, segundo as incitações que o poeta sentia de sua missão social, não deixaria também de ser obra de propaganda de suas ideas favoritas de emancipação; a Inconfidência Mineira dava-lhe os motivos republicanos, sua arte juntaria os abolicionistas, mas, sobretudo essa escolha, de tal incidente de nossa história lhe estava imposta, porque nela havia também um poeta, e como êle um poeta amoroso: o drama portanto havia de ser em tôrno de Gonzaga, exalçado a uma preeminência que lhe não daria a História, mas que lhe conferiu, pelas necessidades de sua causa. Outro, que não Castro Alves, com os seus sentimentos, elegeria Tiradentes, herói mais verosímil de tragédia heróica, ou os *Inconfidentes*, reunidos na diversidade dos génios, interesses, critério, bravura, inconseqüência. Sem esquecer nenhum dêsses endereços para um drama romântico, Castro Alves tomou o melhor partido.

O «GONZAGA» E A HISTÓRIA

Não é destituído de interêsse indagar até quanto, com o que se conhecia dessa história em 67, Castro Alves conseguiu seguir, quando

o pôde, com fidelidade, a História. E isto era tanto mais difícil quanto, ainda hoje, melhor informados, continuamos a formar juízos diversos, dados os diversos sentimentos, dêsse trecho da História do Brasil. Para comprovar o acêrto contar-vos hei uma anedota pessoal. Quando, em 1907, publicou Capistrano de Abreu os seus magníficos *Capítulos de história colonial*, fui eu o seu primeiro leitor, porque, tendo conhecimento de minha admiração a sua sabedoria, e me havendo o acaso pôsto em seu caminho quando lograra as últimas provas do livro, êle m'as dera a ler, exigindo uma opinião, como para aferir a de seus inúmeros admiradores. Procurei-o dias depois, para lha dizer, e fui, entre respeitoso e admirado, enunciando, uma por uma, as excelências que encontrara nessas belas e fortes paisagens e frescos de nossa história colonial. O sábio abanava a cabeça negativamente, com ar de ironia, senão de despeito. — Era isto, pusera o melhor de seu querer e seu sentir num volume, e a intenção dêle escapava a um leitor de boa vontade, que era seu amigo... que esperar dos outros? Como insistisse em saber dessa intenção, aprender da voz dêle o que não escrevera, Capistrano perguntou-me pelo que aí referira da Inconfidência... Procurei lembrar-me... Nada! Fôra supressa a Conjuração Mineira... Não existia aquêle sargentão paroleiro do Tiradentes, com que a ênfase republi-

cana, havia tantos anos, nos clamava, por tôda a parte, atroadoramente. O mérito de seu livro era êste: suprimira o alferes Xavier, da História do Brasil. Saíndo dêsse colóquio, desconsolado, encontro a pouca distância com um outro grande historiador, também meu mestre e meu amigo, que me apresentava, todo embevecido, uma linda criança, sua filhinha dilecta, Xaviera. Como o nome, raro, me causasse estranheza, João Ribeiro, era êle, sempre original, explicou-me: era uma homenagem viva, a mais formosa certamente que já recebera a memória de Tiradentes; se assim fazia o pai, não surpreenderia que o historiador escrevesse, no seu belo livro de *História do Brasil*, sôbre êsse mártir da liberdade, uma comovida página de epopeia...

Aí está; ainda hoje, um trecho de nossa vida passada, um vulto de nossa história é assim julgado, de boa fé, ânimo inteiro, por dois grandes historiadores: um suprime-o da memória, outro o coloca junto do coração: não há juízes, há parciais; não julgamos ideas e factos, nos inclinamos por sentimentos e pessoas. Poderia um poeta, entre êles, tomar qualquer partido... Em 67, no regime monárquico, quando Tiradentes tinha menos favor, e até se diz que, para agradar à Coroa, Joaquim Norberto no seu livro (1)

---

(1) J. NORBERTO DE SOUSA E SILVA — *História da Conjuração Mineira* — Rio, Garnier (1873).

agravara a loquacidade leviana e a desassizada propaganda do Alferes Xavier, como para desfavorecer o seu sonho republicano, quando o partido de Capistrano estava no poder, Castro Alves seguiu o que viria a ser de João Ribeiro, e se Gonzaga dá o título ao drama, é porque é o poeta e é o amoroso, em tôrno do qual se há de mover a acção sentimental, que outro poeta e amoroso lhe consagra: certamente, a figura de Tiradentes atravessa aquelas scenas com uma nobreza, e uma ênfase, de herói corneliano; se é de Gonzaga, por causa de Maria, que a gente se condói, é ao Xavier, pela causa da Pátria, que a gente admira. De outra feita no-lo mostrara o Poeta, significativamente,

> O Tiradentes sôbre o poste erguido
> Lá se desata das cerúleas telas,
> Pelos cabelos a cabeça erguendo
> ¡Que rola sangue, que espadana estrêlas!

Aliás tambêm o Gonzaga teve e terá de sofrer as vicissitudes da História. Ainda há poucos dias, Viriato Correia, num formoso volume, documentado como um livro de história e alegre, umas vezes, e outras comovido, como grande obra de arte (1), escrevia: «Gonzaga foi uma das mais antipáticas e das mais miseráveis figuras do

(1) Viriato Correia — *Terra de Santa Cruz* — Rio, 1921, pág. 125, 126, etc.

belo movimento de 1789.» Entretanto, «a história guindou-o à posteridade gloriosa, o sentimentalismo nacional sagrou-o na emotividade gongórica do poema de Castro Alves.»

Ni cet excès d'honneur, ni tant d'indignité! Desta vez o Poeta é apenas generoso, segundo a tradição, mas o injusto foi ainda o historiador. Recorrendo à mais autêntica fonte de informação, o «Processo da Inconfidência» (1), verifica-se que Gonzaga nega (nega como todos os outros, nega como o próprio Tiradentes, até ser reduzido) sistemáticamente a sua coparticipação no movimento, mas por uma série de razões, lógicas e verdadeiras: era português de nascimento e filho de mãe portuguesa, acabava de ser promovido a dezembargador na Baía, ia casar, desaconselhara a derrama a Barbacena, como podendo provocar o levante, etc., etc., o que tudo poderia valer pouco, ou nada, contra o facto provado e documentado de sua adesão aos conjurados. Ora, essa prova e documentação não foi feita. Tiradentes o inocenta, explícitamente, a-pesar-de seu inimigo, jurando perante Deus — e era um crente fervoroso —, não o encobrindo entretanto de outros. Francisco de Paula Freire

---

(1) Esquiros (Alfredo Moreira Pinto) — *Processo do primeiro mártir da liberdade brasileira, Joaquim José da Silva Xavier,* etc., Rio, 1872. O original dêsse Processo da Inconfidência está hoje no Arquivo Público Nacional.

de Andrade insta que ignorava ser Gonzaga entrado no levante. José Alves Maciel nem sequer o menciona. Domingos de Abreu Vieira contesta-o, formalmente. Resta apenas uma referência do Padre Carlos Correia de Toledo ao denunciante Joaquim Silvério dos Reis, rectificando ao irmão, sargento-mor Luís Vaz de Toledo, — que sentia haver falado em Gonzaga, porque era falso ter êle entrado na conspiração — ; resta o depoimento de Alvarenga Peixoto, que o dá como presente a um conluio de conjurados, quando, estes mesmos, citados, o contestam; resta, finalmente, o depoimento de Cláudio Manuel da Costa, que narra conversas liberais, hipotéticas, em casa de Gonzaga, — onde o Tiradentes, quando aparecia, era mal recebido, e, anunciado, dizia Gonzaga ao criado «que o mandasse embora, que lhe não queria falar, que era homem que lhe aborrecia, e que um homem daqueles podia fazer muito mal à gente, pelo seu fanatismo» (1); quanto a êle, Cláudio Manuel, acha «mais verosímil que «o ódio que conceberam a êle, o quisessem compreender com o Dr. Gonzaga, de quem era amigo.» Aí está. Se todos os outros brasileiros, e o mesmo Tiradentes, a princípio, negaram, estando comprometidos, ¿porque havia de o dezembarga-

---

(1) *Op. cit.*, pág. 85, 86.

dor português Gonzaga declarar-se criminoso, quando era inocente?

O que há contra Gonzaga é a essência mesma da conspiração: a leviandade e a inconfidência. Para aliciar prosélitos, propalavam-se os nomes dos conspiradores; a posição de Gonzaga, vulto influente, poeta e magistrado, facilitava, para os fins da causa, que o desejassem entre êles e o dissessem uns aos outros; e logo lhe davam a função de fazer as leis da nova república, senão de dirigir o movimento, como chefe da conspiração: o Padre Carlos Correia de Toledo declarou, penitenciando-se do falso testemunho «que dizia aos sócios da conjuração que êste réu entrava nela, para os animar, sabendo que entrava na acção um homem de luzes e talento, capaz de os dirigir» (1).

UM INCIDENTE AMOROSO

Gonzaga, em vez de apostrofado, injustamente, de covarde e miserável, pelos brasileiros de hoje, teria o direito de se queixar dos seus amigos brasileiros de então, que o envolveram numa conjura, impatriótica para êle, quando, galardoado com uma promoção, em vésperas de partir para o seu pôsto na Baía, preparava-se para casar, todo dado a escrever liras sentimen-

(1) *Op. cit.*, pág. 182.

tais e até muito dado, no momento, à suave ocupação de bordar um vestido. A êste refere-se Castro Alves: «Breve te enfeitarei com o vestido que bordei para minha noiva». Pereira da Silva, Joaquim Norberto, Homem de Melo, Araripe Júnior, Goulart de Andrade, também a êle se referiram. A origem do boato teria sido do próprio Gonzaga, numa de suas liras, o que podia ser ficção, e declaradamente no seu depoimento quando alega «estar entretido a bordar um vestido para o seu casamento» (1). Alberto Faria, o erudito investigador, não quer entretanto que seja um vestido para a noiva e sim próprio, e por prova traz o depoimento de um afilhado do poeta, que o diz «ocupado a bordar um vestido que dizia lhe havia de servir dali a oito ou dez dias para o seu casamento» (2). Êste «lhe», = a êle, parece-lhe ao ilustre crítico, indubitável que se refere a Gonzaga, quando, entretanto, na comunidade conjugal, o que serve aos noivos serve-lhes a qualquer dèles, conjugados que são no mesmo sentir e no mesmo querer. O caso tem importância literária, porque não se compreenderia bem a lira:

> Pintam que estou bordando um teu vestido
> Que um menino com àsas, cego e louro,
> Me enfia nas agulhas o delgado
> O brando fio d'ouro.

---

(1) *Op. cit.*, p. 113.

(2) ALBERTO FARIA, *Acendalhas*, Rio, 1920, pág. 250.

Faria parte de sua conjectura, para emendar a versão corrente em

> Pintam que estou bordando um *meu* vestido

Se fôsse cabível a hipótese, isto é, o vestido seria para êle Gonzaga, ¿não parece sem propósito contar o poeta, à noiva, incidente tão prosáico, façanha menos de jurisperito ou de namorado, que de modista ou algibebe? «Dela», o vestido, seria sim, mais natural, lhe referisse:

> Que um menino com àsas, cego e louro
> Me enfia nas agulhas o delgado
> O brando fio d'ouro.

LICENÇAS ROMÂNTICAS. FINALIDADE SOCIAL DO TEATRO

Onde Castro Alves deliberadamente deixa o trilho da história é na composição da figura do Visconde de Barbacena que, para a urdidura das paixões do drama, fêz um apaixonado, movido, pela sensualidade e pelo ciúme, a perder o preferido da mulher desejada, quando é facto que o governador general da Capitania era casado, com filhos, vivia no seu retiro da Cachoeira do Campo e na administração fazia grande diferença, para melhor, do seu antecessor, o que até contrariou aos conjurados. Essa deformação do carácter histórico de António Furtado de Castro do Rio de Mendonça, além de exigida pela si-

tuação dramática, talvez fôsse uma imposição patriótica. Do mesmo jaez é a negregada figura de Joaquim Silvério dos Reis, português, delator da Inconfidência, a quem Castro Alves confere uma singular parecença com Iago, apenas um Iago «lial» na traição, a sôldo da paixão alheia, em busca do próprio proveito.

Cláudio Manuel da Costa, um velho poeta clássico, maior de sessenta anos, vagamente liberal, que não esperou ver talvez as utopias, discutidas com amigos, germinarem na mente de inconsiderados e levianos (1), êsse é rejuvenescido à idade das paixões, ardendo por Eulina, a musa do poeta arcádico Glauceste Satúrnio, entretanto desesperançado e scéptico, como que preparado para o suicídio na cadeia de Vila Rica. Alvarenga Peixoto—passa, incidentemente, sem acentuação pessoal, nem vacilação de carácter, antes e depois da prisão, sobretudo sem alusão ao seu caso passional, o desta Bárbara Heliodora, heroína de tragédia antiga, que merece, só ela, um drama ou um poema, dos quais um acto, ou um canto, já foi nobre e comovidamente escrito por Goulart de Andrade (2).

---

(1) Cláudio Manuel da Costa diz, do Tiradentes: «pessoa de tão fraco talento, que nunca serviria para se tentar com êle facção alguma». *Op. cit.*, p. 85.

(2) J. M. Goulart de Andrade—*Os Inconfidentes*, Rio, 1910.

A grande novidade do *Gonzaga*, porêm, não é nem o sonho de independência do Brasil, pôsto em scena, nem a república, entrevista em 1789 por poetas e visionários, e que outro poeta evidente entrevia em 1867, mas a aspiração mais cobiçada por Castro Alves, em que não cuidaram sequer os Inconfidentes e que o Poeta dos Escravos soube aliar às outras, com se, profèticamente, quisesse exprimir que a causa da Monarquia no Brasil estaria aliada à da Escravidão. Êsse drama patriótico da Independência e da República é, principalmente, um drama da liberdade em sua expressão mais lata, um drama da abolição no seu significado mais restricto. Para isso dois escravos entram em scena, manietados à revolução um, o outro à traição, porque o cativeiro, que lhes expoliou a vida e o sentimento, os tornou aptos para o crime e para a dedicação, como autómatos perigosos, e nefastos. Sem a escravidão, o drama de Castro Alves não seria possível, porque é dos sentimentos violentados de uma escrava que sobrevêm a delação, que perde todos os conjurados. O sonho de liberdade se dissipará, porque a liberdade política não pode abandonar a liberdade civil. Conseguia assim o grande abolicionista prender no mesmo elo as duas causas. Se a Independência viesse, como veio, seria incompleta, sem a Abolição; e como esta tardava, sob a Monarquia, seria talvez mister apelar para a República...

Está como a propaganda social se alçava à florescência de uma obra de arte.

Castro Alves, fugindo ao melodrama, por índole própria e por exemplo do seu mestre Hugo, só poderia no teatro achar essa fórmula dramática. Também a Hugo acharam intenções sociais nos grandes dramas *Hernani*, *Le Roi s'amuse*, *Marion Delorme*... que seriam proìbidos, por mais de um govêrno. Castro Alves quando, em 68, leu o *Gonzaga* a uma assembleia de jornalistas e letrados, no salão de festas do *Diário do Rio de Janeiro*, que o aplaudiram e glorificaram, também teve, na mesma fôlha, quem perguntasse: «¿convêm que o drama seja levado à scena, na quadra agitada que atravessamos? Respondo pela negativa. Há palavras que cumpre sopesar bem, antes de atirá-las ao meio das turbas. Liberdade, Revolução, eis duas dessas palavras. Dois instrumentos de renovação social; dois instrumentos de destruição social. Dois faróis que alumiam, dois que incendiam. Cuidado. É insània brincar às bordas do abismo.» E o jornalista tem mêdo até de continuar: «Não proseguirei...» (1) e muda do assunto, perigoso. O poeta, porêm, não queria outra coisa — a propaganda. Mas, para servi-la, havia a obra de arte.

---

(1) *Diário do Rio de Janeiro*, de 23 de Fevereiro de 1868.

Não seria só Hugo, mas Schiller ou, muito antes, Shakespeare, que lhe dariam as receitas de um drama romântico. Com efeito, há aí uma paixão senil e luxuriosa de Barbacena oposta à lírica e jovem de Gonzaga, como no *Hernani* se opõe a dêste herói à do velho tio de Doña Sol. Carlota, mascarada, e Maria, que se disfarça sob uma capa de bandido, estão nas regras românticas, como Francisco I, de estudante, e Branca, de cavalheiro, em *Le Roi s'amuse*. As coisas teem missões ocultas: é um crucifixo no *Ângelo;* uma cruz em *Torquemada;* um rosário serve de senha aos conjurados do *Gonzaga*. No *D. Carlos*, de Schiller, há uma exaltação liberal e republicana; no *Júlio César*, de Shakespeare, há uma conspiração, e o sôpro oratório submerge a acção e o próprio lirismo, sob a eloqüência, como no drama de Castro Alves. Vêde que êle tinha razão de dizer de si mesmo:

... ¡sou pequeno, mas só fito os Andes!

Há ainda o desrespeito intencional àquela regra das três unidades; cada acto, tais os dramas de Hugo, tem um título, como índice simbólico da acção. Além da idea que o anima há sobretudo as tiradas, os discursos, as respostas enfáticas, que dão à prosa, pedestre na vida, *sermo pedestris*, já diziam os latinos, traduzindo os gregos, uma atitude monumental, que con-

fina com a poesia heróica: e se isso é Hugo, Schiller ou Shakespeare, é bem Castro Alves, mais eloqùente que êles. José de Alencar foi o primeiro a vê-lo: «sob essa imitação de um modêlo sublime, desponta no drama uma inspiração original». «Palpita em sua obra o poderoso sentimento da nacionalidade, essa alma da pátria que faz os grandes poetas, como os grandes cidadãos (1).

Demais, êsses palavrões «de penacho» ou «palavras eqùestres» já foram denunciadas num precursor recuadíssimo do Romantismo, se é possível, o divino Esquilo. Essa eloqùência talvez hoje no teatro, adaptado à vida, como possibilidade ou verosimilhança, seja intolerável... é que o teatro romântico envelheceu, ou nós, realistas do tempo, somos desenganados, mas ainda hoje há scenas e discursos dêsse *Gonzaga* que dão um grande frémito de entusiasmo ou arrepios trágicos de pavor, do mesmo efeito scénico ou literário. É a vingança do drama bem escrito, contra a peça bem vivida: esta representada comove, lida aborrece; como a representação é efémera, a melhor parte cabe a êsses dramas-poemas, de Esquilo, Shakespeare, Schiller, Hugo, que serão sempre lidos e aplaudidos.

---

(1) José de Alencar — *Correio Mercantil*, do Rio, de 22 de Fevereiro de 1868.

O DRAMA. UM INCIDENTE LITERÁRIO. ELOQÙÊNCIA E POESIA.

O *Gonzaga* também merece leitura. Logo no I acto, entre Luís, o cativo a quem roubaram a filha e que a procura, e os conjurados, há scenas belíssimas, em que a emancipação domina a aspiração da liberdade política. À voz máscula dos homens, que discutem, como heróis antigos, mistura-se a cantilena de uma escrava, que geme distante:

Eu sou a pobre cativa
A cativa de alêm-mar.
Eu vago em terra estrangeira
Ninguêm me quer escutar.

Tu que vais a longes terras,
Ó viageira andorinha,
Vai dizer a minha mãe
Que eu vivo triste e sòsinha.

Mas díze a pobre que espere
Que o vento me há de levar
Quando eu morrer nesta terra
Para as terras de alêm-mar.

Citei estas três comovidas estrofes, para aludir a uma das mais petulantes entrujices literárias de que há memória em nosso país. Eunápio Deiró, o conhecido jornalista baiano, que foi contemporâneo do poeta, contou pela im-

prensa, muitos anos depois, em 1897, que ouvira a Castro Alves ler-lhe o seu drama e neste ponto o detivera. Que relesse, treslesse as estâncias. O Poeta replicara:

— Está parecendo que esta canção é a melhor coisa do meu drama.

— É obra sua? é original? indagou Deiró.

Castro Alves, surpreendido, como que se escusava:

— Não é plágio...

— Sim, não se tratava disso. ¿Conhecia alguma coisa nesse género? ¿Nunca lera as obras de André Chénier?

Castro Alves afirmou que não o conhecia e era a primeira vez que ouvia falar nesse poeta e em seus versos. Deiró diz que, da estante, retirara um volume e dera-o a ler ao Poeta. Terminada a leitura, empalidecera, sorrira, e murmurara:

— A ironia das desilusões é sempre amarga e triste. ¡Julgava-me o autor desta canção, e eis-me um plagiário!...

¡É inqualificável tamanha entrujice, ao lado de tanta ignorância! Deiró quis fazer crer aos seus leitores de 97 que convencera a Castro Alves de ter imitado ou plagiado *La jeune Captive*, de Chénier, nove estrofes de seis versos, com a sua canção da escrava, três humildes quadrinhas ao gôsto popular, ¡as quais só teem de comum uma palavra, uma só, a palavra «cativa»!

Mas a jovem prisioneira de Chénier era uma fidalga, fôra uma duquesa, Aimée de Coigny, detida pela Revolução e destinada ao cadafalso, o que o poeta lastima, dando-lhe voz às lágrimas:

> Au banquet de la vie à peine commencé
> Un instant seulement mes lèvres ont pressé
> La coupe en mes mains encor pleine,

situação, em nada, absolutamente em nada comparável à de uma desgraçada escrava, desterrada em terra estrangeira e que só espera volver ao seio materno, quando, emfim, a morte a libertar. Xavier Marques que primeiro defendeu Castro Alves desta ridícula aleivosia, lembra que seria incrível não conhecesse o poeta a Chénier e a êsses seus versos, constantes em tôdas as selectas de ensino (1). Nas obras, ora publicadas de Castro Alves, há duas vezes citações precisas do nome de André Chénier — e da frase — *j'ai quelque chose là* — que as conhecia, portanto, alguns anos antes do *Gonzaga*, em 1864 (2). O mais admirável é que os não conhecesse um velho jornalista, que assim depunha da própria insciência e atestava, tão cabalmente, a triste inveracidade de suas reminiscências.

---

(1) Xavier Marques — *Op. cit.*, pág. 100.

(2) Castro Alves — *Obras completas*, II vol., págs. 346 e 373.

No II acto manifestam-se os conjurados com a têmpera de carácter que o poeta lhes conferiu: Cláudio, scéptico; Gonzaga, apaixonado; dissimulado e arteiro Barbacena, heróico e abnegado Tiradentes: as scenas entre o alferes Xavier e o capitão-general, e entre êste e Maria lêem-se, ainda hoje, com profunda emoção.

A acção que se prepara tem a sua perfeição no III acto em que os revolucionários são traídos: aí é nobilíssima a scena, em que, podendo um dêles salvar-se com a senha e o sinal, todos se esquivam nobremente, e quando a sorte escolhe Gonzaga e êste também evita a ventura que o privaria do martírio, pesam-se os afectos e é Maria quem decide com o seu egoísmo de amorosa, alegando, além da vida a salvar, ainda mais, a salvação da honra... Luís reconhece por fim a filha, esta encontra finalmente o pai, quando já o traíra e aos seus parciais, exactamente para o achar: como se não fôra bastante a tragédia íntima, mata-se para evitar a corrupção na senzala, que seria o seu castigo. Antes do sangue de Tiradentes, é o seu, derramado pela Revolução: a causa da abolição do cativeiro precede assim, no martirológio, à da liberdade política.

Finalmente, o IV acto, de «agonia e glória», é o desenlace, é a apoteose. Barbacena é confundido na sua cavilosa intriga e vinga-se dos amantes, que se reconhecem fiéis no martírio, como o foram na esperança, com a prisão e o

destêrro de Gonzaga. O monólogo do poeta na masmorra é uma página eloqüente, na qual as antíteses românticas, aquele jôgo hugoano de trágico e burlesco tem uma sublimidade de modêlo ou exemplo do género.

Ela nos vai dar uma amostra da eloqüência de Castro Alves:

GONZAGA (só). — Prisioneiro de Estado!... ¡Eis o que eu sou!... condenado à morte!... eis o que serei... Hoje a masmorra — amanhã a cova... Dilema terrível! — Uma bôca de pedra que tem fome de um cadáver — ¡ Uma bôca de granito que tem fome de uma alma! Oh! mil vezes a cova!... Ela é fria, negra, solitária, imunda... mas o defunto é mais frio, mais negro, mais imundo... É um par igual — uma pedra e um ôsso. Mas a prisão?!... — Deus fêz a cova — ¡o homem fêz a masmorra! É uma cousa que vos esmaga, vos ouve, vos vê; sem vos apertar, sem vos escutar, sem vos olhar. E a imobilidade, é o frio, é a estupidez, é a morte abraçando, rodeando, aniquilando a actividade, o fogo e a vida... ¡¡Dir-se-ia que o homem é uma môsca dourada debatendo se na garganta de um sapo morto!!... Olha-se — é a cegueira! canta-se — é a surdez! — Grita-se — ¡apenas algum morcego voa como uma idea negra pela fronte da abóbada! Chora-se — e a lágrima transforma-se em lôdo no chão. Então um pensamento estranho, mão fria... uma dúvida visionária, mas terrivel, passa pela cabeça do homem, que diz com um riso de louco: «¿¡Quem sabe se eu já morri?!...» mas, para convencer-se, faz tremendo alguns passos — nada ouve... o chão é úmido... Espantado encosta-se à parede — ela é gelada, mas seu peito ainda é mais... «Eu estou tão frio como um defunto», murmura passando a mão pelo rosto — o que êle toca é uma caveira... «Ah!» clama o desgraçado, e cai sôbre a lágea mais estúpido que ela... Então escuta... escuta... escuta!... Começa

a ouvir um ruído surdo em seu peito, e uma cousa que se agita lentamente em seu cérebro... — É o verme que rói aqui *(leva a mão ao coração)*, ¡é a larva que morde cá! *(leva a mão à cabeça)*. Sim, desgraçado! É o desespêro que se apascenta no coração, é a loucura que mastiga o cérebro, é a alma que apodrece... Desesperar! enlouquecer! apodrecer! eis meu destino. Oh! é horrível! É o pesadelo do cataléptico... Lá fora está a vida — um punhado de homens que rasgam, rindo, minha mortalha, que preparam os círios de minha agonia, as tochas de meu saimento. E eu os escuto... quero gritar! mas parece que a voz não sai da garganta. — Êles continuam a falar pacìficamente... Cá dentro um outro diálogo ainda mais sombrio — «Eu tenho frio, diz a pedra — Eu tenho fome, diz a terra — Esperemos, ¡êle nos virá aquecer e saciar!» E eu, que os escuto, quero fugir; mas a imobilidade me agarra, ¡emquanto elas continuam a conversar na sombra!... Ah! ¡eu não tenho mêdo de morrer!... mas não aqui — sentindo a escuridão e o silêncio em tôrno de mim... e sôbre minha cabeça êste outro fantasma ainda mais negro — o esquecimento!... Não, eu não sou o reptil que morre no charco, nem o fogo fátuo que se extingue no pântano... Eu quero a praça, o povo que turbilhona, a acha que scintilha, o sol que resplandece... Eu quero também o meu cortejo, o cortejo da minha realeza de mártir... ¡Lá, sim, eu quero morrer!...

Depois é o despeito de Barbacena, é Silvério disgraciado, é Gonzaga conduzido ao exílio, mas resignado porque é correspondido no seu amor e por êle esperançado até a terra ou até o céu. O governador desespera porque «êles são ainda mais felizes na sua desgraça», do que êle «na sua vingança». Eis o castigo!

Para em tudo acabar romànticamente, isto é,

contra as leis naturais da realidade e da verosimilhança, Maria, tomada de um delírio patriótico, esquece a si própria, ao próprio amante, e, contra o público, recita um daqueles épicos poemas de Castro Alves, que sacudia as multidões e as tornava comovidas e delirantes:

Desgraça! ¡ Eis tudo o que resta
Da raça dos Prometeus!
Um mundo — sem liberdade
Um infinito — sem Deus!
No dorso das cordilheiras
Batem rijas agoureiras
As marteladas do algoz
É o carrasco, negro, imundo,
Pregando o esquife do mundo
No seu sudário de heróis...

O «GONZAGA» LIDO, REPRESENTADO E ACLAMADO

Escrito o drama em Fevereiro de 67, terminadas as férias, como as aves de arribação, «foram-se os passarinhos e os amantes». Castro Alves e Eugénia Câmara deixaram o Recife e embarcaram para a Baía, onde a actriz se engaja na Companhia que trabalhava no teatro de S. João, e onde cuida de levar à scena o *Gonzaga*. De facto a 7 de Setembro de 67 foi o drama representado pela primeira vez, cabendo o papel de protagonista a Lapa Pinto, um poeta e funcionário público, e o de Maria a Eugénia Câmara. Na sala repleta e acalorada recitaram-

-se versos do Poeta, coroado em scena aberta, no delírio da turba que o conduziu sob ovações até a casa. Êle mesmo o narra em carta a Augusto Álvares Guimarães: «No dia 7 de Setembro tive um triunfo como não consta que alguêm tivesse na Baía.» Entretanto dessa representação ficaria a Castro Alves a impressão que fôra «uma caricatura», como mais tarde dirá ao actor Joaquim Augusto, a qual lhe dera «ímpetos de atirar ao fogo o drama, como as mães da China o fazem aos filhos monstruosos».

No Rio, em 68, por onde passou, apresentado a Alencar e a Machado de Assis recebeu dêstes animação e aplausos. «Há no drama *Gonzaga* exuberância de poesia», escreveu o primeiro; «a sobriedade vem com os anos», quando um dia reler a sua obra, o poeta «há de achar um drama esboçado em cada personagem» (1). O outro conveio: «O poeta explica o dramaturgo. Reaparecem no drama as qualidades do verso; as metáforas enchem o período; sente-se de quando em quando o arrôjo da ode. Sofocles pede as àsas a Píndaro. Parece ao poeta que o tablado é pequeno; rompe o céu de lona e arroja-se ao espaço livre e azul» (2).

---

(1) José de Alencar — *Correio Mercantil*, do Rio, de 22 de Fevereiro de 1868.

(2) Machado de Assis — *Correio Mercantil*, do Rio, de 1 de Março de 1868.

O público, alêm dêsses juízos, teve notícia da leitura na redacção do *Diário do Rio de Janeiro* perante uma assembleia que bastaria por si só para glorificar a estreia de um poeta; e de facto foi um verdadeiro capitólio de onde saíu laureado o sr. Castro Alves que nessa noite nos proporcionara a leitura do seu drama-poema *Gonzaga* (1).

Não se contentou com isso o Poeta e quis sua obra vivida pelo maior actor brasileiro do tempo e pleiteou por carta a Joaquim Augusto essa representação, em S. Paulo, perante uma plateia de moços, só êles capazes de o compreenderem. Assim foi e a 25 de Outubro de 68, no Teatro de S. José foi levado à scena o *Gonzaga*, declarando o anúncio ser a «primeira» representação. Joaquim Augusto e Eugénia Câmara tinham os primeiros papéis.

O crítico do *O Ipiranga*, o jornal liberal de Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes, dizia a 27: «Recebido pelos espectadores com tôdas as honras do triunfo, já apresentado com elogio por grande parte da imprensa do Império... o que pudéramos dizer já todos sabem e já o nosso público sancionou na prova solene da exibição scénica... O 3.º acto, o mais belo e perfeito acorda o coração do espectador e acen-

---

(1) *Diário do Rio de Janeiro*, de 23 de Fevereiro de 1868.

de-lhe na cabeça ideas fortes e varonis. Os adeuses dos conjurados a Gonzaga constituem uma scena das mais tocantes que temos assistido em teatro».

Não escapou ao crítico a significação heróica daquela eloqüência, que não seria da vida trivial como a realidade nos oferece, mas a da idealização simbólica, como o exige a propaganda das grandes causas sociais. «Tôdas aquelas figuras parece que falam de um pedestal: por ventura as esboçou assim o autor, teve na alma as harmonias da *Marselhesa*, e viu passar-lhe pelos olhos em caminho do cadafalso os vultos dos Girondinos saudando a posteridade... Em conclusão, o melhor elogio que possamos fazer ao sr. Castro Alves é que não pudera ser obra senão de uma alma livre e não ser feita senão para um povo de homens (1).

Castro Alves previra êsse èxito e até o preparara, escolhendo o seu público. A Joaquim Augusto, na carta em que se empenhava por essa representação escrevera: «O meu trabalho precisa de uma plateia ilustrada. Precisa talvez mesmo de uma plateia académica. O lirismo, o patriotismo, a linguagem, creio que serão bem recebidos por corações de vinte anos, porque o *Gonzaga* é feito para a mocidade. Mesmo talvez

(1) *O Ipiranga*, de S. Paulo, de 29 de Outubro de 1868.

êste desnortear-me do trilho e estilo seguidos lhe seja um mérito perante tal público (1)».

E foi; a mocidade de S. Paulo teve um estremeção de patriotismo e de esperança, ouvindo um vate que era como o profeta da liberdade tanto dos cativos como dos homens fôrros mas submissos à Coroa, núncio da Abolição e propagandista da República. Por isso, a êle a quem já haviam chamado o «Poeta dos Escravos», um dos seus grandes condiscípulos, Joaquim Nabuco, chamaria o «Poeta republicano do *Gonzaga* (2)».

Castro Alves, com a consciência que lhe dava o seu orgulho de seu génio, devia sorrir satisfeito ao seu destino breve, mas cumprido. Parafraseando Hugo, vê-se que a evolução poética da humanidade tem tambêm a sua lei dos «três estados» ou períodos, ou épocas: a idade lírica, os tempos primitivos ou a adolescência; a idade épica, os tempos antigos ou a mocidade; a idade dramática, os tempos modernos ou a idade viril. Em poucos anos, porque lhe sobrara engenho e generosidade, o Poeta endereçara aos delicados e sensíveis os mais suaves cantos ao amor e à natureza; havia sacudido e arrepelado multidões com as odes mais vibrantes de entusiasmo comunicativo pela Abolição e pela Repú-

---

(1) Castro Alves — *Obras completas*. V. II, p. 451.
(2) Joaquim Nabuco — *Minha Formação*, Rio, 1900, p. 7.

blica; e agora perfazia o ciclo encantado, consagrado no teatro, grande tribuna moderna, grande escola popular, para êle um templo e um altar, ¡onde o seu génio oficiava pela causa santa do Bem e da Liberdade!

Castro Alves, o Lírico do Amor e da Natureza (1)

A inspiração lhe acende o verso
Tendo por musa o Amor e a Natureza...

CASTRO ALVES.

Natureza, eu voltei, e eu sou teu filho!

CASTRO ALVES.

Um dia, Castro Alves se quis definir através de uma citação de Henrique Heine; foi na epígrafe da *Cachoeira de Paulo Afonso:* «a poesia, seja qual fôr o meu amor por ela, foi sempre para mim apenas um meio, consagrado a um santo objectivo... Nunca dei grande aprêço à glória dos meus poemas; pouco me importa que os louvem ou censurem... O que eu fui, foi um bravo soldado na guerra de emancipação da humanidade». Assim êle pensava, assim o acreditaram os seus contemporâneos, assim até agora insistem em o julgar a maioria dos sufrágios de seus admiradores e até o maior número dos seus críticos e apolo-

---

(1) Conferência realizada na Biblioteca Nacional, III da série «Castro Alves», comemorativa do cinqüentenário do Poeta, em 20 de Julho de 1920.

gistas. Mas o mundo anda, as causas sociais passam, emquanto o sentimento subsiste e se os *Châtiments* de Hugo quási já não são lidos, de Heine o que se lerá sempre será o *Intermezzo.*

Aqui a campanha da Abolição teria em 71 o seu primeiro triunfo, que êle previra, suplicando,

> Senhor Deus, dá que a bôca da inocência
> Possa ao menos sorrir
> Como a flor da granada abrindo as pétalas
> Da alvorada ao surgir.

para conseguir todo e definitivo em 88, como confiara

> Moços, creiamos, não tarda
> A aurora da Redenção!

No ano imediato alcançaria o Brasil a primeira e alta reforma que lhe permitiria tôdas as outras:

> República, vôo ousado
> Do homem feito condor!

Se vivesse até nós, Castro Alves teria encerrado o seu apostolado, deposto as armas, e em vez de «trompa bronzeada» com que lhe imaginou a musa Raimundo Correia, tomaria a divina lira só afinada para os cantos ternos e íntimos, comovidos e comunicativos que êle tantas vezes entoara e que no seu entusiástico clangor e na sua fúria sonorosa abafaram as odes revolucionárias e os poemas sociais.

OS SENTIMENTOS RELIGIOSOS

Não viveu, mas, passando o tempo, trabalhou por êle, e quando em nossa lembrança desmereceu a emoção daqueles combates, foi de memória emergindo a comoção mais profunda e duradoura do outro poeta que êle era, e Castro Alves nos aparece agora ainda maior, porque é o nosso maior lírico, o nosso grande lírico da natureza e do amor. Não quero, porêm, que me acrediteis sem provas: haveis-vos de convencer, ouvindo, afinadas, tôdas as cordas do seu lirismo, sem par no Brasil.

Foi Castro Alves religioso, de um deísmo liberal, como o que o Século XVIII legara ao XIX, entre a negação scientífica, que se pronunciava neste, e a reacção ultramontana que lhe fêz face e continuava a reacção católica:

> Nos lábios dos horizontes
> Há um riso de luz. É Deus.

Dessa imagem graciosa êle passa a outra, mais atrevida: Deus é animador e fecundante da própria obra

> Deus fala, quando a turba está quieta
> Ás campinas em flor
> Noivo — Êle espera que os convivas saiam,
> E n'alcova onde as lâmpadas desmaiam
> Então murmura — amor!

ou, se é preciso, ainda antropomorfizado, é um filósofo ou sociólogo progressista, animador à energia:

> Trabalhar! brada nas sombras
> A voz imensa de Deus
> Braços, voltai-vos p'ra terra
> Frontes, voltai-vos p'ra os céus...

sem os medíocres ciúmes de sua própria obra, como nos faz crer a moral dos homens:

> Deus não corta a roseira porque medra...

entretanto que tudo predetermina, num fatalismo evolucionista, sem excepção:

> ... Na terra tudo vai... gravita
> Lá para o ponto que lhe marca Deus:
> Os raios tombam, as estrêlas sobem,
> Lutar com a sorte — é combater os céus...

A sua religiosidade governada pela imaginação, como das ideas de Hugo disse Renouvier, assume um aspecto grandioso, como se a natureza inteira rezasse louvor ou penitência ao seu Criador:

> Na hora em que a terra dorme
> Enrolada em frios véus,
> Eu ouço uma reza enorme
> Enchendo o abismo dos céus

Nos boqueirões há soluços...
Tens remorso o vendaval...
O mar se atira de bruços
Com a barba pelo areal

As nuvens ajoelhadas
Nos claustros ermos e vãos
Passam as contas douradas
Das estrêlas pelas mãos...

Há luzes fosforescentes
Acesas pelos marnéis
São as larvas penitentes
Rezando pelos fiéis.

Monstro e anjo a noite agrupa
No pedestal da oração...
¿Quem sabe se a catadupa
Bate nos peitos do chão?

Reza tudo que tem bôca
Cheia de graça ou terror
O ninho — junto da toca
¡ Ao pé da cratera a flor !

Só, emquanto a reza enorme
Reboa pela amplidão,
Como Loth... — ¡ o homem dorme
No colo da criação !

Dêsse «panteísmo», que testemunha entretanto, paradoxalmente, de um só Deus, há um sublime poema em versos difíceis, *O Vidente*,

que é a mais formosa poesia religiosa escrita no Brasil:

Ouço os astros cantar no mar do firmamento;
No mar das matas virgens — ouço cantar os ventos
Aromas que se elevam, raios de luz que descem,
Estrêlas que despontam, gritos que se esvaecem
Tudo me traz um canto de imensa poesia
Como a primicia santa da grande profecia;
Tudo me diz que o Eterno na idade prometida,
Há de beijar na face à terra arrependida.
E dêsse beijo santo, dêsse ósculo sublime
Que lava a iniquidade, a escravidão, e o crime,
Hão de surgir virentes nos campos das idades,
Amores e esperanças, glórias e liberdades.
Então, no êxtase santo, escuto a terra e os céus
¡E o vácuo se povoa de tua sombra, ó Deus!

Hugo e Junqueiro, só êles alcançariam tamanha altura de inspiração religiosa; Lamartine ou Antero de Quental se honrariam em assinar aqueles versos, ***Pelas sombras***, dos mais belos poemas das ***Espumas Flutuantes***, em que o poeta volve à condição desamparada, do homem sem a fé, tateando na escuridão:

Senhor! Um facho ao menos empresta ao caminhante
A treva me assoberba... Oh Deus! dá-me um clarão!
E uma voz respondeu nas sombras triunfante
Acende, ó Viajor! — o facho da Razão!

Senhor! ao pé do lar, na quietação, na calma
Pode a flama subir brilhante, loura, eterna
Mas quando os vendavais rugindo, passam n'alma,
¿Quem pode resguardar a trémula lanterna?

Torcida... desgrenhada aos dedos da lufada
Bateu-me contra o rosto... e se abismou na treva
Eu via-a vacilar... e minha mão queimada
A lâmpada sem luz embalde ao raio eleva.

Quem fêz a gruta — escura, o pirilampo cria!
Quem fêz a noite — azul inventa a estrêla clara!
Na fronte do oceano — ascende uma ardentia!
Com o floco do Santelmo — a tempestade aclara!

Mas ai! Que a treva interna — a dúvida constante
¡Deixaste assoberbar-me essa funda escuridão!

E uma Voz respondeu nas sombras triunfante,
«Acende ó Viajor! — a Fé no Coração!

A razão materialista fará luzes que acendam claridades à treva exterior no caminho do homem, no mundo... «mas ai! a treva interna — a dúvida constante», ¿quem a pudera expungir, para alentar o caminhante da vida, na confiança e na certeza, para viver?

«Acende, ó Viajor! — a Fé no Coração!

Se à Igreja negou o poder temporal, e antes de 70, foi para desejar-lhe o retôrno à tradição cristã, onipotente porque sem poder oficial, rica dos pobres que acolhia:

Quebre-se o scetro do Papa
Faça-se dêle uma cruz.
A púrpura sirva aos pobres
P'ra cobrir os ombros nus.

mas não lhe negou nunca a missão divina das almas pela civilização cristã da catequese. Outro de seus poemas, épico pelo heroísmo de tom e das ideas é êsse d'*Os Jesuítas*:

Homens de ferro! Mal na vaga fria
Colombo ou Gama um trilho descobria
Do mar nos escarcéus,
Um padre atravessava os equadores,
Dizendo: «Génios! ¡Sois os *batedores*
Da *matilha* de Deus!»

Depois as solidões surprêsas viam
Êsses homens inermes, que surgiam
Pela primeira vez.
E a onça recuando s'esgueirava
Julgando o crucifixo... alguma clava
Invencível talvez!

O martírio, o deserto, o cardo, o espinho
A pedra, a serpe do sertão maninho
A fome, o frio, a dor,
Os insectos, os rios, as lianas,
Chuvas, miasmas, setas e savanas
Horror e mais horror...

Nada turbava aquelas frontes calmas,
Nada curvará aquelas grandes almas
Voltadas p'ra amplidão.
No entanto elas só tinham na jornada
Por couraça — a sotaina esfarrapada...
E uma cruz — por bordão.

....

Grandes homens! Apóstolos heróicos
Êles diziam mais do que os estóicos:

Dor — tu és um prazer!
Grelha, — és um leito! Brasa — és uma gema,
Cravo, — és um scetro! Chama — um diadema
Ó morte — és o viver!

Outras vezes no eterno itinerário
O sol que vira um dia no Calvário
Do Cristo a Santa Cruz,
Enfiava de vír achar nos Andes
A mesma cruz, abrindo os braços grandes
Aos índios rubros, nus.

Eram êles que o Verbo de Messias
Prègavam desde o vale às serranias,
Do Pólo ao Equador...
E o Niagara ia contar aos mares...
E o Chimborazo arremessava aos ares
O nome do Senhor!

Não terá sido das mais singulares adivinhações de Castro Alves, êle que fêz tantas profecias, como vate e vidente, que era, que a dessa imagem, quarenta anos depois dela feita uma concreta realidade, entre dois mares, aproximando dois mundos para que de outros climas e de tôdas as crenças venham homens achar nas terras da América

... nos Andes
A mesma cruz abrindo os braços grandes...

Para Cristo só achou Castro Alves na terra um pedestal, e a posteridade lhe ratificou a escolha, dando a sua imaginação a representação adequada — Cristo nos Andes!

LIRISMO CÓSMICO

Essas imagens, de um alcance moral tão surpreendente, teem, vezes sem conta, uma tal grandeza na eloqüência desmedida e entretanto perfeita, que me acode chamar a êsse de Castro Alves — lirismo cósmico.

São mais que «palavras eqüestres», como as de Esquilo, são imagens-meteoros, são comparações siderais, são metáforas-relâmpagos, que resumem mundos, auroras, vendavais, luares ou crepúsculos, em alguns termos breves, exactos e felizes:

> Calcinado aos relâmpagos da glória...
>
> . . . .
>
> O pensamento indómito, arrojado
> Galopa no sertão.
>
> . . . .
>
> ... com o sol — pena de ouro — eu escrevia
> Nas lâminas do céu.

A amplidão celeste, essa «amplidão», e êsse «infinito» de que tanto êle abusou, é

> — Cúpula imensa de um sepulcro enorme. .
>
> . . . .
>
> Desperta o infinito... Co'a bôca entreaberta
> Respira a borrasca do largo pulmão.
>
> . . . .
>
> E tinha nos olhos fulgor de meteoros
> Um céu de procela no escuro cabelo.

. . . .

E o mar — corcel que espuma ao látego do vento . . .

. . . .

Vagas! Dálilas pérfidas
Moças, que abris um túmulo,
Quando de amor no cúmulo
Fingis nos abraçar.

. . . .

Morreste . . . E ao teu saimento
Dobra a procela no céu
E os astros — olhar dos mortos
A mão da noite escondeu . . .

Se o tom baixa algumas oitavas, e já não é a fúria sonorosa ou a gravidade apreensiva, mas a observação pinturesca, a fantasia deleitosa, nem por isso êsse lirismo cósmico é menos admirável.

Como um negro e sombrio firmamento
Sôbre mim desenrola o teu cabelo . . .

. . . .

As trevas rolam como as tranças negras

. . . .

. . . Iam caindo.
Dos dedos do crepúsculo os véus de sombra
Com que a terra se vela, como noiva
Para o doce himeneu das noites límpidas

Como a modéstia e o pudor que se escondem, e escondem a grandeza,

Também o espaço esconde-se entre névoas
E no entanto é . . . sem fim!

. . . .

> ... à tarde, quando o sol, condor sangrento
> no ocidente se aninha sonolento
> Como a abelha na flor...
> . . . .
>
> ... Do céu azul a cúpula azulada
> Como uma taça para nós voltada
> ¡Lança a poesia a flux!
> . . . .
>
> A terra é como insecto friorento
> Dentro da flor azul do firmamento
> Cujo cális pendeu!
> . . . .
>
> Do céu azul na profundeza escura
> Brilhava a estrêla como um fruto louro

O poeta, no entanto,

> Pega da lira... canta, uma canção de amor
> Ouvi-o! Para ouvi-lo a estrêla pensativa
> Alonga pela ogiva um raio de languor...

Nem em Hugo antes dêle, nem em Junqueiro depois — os dois poetas do século que se recordam, lendo Castro Alves, nenhum dêles teve dessas imagens nem tão profusas, nem tão belas, dessa magia cósmica da natureza. E tão perfeitas são, que, uma vez lidas ou ouvidas, nunca mais se as pode esquecer. Confesso-vos que, se me vejo a sòs no campo escuro, numa dessas maravilhosas noites estreladas em que a gente sente a misteriosa palpitação da vida tam-

bêm no céu, dois grandes poetas me lembram... Um é Corneille, que lhes definiu a «obscura claridade»:

L'obscure clarté qui tombe des étoiles...

o outro é Castro Alves, que lhes contou a profusão, a forma, o brilho ou oriente, as variedades de tamanho e uma languidez romântica em que tremeluzem, a inconstância da scintilação:

As estrêlas no céu scintilam lânguidas
Pérolas sôltas de um colar sem fio...

SINCERIDADE DE EXPRESSÃO: IMPRESSIONISMO SUGESTIVO

Um problema de estética que interessa principalmente à arte literária é êste da definição própria ou vaga do que se quer descrever. Buffon, no seu célebre discurso sôbre o estilo, aconselhava a não chamar às cousas senão pelos «termos mais gerais», preceito que adoptado no Século XVIII deu uma literatura perifrástica, frouxa e bamba, que antes envolvia e dissimulava, do que pintava e definia. Entretanto a doutrina clássica era em tudo contrária a êsses arrebiques e disfarces; censurava Pascal: «os que mascaram a natureza»; queria Fénelon que se chamassem «às cousas pelos seus nomes; Boileau era incisivo, impondo que se devia chamar «um gato» a «um gato»; finalmente, La

Bruyère resumia essa estética, dizendo que o mérito de um autor «consiste em bem definir, e pintar bem..., exprimir a verdade, para escrever naturalmente, fortemente, delicadamente.» Mas a expressão exacta da verdade pode chegar a uma minúcia tão fina e tão complexa, que, ao invés de sugestão perfeita da realidade, dê uma notação difusa e confusa do objecto descrito. Foi o que aconteceu à estética do naturalismo, que, em vez de reproduções da vida nos dava inventários exaustivos das qualidades e impressões da vida. Vigny acertara entretanto, definindo: *«l'art, c'est la vérité choisie»;* Taine viria a insistir em história e crítica, no *«petit fait caracteristíque»*. Louvou a Tolstoi, Merejkowski, por um prodígio de sua arte, que consistia em lograr profundos efeitos realistas, não com intermináveis descrições reprodutivas, mas apenas com a acentuação firme e exacta de pequenos incidentes ou reparos materiais, os quais melhor definem uma situação ou um objecto de que epítetos repetidos e circunlóquios perifrásticos. A arte de Castro Alves, devia dizer o seu génio espontâneo, porque não há tratado de estética que isso ensine, se não é do gôsto e da índole, tinha êsse dom maravilhoso:

Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
Numa rêde encostada molemente...
Quási aberto o roupão... sôlto o cabelo
E o pé descalço do tapête rente.

¿Quereis em menor número de palavras uma pintura mais acabada de um interior, uma mulher que dormia descuidada, numa rêde que oscila brandamente, entremostrando o colo pelo decote, os cabelos soltos e o pé descalço a roçar a fímbria da tapeçaria? Entretanto, as palavras são as mais exactas e insubstituíveis na sua precisão, é a «verdade», mas «escolhida» para o efeito.

> Por mim eu sei que há confidências ternas
> Um poema saudoso, angustiado
> Se uma rosa de há muito emurchecida
> Rola acaso de um livro abandonado.

Êste simples facto, «pequeno facto característico» — uma flor murcha que acaso cai de um livro — ¿não contará todo um romance, não sugere logo confidências ternas, mais impressivas do que um longo poema de amor? Ela, a amada partiu há pouco e, apesar da saudade que cresce e aumenta com os minutos de ausência, ainda está tão viva a sua presença querida, que

> Inda a almofada em que pousaste a fronte
> O teu perfume predilecto exala.

A timidez dos jóvens ao amor não se definiria senão por um livro de psicologia sentimental: pois bem, num verso a define Castro Alves quando diz, em intenção à amada, que não o saberá talvez nunca,

> Que tremia ao roçar do teu vestido...

Entretanto, a essa timidez sensual não escapa o tormento de um colo opresso, e, — quem o pudera libertar! —

E o seio que palpita a rebentar a sêda...

Que não será a maravilha dêsse colo, desejado pela própria luz, quando, despindo os adornos e roupagens,

N'alcova onde a vela ciosa... crepita...

Mas, nem assim será despida: há de resguardá-la um halo aromado:

O perfume é o invólucro invisível
Que encerra as formas da mulher bonita.

Confesso que essa idea, ou essa imagem, de vestir com uma túnica de perfume à bela criatura amada, deve a ela ser mais sensível, a seu pudor, do que a ousadia oposta de Eugénio de Castro:

Embora, senhora andeis
De finas telas vestida
Por meus olhos sois despida...

Se muda o scenário, e de aristocrático se faz humilde, a notação do poeta não é menos exacta

A grama um beijo te furta,
Por baixo da saia curta
Que a perna te esconde em vão.

Lembra aquela trova popular de Espanha:

Quisiera ser zapatito
De tu diminuto pié...
Para ver, em occasiones,
Lo que el zapatito vé...

EXPRESSÃO EXACTA E IMPRESSIONISMO EVOCATIVO

Êste assunto, da notação realista e exacta, de poetas, nos traz outros, sem saír dêle, dois outros casos de estilo. Reprocharam a Vítor Hugo, muitas vezes, na incontinência, a banalidade dos adjectivos; a Guerra Junqueiro, também rico e perdulário, a incoerência dêles sem seriação nem progresso, ascenção ou declínio previsíveis, como um capricho, senão do ritmo ou da rima, ao menos de tôda ausência de lógica. A Castro Alves essa culpa não caberia, nem nos qualificativos nem nas acções verbais, sempre rigorosamente exactas. É a «Deusa Incruenta», a Imprensa que aparece, e a sucessão dos qualificativos é lógica, como a das acções verbais:

Quando ela se alteou das brumas da Alemanha
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha
Na dextra suspendendo a estrêla da manhã
O espasmo de um fuzil correu nos horizontes...
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes,
Das cimas do Peru às grimpas do Indostan.

Mirabeau investe titânico contra a Bastilha e o antigo regímen:

> Eriçado, feroz, suado, monstruoso
> Magnífico de horror, divino, proceloso...

Se a amada canta, o poeta anota:

> Depois suave, plena, harmoniosa
> Uma voz de mulher se alevantava,
> E o pássaro inclinava-se das ramas
> E a estrêla do infinito se inclinava.

Ainda outra voz, ou essa mesma:

> Na voz clara, sonora, ardente, larga, extensa
> Escada de Jacob — prendia a terra aos céus.

Se estes adjectivos se ordenam expressivos e seguidos, ¿que dizer dessa notação fiel, ondeante, verista na sua exactidão cinemática?

> Quando a sangrenta luz do alampadário
> Estala, cresce, expira, após ressurge
> Como ùma alma a penar...

Castro Alves, se era um visual, era também um auditivo: os versos e as imagens que depõem por êsses seus apanágios de sensação dariam para um curioso estudo de psicologia. Êle sabia pintar, não só desenhando com habilidade, como colorindo com viveza: ¡tenho à vista provas disto! também tocava e gostava de ouvir cantar: a Agnèse Murri, cuja bela voz lhe foi um dos

últimos encantos, às mãos e ao piano de sua irmã Adelaide, ficaram versos preciosos que o atestam. Mas, nos seus poemas, as provas, por inesperadas, e não acinte, são mais interessantes. Muitas de suas poesias poderiam ser desenhadas e coloridas: são quadros de género, são paisagens e scenários reais. As *Aves de arribação*, *A Queimada*, *Uma página da Escola Realista*, vêem-se. Vêde se não sentis esta scena, como se pudésseis dizer, tal um outro poeta «vi claramente visto», essa evocação de uma aventura apaixonada numa «noite cúmplice», quando o luar escorre na caliça alvadia das paredes, e no balcão, fugindo talvez desataviada ao leito, Julieta ou Roxane, esperam uma prova de amor:

Como o génio da noite, que desata
O véu de rendas sôbre a espádua nua
Ela solta os cabelos... Bate a lua
Nas alvas dobras de um lençol de prata...

O seio virginal, que a mão recata,
Embalde o prende a mão... cresce, flutua...
Sonha a moça ao relento... ¡Além na rua
Preludía um violão na serenata!

Furtivos passos morrem no lagedo...
Resvala a escada do balcão discreta...
Matam lábios os beijos em segrêdo...

Afoga-me os suspiros, Marieta!
Oh surprêsa! Oh palor! Oh pranto! Oh mêdo!
Ai! noites de Romeu e Julieta!

Nesse quadro admirável o visual debuxou o desenho, mas foi o auditivo que lhe deu a harmonia íntima: ouvem-se já fora os passos «furtivos» que morrem no lagedo da rua; resvala do balcão a escada que sobe Romeu; morrem abafados nos lábios cautelosos os beijos que de outras ocasiões cantam uma música feliz:

> Furtivos passos morrem no lagedo...
> Resvala a escada do balcão, discreta...
> Matam lábios os beijos em segrêdo...

CULTO DA FORMA E AMOR DO SENTIMENTO

Não é admirável? Sobretudo, porque em tudo se antecipou Castro Alves, como acontece com os génios a seu tempo, não só em ideas sociais e políticas, como ainda em estética. Alberto de Oliveira, com a autoridade de grande poeta e de príncipe dos nossos parnasianos, já lhe conferiu a primazia, em data, sôbre Gonçalves Crespo, havido por Veríssimo, como o nosso primeiro parnasiano: as *Miniaturas* foram publicadas um ano depois das *Espumas Flutuantes*.

Castro Alves, o romântico hugoano atingia a era seguinte, do culto da forma, como os românticos Banville e Gautier se misturaram aos Lecomte de Lille e Herédia, do Parnaso, como se fôra aqui o traço de união entre as gerações de Álvares de Azevedo e Fagundes Varela, de

um lado e a de Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, do outro. Por prova, mandariam José Veríssimo e Luís Murat ler às *Vozes d'África* em que reconheceram aquela perfeição de forma; nós preferimos seguir Alberto de Oliveira citando um soneto, o mimo preferido dêsses cinzeladores de mármore e oiro... Éste tem algo daqueles primores exóticos, no espaço e no tempo, de Gautier e de Herédia, com uma alma que nem sempre puseram nos seus:

Vem! ¡no teu peito cálido e brilhante
O nardo oriental melhor transpira!
Enrola-te na longa cachemira
Como as Judias moles do Levante.

Alva a clâmide aos ventos — roçagante...
Túmido o lábio, onde o psaltério gira...
O' musa de Israel! pega da lira...
¡Canta os martírios de teu povo errante!

Mas não... Brisa da pátria, além revoa,
E ao delamber-lhe o braço de alabastro,
Falou-lhe de partir... e parte... e voa...

Qual nas algas marinhas desce um astro...
Linda Ester! teu perfil se esvai... s'escoa...
Só me resta um perfume... um canto... um rastro.

Mas o «parnasianismo» era uma estética não só de forma métrica e sintáxica perfeita, como de contexto impassível.

Est elle en marbre ou non, la Venus de Milo?

à qual se havia de substituir outra poética reaccionária, de metros diversos e bizarros, às vezes sintaxe descuidada, mas de alma comovida e profunda, a qual Verlaine, que definira a outra e dela foi transfuga, viria também a definir na sua arte poética:

De la musique avant toute chose...

Se o parnasiano é um visual, o simbolista, o decadente, o verlainiano é um auditivo... Castro Alves visual, como auditivo, antecedeu ao Parnaso, como à poesia verlainiana. Como neste soneto a *Ester* se misturam delicadamente as impressões dêsses sentidos, elas se misturam também vivamente no quadro e na orquestração da *A Queimada.*

... Já de listrões vermelhos
O céu se iluminou.
Eis súbito, de barra do ocidente,
Doido, rubro, veloz, incandescente,
O incêndio que acordou!

A floresta rugindo as comas curva...
As àsas fôscas o gavião recurva,
Espanta a gritar...
O estampido estupendo das queimadas
Se enrola de quebradas em quebradas
Galopando no ar.

Mas as notações auditivas mais puras são nos quadros íntimos. O murmúrio da cidade, essas

ilhas de ruído e torvelinho, em meio da natureza, ouve-se de longe, n'amplidão do campo solitário, como:

> Som vago que gagueja em meio à imensidade

No silêncio e na solidão, as horas se estiram indefinidamente:

> As horas passam longas, sonolentas...

Às vezes pesam, apavorantes:

> Parei... volvi em tôrno os olhos assombrados...
> Ninguêm! ¡A solidão, pejava os descampados!

Albert Samain, um simbolista, não anotaria mais fielmente:

> *Le silence est si grand que mon coeur en frisonne...*

Nesta placidez do deserto até os sons ajudam a emoção da soledade:

> Ouviam-se, alongando a paz dos ermos
> Os sons doces, plangentes, de um piano...

Na solitária casa paterna, ouve e revê o passado com a lembrança

> Mas eu no teu vazio — vejo uma multidão
> Fala-me o teu silêncio — ouço-te a solidão.

No jardim familial, ora triste e abandonado:

> Oh jardim solitário! Relíquia do passado
> Minh'alma como tu é um parque arruinado!

Não é uma precursão, e mais dolorosa, daquele simbolista lusitano, Eugénio de Castro:

> «Casas abandonadas, minhas irmãs!»?

Eu prefiro o outro Castro, e o repito, porque é um estado de alma em dois versos:

> Oh jardim solitário! Relíquia do passado
> ¡Minh'alma como tu é um parque arruinado!

Certamente que há precursão até nas extravagâncias, que não o são, porque são do domínio da psicologia, naquele «transfert» de sensações, muito de moda na poesia decadente. Recordemos Artur Rimbaud, no seu soneto das *Vogais:*

> *A, noir, E, blanc, I, rouge, U, vert, O, bleu, voyelles*

é a audição corada; também o oposto é possível, a visão sonora, e até a audição aromada: Castro Alves as teve tôdas, logrando efeitos deliciosos de impressionismo:

> Ontem à tarde, quando o sol morria
> A natureza era um poema santo:
> De cada moita a escuridão saia
> De cada gruta rebentava um canto,
> Ontem à tarde, quando o sol morria
> ¡«Larga harmonia» «embalsamava» os ares!
> ....
> No drama do crepúsculo eu escutava atento
> A surdina da tarde ao sol, que morre lento...

O POETA DA NATUREZA BRASILEIRA

No lirismo de Castro Alves tão colorido, musical, fiel à sensação, delicioso de impressões, íntimo e profundo tantas vezes, há porêm mais, muito mais, a analisar. Não me quero, entretanto, desviar do objectivo que me impús de estudar aqui o poeta da natureza e do amor.

Entre os maiores elogios que tem Castro Alves merecido, está certamente êste: foi um poeta brasileiro! Não creiam que me desvaire na ênfase nacional que supõe um mérito, e o maior, o ser desta terra e desta gente: não há civilizado antigo ou moderno, heleno ou americano do norte, bárbaro da vetusta Assíria ou da África selvagem, que não tenha tido ou não tenha ainda o mesmo ingénuo orgulho. Êle não é vão, porque êsse patriotismo é o egoísmo social colectivo, auto-filia ou egocentrismo naturais, pois que são rudimentares e iniciais afirmações da personalidade: sem ela uma nacionalidade não pode ter noção própria da existência. O patriotismo é a consciência da nacionalidade...

Não é, porêm, aqui o caso. Apesar do patriotismo político, sempre em tôda a parte e em todo o tempo, houve alienígenos, literários e artísticos, inevitáveis. Tambêm é uma lei natural: é imitando os mais perfeitos, que nos aperfeiçoamos. Desprezavam os Romanos políticamente os Gregos, aos quais submeteram a jugo, e

entretanto se impregnavam de sua língua, filosofia, sciências, poética e artes plásticas, servilmente adoptadas e copiadas; os escravos gregos lhes ensinavam aos filhos o aticismo, como êles em tempo o iam mesmo aprender em Atenas. O ódio alemão ou o orgulho britânico não impediram nunca a Albion de ter a sua própria divisa em francês e a Frederico II de nesse idioma escrever suas próprias obras... Os nossos escritores coloniais foram lusitanos: Gonçalves Dias o foi ainda, e é o nosso maior poeta português. Aqui não há só estrangeiros, como até almas do outro mundo; há poetas franceses e novelistas à russa: há quem imite Vieira ou se castigue à Bernardes: como se o mérito de ser romano em Roma ou escrever bem a língua de seu tempo não devesse ser o dever e o galardão de um escritor de juízo. E' de Nabuco ou de João Ribeiro, que não «vamos» à Europa, «voltamos à Europa», pois que de lá somos, daqui não queremos ser.

José de Alencar na prosa de ficção, e Castro Alves na poesia, são os precursores de um brasileirismo, natural e intencional, como que a nossa independência literária. Antes dêles, aqui e ali haveria as primeiras manifestações dêsse espírito novo, mas êles foram os orientadores certos e fortes do movimento. Basílio da Gama, no seu mediocre poema épico o *Uruguai*, já tem formosas paisagens americanas; raras em Ca-

simiro de Abreu, mais freqüentes em Fagundes Varela, já nêles se revelam aspectos nacionais: em nenhum, como em Castro Alves, a nossa natureza se retratou com mais naturalidade e portanto maior perfeição.

Daí a sua originalidade: no Brasil não quis ser grego, latino, francês ou lusitano — foi brasileiro. Não descreveu mármores helenos, façanhas romanas, nem pretendeu representar o seu drama em Paris ou que a vernaculidade de seu estilo pudesse agradar a Alexandre Herculano: méritos fáceis e medíocres. «E' se nacionalizando, diz um ilustre escritor (1), que uma literatura toma lugar na humanidade e significação no concêrto do mundo... ¿Que há de mais espanhol que Cervantes, de mais inglês que Shakespeare, de mais italiano que Dante, de mais francês que Voltaire ou Montaigne, que Descartes ou que Pascal, que há de mais russo que Dostoiewsky e entretanto de mais universalmente humano?» Castro Alves quis apenas e foi, sòmente brasileiro: teve a intenção e realizou-a.

Numa página de crítica escrita aos 17 anos (2) êle acusou a nossa literatura da «falta de brasileirismo»: «Dir-se há que os poetas no Brasil,

---

(1) ANDRÉ GIDE — *Nouv. Rev. Franç.* — Paris, 1er Juin 1919.

(2) *Obras completas*, Vol. II, pág. 354, etc.

emquanto que Chateaubriand vem pedir aos panoramas da América a inspiração dos seus *Natchez* e à sombra destas selvas seculares, escrever as páginas olorosas de *Réné* e *Atala*, dir-se há, digo, que os nossos poetas, não acham em tudo isto que nos cerca um canto de poesia».

Compara a alheia e a nossa poesia de natureza e exclama: «¡e no entanto quanto talento se tem naturalizado estrangeiro!» Castro Alves quis ser e ficou brasileiro; daí a sua originalidade.

Reconheceu-a Machado de Assis: «achei um poeta original». A musa do Sr. Castro Alves tem feição própria (1). Fôra mais adiante José de Alencar: «Palpita em sua obra o poderoso sentimento da nacionalidade, essa alma da pátria que faz os grandes poetas, como os grandes cidadãos». José Veríssimo viria a ser mais claro ainda: «poeta nacional, se não mais, nacionalista». Finalmente, José Oiticica os resume, incisivamente: «criou essas três cousas que não existiam na poética nacional antes dêle: a paisagem brasileira, o estilo brasileiro, o tema social brasileiro».

Nem o ático Nabuco, nem o luso Gonçalves Dias são nacionais: brasileira é a ênfase do estilo de Castro Alves, grandiosa, colorida, sonora, terna ou saudosa. O tema brasileiro social

---

(1) *Correio Mercantil* de 1 de Março de 1868.

no seu tempo não era evocar selvagens, orná-los de virtudes cavalheirescas para humilhar por contraste a nossa descendência de portugueses, quando havia muitos anos já nos emancipáramos das dependências coloniais; nem cantar uma guerra infeliz contra o Paraguai, na qual um ditador imperialista se vingava de nossas imprudentes intervenções imperialistas nos negócios alheios, do Prata: era a abolição da escravatura, que nos degradava e a República que nos prometia enganosamente a liberdade. A paisagem brasileira não tem loureiros e mirtos, casais e castelos, rouxinóis e cotovias, parques e repuxos... como os que se vêem na prosa e nos versos dos «nossos» escritores «estrangeiros». Por isso, porque se reconhecia nosso, de nossa natureza, só Castro Alves podia dizer

> Abre-me o seio ó Madre Natureza
> Regaços da floresta americana
> ....
> ¡ Natureza, eu voltei... eu sou teu filho !

E parte para ela, para a comunidade com ela.

> Já do largo deserto o sôpro quente
> Mergulha perfumado em meus cabelos
> Ouço das selvas a canção cadente
> Segredando-me incógnitos anelos.
> ....

Novo alento selvagem, grandioso,
Treme nas cordas desta frouxa lira,
Dá-me um plecto bizarro e majestoso
Alto como os ramais da sicupira.
Cante o meu génio o dédalo assombroso
Da floresta, que ruge e que suspira,
Onde a víbora lambe a parasita,
E a onça, fula o dorso pardo agita.

Onde, em cális de flor imaginário,
A cobra de coral rola no orvalho,
E o vento leva a um tempo o canto vário
Da araponga e da serpe de chocalho...
Onde a solidão é o magno estradivário...
Onde há músc'los em fúria em cada galho,
E as raízes se torcem, quais serpentes...
E os monstros jazem no ervaçal dormentes.

E, se eu devo esperar, se a fibra morta
Reviver já não pode a tanto alento,
Companheiro! uma cruz era selva corta
¡E planta-a no meu tôsco monumento!
Da chapada nos ermos... (o que importa?)
Melhor o inverno chora... e geme o vento.
E Deus para o poeta o céu desata
Semeado de lágrimas de prata.

Essa Natureza, mãe e confidente, ditar-lhe-ia os seus mais lindos versos:

Se aponta a alvorada por entre as cascatas
Que estrêlas no orvalho que a noite verteu,
As flores são aves que pousam nas matas
As aves são flores que voam no céu.

Mais tarde, sol a pino...

Ali a luz cruel, a calmaria intensa,
Aqui a sombra, a paz, os ventos, a cascata...
E a pluma dos bambus a tremular imensa
E o canto de aves mil... e a solidão e a mata...

Depois ainda

... quando o sol, nas matas virgens
A fogueira das tardes acendia
E como ave ferida, ensangüentava
Os píncaros da longa serrania
....
... embaixo o vale a descantar saudoso
¡Na cantiga das moças lavadeiras!
E o riacho a sonhar nas canabravas
E o vento a se embalar nas trepadeiras.

Ó crepúsculos mortos! voz dos ermos!
Montes azúis! sussurros da floresta!

....

Hora meiga da tarde, como és bela
¡Quando surges no azul da zona ardente!

....

De cada moita a escuridão saia
De cada gruta rebentava um canto
Ontem à tarde quando o sol morria.

É o lusco-fusco, a nambú trila a sua escala saudosa; andam pelos caminhos os bacuráos;

as boninas, na terra, precedem as estrêlas, no céu.

> E a juriti do taquaral no ramo
> Povoa soluçando a solidão...

Vem descendo os véus da treva

> As garças metiam o bico vermelho
> Por baixo das àsas da brisa ao açoite
> E a terra na vaga de azul do infinito
> Cobria a cabeça com as penas da noite...

Então

> Chora orvalhos a grama que palpita
> ... acende o vagalume o facho seu...

Tudo é paz e recolhimento... «tudo dorme e vela Deus» diria o Poeta; não, no Brasil, o silêncio das noites tropicais é uma imensa orquestra em surdina:

> Sussurro profundo! marulho gigante
> Talvez um silêncio! Talvez uma orquestra
> Da fôlha, do cális, das àsas, do insecto
> Do átomo à estrêla... do verme à floresta.

Às vezes, porêm,

> Das noites tropicais na mansa calma

> ... entre rendas subtis surge medrosa
> A lua plena, qual moreno seio...

O POETA DO AMOR E DA SAUDADE

Em nenhum dos nossos poetas, da prosa ou do verso, encontrareis tantas imagens da natureza, e da natureza brasileira.

¿Seria de espantar, sendo assim, que fôsse Castro Alves, um sensual e um sentimental, bem amável e bem amoroso, à brasileira? Êle mesmo se descreveu:

> Tendo por musa — o amor e a natureza!

Amou muito, de facto, e ainda amor lhe sobrou, para as imagens mais formosas que essa paixão pode despertar. ¿A natureza não vive aqui numa ebriedade erótica?

> Tudo o que vive, que palpita e sente
> Chama o par amoroso para a sombra.
> ....
> E que amores que sonham as esferas,
> ¡A brisa é de volúpia um calafrio!

Por isso, também o poeta quer o seu quinhão:

> E de gôzo de amar, louco, sedento,
> ¡Viver a eternidade num momento!

Nunca a mulher amada recebeu louvores mais íntimos, nem mais efusivos:

> No seio de mulher há tanto aroma,
> Nos seus lábios de fogo, há tanta vida . .
> ....

O seio da amante é um lago virgem,
Quero boiar à tona das espumas.

. . . .

O globo de teu peito entre os arminhos,
Como entre as névoas se balouça a lua.

. . . .

Dá-me um abrigo nos teus seios túmidos.

. . . .

Teu seio é vaga dourada,
Ao tíbio clarão da lua...

. . . .

Do seio as vagas — pede um outro amor.

Essa comparação de vagas e ondas torna outras vezes: o peito descoberto da amada é

Mar de amor onde vogam meus desejos.

Outras vezes é mais carinhoso:

Entram pela janela quási aberta
Da meia-noite os preguiçosos ventos,
E a lua beija o seio alvinitente,
— Flor que abria das noites ao relento.

Tambêm não esquece aos cabelos:

Como a violeta as faces escondendo,
Sob a chuva nocturna dos cabelos

. . . .

Na selva sombria de tuas madeixas,

. . . .

Na torrente caudal de seus cabelos negros.

. . . .

É noite ainda em teu cabelo prêto

. . . .

Como um negro e sombrio firmamento
Sôbre mim desenrola o teu cabelo.

. . . .

¿Que tenda mais subtil que meus cabelos
Estrelados no pranto de teus olhos?

Também êsses olhos...

Teus olhos são negros, negros
Como noites sem luar

. . . .

Se a natureza apaixonada acorda
Ao quente afago do celeste amante
Dize: quando em fogo teu olhar transborda
Não vês minh'alma reviver ovante

. . . .

Meus olhos nos teus morriam...

Considerai nessa imagem e dizei se alguma jamais foi tão expressiva e tão simples — é a perfeição da verdade e da sensualidade amorosa

Meus olhos nos teus morriam...

Já alguêm notou que o fraco de Machado de Assis eram os braços.. todos temos os nossos — lêde *O Pé* de José Bonifácio ou a *Pata de Gazela* de José de Alencar — ou o nosso fetichismo, se não quisermos dizer as nossas preferências, se não somos eclécticos: Castro Alves

teria bom quinhão — o colo e os cabelos, — mas não era exclusivista:

... teu riso me penetra n'alma
Como harmonia de uma orquestra santa
É que teu riso tanta dôr acalma
....
Passava em meus cabelos perfumada
Aquela mão tão pura!
....
A frouxa luz da alabastrina lâmpada
Lambe voluptuosa os teus contornos
Ó deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doido afago de meus lábios mornos

... em tôda a parte
meu pensamento segue o passo teu

Até as fitas, as rendas, as roupas

Não rias... prendi-me... num laço de fita!
....
Tu levas minh'alma, ó filha
Nas rendas desta mantilha

Seria a mantilha, a de Eugénia Câmara, que muitas vezes lembram os versos de Castro Alves.

Êsse amor não será o amor terno e respeitoso à Lamartine, nem o tranqùilo e feliz à Hugo, é o comovido e sensual à Musset que está mais em nossa índole e foi pròpriamente o de Castro Alves. Com uma certa ingenuidade inexperiente,

Nabuco, em 73, exprobrou ao nosso poeta não ter no amor o sentimento de Varela, ou do bardo das *Meditações*... Nem todos os vates teem a desgraça de perder um filho para chorar o *Cântico do Calvário*, nem a mulher amada — possuída e logo arrependida e extincta — para lembrar-se, chorar e esperar no *O Lago*, *O Crucifixo*, *Imortalidade*... Nada mais pessoal do que o amor, e por isso nada mais diverso do que a imagem dêle que nos deixam os que o sentiram e sofreram bastante, para nos transmitirem os seus excessos na confidência da poesia. Castro Alves, como só acontece aos grandes poetas que sabem com sinceridade confessar-se, nos deu efígie fiel do seu.

A felicidade para êle, como para todo o mundo, seria o amor; como para poucos, os raros e os melhores, bastava-lhe, porêm, apenas amar. *Amabam amare*, disse Santo Agostinho, que «gostava de amar». Confessa tambêm o nosso poeta:

P'ra ser feliz basta amar.

E essa felicidade é tamanha que por ela cometeu a maior impiedade que já se escreveu na terra, se é que tambêm por isso não pronunciou a mais bela declaração de amor que pudera ouvir uma criatura:

¡ Amar-te ainda é melhor do que ser Deus !

Chega a ser mais explícito:

> Oh! se Deus algum dia orgulhoso
> O seu livro infinito volvesse
> E nas letras de estrêlas relesse
> Seu passado nas flores azúis...
> Não teria o orgulho que tenho
> Quando o abismo dest'alma sondando,
> No infinito de amor me abismando,
> Eu me engolfo num pégo de luz...

Sem êle, o amor, sem ela, o objecto dêle, a vida não tinha alegria nem destino.

> Mas tu vieste... e acreditei na vida...
> Abri os braços... caminhei p'ra luz...
> ....
> O tronco morto refloriu de novo
> Ergueu-se vivo, perfumado em flor
> Abençoando a Primavera amiga...
> Ai! ¡primavera de meu santo amor!

A quem ama dêste jeito, o sentimento correspondido ensina veementes indiscrições:

> Oh! amar é viver... Dêste amor santo
> — Taça de risos, beijos e de prantos
> Longos sorvos beber
> No mesmo leito adormecer cantando...
> Num longo beijo despertar sonhando...
> Num abraço morrer.

Linguagem íntima incomparável, cujo magnífico despudor não sei se algum poeta — ¡e êles

são tão ousados, quanto inconfidentes! — já ousou algum dia:

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
Treme tu'alma, como lira ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias
¡Que escalas de suspiros bebo atento!

Ai! canta a cavatina do delírio,
Ri, suspira, soluça, anseia e chora...
Marion! Marion! É noite ainda,
¿Que importa os raios de uma nova aurora?

Como um negro e sombrio firmamento
Sôbre mim desenrola o teu cabelo
E deixa-me dormir, balbuciando
— Boa-noite, formosa Consuelo!

Se ela tarda e demora, seu apêlo é comovente:

Vem! É tarde! Porque tardas?
São horas do brando sono,
Vem reclinar-te em meu peito
Com teu lânguido abandôno!
'Stá vazio o nosso leito...
'Stá vazio o mundo inteiro.
E tu não queres que eu fique
Solitário nesta vida...
Mas porque tardas, querida!
Já tenho esperado assaz...
¡Vem de-pressa, que eu deliro!
¿O minha amante, onde estás?

E se não vem, na sua insónia dolorosa, invoca o sono, que faz momentâneamente esquecer

O leite das eufórbias
P'ra mim não é veneno...
Ouve-me, ó Deus sereno
O Deus consolador!
Com teu divino bálsamo
Cala me a ansiedade!
Mata-me esta saudade!
Apaga-me esta dor!

porque êle mesmo diz

¿Sem Ela o que é a vida?

E a razão íntima, secreta, pertinente, exclusiva, é esta: se todos sentem, os que amam verdadeiramente, só um poeta disse-o, nestas palavras que resumem melhor que todos os livros de psicologia amorosa, êsse «egoísmo a dois» da paixão humana:

Eu não posso ser de outra... Tu és minha!

Para quem ama assim, seria a saudade um tormento exasperado e íntimo, depois não resignado e sempre doído, como só êle sabia exprimir:

Tudo vem me lembrar que tu fugiste
Tudo que me rodeia de ti fala...

É a almofada em que ela pousou a fronte que exala o seu perfume, é o piano que ela tocava

que ainda mostra a frase musical interrompida, são as horas de Ave-Maria que soam, é o vento da tarde, é a tristeza invasora e irresistível e a sua voz balsâmica, seu riso santo que não o confortam mais:

> É que tudo me lembra que fugiste
> Tudo que me rodeia de ti fala
> Como o cristal da essência do Oriente,
> Mesmo vazio a sândalo trescala...
>
> No ramo curvo o ninho abandonado
> Relembra o pipilar do passarinho
> Foi-se a festa de amores e de afagos...
> Eras ave do céu... minh'alma o ninho!
>
> Por onde trilhas um perfume expande-se
> ¡Há ritmo e cadência, no teu passo!
> És como a estrêla, que transpondo a sombra
> Deixa um rasto de luz no azul do espaço ..
>
> E teu rasto de amor guarda minh'alma
> Estrêla que fugiste aos meus anelos
> Que me levaste a vida entrelaçada
> Na sombra sideral dos teus cabelos.

Depois disto todos concordaremos com Rui Barbosa: se é facto que «a natureza sorri, irradia, e magoa-se nos seus versos», tambêm é verdade que «ninguêm desferiu ainda mais maviosamente as cordas mais santas do amor humano».

Citei, de intenção, os poetas mais sublimes do seu tempo, parentes de seu génio — Hugo,

Lamartine, Gautier, Banville, Herédia, Musset, Verlaine; acentuei a sua originalidade, espontânea, sincera, magnífica, irradiante, nova, como a nossa natureza, de que êle foi uma fôrça e uma imortal expressão: concluo que «poeta do amor e da saudade» ainda uma vez foi êle fiel às paixões de sua gente, que, como nenhuma outra sabe amar e sofrer por amor, nesse desejo e naquela saudade: vós me direis, agora, se Castro Alves não foi e não é, portanto — o primeiro poeta brasileiro!

Origem e descendência intelectual de Castro Alves: os «Cástridas»

Voz de ferro! desperta as almas grandes
Do Sul ao Norte... do Oceano aos Andes!

CASTRO ALVES.

Do Sul, do Norte... do Oriente irrompem...

CASTRO ALVES.

APESAR daquela frase de Leonardo de Vinci — triste do discípulo que não passa o mestre — tamanha é a honra de ter sido mestre de Castro Alves, que Sílvio Romero levou quási meio século de vida literária a dar-lhe, a impor-lhe, a ascendência, mais que contestável, de Tobias Barreto. Não desconfiava talvez que, implícitamente, tal insistência era o reconhecimento de uma grande honra: ¡foi a secreta ironia de uma quezília de cinqùenta anos!

Como que receava não ficasse ao seu ídolo outro mérito literário que o dessa precedência que é, entretanto, tudo quanto pretende estabelecer. E não prova entretanto nada.

Os argumentos são, com efeito, indignos da grande inteligência do crítico, só explicáveis pela obcecação de um capricho, a turvar ainda o mais lúcido entendimento. Tobias é seis anos

mais velho que Castro Àlves, logo... é seu mestre .. Castro Alves antes de 1862, isto antes dos quinze anos, não era o Castro Alves dos poemas vibrantes que o caracterizaram (e dos quais nem sequer se aproximaram os do outro), só o foi depois dessa idade... quando e porque conheceu Tobias... E' tudo o que há de mais indiscutível...: igual título podem reivindicar todos os contemporâneos do poeta, mais velhos do que êle. Apenas não devemos fazer carga, ainda ao precoce Castro Alves..., por não ter a sua completa individualidade mental e moral antes dos quinze anos; conformemo-nos à natureza que não deixa a ninguêm ser púbere antes da puberdade, tenha ou não conhecido Tobias Barreto.

O necessário, o essencial à demonstração, de dependência ou derivação de um talento a outro, essa não foi feita, nem tentada. Com efeito entre 63 e 65 no Recife, Castro Alves achara a sua vocação de poeta liberal, ensaiando os primeiros e mais númerosos dos seus cantos abolicionistas: Tobias a-pesar-de mistiço e, por dever, podendo ser defensor da raça perseguida, nenhuma preocupação tem com a escravidão, que só ao tempo movera parceiros seus como Luís Gama, e moveria outros depois como Rebouças, Patrocínio, em auxílio dos brancos libertadores. Tobias andava pelo tempo a poetar à guerra do Paraguai.

Pernambuco abaixa a coma
Agacha-te um pouco e toma
O pèso do Paraguai...

Foi Castro Alves indiferente a esta veemência do nosso provocador imperialismo no Prata: a não ser à partida de um amigo para a guerra, Maciel Pinheiro, o «peregrino audaz»,—em uma festa de caridade pelos órfãos, — cujos pais caíram «do vasto pampa no funéreo chão», — só há uma de suas poesias *O Pesadelo de Humaitá* que trate dêste assunto, e estava de hóspede no Rio, na redacção de um diário carioca, assistindo à passagem de uma manifestação patriótica — e provocado ou solicitado, produziu aqueles versos, que, embora aplaudidos, lhe mereceram a condenação de artista — «não se publica»: foi a nota que lhes pôs à margem.

Se os dois poetas não tiveram sentimentos e ideas comuns, poderiam ter entretanto o estilo, a ênfase altaneira de sua eloqüência: nada mais diferente do que o tom e a execução artística dêsses dois poetas, um medíocre, do qual não há uma só poesia que inteiramente se possa citar com agrado, e o outro a quem sobejaram os triunfos não só do povo que as ouviu, como da Posteridade que as lê, ainda agora comovido.

Pretende Sílvio Romero que a poesia heróica, de origem hugoana, foi novidade aqui introduzida por Tobias Barreto, e se Castro Alves foi hugoano, será depois de Tobias e, portanto, seu

discípulo. Nem a conclusão, nem a premissa estão certas. O crítico esquece que Pedro Luís e José Bonifácio existiram ou de indústria os suprime, para o seu efeito... E Veríssimo (1) lembrou que o primeiro foi «o precursor da inspiração política e social e do que depois se chamou condoreirismo, na nossa poesia». «Deixou meia dúzia de poemas, os melhores no tom épico «*Os Voluntários da Morte*», «*Terribilis Déa*» que todo o Brasïl conheceu, recitou, admirou»: e isto de 60 a 65 (2). Castro Alves sofreu tanto essa influência que até a sua *Deusa Incruenta* é uma antítese à *Terribilis Déa*, à Imprensa, bemfazeja, contra a Guerra, de extermínio: ficar-lhe-ia o tom, a Tobias ficara o tom e a canção guerreira, a imitar, como imitou, entretanto sem a inspiração épica de Pedro Luís. Se «condoreiro» deriva de condor, o nome que pôs Capistrano de Abreu à poesia heróica que adoptara êsse «totem» não convinha a de Tobias Barreto; com efeito, não existem «condores», «Andes», «amplidão», em sua poesia, ao menos as que se imprimiram nos *Dias e Noites:* duas vezes, contadas, usou a primeira palavra, uma vez a outra, nenhuma a

---

(1) José Veríssimo — *História da Literatura brasileira* — Rio, 1916, pág. 314.

(2) *Nunes Machado* é de 60; *A Sombra de Tiradentes* é de 62; *Os Voluntários da Morte* de 63; a *Terribilis Déa,* de 65...

terceira; Castro Alves é que delas abusou e, como louvor ou censura, bem pode chamar-se «condoreiro»: mas foi um incidente ou uma fase da sua poesia.

Não esqueceu a Veríssimo (1) o condoreirismo de José Bonifácio, também êsse precursor. Acredito mesmo que a influência dêle terá sido talvez a maior que, de brasileiro, sofreu Castro Alves. José Bonifácio, com efeito, não foi só poeta épico do *Redivivo*, como o lírico, gracioso e terno de *Um pé* ou do *Meu testamento*, íntimo e comovente de *Teu nome* e *Os nossos sonhos*, como poeta nacionalista, do pinturesco regional do *O Tropeiro*, com que precede, em quási tôdas as suas notas, a Castro Alves. Apenas aqui seria o caso de lembrar da Vinci. Aliás Castro Alves foi, de facto, discípulo de José Bonifácio. Achara a lembrança dêle no Recife, onde exerceu e leccionou pouco tempo, e em S. Paulo começara uma fama que ninguêm teve maior como professor de direito e arauto liberal da mocidade. Com Marcolino de Moura premeditara logo o nosso Poeta transferir-se para a Faculdade de S. Paulo (2) e mais tarde aí chegado escrevia a Luís Cornélio (3): «estou na Academia ouvindo o grande José Bonifácio». Logo depois,

---

(1) *Op. cit.*, pág. 335.
(2) *Obras compl tas*, t. II, pág. 429.
(3) *Id. ibd.*, pág. 441.

quando, dissolvida a Câmara, o tribuno parlamentar torna à sua cátedra, e a terra natal o recebe jubilosa, diz o *O Ipiranga*, de 2 de Agôsto de 68, Castro Alves «soube num rapto sublime manifestar a comoção de quantos acompanham o representante dos foros populares». A simpatia e a admiração seria recíproca porque José Bonifácio foi dos primeiros a lhe prantear a morte, n'*À margem da corrente*, e num soneto comovido. Êle ouvia «o sabiá cantar».

> Ouvi... ouvi... ternissima
> A extrema nota, repetida ainda...
> — Eco saudoso das canções de outrora
> ....
> Mas do teu coração, inda a saudade
> Ficou — murmúrio e flor, brisa e perfume.

Outro que a amizade e a admiração deviam conceder alguma influência seria Fagundes Varela, de quem diz Regueira Costa, que com êle freqùentava o jóvem Castro, quando, em Santo Amaro, no Recife, numa vivenda bucólica, se ocupava em amar a «encantadora Idalina» e a escrever o poema d'*Os Escravos*. À reminiscência dêsses amores, mais tarde, em 1870, nas *Aves de Arribação*, juntou a lembrança do amigo, numa epígrafe de lindos versos seus:

> Pensava em ti nas horas de tristeza
> Quando estes versos pálidos compus
> Cercavam-me planícies sem beleza
> Pesava-me na fronte um céu sem luz...

Contou-me o Dr. Rodrigues Peixoto que ouvira Castro Alves responder a alguêm, que lhe indagava da preferência, entre os poetas brasileiros: — «Dos contemporâneos, Fagundes Varela; dos passados, Casimiro de Abreu». Isso foi em 69, encerrado o seu ciclo de poesia social e épica, subsistente o lirismo efusivo e comovido, bem espontâneo e bem brasileiro, de que êsses dois poetas, com êle, seriam os nossos mais altos representantes naquele tempo.

Mas, a influência, mais decisiva na obra, ou em parte da obra de Castro Alves, é necessàriamente a de Hugo. Não há negar, se é honrosa a ascendência, senão para restringir, dizendo que a preferência seria pela similitude do génio. Uma das preocupações de nosso tempo está em procurar as fontes de uma inspiração ou uma idea, como se houvesse alguma destas «criações» humanas que não seja uma «reprodução» humana: La Bruyère deu idade de sete mil anos à menor de nossas cogitações e parou aí, porque não há documentos de maior antiguidade. Pôde Emerson dizer que «o maior génio é o homem mais individado»; sua grandeza, Shakespeare ou Molière, faz-se com a contribuição de muitos: não são pessoas, são multidões — um génio é uma raça, às vezes uma era... Entretanto, talvez por malicioso divertimento, nos comprazemos em dizer que *Noventa e Três* é a *História dos Gi-*

rondinos de Hugo, como a *Joana d'Arc* é a *Vida de Jesus* de Anatole France: fazemos uma duvidosa homenagem a Lamartine e a Renan, de uma similitude de propósitos, sem indagar quais foram os dêles.

Capistrano de Abreu, prolongando Taine, completou-lhe uma lei de evolução intelectual, dizendo: «começamos por imitar alguêm, depois não imitamos a ninguêm, finalmente nos imitamos a nós mesmos». Sem personalidade característica a princípio, depois individualizado em aspecto inconfundível, por fim, dada a consagração, a mesmice sem mudança e sem renovação, na rota batida do sucesso. Há nos extremos, porêm, duas ordens de excepção: os medíocres, que ficam sempre imitadores, e os extravagantes que nem a si mesmo imitam e continuam sempre diversos e renovados: por isso a ambição de d'Annunzio, manifestada naquele lema: «Renovar-se, ou morrer».

Castro Alves imitaria Hugo, talvez, como imitaria, por vezes, a Lamartine, Musset, Byron, Espronceda... os poetas de suas leituras predilectas, se é que tais preferências já não dizem de uma similitude de génio que o levaria, com os variados gostos dêles, para as mesmas tendências poéticas. Mas no seu tempo e com o seu génio, pergunto, ¿poderia ser êle diverso do que foi... e em que de sua característica de poeta republicano e abolicionista, de lírico tropical e

nacionalista, estão os vestígios daqueles grandes homens de seu tempo?

Uma escola literária definiu com espírito e justiça um contemporâneo, Francis de Croisset, — é alguêm que tem talento, e é chefe, e muita gente, que não o tem e são os sequazes. A Castro Alves êle sobrava para não ser um discípulo dócil, fôsse ainda do maior poeta do século. Rui Barbosa afirmou, pois, com razão: «Bem pouco valeria Castro Alves, se a estabilidade de seu nome se achasse ligada às feições específicas e aos transitórios destinos dessa fase literária a que entre nós se imprimiu o sêlo da influência e do nome de Hugo. Na sua personalidade êsses não passam, a meu ver, de traços acidentais. O que faz a sua grandeza são essas qualidades superiores a tôdas as escolas que em todos os estados da civilização constituirão e hão de constituir o *poeta*, aquele que como o pai da tragédia grega, possa dedicar as suas obras «ao Tempo»: sentiu a natureza; teve a inspiração universal e humana; encarnou artísticamente nos seus cantos o grande pensamento de sua época» (1). Não se dirá melhor.

Com a versatilidade dos sentimentos e das ideas, deu Hugo a sua facúndia transbordante à Revolução, ao Império, a Luís XVIII, a Car-

---

(1) Rui Barbosa — *Elogio de Castro Alves* — Baía, 1881.

los X, à República... Essa generosidade descomedida era o Romantismo, movimento nem hugoano, nem francês, nem literário, senão político, social, europeu, que começara no Século XVIII com os racionalistas ingleses, Locke, à frente, no século anterior, propagados ao continente por Voltaire e Montesquieu e ganhara na Rússia a Catarina II, na Prússia ao grande Frederico, na Áustria a José II, na Toscana a Leopoldo, aos prnícipes de Weimar, Bade, Mogúncia, e até em Portugal, com Pombal, a D. José... Literáriamente, Schlegel, Goethe, Schiller... Young, Walter Scott, Byron..., Manzoni, Foscolo, Monti... como Rousseau, Madame de Stael, Chateaubriand... são os grandes nomes do Romantismo e todos êles anteriores a Hugo, que seguiu com algumas infidelidades tambêm a corrente política, social, literária de seu tempo.

Castro Alves não podia escapar tambêm a êsse seu tempo, mas fê-lo com um carácter e uma originalidade que são a sua honra. Carácter porque não transigiu com a sua nativa generosidade por nenhum interêsse: num regímen monárquico, foi republicano; num tempo em que a escravidão era no Brasil *res sacra*, *res integra* (1), foi abolicionista; num tempo em que havia uma guerra contra o Paraguai, desdenhou

(1) Joaquim Nabuco — *Um estadista do Império*, t. II, Rio, 1900.

o sucesso fácil das odes guerreiras e militares, foi humanitário e pacifista; quando o êxito militar e político do Império Alemão acobardava o mundo e aqui mesmo lograva o proselitismo que os fortes sempre impõem aos fracos, ¡êle protestava e num apêlo patético confiava o destino futuro da Civilização aos filhos do Novo-mundo! Originalidade porque lograva ser um poeta da natureza brasileira, das causas sociais brasileiras, com um estilo próprio, seu, inconfundível entre todos os poetas de seu tempo e de seu país...

Euclydes da Cunha nos dará ainda razões: «o aparecimento de Castro Alves, certo oportuno, como o de grande homem é em grande parte inexplicável. Êle não teve precursores, na sua maneira predominante. Os grandes pensamentos, sociais e políticos, que agitou não lhe advieram, como em geral sucede, de longas ou bem acentuadas correntes, nos agrupamentos que o rodeavam. Pertenciam, plenamente generalizados, à sua época. Nasciam do património comum das conquistas morais da humanidade. A sua grandeza está nisto: êle os viu antes e melhor do que seus contemporâneos. Compreende-se que o extranhassem. Sem dúvida devera ser anómalo e, ao parecer, desorado, o vidente que surgia, de improviso, num estonteamento de miragens, e a proclamar uma nascença ainda remota, ou a descrever a era nova, que poucos

adivinhavam, numa linguagem onde — naturalmente — os mais belos lances do seu lirismo incomparável teriam de golpear do abstruso e do impressionismo trascendental das profecias...» (1). «É que, não era Castro Alves apenas o batedor avantajado dos pensamentos de seu tempo.» «Há no seu génio muita coisa do génio obscuro da nossa raça». E prova-o Euclydes da Cunha, para concluir repetindo a premissa: «Castro Alves foi altamente representativo de sua terra e de seu povo». Portanto, como Hugo, foi Castro Alves do seu tempo e só hugoano se a êsse tempo houvermos de dar, com parcialidade, o desígnio de «hugoano»: seria uma homenagem ao maior poeta do Século XIX, mas não seria justa, nem explicaria coisa alguma, porque não diria como e porquê, do seu tempo, na cultura universal, não deixou de ser entretanto representativo de sua terra e do seu povo, na expressão estética daquela cultura.

Dada esta restricção, quanto a Castro Alves, também ela se fará para os menores poetas brasileiros que tiveram tais acentos; entretanto em alguns, em muitos dêsse tempo, descobre-se mais que um enderêço geral, como uma conformidade de tom e às vezes lembranças de outros

---

(1) Euclydes da Cunha — *Castro Alves e seu tempo*, Rio, 1907, p. 11.

versos do nosso Poeta, que estão a sugerir a sua ascendência, no seu meio e no seu tempo. Como homéridas, houve «cástridas», pelo Brasil. O insuspeito Sílvio Romero não fugiu a dizer: «quási tôda a gente no Rio e províncias do Sul fazia versos, imitando a maneira do poeta das *Espumas Flutuantes.*» Um curioso ensaio literário, se valesse a pena, seria êsse: basta à glória de Castro Alves documentar a afirmação de Sílvio Romero com alguns exemplos, dêsses seus imitadores e discípulos, a quem o seu génio se impôs mais decisivamente.

Imitam-se mais fàcilmente os defeitos, que as qualidades; os caracteres indiscretos e imponentes, que as virtudes secretas e íntimas: os discípulos e imitadores saem assim caricaturas, que vem a depor, injustamente, de um mestre inocente. Entre os encantos e as «bombas» da poesia de Castro Alves foram as bombas que mais eco despertaram, em ribombos clamorosos. Diz ainda Sílvio Romero: «a sua *maneira* espalhou-se então por todo o país. Escusado é dizer que a mediocridade dos maus discípulos foi-se tornando cada vez mais acentuada, até cair nos mais extravagantes despropósitos.» Antes dêstes, porêm, houve muitos discípulos que lhe fizeram honra, e se podem citar.

Carlos Ferreira foi um — e êste seu amigo, companheiro de casa, seu admirador e portanto, naturalmente, seu discípulo. Nas suas *Rosas*

loucas, impressas em 71, em S. Paulo, logo a primeira estrofe termina

Ave saudosa que rolou dos Andes

As *Vozes da Mocidade*, dirigidas também a um amigo, lembram Castro Alves:

«É belo o estremecer do vago anseio
Da natureza inteira, e ver os mundos
¡Boiando em mar de anil!
Oh! é belo gravar em traços grandes
— Glória! — Dos céus nos âmagos profundos
¡Quando a idea é buril!

É em *Sub tegmine fagi* que diz o outro, com o mesmo acento e forma:

Vem! Do mundo leremos o problema
Nas fôlhas da floresta, ou do poema
Nas trevas ou na luz...
Não vês?... Do céu a cúpula azulada,
Como uma taça sôbre nós voltada
¡Lança a poesia a flux!

Nos *Homens de Roma* há reminiscências de tom com *Os Jesuítas* e *O Século*. A *Dalila* deu ecos a *Um canto do Século*. Diz o Castro:

Hoje flores... A música soando
As perlas da Champanhe gotejando
Em taças de cristal
A volúpia a escaldar na louca insónia
Mas sufoca os festins de Babilónia
A legenda fatal.

Responde o outro:

Ali folga a Marcô dos beijos mornos
Da lascivia cruel... Treme a inocência
E goza o potentado!
Ouve-se o tinir da dobla ferrugenta...
Rola na banca um mundo de desgraça
¡E Satan ri-se ao lado!
....
Há um templo de luz — o altar é negro!
Fumega em vez da mirra — o vinho ardente
Aos pés da meretriz!

Castro Alves dissera noutra poesia, *É tarde!*:

É tarde! É muito tarde! O templo é negro...
O fogo-santo já no altar não arde.
Vestal! não venhas tropeçar nas piras
E tarde! é muito tarde!

A *Duas irmãs* faz Carlos Ferreira uns versos:

São duas gotas de orvalho
Pingando do mesmo galho
Caindo na mesma flor;
São duas pombas de arminho
Cantando no mesmo ninho,
A mesma canção de amor...

¿Não são *A duas flores* de Castro Alves?

São duas flores unidas,
São duas rosas nascidas
Talvez no mesmo arrebol
Vivendo no mesmo galho
Da mesma gota de orvalho
Do mesmo raio do sol...

E outras, e outras, em que a forma e o tom, a intenção e a maneira, vem como uma reminiscência ou um eco de Castro Alves. Onde porêm Carlos Ferreira excedeu o seu modêlo foi no *Baile das múmias* (sic) que deixou a perder de vista as mais ousadas ou absurdas «bombas» de Castro Alves. Basta citar, sem comentário, algumas estrofes:

Meia-noite! hora de sangue,
Hora de febres fatais,
Hora em que gemem saudades
Dos tempos que não vem mais;
Quando os pálidos precitos
Requeimam lábios malditos
¡Em taças negras de fel!
Quando as bôcas dos finados
Soltam gritos compassados
Pedindo sangue ao bordel!

. . . .

Rompe a orquestra, o baile rompe
A tempestade assobia;
Giram nas valsas os vultos,
¡Arde a febre, vive a orgia!
Bem como um bando de gralhas
Passam nas brancas mortalhas
Os convivas do festim;
E as grutas fundas rasgadas
Respondem com gargalhadas
¡Ao som da orgia sem fim!

. . . .

Redobra o baile das múmias
Gritam as ondas além...
Passam, repassam as sombras
Em furibundo vaivêm!
Soam lúgubres trombetas...
Debatem-se as nuvens pretas
— ¡Feras do espaço a rugir! —
Das fauces negras do abismo
Rompe, salta o cataclismo
¡Que ameaça o baile extinguir!

....

«Bravo!» «bravo!» diz o vento,
Grita o trovão — «muito bem!»
Os ciprestes batem palmas
Como aplaudindo tambêm...
Soa o rufo... A festa aumenta...
Deus sôbre um raio se assenta
¡E vem nas tumbas poisar!
Batem nas lousas os crânios,
Somem-se os vultos titânios,
¡Arde em fogo o lupanar!

Outro «Castrida» é Francisco Lobo da Costa, cujas *Locubrações*, de S. Paulo, 1874, começam:

«Um dia, debruçado à amurada de velejeira barca... meus olhos como que embebidos de ternura e saudade... Eram os Tapes aquelas saudosíssimas cordilheiras... O passado...»

E tambêm por isso escreve o seu poema, como

Castro Alves o dissera, no prefácio às *Espumas Flutuantes:*

«Só e triste, encostado à borda do navio, eu seguia com os olhos aquele esvaecimento indefinido e minha alma apegava-se à forma vacilante das montanhas — derradeiras atalaias dos meus arraiais da mocidade...» «Eram os cimos fantásticos da Serra dos Órgãos... embebiam na distância, sumiam-se, abismavam-se numa espécie de naufrágio celeste.» E lembra o passado, os amigos e para êles, como a recordá-lo, es-escreve o seu livro... tal depois Lobo da Costa.

Por todos os seus versos, aqui e ali, há a influência de Castro Alves: ela é explícita numa composição das *Auras do Sul* (outro seu livro) — *O Génio e a arte* que é como eco de *O Fantasma e a Canção:*

— ¿Quem bate à porta do pobre?
— Abre não tenhas receio,
Eu venho de fome cheio
Quero pedir-vos um pão...
Andei faminto e descalço
Pelas ruas da cidade!
Ai! senhor! ¡a caridade
Já não vive entre nós não!

Castro Alves, aliás inspirado pela *Balada do desesperado,* de Henrique Murger, que traduzira, havia escrito:

— Quem bate? — A noite é sombria!
— Quem bate? — É o rijo tufão!
Não ouvis? A ventania
Ladra à lua, como um cão.
— Quem bate? «O nome que importa
Chamo-me dor... abre a porta!
Chamo-me frio... abre o lar!
Dá-me pão... chamo-me fome!
¡Necessidade é o meu nome!
— Mendigo, podes passar!

Por fim, o mendigo de génio, banido do próprio lar, encontra uma pousada; diz Lobo da Costa:

— Entra; meu albergue é pobre
Mas há fogo na lareira...

dissera Castro Alves:

— Entra! O verso — é uma pousada
Aos reis que perdidos vão
A estrofe — é a púrpura extrema,
Ultimo trono — é o poema!
Último asilo — a Canção!

Lobo da Costa é o autor daquele soneto *Última Confissão de Eugénia Câmara* em que puniu a infeliz actriz com maus versos, fazendo-lhe dizer, entre penitente e vaidosa:

¡E Castro Alves morreu por meu respeito!

Francisco de Castro, pelo nome e pela origem, da Baía, estava certamente votado a admirador

do vate das *Espumas Flutuantes*, nome que lhe inspiraria o de seu livro *Harmonias errantes*, impresso no Rio, em 1878. Desde os primeiros versos que a influência se confirma:

> À hora em que a terra dorme
> Em fatal sonambulismo
> Sentindo a atracção enorme
> Do mudo olhar de um abismo;
> ¿Quem atira aos quatro ventos
> Os ousados pensamentos
> Dos eternos Prometeus?
> E assombrando a humanidade
> A lira da tempestade
> ¿Sacode das mãos de Deus?

É *Hugo em Jersey* eco d'*As Duas Ilhas* (Jersey e Santa Helena), que tem a mesma forma, e idêntica emoção:

> Quando à noite — às horas mortas
> O silêncio e a solidão
> Sob o docel do infinito
> Dormem do mar n'amplidão
> Vê-se por cima dos mares
> Rasgando o teto dos ares
> Dois gigantescos perfis...
>
> ....
>
> São — dois marcos miliários
> Que Deus nas ondas plantou
> Dois rochedos, onde o mundo
> Dois Prometeus amarrou!..
>
> ....

São êles — os dois gigantes
No século de pigmeus.
São êles — que a majestade
Arrancam da mão de Deus...

Ubirajara tem não só o aspecto, como termina

E dizer n'alma pungidos
Pela mesma dor feridos
Nós havemo-lo imitar!

Também nas *Duas Ilhas* de Castro Alves:

Clamam: Da turba vulgar
Nos — infinitos de pedra —
Nós havemo-los vingar!

Na *Leitura no deserto* as reminiscências são de *Sub tegmine fagi:*

Azúis fosforescências peregrinas
Os pirilampos brilham nas campinas
No manto virginal
Sôbre o mar que braceja nas areias
Lânguidamente embalam-se as sereias
Nos berços de coral.

....

Aqui do ideal a seiva pura
A poesia esplêndida satura
De mágico verdor
Deus concede às paixões um desafôgo
Queimam-me os lábios as silabas de fogo
Desta palavra — amor.

Castro Alves dissera dêsse «deserto» do campo, sob árvores:

Amigo! O campo é o ninho do Poeta
Deus fala quando a turba está quieta
Ás campinas em flor.

. . . .

A andorinha, que é alma — pede o campo
A poesia quer sombra — é o pirilampo
P'ra voar... p'ra brilhar.

. . . .

Aqui o éter puro se adelgaça
Não sobe esta blasfêmia de fumaça
Das cidades p'ra o céu
E a terra é como insecto friorento
Dentro da flor azul do firmamento
Cujo cális pendeu!...

Outro, também Castro, e também poeta baiano, foi João Baptista de Castro Rebelo, que não dissimulou a influência de Castro Alves: nos *Louros e Mirtos,* versos de 71-91, impressos na Baía em 1902, os ecos do grande poeta são constantes. No *Escravo,* alêm das ideas há versos, como estes:

Eu, que levanto o olhar para êste sol esplêndido
E sonho a liberdade em face dêste azul...

que recordam, em outro metro, aqueles

Eu que sou pobre mas só peço luzes
Que sou pequeno mas só fito os Andes...

Em *Amanhã!* diz:

Saudai-os, povo! são êles
As esperanças viris
Desta luminosa pátria
Dêste homérico país,
São êles — a mocidade
Que arvora da liberdade
A bandeira que jurou
Modelando os pensamentos
Nos eternos monumentos
Das profecias de Hugo.

Tambêm, de Hugo e Napoleão, clamara Castro Alves:

São êles — os dois gigantes
No século dos pigmeus
São êles — que a majestade
Arrancam das mãos de Deus
— Êste concentra na fronte
Mais astros — que o horizonte,
¡Mais luz do que o sol lançou!
Aquele — na dextra alçada
Traz segura sua espada
— ¡Cometa que ao céu roubou!

Nunca... lembra *Fatalidade:*

Ungem-te os sonhos as vernais fragrâncias
De uma existência que pulula em rosas...
E eu vou gemendo pela vida em âncias
Longe da festa que em tua alma gozas...

Longe, bem longe do teu lar mimoso
Onde a ventura fêz tambêm seu ninho
Vou minhas crenças apagar saudoso,
Buscando a morte por qualquer caminho...

Apenas, os acentos de Castro Alves são mais desesperados e comovidos:

Vai! pois, ó rosa que em meu seio outrora
Acalentava a suspirar e a rir...
Deixas minh'alma como um chão deserto
Vai! flor virente! mais além florir...

Vai! flor virente! no rumor das festas
Entre esplendores, como o sol viver
Emquanto eu subo — tropeçando incerto —
Pelo patib'lo — que se diz sofrer!...

Na poesia descritiva encontram-se também não raro. Diz um em *Vai dormir*... do *Livro de um anjo,* Baía, 1879:

A alcova é em cima, no sótão:
As paredes são de neve;
E a aragem travêssa e leve
Que esvoaça no jardim
Sobe à janela entreaberta,
E, risonha, perfumada,
Beija a pérola sagrada
Dêsse estojo de marfim.

Argênteos fios da lhama
Que pelo espaço flutua
Quebram-se os raios da lua
Do leito por sôbre o véu...
Por sôbre os flocos da nuvem
Que tôda a pureza encerra
De um anjo, que está na terra
Mas, passa a vida no céu.

Numa página de Escola Realista desenhara Castro Alves:

A alcova é fria e pequena,
Abrindo sôbre um jardim
A tarde frouxa e serena
Já desmaia para o fim.
No centro um leito fechado
Deixa o longo cortinado
Sôbre o tapête rolar...
Há nas jarras deslumbrantes,
Camélias, frias, brilhantes
Lembrando a neve polar.
Livros esparsos por terra
Uma harpa caída alêm;
E essa tristeza que encerra
O asilo onde sofre alguêm.
Fitas, máscaras e flores,
Não sei que vagos odores
Falam de amor e prazer.
Alêm da frouxa penumbra
Um vulto incerto ressumbra
O vulto de uma mulher...

Uma composição dos *Ardentias*, Pôrto, 1907, *Ilações de um poema* está entre o *Rola* de Musset e essa *Página de Escola Realista*, de Castro Alves, como, nesse mesmo livro, *Protesto* trai a imitação de Castro Alves e Guerra Junqueiro. Aliás a admiração de Castro Rebelo pelo grande Poeta Baìano é explícita na poesia «alvesiana» que lhe dedica, a semelhança de outros cástridas, Carlos Ferreira, Lobo da Costa, Francisco de Castro.

Nenhum dèstes, porêm, é um eco fiel e repetido de Castro Alves como Sègundo Wanderley, cujas *Recoltas poéticas*, Natal 1896, nas ideas, ritmos, rimas, imagens idênticas são paráfrases alvesianas: seria preciso citar todo o livro... Alguns exemplos. N'*As duas águias* (o povo e o exército) diz:

> São dois leões aquecidos
> A luz do mesmo arrebol
> São duas chamas nascidas
> Do mesmo enorme farol;
> São dois vulcões que crepitam
> Dois corações que palpitam
> Unidos num corpo só;
> Dois génios, dois pensamentos
> Lançando à mercê dos ventos
> Das monarquias o pó...

E' o lirismo de *A duas flores* transposto em épico alvesiano. Em *Surge et ambula*.

> Eu amo ouvir um farfalhar de ideas
> Apraz-me ver a progressão da luz

pelo tom, a repetição do último verso das estrofes, lembra *Quem dá aos pobres empresta a Deus:*

> Do vasto pampa no funéreo chão...

No *Naufrágio dos Solimões* diz:

> Mentira! tudo baldado

ou

Silêncio! enxuga o pranto

como o outro dissera no *Gonzaga*

Desgraça! eis tudo o que resta...

ou no *Navio Negreiro*

Silêncio! musa! chora e chora tanto...

Na *Luta extrema:*

Lutei, fui quási vencido

como na *Hebréa:*

Lutei, meu anjo, mas cahi vencido

Nas *Harmonias:*

Deus fêz a nuvem para os céus azúis
Deus fêz a virgem p'ra viver de sonhos
Deus fêz o homem p'ra viver de luz

como na *Volta da Primavera:*

Deus fêz a neve — para o negro monte!
Deus fêz a virgem — para o bardo triste!

Na *Escravidão:*

Quebre-se a pedra funérea...

como n'*O Século:*

Quebre-se o scetro do Papa...

Na *Voz da Justiça:*

Filhos da idea sagrada
Filhos do grande país...

Como no *O Livro e a América:*

Filhos do século das luzes
Filhos da Grande Nação...

Em *Deus:*

A brisa mansa que o vergel afaga

como em *Se eu te dissesse...*

Ao salso vento que as marés afaga...

Até na forma das estrofes *O colar* é como *O laço de fita;* até nos títulos e intenções *Immortalis Deus* é a *Deusa Incruenta.* De Castro Alves êle diz

Morreu? Não, não morre o astro...

. . . .

Vive nos tempos honrosos
De mil peitos generosos
Como um laurel do Brasil

viveu e viverá na mente e na inspiração de muitos outros poetas, como Segundo Wanderley, que de tanto o amarem repetiram, como próprios, imagens e versos dêle.

Melo de Morais foi contemporâneo e amigo de Castro Alves e sofreria sua influência, bem que, vivendo, muito mais tarde se quisesse eximir dêsse compromisso. Diz Sílvio Romero que êle «é de ordinário colocado no grupo dos condoreiros, como sectário de Castro Alves»; discorda para dizer ainda adiante que, admitida tal influência, «ainda lhe ficam elementos próprios». Não ha dúvida; ainda assim é inegável seja êste poeta um «cástrida». Basta percorrer-lhe a obra; basta o título *Cantos do Equador*, de uma delas, homónimo de *Hinos do Equador*, que sabia Melo Morais ser o que destinava Castro Alves ao seu segundo volume de poesias, que não logrou ver publicadas, para compreender a sedução que êsse vate teve pelo outro, que lhe dedicara *Sub tegmine fagi* em troca de *Pelo Rio* (publ. em 28 de Abr. de 69 pelo *Diário do Rio de Janeiro).*

Os ecos de Castro Alves são freqüentes em Melo Morais. Diz *No Pouso (Cantos do Equador*, Rio, 1881).

> Porêm, patricios meu peito
> Era uma veiga sem flor
> Um lírio sem ter orvalho
> Aurora sem ter fulgor

Leva os cantos do tropeiro
Leva o perfume das flores
Todos tem sorrisos n'alma
Todos tem os seus amores

Todos tem os seus amores
Todos tem sua afeição
Como a tarde que descora
'Stá triste o meu coração...

....

'Stá triste o meu coração
Como a flor da sapucaia...

Lembra, pela forma, a «Tirana» da *Cachoeira de Paulo Afonso;* lembra, principalmente pelas imagens e intenções, a *Canção do Violeiro:*

Passa, ó vento das campinas
Leva a canção do tropeiro
Meu coração está deserto
Está deserto o mundo inteiro
¿Quem viu a minha senhora
Dona do meu coração?

....

A cauan canta bem triste
Mais triste é meu coração.

....

E eu disse: a senhora volta
Com as flores da sapucaia
Veio o tempo, trouxe as flores
Foi o tempo, a flor desmaia
Colhereira, que além voas
Onde está meu coração?

....

No Banho, recorda o *Nadador*, da *Cachoeira...*

As águas correm rápidas
Em jorros transparentes
Quais bandos de serpentes
Em largo vendaval
Mas, vem a noite próxima
O céu faz-se sombrio
Meus membros sentem frio
Qual flor dormida ao sol

lírico e suave, quando o outro foi impetuoso e heróico:

Ei-lo que ao rio arroja-se;
As vagas bipartiram-se;
Mas rijas contraíram-se
Por sôbre o nadador...
Depois se entreabre lúgubre
Um círculo simbólico...
É o riso diabólico
Do pego zombador!

Nos *Poemas da Escravidão*, a *Partida de escravos* evoca a *Tragédia no lar:*

Chegou o fazendeiro: olhou os negros
E no ajuste entrou
P'ra sempre acorrentada a liberdade
Inda uma vez chorou

Castro Alves descreve:

Assim dizia o fazendeiro rindo
E agitava o chicote...
A mãe que ouvia
Imóvel, pasma, doida, sem razão...
À Virgem Santa pedia
Com pranto por oração...

Diz Melo Morais:

Um colóquio se deu; e lacrimosa
À porta uma mulher
Implora de joelhos — Meu senhor
Venda a mim se quiser...

Refere Castro Alves o patético colóquio:

— Dá-me teu filho! repetiu fremente
O senhor, de sobr'olho carregado
— Impossível!... — Que dizes miserável?!
— Perdão, senhor! perdão! meu filho dorme...
Inda há pouco o embalei, pobre inocente,
Que nem sequer pressente
Que ides... — ¡Sim que o vou vender!
— Vender?! Vender meu filho?!
Senhor, por piedade, não...
Vós sois bom... antes do peito
Me arranqueis o coração!

Diz um:

Vêde a escrava é boa...

O outro dissera:

— Cala-te miserável! Meus senhores
O escravo podeis ver

....

É forte, de uma raça bem provada...

Vendido o filho, a mãe-escrava fica louca, para Melo Morais, como para Castro Alves...

Nos limbos pretende a *Vozes d'África:*

O Cristo, meu Senhor! nos limbos, dois mil anos
Eu tenho te evocado, ó luz, ó claridade
¡Ó Cristo, meu Jesus, assombro dos tiranos!

¿não é um eco, amortecido, de Castro Alves?

Deus! ó Deus! ¡onde estás que não respondes!
¿Em que mundo, em que estrêla tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito
Que embalde desde então corre o infinito
Onde estás, Senhor Deus?...

Um dos mais citados poemas de Melo Morais Filho, que anda nas antologias, é a *Tarde Tropical:* pois bem, apenas é uma variante da *Tarde*, de Castro Alves, da *Cachoeira de Paulo Afonso:*

Diz Melo Morais Filho:

É a hora do dia em que das matas
Desce a sombra da basta gameleira
E saltando das lapas as cascatas
Espadanam das águas a poeira...
Em que a onça lambendo as ruivas patas
Rente o peito com o chão da cordilheira
Encurva o dorso, e cerra, ao abandôno
Os olhos d'ouro, de fadiga e sono.

Dissera Castro Alves, com a mesma forma e a mesma intenção:

Era a hora em que a tarde se debruça
Lá da crista das serras mais remotas...
E da araponga o canto que soluça,
Acorda os ecos nas sombrias grotas;
Quando sôbre a lagoa, que s'embuça
Passa o bando selvagem das gaivotas...
E a onça sôbre as lapas salta urrando
Da cordilheira os visos abalando.

É de Melo Morais Filho:

Hora de amor, de prece, hora de encanto
Tu murmuras nos rios transparentes...

Fôra de Castro Alves:

Hora meiga da tarde! Como és bela
Quando surges do azul da zona ardente...

Um se enternece:

Hora de amor, de adoração, de crença

O outro se comovera:

E te amei tanto — cheia de harmonias,
A murmurar os cantos da serrana
A lustrar o broquel das serranias
A dourar dcs rendeiros a cabana...
E te amei tanto — à flor das águas frias —
Da lagoa agitando a verde cana,
Que sonhava morrer entre os palmares,
Fitando o céu ao tom dos teus cantares

Melo Morais Filho, como tantos, rendeu a Castro Alves o seu preito: disse-lhe numa «Saudação»:

> O povo te proclama um novo eleito,
> Eu — um poeta-rei!

E era; tinha súbditos; teve seguidores e sequazes, discípulos e alunos, admiradores que o imitaram, e um dêstes, dos que mais o honram, foi Melo Morais Filho.

Seriam êsses, seriam outros, Ramos da Costa, Múcio Teixeira, Lima Barata, Silva Sena, Garcia Rosa, João de Brito..., em algumas, em muitas de suas produções dêles. Haverá que tornar ao assunto, para uma menos imperfeita exegese. Se então, como faz Humberto de Campos, com tanta perspicácia e erudição, procurarmos «os donos de nossos versos», verificaremos que, de muitos, de quem se não suspeitava, que foi seu colaborador — Castro Alves. Teófilo Dias, por exemplo um grande poeta, tem êsse formoso soneto *Saudade*, no qual descreve a terrível tortura que nos move a ausência da amada criatura, íntima, secreta, inalterável, indelével, de todo o coração, de cada partícula dêle:

> Como acre aroma absorto na textura
> De um cofre oriental, fino e poroso...

Êsse perfume tenaz, resiste ao tempo e, ainda desfeito o cárcere que o retêm cativo,

despedaçado, em mil fragmentos, o cofre que o contêm

> Cada parcela reproduz perfeito
> O mesmo aroma inalterável, vivo.

Sentira Castro Alves também assim a saudade da amada criatura, e tem a mesma imagem, de que, a de seu admirador (1), é apenas uma paráfrase magnífica.

> É que tudo me lembra que fugiste
> Tudo que me rodeia de ti fala
> Como o cristal da essência do Oriente
> Mesmo vazio a sândalo trescala...

Outros e outros deveram, aqui e além, a Castro Alves: um, imprevisto, e que o honra, e com o qual desejo pôr fecho a estas notas, foi Olavo Bilac. Êste, porêm, teve o seu pecado, de blasfêmia. Um dia de Maio de 98, escrevendo sôbre Luís Guimarães Júnior, a quem entendeu louvar — e no Brasil é vêzo, para engrandecer um,

(1) Teófilo Dias escreveu a Castro Alves uns versos, em 1881, publicados n'*O Americano*, na comemoração do decenário, em S. Paulo, (n.º 6, ano 1, de 6 de Julho de 1881) — assegurava o poeta que o nome imortal de Castro Alves:

> ... sobrenadando ao tempo e ao fado
> Vivo como um exemplo, irá seguro
> Dos baldões da injustiça resgatado
> Ao templo do futuro.

deprimir outro, como se nos escasseasse a matéria prima para os nossos monumentos, por isso efémeros... — Bilac cometeu uma impiedade no seu «Registro», a secção diária que mantinha n'*A Notícia*, o vespertino do Rio de Janeiro. (A obra de imprensa, apressada, quotidiana, sem assunto, e sem ponderação, leva a improvisos, inconseqüências e a... arrependimentos: o poeta rejeitou de sua obra a quási totalidade dêsses artiguetes, leves e passageiros...)

Mas, disse Bilac, passado que foi Gonçalves Dias — para o qual reserva tôdas as suas blandícias, como herdeiro que supunha ser do outro, apontado às vezes, não se sabe porquê, primeiro poeta nacional... — «o poeta, — ou continuava a esmoer aquelas lamuriantes quadras não rimadas de Casimiro de Abreu (!) de uma vulgaridade desesperante — ou continuava a cerrar as apóstrofes descabeladas, cheias de ventanias proféticas, de trapos de bandeira na amplidão, de punhos de títans esmurrando montanhas, de deuses sopesando infinitos nas palmas das mãos — tudo isto numa língua eriçada de solecismos, de uma pobreza franciscana de vocabulário...»

Esta última «descompostura», se é a Castro Alves, é injusta. Os seus deslizes serão de métrica ou de rima, alguma vez, nas licenças poéticas, permitidas antes do parnasianismo: contadas serão as infracções gramaticais de seus poemas. Das que fêz, poderia desculpar-se: vi-

veu pouco, não pôde rever os seus bons versos, nem impedir que lhe publicassem os defeituosos, como Bilac, que viveria o dôbro, poliu e repoliu os seus sem cessar, rejeitou-os inúmeros do livro definitivo, e até, num pôsto de inspector escolar, era obrigado a uma certa solicitude profissional com a gramática.

Contudo, se Homero dormitou algumas vezes como afirma Horácio, se no mesmo Flaubert apontou Faguet defeitos, se a Camões corrige na língua e na versificação Cândido de Figueiredo (1), não desejarei a Olavo Bilac, grande,

---

(1) Figueiredo, aliás com respeito e devoção, antes para uma lição de humildade a escritores, que por vanglória de censor, mostra no seu livro *Linguagem de Camões* cincas gramaticais de Camões *(E folgarás de vezes a polícia*, c. VII, e. 72.ª d'*Os Lusíadas*, etc.), como versos frouxos, ou compridos, de pé quebrado diremos em vulgar, e numerosos sem a acentuação devida; isto, na imortal epopeia d'*Os Lusíadas*, por ex.:

> Astutas traições, enganos vários
> (C. VIII, e. 52.ª),

tem um pé de menos, ou se mudará a prosódia de «traições» para «traïções»

> Que se injuria de usar fundido cobre
> (C. X, e. 103),

tem um de mais, ou se mudará a prosódia do verbo «injuria» para igual e do substantivo «injúria». Defeitos de acentuação métrica do decassílabo são então, numerosos (Op. cit. p. 62)... E era Camões!...

grandíssimo escritor como Castro Alves, que mereça o assêrto de Paul Stapfer: «a correcção sem mácula é apanágio de alguns escritores de segunda ordem.» (*Recreations gramaticales*, Paris, 1900, p. 205). Não sei, e admiro tanto Bilac, que não ousaria tal indagação, se a despeito de sua profissão de fé — cuja idea e forma serão menos originais que as de Castro, pois não eram imitadas de Teofilo Gautier — não cometeria tais erros: desejo-lhe a companhia de Homero, Camões, Lamartine, ou Castro Alves, grandes poetas, até por terem pequenos defeitos... Aos censores, dêsses pecados veniais, de grandes escritores, deixo como reflexão isto, de d'Alembert: «Não é para produzir belezas, mas para evitar faltas que os mestres destinaram as regras.» É natural que a impiedade literária se delicie em aplicar essas regras, ela que não pode criar aquelas belezas... E é, só por isso, entranhável a um Bilac... O maior êrro dele foi porêm o de ter desconhecido Castro Alves, quando o agredia. Referia-se às famosas «bombas», improvisos de rua e teatros, composições feitas para o povo, ao alcance dêle, que não podiam ter outro tom: o outro Castro Alves, sublime lírico do amor e da natureza, do desejo e da saudade, domina o primeiro, numa vasta proporção de sua obra. Imprimindo a de Castro Alves demonstrei isto: — o cabedal lírico, incomparável, é três vezes mais abundante que o

outro, também incomparável, de poemas épicos, revolucionários e proféticos com que fêz a propaganda da Abolição e da República.

No tempo, foi um clamor por todo o país: Lúcio de Mendonça à frente, críticas, artigos, polémica e às vezes até o insulto, exigiram a Bilac a retratação da leviandade: — o grande Poeta não demorou, reclamando o monumento para o outro, que ofendera sem propósito, e por uma facilidade de imprensa...

Castro Alves, porêm, sem guardar rancor, tiraria de Bilac a vingança digna de ambos: inspirando ao outro, como poetas de divinos versos líricos, como profetas de épicos «urros» sociais. Os «Tercetos» da *Alma Inquieta*, que estão nas *Poesias*, são uma reminiscência sentimental da «Boa-Noite» de Castro Alves. O amante não consegue desvencilhar-se dos braços da amante, que talvez, apenas cautelosa, o despede, para se deixar fàcilmente convencer:

> Eu direi, me esquecendo d'alvorada:
> É noite ainda em teu cabelo prêto...

disse Castro Alves; Bilac repetiu:

> Espera! até que o dia resplandeça
> ....
> E ela abria-me os braços. E eu ficava.

mas ao dia sucede a tarde, a noite virá... e diz um poeta

> Marion! Marion!... É noite ainda
> ¿Que importa os raios de uma nova aurora?
>
> Como num negro e sombrio firmamento
> Sôbre mim desenrola teu cabelo...
> E deixa-me dormir balbuciando
> — Boa noite! — formosa Consuelo!

o outro responde, como um eco:

> Sôbre o teu colo deixa-me a cabeça
> Repousar, como há pouco repousava
> Espera um pouco! deixa que anoiteça.
>
> — E ela abria-me os braços. E eu ficava.

Mas a melhor vingança foi esta. Castro Alves, no começo da vida, desde os 16 anos, que achara a sua vocação de poeta social, e embora fazendo formosos poemas líricos, pretendeu e conseguiu ser o que queria em prol da Abolição e da República: «um bom soldado pela causa de redenção da humanidade». Olavo Bilac, ao fim da sua vida de poeta laureado, querido e aplaudido autor dos mais sinceros e sensuais poemas líricos que a nossa quente natureza de latinos e tropicais pode inspirar, não se contentou com isso, e imitou a Castro Alves, tomando pelo rumo de uma grande causa social, a Defesa Nacio-

nal, com o que, do Norte ao Sul do país, «urrou» apóstrofes sublimes, estimulou entusiasmos grandiosos e moveu à gratidão e à admiração do Brasil inteiro, que o estremece hoje como um grande poeta, que foi um grande patriota. Foi reconciliação tácita com Castro Alves seguir-lhe o exemplo, êsse que os irmanou no mesmo apostolado, êsse que aos artistas, sibaritas da cultura e do gôsto transfigura em profetas e heróis das eternas causas humanas, e com as quais o poeta conquista o direito de viver no coração da sua terra e sua gente... Pode agora Bilac estar tranqùilo, ao lado do outro, que lhe afirma:

No chão da História o passo teu verás...

ÍNDICE

Castro Alves

O POETA

O POEMA